

PANTERAS À SOLTA



MANUEL ANDREZO

PANTERAS À SOLTA

No sul da Guiné

uma companhia de tropas nativas

defende a soberania de Portugal

por

Manuel Andrezo

ÍNDICE

PARA QUE O LEITOR NÃO SE PERCA EM BEDANDA.....	1
MAPA DA ZONA	3
GLOSSÁRIO ESSENCIAL	4
HINO DA 4ª COMPANHIA DE CAÇADORES	5
VIAGEM E ENCONTRO	7
CHEGADA A BEDANDA	12
BEDANDA - CINCO DA MANHÃ.....	14
APRESENTAÇÕES	16
GIRO DO HORIZONTE	25
BISSAU ESQUECE BEDANDA MAS DEUS ENVIA O CAPITÃO CRISTO...29	
O PLANO	34
OS COMANDOS EM BEDANDA.....	37
OFICIAL DE OPERAÇÕES CHEGA DE CATTÓ	43
UMA OPERAÇÃO PARA ESQUECER.....	51
ALERTA MINAS!.....	57
COBUMBA — SEGUNDA VEZ	66
REFORMA AGRÁRIA	76
A MARINHA REABASTECE BEDANDA.....	83
A BATALHA DA CONSTRUÇÃO.....	93
ATAQUE DE SURPRESA	101
BOBEDÊ, MELINDE — TIROTEIO E VOLTA.....	107
GALO E BAJUDA — MAMA FIRMADA	114
BISSAU ENVIA UM TENENTE- CORONEL.....	123

G3 E CIMENTO ARMADO.....	129
REABASTECIMENTO A PARTIR DE CATIÓ	132
FILHO DE GUERRILHEIRO	148
FARDAMENTOS NOVOS.....	151
EXPLICAÇÃO DE UMA VISITA	154
QUEM QUER IR A CABOLOL?.....	158
REABASTECIMENTOS – PROSSEGUE A DISCUSSÃO	176
ADEUS RIBEIRO – VOLTA SEMPRE.....	182
PEIXE FRESCO VERSUS EVACUAÇÃO.....	186
ARRANJO DE ESTRADAS – OPERAÇÃO FÉRIAS	190
COMO PRÉMIO – MAIS BEDANDA	194
INCALA – O OUTRO NOME DO INFERNO	198
SALANCAUR.....	205
A BATALHA DE NHAI.....	222
VAMOS A COBUMBA.....	239
MATERIAL DE AQUARTELAMENTO	253
UM PRÉMIO PARA O SOLDADO BALDÉ.....	256
SURPRESA EM BISSAU – UM OBUS CONSOME GRANADAS	259
ADEUS ALFERES CORDEIRO.....	262
CHUGUÉ.....	266
OS 800 DO NINO	269
CAÇA EM SALANCAUR.....	274
MORREU UM SARGENTO.....	280
CABEDÚ OU CONACRI?.....	285

VIOLAÇÃO DE CORRESPONDÊNCIA.....	291
ASSALTO À HORTA.....	294
A GUERRA DO PETISCO.....	298
OBJECTIVO – INCALA.....	303
CHEGOU A VEZ DE CABEDÚ.....	312
LADRÕES DE ARROZ.....	325
LIÇÃO DE ESTRATÉGIA.....	331
UM DIA DIFERENTE.....	337
MNF.....	340
UM RÉGULO EM BISSAU.....	343
MORTO EM COMBATE.....	346
O REINO DO NINO.....	354
ALMOÇO DE DOMINGO.....	366
ADEUS BEDANDA.....	369
DESPEDIDA.....	372
QUASE EPÍLOGO EM QUATRO ANDAMENTOS.....	375
PRIMEIRO ANDAMENTO – INGRATIDÃO.....	377
SEGUNDO ANDAMENTO – BLINDADOS EM BEDANDA.....	382
TERCEIRO ANDAMENTO – TRAIÇÃO.....	384
QUARTO ANDAMENTO – INGRATIDÃO.....	387
ALGUMAS FOTOS DESSES TEMPOS.....	393

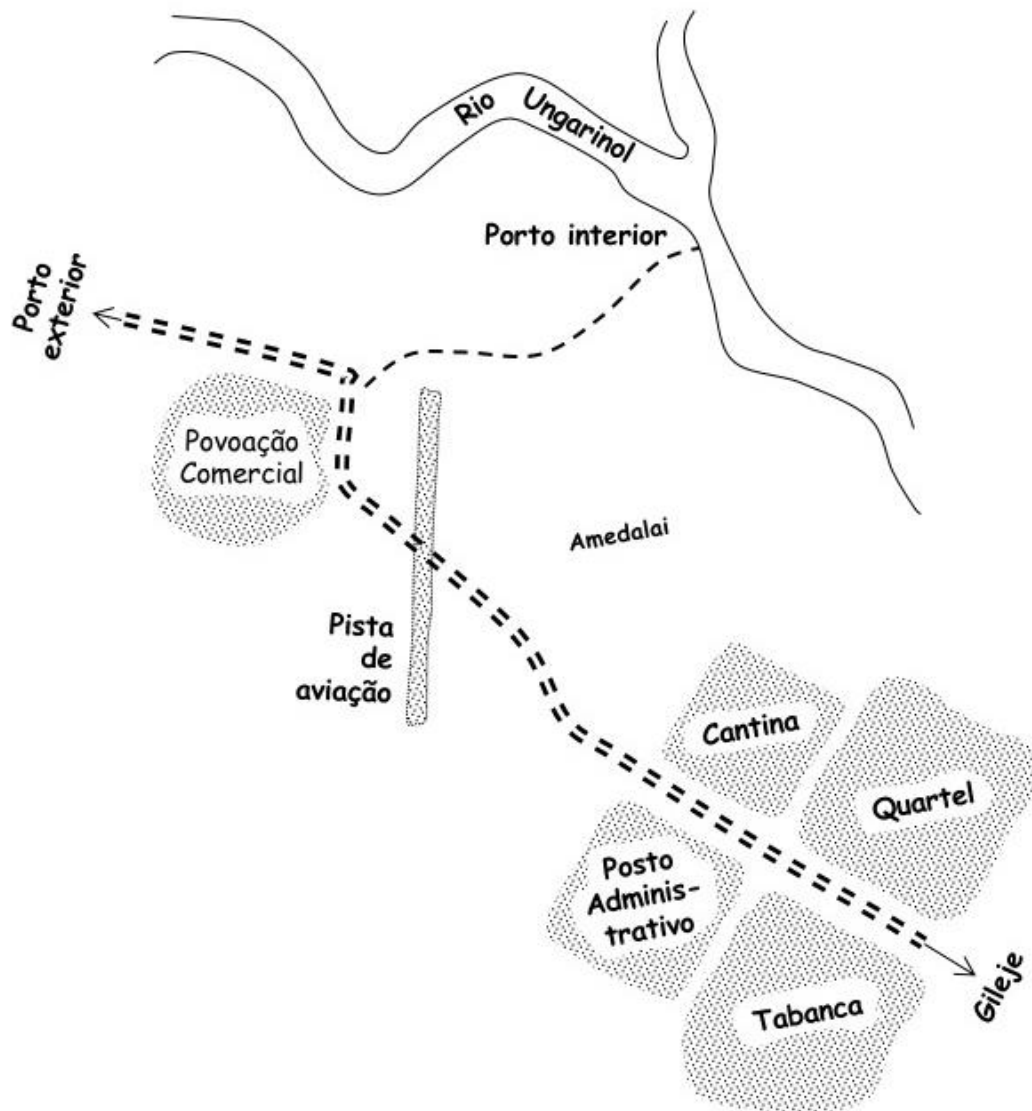
PARA QUE O LEITOR NÃO SE PERCA EM BEDANDA

Bedanda, sul da Guiné e região do Tombali, quartel da 4ª companhia de caçadores nativos, 4ª CC no texto, ano de 1965. Distribuída por uma área com cerca de 8 kms de perímetro, dispondo de abrigos e redes de arame farpado, a 4ª CC compreende diversos aquartelamentos ou sectores. Um desses sectores, a sede da companhia, também será referido no texto como Companhia ou quartel. Conta com 2 pelotões de caçadores de um total de 4. O capitão tem aí o seu quarto, que funciona também como gabinete de trabalho, sala de reuniões e casa de banho. Não confundir com companhia, com inicial minúscula no texto, que é a componente operacional da Companhia. O depósito de géneros será a cantina no texto. Tem 1 pelotão de caçadores e 1 pelotão de artilharia com 2 obuses 8.8. A povoação comercial, ou simplesmente povoação, é o sector onde se concentra a actividade comercial de Bedanda. Este sector dispõe de 1 pelotão de caçadores com uma secção destacada na Casa Gouveia, uma das casas comerciais. O sector da população indígena será a tabanca, onde está instalado 1 pelotão de milícias. O posto administrativo, por vezes designado apenas por posto, inclui a residência do administrador. Para suporte da sua actividade comercial e reabastecimentos militares, Bedanda é servida por 2 portos fluviais, situando-se um deles no rio Ungarinol, chamado porto interior, situado a cerca de 200 metros do quartel, e um outro mais distante, a cerca de 4 kms, no rio Cumbijã. É o porto exterior. À volta de Bedanda encontram-se muitos outros rios, matas cerradas como o célebre Cantanhêz, o corredor de Guileje e acampamentos de guerrilheiros armados de kalashnikov. À data da chegada do capitão Cristo a Bedanda, os soldados da 4ª CC dispunham da velha Mauser, do tempo da segunda Grande Guerra Mundial. Local perdido nos confins da Guiné, como uma ilha cercada por todos os perigos, votada ao abandono pelo Comando Militar em Bissau, vejam como o capitão Cristo, ao ser ali colocado em rendição individual, assumiu a desdita que o destino lhe tinha reservado e a transformou numa caminhada de vitórias, num exemplo único de coragem, empenho, lucidez e de afirmação das nobilíssimas virtudes militares dos “capitães do mato”, que fizeram do capitão de Bedanda uma lenda viva, que permaneceu e se

espalhou, mesmo depois do capitão Cristo ter terminado a sua comissão, não só pelas unidades militares portuguesas como também por toda a guerrilha do PAIGC.

MAPA DA ZONA

No fim do livro o leitor encontra um mapa da zona de actuação da Companhia de Bedanda, que o ajudará a seguir as diversas operações que são descritas no livro. Aqui encontra um croqui que esquematiza a zona onde a companhia está instalada.



GLOSSÁRIO ESSENCIAL

abatizes	árvores atravessadas na estrada para impedirem a passagem de viaturas
baga baga	formiga comum na Guiné; o monte de baba e pó da terra feito por estas térmitas
bajuda	rapariga nova, ainda solteira
boa sombra	ter boa sombra, ter sorte
bolanha	terreno fértil, alagado, onde se cultiva o arroz
cambança	travessia de um rio ou o local onde essa travessia se costuma fazer
chão	o território de uma etnia, (chão balanta, chão papel, chão fula...)
cibe	árvore típica da Guiné com boa resistência estrutural
costureirinha	nome que a tropa dava à kalashnikov, dada a sua elevada cadência de tiro
homem grande	grande no sentido de importante, respeitado, geralmente o régulo da tabanca
mulher grande	mulher importante, influente, rica, em geral a esposa mais velha do régulo
nomadização	o mesmo que patrulhamento
ourique	dique principal numa bolanha feito de lama e de paus
partir mantanhas	apresentar cumprimentos
suma galinha	ter medo, cobarde, ser como galinha
tarrafo	terreno junto dum rio com arborização ligeira por oposição a mata cerrada
DO	a célebre Dornier, avião ligeiro, monomotor, burro de carga na Guiné
Fiat	G91, caça-bombardeiro, turbo-jacto, Gina entre os pilotos
LDM	lança de desembarque da Marinha
PCA	Posto de Comando Aéreo
T-6	North-American T-6, bombardeiro convencional, monomotor, cabine dupla

HINO DA 4ª COMPANHIA DE CAÇADORES

*A terrível companhia 4ª CC
Que luta de noite e dia
Não têm medo
Na luta não tem rival
E gritam sempre
Vamos lá malta para a frente
Aqui manda Portugal*

Refrão

*No tarrafo são panteras
E na mata são leões
Mais do que com as armas
Eles lutam como feras
Lutam com os corações*

*Lutam sem medo
Nas bolanhas da Guiné
Caçadores nativos
Aos turras batem o pé
Sabem actuar
Em qualquer situação
Avançando sem parar
Gritando sem cessar
Defendemos nosso chão*

Refrão

*No tarrafo são panteras
E na mata são leões
Mais do que com as armas
Eles lutam como feras
Lutam com os corações*

VIAGEM E ENCONTRO

Rumo à Guiné, saiu do porto de Lisboa, no dia 30 de Junho de 1965, o navio Niassa, levando a bordo militares portugueses que naquela Província Portuguesa iriam cumprir uma comissão de serviço. Entre os militares segue o capitão Cristo, 31 anos de idade, natural da Beira Alta, nascido e criado entre o duro granito da serra do Caramulo. É um homem rijo, com grande capacidade de sacrifício, de antes quebrar que torcer. As pessoas que o conhecem bem, falam dele como de um montanhês que desceu à cidade mas nunca se adaptou à vida citadina. É a sua terceira mobilização. Estivera antes na Índia, depois em Moçambique. Agora, ao fim de dez meses na Metrópole, é novamente mobilizado. Vai triste. Para trás deixa mulher e três filhos. No intervalo entre comissões serviu no RI 2, Regimento de Infantaria 2, em Abrantes, onde fora colocado após o seu regresso de Moçambique. Permaneceu seis meses em Abrantes, com a sua família a residir em Viseu. A seu pedido e por favor da Administração de Pessoal do Exército que assim o declarou, foi transferido para o RI 14, em Viseu, onde permaneceu quatro meses até ser novamente mobilizado.

À sua frente, o desconhecido. Sabe apenas que vai para a Guiné onde a guerra é dura. Como vai em rendição individual terá um destino e funções por ora desconhecidos. Talvez o comando de uma companhia de guarnição normal — as chamadas tropas nativas — ou, quem sabe, irá substituir algum capitão ferido ou morto num qualquer ponto da Guiné. E reflecte ser muito melhor para qualquer militar, em especial com funções de comando, ser mobilizado para unidades metropolitanas — designadas unidades de reforço — pois os homens que as constituem, oficiais, sargentos e praças, tendo recebido instrução conjunta, têm tempo suficiente para todos se conhecerem e aprenderem a estimar-se, o que é fundamental em unidades que vão para zonas de combate.

O capitão Cristo tem como companheiro de camarote o capitão Pica. São do mesmo curso da Escola do Exército e ambos da arma de infantaria. Para os dois esta será a primeira comissão na Guiné. O capitão Pica teve mais sorte. Comanda uma companhia de tropas de reforço, deu instrução aos homens que seguem consigo no

Niassa. Embora desconhecendo, por agora, qual vai ser a zona da Guiné que lhe está destinada, sabe que os homens que o acompanham serão os seus companheiros durante os dois próximos anos, para o bem e para o mal. Nas longas horas que passam juntos no camarote ou passeando pela coberta do navio, falam da guerra, falam da Guiné. São já dois veteranos, e tanto para um como para o outro esta mobilização não agradou nada. Primeiro porque é na Guiné que a guerra é mais dura de entre as três Províncias Ultramarinas já com conflitos declarados. Segundo, porque do reduzido intervalo entre comissões resulta sempre um descanso insuficiente, logo, uma recuperação incompleta. Trocam impressões sobre o futuro que os espera.

— Sabes Pica, — diz Cristo — se calhar, até somos capazes de regressar antes dos dois anos. Aquilo na Guiné está feio. Os guerrilheiros têm muita força e já se apresentam com equipamento melhor do que o nosso. Há quem diga que se os nossos chefes militares e os políticos que nos governam não estiverem atentos, poderão passar pelo dissabor de verem um dos nossos quartéis do mato ocupado pelos guerrilheiros e os nossos militares aprisionados ou mortos. Quando isso acontecer é o fim.

— É verdade, Cristo, falei com camaradas nossos que me dizem que no sul da Guiné, no Cantanhez, a coisa está muito feia. Há quartéis nossos, como os de Guileje, Cufar ou Bedanda, que têm vindo a ser atacados quase todas as noites, com morteiros e canhões sem recuo, enquanto os nossos soldados apenas lhes podem responder com as G3, e noutros locais apenas com as velhas Mauser. A pior coisa que nos pode acontecer é sermos colocados no sul. Aí há sítios onde a nossa tropa já não vai, havendo guarnições completamente isoladas por terra.

— Eu sei — confirma Cristo. — Também espero não ser colocado no sul pois, em princípio, venho substituir um capitão que está em Bissau, no Quartel-General. Contudo, tenho poucas esperanças que tal venha acontecer, mas enquanto há vida há esperança. As cunhas já devem ter começado a funcionar para que outro capitão, farto do mato, bem falante e com paleio suficiente para convencer um qualquer tenente-coronel ou brigadeiro, já tenha conseguido a sua transferência para Bissau roubando-me a substituição que me estaria destinada. Se assim for, o meu novo destino, facto consumado, será o mato, naturalmente.

— De qualquer maneira, — desdramatiza o capitão Pica — o que importa é não seres colocado no sul, acordar vivo todos os dias e que o tempo passe depressa. Amanhã de manhã estaremos em Bissau.

— Tens razão — diz Cristo. — Seja qual for a minha colocação, talvez possa permanecer uns dias em Bissau para me habituar ao ambiente e trocar algumas impressões com os veteranos da Guiné.

Chegam a Bissau no dia 5 de Julho de 1965. Dizem adeus ao Niassa que, apesar de todos incómodos e de vir saturado de militares e com os soldados atulhados como sardinhas, vai com toda a certeza deixar-lhes saudades. No navio era a comida a horas, descanso até demasiado, boa alimentação, fruta e verduras, ambiente de paz. Uma ementa que não chegará, por certo, às guarnições dos matos da Guiné. A guerra de que se ouvia falar era com os outros. A partir de agora, seja qual for a colocação, a guerra será também com estes militares que chegam no Niassa para render outros camaradas que, no mesmo navio, hão-de regressar a Lisboa.

Oficiais do Estado-Maior entram e saem do navio. Eles vêm comunicar aos comandantes das unidades embarcadas as instruções para o desembarque e cumprimentar os amigos que chegam. Entre os militares que subiram a bordo encontra-se o capitão Xáxa, de infantaria, do tempo dos capitães Cristo e Pica na Escola do Exército. Chega para os cumprimentar, dispensa os preâmbulos, e dirigindo-se ao seu camarada Cristo atira de chofre:

— Cristo, tu vais desembarcar já comigo. És tu que me substituis em Bedanda no comando da 4ª CC, uma companhia de tropas nativas. Nós temos que ir já falar com o Chefe de Estado-Maior no Comando Militar da Guiné para tu te apresentares. É natural que ele te leve depois ao brigadeiro comandante militar. Viajaremos depois para Bedanda, hoje ainda, pelas três horas da tarde. Vamos num avião que aluguei. Amanhã temos uma operação logo de manhã cedo, temos de seguir os dois nessa operação, faz parte do plano de entrega da companhia.

— Bolas, — replica o capitão Cristo — nem me deixam respirar. Desembarco hoje às onze horas da manhã, apresento-me no Comando Militar, sigo no mesmo dia para Bedanda e amanhã já estarei aos tiros numa operação. É demais. Gostaria de ficar uns

dias em Bissau para conhecer melhor a guerra da Guiné, para ficar a saber um pouco daquilo que me espera.

Mas o capitão Xáxa, convincente, que não, que não podia ser, ordens são ordens, ele só veio a Bissau depois de prometer ao comandante do batalhão que ambos irão estar já amanhã nessa operação. Agora pede desculpa, ele próprio o acompanhará para tornar mais rápidas as apresentações.

Uma vez desembarcados, seguem de jeep para o Quartel-General onde o capitão Cristo é apresentado ao Chefe do Estado-Maior.

— Prazer em conhecê-lo capitão Cristo. Julgo que não nos conhecemos porque nunca trabalhámos juntos. Está de parabéns, vai comandar uma boa companhia, desejo-lhe felicidades. E agora vamos ao nosso brigadeiro para o conhecer.

— Correcto, meu tenente-coronel — diz o capitão Cristo. — Mas já reparou que não conheço a Guiné, vou comandar uma unidade de negros, marcho tão depressa para o mato que nem tenho tempo de trocar impressões com ninguém.

— Ordens são ordens e a si não lhe compete planear a sua preparação. Isso foi feito por nós e achamos que seguimos o melhor caminho. O capitão Xáxa fica oito dias consigo em Bedanda e pode, durante esse tempo, tirar-lhe todas as dúvidas. Vamos ao nosso brigadeiro.

E lá foi apresentar-se ao escalão superior com o Chefe de Estado-Maior.

— Meu brigadeiro, apresento-lhe o capitão Cristo. Chegou hoje de Lisboa, no Niassa, e vai para Bedanda comandar a 4ª CC, substituindo nessa função o capitão Xáxa que veio a Bissau de propósito para o receber e acompanhar, ainda hoje, até Bedanda.

— Prazer em conhecê-lo, capitão Cristo — diz o comandante militar. — Você tem sorte em ir para Bedanda. É uma boa companhia que tem atravessado ultimamente altos e baixos em termos de rendimento operacional. Não está na sua melhor forma. Contamos consigo para aumentar o rendimento. Você chega agora e eu estou quase no fim da minha comissão. A minha experiência diz-me que a guerra da Guiné é muito diferente das que travamos em Angola e Moçambique. E sempre lhe digo que uma

companhia vale o que valer o seu capitão. Se o capitão não servir, damos-lhe uma porrada, é substituído e fica o assunto arrumado. Já comandou negros? Não? Ah, sempre comandou tropa metropolitana nas comissões que já fez. Não faz mal, com o tempo vai aprender. Felicidades e pode retirar-se.

O capitão Cristo saiu do gabinete do Comando Militar com o moral em baixo. Era demais para um dia só. Maldizia a sua sorte e a falta de humanidade dos seus superiores. O seu comandante militar parecia mais uma besta do que um ser humano. Ele tinha dado o exemplo acabado do que não deve ser um chefe nas suas relações com os comandantes que chegam de Lisboa, os chamados maçaricos. Tinha esquecido, ou nunca soube, que comandar é, antes de tudo, uma questão de relações humanas, e que o RDM é o último argumento que um superior tem ao seu dispor para se fazer obedecer. À saída do gabinete do Comando Militar, Cristo tinha à espera o seu camarada Xáxa, e já na posse das guias de marcha, ambos seguiram para a messe de oficiais, em Santa Luzia, onde almoçaram. Às três horas da tarde embarcam numa avioneta civil, rumo a Bedanda, onde chegam por volta das quatro horas da tarde.

CHEGADA A BEDANDA

São quatro horas da tarde. O avião sobrevoa a pista e depois aterra. Em pontos-chave, alguns militares fazem a segurança necessária. O capitão Xáxa faz logo ali as apresentações aos oficiais subalternos também presentes.

— Meus senhores, apresento-vos o homem de quem vos falei, é o capitão Cristo e vem substituir-me. Cristo, aqui tens os teus alferes. O alferes Ribeiro, um veterano, tem dois anos de Guiné e já foi substituído embora tenha pedido para ficar mais uns tempos. Bom oficial, bom combatente, comanda o pelotão que defende a povoação comercial. Este é o alferes Carvalho, já está com seis meses na companhia, já ouviu muitos tiros e já correu muito mato, comanda um dos pelotões da sede da companhia. O alferes Oliveira é novo na companhia, não tem ainda experiência de combate, veio substituir o Ribeiro mas, por agora, comanda o pelotão da cantina que é o pelotão do alferes Cordeiro neste momento em diligência no Comando do Batalhão, em Catió. Este é o alferes Sousa, em breve vai regressar a Lisboa. Aguarda embarque e de momento comanda o outro pelotão da sede da companhia. Vamos agora até lá, vamos jantar e preparar a saída de amanhã. Em dois jeep, seguiram todos para a sede da companhia, localizada a cerca de 1km da pista de aviação, com paragem no pelotão da cantina, o ponto mais elevado da área, e onde também estão localizados o posto administrativo, o posto de socorros e o posto de comunicações civil, com ligação a Bissau e a Lisboa.

Os alferes não gostaram do novo capitão. Acharam-no com cara de poucos amigos. Nem sequer se atreveram a praxá-lo, uma tradição muito cara à companhia. O costume era encenarem coisas e situações que de imediato preocupassem quem chegava, a fim de o assustar, tudo dito ou feito com boas intenções, é certo, e em segurança. Único objectivo desconstruir o jovem membro da comunidade militar. Logo na cantina tinha havido uma tentativa de praxe por parte do alferes Ribeiro que ensaiou um giro do horizonte, apontando as principais localidades vizinhas onde havia guerrilheiros e onde a companhia já tinha dado e levado muita porrada, com mortos e feridos à mistura. Não resultou porque o capitão Cristo ouviu tudo mas não fez qualquer espécie de

comentário, não tentou aprofundar o assunto ou esclarecer dúvidas que propositadamente eram deixadas no ar. Já na sede da companhia, ou simplesmente Companhia, jantaram e beberam uns copos. Entre jantar e copos, outra tentativa frustrada. Desta vez foi o alferes Carvalho que pergunta para a mesa qual a hora da alvorada prevista para essa noite. O capitão Cristo não respondeu mas ficou preocupado. Para ele, que vinha de Lisboa, a alvorada era à hora superiormente fixada e toda a gente a conhecia. Aquela pergunta, com tanta insistência, só podia ser motivada porque as pessoas começavam a estar apanhadas pelo cacimbo. E diz para si próprio que estava metido numa grande alhada e ainda por cima com os seus subalternos parecendo meio malucos. O jantar terminou e foram deitar-se, porque de manhã haveria uma saída e era preciso levantar cedo e acordar fresquinho, de físico e de espírito. Depois das boas noites cada um seguiu para ao seu aposento, se assim de poderá dizer.

BEDANDA - CINCO DA MANHÃ

A companhia já está pronta para mais uma saída até ao porto exterior de Bedanda, atravessando aí o rio Cumbijã, para penetrar depois na mata que cerca a povoação de Cobumba. Do quartel ao porto exterior são 4 kms difíceis porque é preciso transportar os barcos de borracha para a travessia do rio. Embora mais moderno, é o capitão Xáxa que comanda a operação. O capitão Cristo segue como observador mas já conta como mais um militar pronto a combater. E não se coíbe de intervir.

— Ouve, Xáxa, não te parece gente a mais para uma operação tão pequena? Três pelotões é muita gente para uma curta nomadização¹ que nos pode afastar do quartel pouco mais do que 4 kms?

— Tens razão — concordou o capitão Xáxa. — Mas aquela zona é perigosa, e na povoação de Cobumba, sabes que todos os homens válidos são guerrilheiros e na maioria estão armados. Além disso, é um lugar por onde passam com frequência os grupos móveis. Quando vamos a esta zona nunca sabemos o que vamos encontrar. Temos de ir preparados para tudo.

Depois desta troca de impressões a companhia saiu do quartel em bicha de pirilau ou fila indiana como também se diz. E lá foram arrastando os corpos, as armas, as munições e os barcos durante os 4 kms até ao rio. Às 07h00 os elementos mais avançados chegaram ao porto exterior. De súbito, uma troca de tiros e de morteiçadas. O capitão Cristo iria notar, depois, que nunca se chegou a saber quem é que tinha começado o tiroteio. Sabia-se, isso sim, que os guerrilheiros não estavam interessados em que a tropa atravessasse o rio, e também parecia que os militares, incluindo o capitão Xáxa, também não estavam com vontade de o atravessar. O rio tem neste ponto cerca de trinta metros de largura, densa vegetação nas duas margens onde os guerrilheiros se podem esconder à espera dos soldados, e assim poderem facilmente liquidá-los com meia dúzia de granadas de mão.

¹ o mesmo que patrulhamento

Uma hora passada sobre a ocorrência dos primeiros tiros, o Capitão Xáxa mandou regressar a companhia, iniciando a retirada, porque a surpresa tinha sido quebrada e nessas condições era muito perigoso fazer a travessia.

Uma saída em falso, congeminou o capitão Cristo, que apenas serviu para moralizar o outro lado e desmoralizar os nossos soldados. Ficou preocupado. Ia comandar uma companhia de tropas nativas, que diziam ser boa, mas que tinha demonstrado pouco poder ofensivo nesta saída.

APRESENTAÇÕES

Tal como o capitão Xáxa tinha prometido, o capitão Cristo foi levado à tabanca, à povoação comercial e ao posto administrativo. A tabanca, que em tempos fora de maioria balanta, dado que Bedanda fica em chão² balanta, neste momento é na sua maioria ocupada por fulas vindos de várias regiões da Guiné, principalmente da mata do Cantanhez onde o domínio dos guerrilheiros tem sido evidente. O próprio régulo, de nome Samba Baldé, fugiu do Cantanhez deixando terras, gado e casa, para não ser obrigado a colaborar com os guerrilheiros, dada a sua lealdade aos portugueses, tantas vezes demonstrada. A defesa imediata da tabanca, protegida por uma rede de arame farpado e dispondo de vários abrigos e outras posições defensivas, está garantida por um pelotão de milícias comandado pelo alferes de 2ª linha de nome Amadeu.

Na área do posto administrativo estão além da sede do posto, com a respectiva secretaria, a residência do administrador, um cabo-verdiano de muito poucas falas, e ainda um posto de rádio telefone com ligações a Bissau e a Lisboa, embora estas últimas mais demoradas e com pior audição. O administrador dá pelo nome de Fernandes, e a sua secretária, que também é a operadora do rádio telefone, chama-se Ângela, uma bonita negra da região de Bissau, da etnia papel. Para defender esta área existe em permanência, deslocado da sede da companhia, um pelotão conhecido por pelotão da cantina, por estar instalado nesta área o depósito de géneros da companhia.

Na povoação comercial existem quatro casas comerciais. As mais importantes pertencem à Ultramarina, e o seu gerente é o Zé Saldanha, um mulato muito inteligente e que se dá correctamente tanto com os civis como com os soldados. Sua mulher, uma negra balanta de nome Inácia, cozinha muito bem. Com eles vive Alda, sua irmã, que foi casada com um branco e tem uma filha a estudar em Lisboa. À frente da Casa Gouveia está um cabo-verdiano mal encarado, e dele se diz que mantém contacto com os guerrilheiros e que não gosta nada, mesmo nada, dos militares. As outras duas casas comerciais são mais modestas, fazem menos negócio, sendo uma delas dirigida por um

² o território de uma etnia, (chão balanta, chão papel, chão fula...)

branco de nome Dino, que tinha sido cabo na companhia. A outra casa é propriedade do senhor Aniceto, um negro muito evoluído e já de idade avançada. Toda a gente, civis e militares, gosta muito do senhor Aniceto, de facto um excelente homem.

A povoação encontra-se cercada de arame farpado e tem abrigos para o pessoal que faz a sua defesa, constituído por um pelotão que ainda destaca uma secção para a defesa da Casa Gouveia, por esta ficar já fora do perímetro aramado. Esta secção dorme e vive permanentemente na Casa Gouveia, onde monta todas as noites um posto de vigia e escuta.

A primeira pessoa a quem se dirigem na tabanca é o Samba, que é o homem grande³ da população indígena. É um senhor respeitável, muito calmo. Recebe-nos muito cordialmente e com um sorriso, enquanto pergunta ao capitão Xáxa se o capitão Cristo era o novo comandante da companhia. Que sim, era mesmo o novo capitão, esclarece o capitão Xáxa.

— Temos então capitão maçarico — graceja o régulo Samba.

— Cristo, este é o homem grande da tabanca com quem tu irás trabalhar para resolver muitos problemas que afectam a população, incluindo o problema das mulheres que esta gente vai criando, dia a dia, porque há menos mulheres do que homens. Além disso, Samba está sempre a par de tudo o que se passa no mato. Por isso é bom de vez em quando ter uma conversa com ele. Se houver dúvidas, dizes abertamente o que queres saber sobre a região que nos interessar. Ele está sempre em contacto com as mulheres que chegam à povoação vindas do mato.

Feita esta apresentação, a ronda continua até à casa da Tia. Mulher curiosa esta Tia. De idade muito avançada, muito viva, tem o respeito de todas as mulheres e homens da tabanca. Respeitada também pelos militares, quase todos lhe devem favores. Habita uma das melhores casas da povoação, muito bem situada, e onde dispõe de um quarto para hóspedes. Diz-se que em tempos, quando era nova, passaram por sua casa muitos brancos. Hoje, para manter ligações antigas e arranjar novas ligações, a Tia arranja mulheres a quem lhas pedir, desde que sejam militares, oficiais ou sargentos. Podem

³ grande no sentido de importante, respeitado, geralmente o régulo da tabanca

passar por sua casa mulheres casadas ou solteiras, para oficiais ou sargentos, muitas ou poucas vezes, que esta mulher nunca vai abrir a boca para dizer o que ali se passa. Não recebe pagamento em dinheiro. Faz-se pagar em espécie, com origem no depósito de géneros, onde oficiais e sargentos estão autorizados a fazer requisições, pagando no fim do mês por desconto no vencimento.

— Tia, — disse o capitão Xáxa — apresento-te o novo capitão da companhia, é o capitão Cristo.

A anfitriã pergunta se o novo capitão é novo na Guiné. O capitão Cristo esclarece que sim, que é a sua primeira vez na Guiné. A Tia, então, logo se coloca à inteira disposição do novo capitão.

— Então nosso capitão é maçarico. Eu já gosto do nosso capitão maçarico. Se precisar de alguma coisa pede à Tia. Tia arranja tudo para nosso capitão. Se nosso capitão gostar de alguma mulher da tabanca não fale com ela pois o marido e o pai podem desconfiar. Fale comigo e eu depois trago mulher a minha casa para nosso capitão.

— Está bem Tia, mas desconfio que não vai ser preciso — responde o capitão Cristo.

— Vai, vai, nosso capitão não tem mulher e não pode viver aqui sem mulher. Homem gosta de ter mulher na cama quando vem da guerra. Nosso capitão vem até minha casa. Se quiser mulher eu arranjo, se não quiser fica aqui a descansar.

— Está bem, assim farei. Agora temos de ir andando. Bom dia.

— Bom dia nosso capitão Xáxa, bom dia nosso capitão maçarico.

A ronda dos capitães continua logo de seguida no posto para cumprimentar o administrador. Encontram primeiro a secretária Ângela que é apresentada ao capitão Cristo ao mesmo que o capitão Xáxa pergunta se o senhor administrador está no posto.

— Está sim, eu vou avisar. Prazer nosso capitão. Eu sou a Ângela. Se o nosso capitão precisar alguma coisa de mim ou do posto de rádio é só dizer que a Ângela faz.

— Obrigado, Ângela, se eu precisar falo contigo.

— Anuncia-nos ao senhor administrador — pede o Capitão Xáxa, — e diz que eu estou acompanhado do novo capitão.

— Está bem, nosso capitão.

Ângela bateu à porta do gabinete e entrou depois de autorizada. De imediato regressa já acompanhada do administrador que logo se dirige ao capitão Xáxa.

— Como está o senhor comandante?

— Bem obrigado. E o senhor administrador?

— Estou bem mas já farto deste isolamento.

— O senhor comandante tem sorte pois já aqui tem o seu substituto. Eu não sei quando sairei daqui.

É feita a apresentação do novo capitão, acabado de chegar directamente de Lisboa para comandar a companhia de Bedanda na sua primeira comissão na Guiné.

— Prazer em conhecê-lo senhor capitão Cristo, bem-vindo a Bedanda onde eu sou o administrador mas quem manda é a tropa, porque eu estou limitado a ir do posto para casa e de casa para o posto. É uma dura rotina.

— Muito prazer em conhecê-lo senhor administrador. Espero poder contar com a sua colaboração dado que eu sou maçarico. Aliás, penso que quem manda é o senhor administrador. Nós, militares, apenas garantimos a segurança de pessoas e bens, seja qual for a sua função. Conte comigo e com a tropa que vou comandar como eu conto consigo.

— Obrigado senhor capitão. Creia que pode contar com o meu apoio em tudo o que precisar.

— Muito bem. Agora temos que ir embora, ainda quero passar pela casa do comandante do pelotão de milícias e depois pela povoação comercial — remata o capitão Xáxa.

— Boa tarde senhor administrador

— Boa tarde senhor capitão Xáxa, boa tarde senhor capitão Cristo.

E as apresentações continuam na casa do alferes Amadeu, um fula sabido, comandante do pelotão de milícias e com fama de ser um grande vigarista, usando e abusando da sua posição para conseguir vantagens materiais e não só. Não é um elemento muito querido dos militares, nem da população da tabanca, nem sequer dos próprios milícias que comanda. Ao chegarem, encontram logo uma das suas mulheres e o capitão Xáxa pergunta se o Amadeu está em casa.

— Está e eu vou chamá-lo — disse a mulher do Amadeu.

O Amadeu chega muito apressado, todo salamaleques.

— Como vai nosso capitão? Vejo que nosso capitão traz novo capitão que vem comandar a companhia.

— É verdade Amadeu. Dentro de oito dias regresso a Lisboa e o capitão Cristo fica a comandar. Espero que colabores com o nosso capitão tanto na tabanca como no mato, tal como colaboraste comigo.

— Eu colaboro com nosso capitão. Se o nosso capitão Cristo confiar em mim não se vai arrepender. Tudo o que nosso capitão necessitar da tabanca fale comigo que eu arranjo. Eu conheço todas as pessoas da tabanca e todas as mulheres que vêm do mato. Conheço também todas as aldeias onde estão os guerrilheiros à volta de Bedanda e o melhor caminho para lá chegar.

— Obrigado Amadeu — agradeceu o capitão Cristo. — Se eu precisar alguma coisa de ti eu peço, mas do que eu preciso sempre e não quero passar a vida a pedir, é saber o que se passa no mato para que eu possa estar sempre informado do local por onde eles andam, quantos são e quantas armas têm. É preciso saber isso tudo e vir dizer ao nosso capitão.

— Está bem, nosso capitão. Eu vou trabalhar muito para saber o que o nosso capitão quer.

— Adeus Amadeu, fica combinado.

De jeep seguiram depois a caminho da povoação comercial que fica a 1 km de distância da sede da companhia. Entram na Casa Ultramarina e logo a mulher do

responsável lhes faz uma grande festa, ao vê-los. Vai chamar o marido. O Zé chega, de sandálias, calções e tronco nu.

— Bom dia senhor capitão Xáxa, vejo que vem acompanhado do novo capitão.

— Bom dia Zé — cumprimentam ambos os capitães.

— Apresento-te o capitão Cristo, — o novo comandante da Companhia.

— Cristo, apresento-te o Zé Saldanha, um homem extraordinário que nos vai dando algumas informações do que se passa no mato. Quando quiseres saber o que se passa em qualquer sítio, tens de indicar a zona e autorizar que na loja dele seja dispendido algum dinheiro em cana e tabaco com as mulheres dessa zona que vierem à povoação comercial. Depois ele estabelece com elas as relações que achar adequadas de tal maneira que, sem saberem, dizem tudo o que se passa na área.

— Prazer em conhecê-lo Zé, espero que continue tão meu amigo como é do nosso capitão. Vou precisar da sua ajuda, do seu apoio e da sua amizade. Conte também com o meu apoio e com a minha amizade.

— Muito obrigado senhor capitão Cristo. Pode contar comigo. Espero vê-lo algumas vezes na minha casa para comer os petiscos que a minha mulher faz.

— Já me esquecia disso — diz o capitão Xáxa. — A mulher do Zé cozinha que é uma maravilha, e de vez em quando vimos aqui comer uns petiscos, às vezes mesmo almoçar. Isto aqui é a buate cá do sítio para os oficiais da companhia. Chama lá a Inácia, Zé.

A Inácia respondeu logo ao chamamento do marido e apareceu de pronto, entre medrosa e atrevida, o equilibrado meio-termo.

— Então este é que é o nosso capitão maçarico que vem substituir o capitão Xáxa?

— É sim, Inácia — diz o Xáxa.

— Prazer em conhecer, nosso capitão.

— Obrigado Inácia, prazer em conhecer-te. Terei muito prazer em vir comer os teus petiscos e tomar o mata-bicho com o Zé.

— Está bem, nosso capitão.

Adeus Inácia, temos que ir andando. Vamos passar pelo Dino, pela Casa Gouveia e pelo senhor Aniceto. De seguida ainda pelo pelotão destacado, regressando depois à Companhia. Adeus Zé Saldanha.

— Adeus senhores capitães, voltem sempre.

Da Ultramarina seguiram para o Dino. É um homem novo, que está à frente duma casa comercial modesta, sem capacidade de enfrentar as outras três casas, principalmente a Ultramarina e a Gouveia. Não vive muito bem mas foi o trabalho que conseguiu arranjar. Fazem-se as apresentações e os mútuos propósitos de apoio e ajuda. Isto é uma ilha, refere o capitão Cristo, pelo que mais se torna necessário ajudarem-se uns aos outros.

— Ilha não digo, — diz o Dino — pois Bedanda é mais uma península cercada de água por todos os lados menos por um que é Guilleje.

— Sabe Dino, — esclarece Cristo — eu falava de ilha em sentido figurado, eu não queria dizer cercada de água mas de guerrilheiros, que estão por todo o lado, e Bedanda é de facto uma ilha nesse sentido.

— Fico com essa senhor capitão e dou-lhe razão.

— Adeus Dino, vamos agora seguir para o Aniceto.

— Passem bem, senhores capitães, contem sempre comigo.

Na apresentação ao senhor Aniceto estabeleceu-se o compromisso de amizades e troca de apoios para tudo o que for necessário. Aniceto agradece o incómodo a que se prestaram por virem a sua casa cumprimentá-lo. Mas declara que já é um velho, velho e pobre e que pouco poderá ajudar.

— Mas tudo o que nosso capitão pedir e eu possa fazer eu faço.

— Obrigado Aniceto — diz o capitão Cristo. — Disseram-me que o senhor é um homem muito sério, honesto e trabalhador, e muito amigo da tropa. Gostaria de ser seu amigo e que o senhor Aniceto me ajudasse. Já sei que em tempos se dedicou à

cultura do arroz e que hoje em dia é dos poucos homens de Bedanda que guarda ainda esse saber. Se eu quiser aprender a cultivar arroz o senhor Aniceto pode ensinar-me?

— Ajudo em tudo nosso capitão, mas é muito difícil cultivar arroz em Bedanda, os guerrilheiros estão em todo o lado. Se apanham homem ou mulher na bolanha⁴ levam para o mato.

— Temos que resolver isso Aniceto e você vai ajudar-me.

— Está bem, nosso capitão.

— Adeus senhor Aniceto, vamos continuar a nossa viagem.

A ronda das apresentações está quase a chegar ao fim. Na Casa Gouveia são apresentados ao António, de quem se diz não gostar dos militares, nem os militares dele. Existe a desconfiança de que ele passa informações aos guerrilheiros. De qualquer forma garante toda a ajuda ao novo capitão, tal como sempre fez com o capitão Xáxa. É o que ele diz.

— Obrigado, senhor António — diz o capitão Cristo. — Gostaria de contar consigo em todas as circunstâncias, pode contar com a nossa tropa tanto mais que tem aqui instalada uma secção. Posso visitar as instalações da secção?

— Faz favor, senhor capitão.

⁴ terreno fértil, alagado, onde se cultiva o arroz

As instalações da secção não eram boas. No momento estavam presentes quase todos os soldados.

— Bom dia rapazes — diz o capitão Cristo.

— Bom dia nosso capitão. O nosso capitão é que é o capitão maçarico que nos vai comandar?

— É verdade, sou maçarico na Guiné mas já andei na guerra noutros lados. Conto com a vossa ajuda para darmos porrada neles.

— Se é para dar porrada, nosso capitão pode contar connosco. Gente do mato é má, rapta nossas mulheres e leva no mato.

— Vamos trabalhar para impedir isso. Adeus.

— Está bem, nosso capitão. Adeus.

Ainda um salto ao pelotão que defende a povoação comercial e a pista de aviação, onde falam com o comandante do pelotão, o aferes Ribeiro. Já na sede da companhia, encontraram o aspirante Tala, um jovem fula 2º comandante do pelotão de milícias. Apareceu para cumprimentar o novo capitão.

— Prazer em conhecê-lo, nosso capitão.

— Prazer em conhecer-te — disse o capitão Cristo. — Espero continuar a contar com o teu apoio como fazias com o capitão Xáxa.

— Conte comigo, nosso capitão, eu vou trabalhar com nosso capitão.

E assim terminam as apresentações, naquilo que constituiu o primeiro contacto do capitão Cristo com algumas das pessoas que o irão acompanhar durante vários meses.

GIRO DO HORIZONTE

Uma subida ao ponto mais alto de toda a área, donde se observa a maior parte do território sob a responsabilidade da companhia, a fim de familiarizar o capitão Cristo não só com a geografia mas também com os principais locais que a guerrilha dominava, tornava-se agora necessária. Para cumprir este objectivo o capitão Xáxa nomeou o alferes Ribeiro, o subalterno mais antigo e mais experiente da companhia. Escolheu para observatório um dos abrigos mais elevados do pelotão da cantina, comandado pelo alferes Oliveira. Esta observação da zona em termos militares, conhecida como giro do horizonte, é por vezes encenada um pouco para praxar o recém-chegado e constitui uma tradição da companhia aplicada sempre que chegava um oficial. Decidida a hora, o local e o oficial que faria o giro do horizonte, foi combinado pelos alferes que, sempre que possível e adequado, devia ser introduzida qualquer nota que pudesse preocupar, “à grande e à francesa” este jovem capitão recém-chegado a Bedanda e que tem cara de poucos amigos, não perdendo a oportunidade de meter algumas galgas, leves embora, para o assustar a sério. Chegados ao local e na presença do capitão Xáxa, do capitão Cristo e dos alferes Oliveira, Sousa e Carvalho, o alferes Ribeiro começa a lição estudada, mistura de encenação e de muita e crua realidade.

— Meu capitão, estamos na cantina, no ponto mais alto da Companhia. À nossa frente temos um rio navegável que separa, a norte, a área controlada pelos guerrilheiros, é o rio Ungarinol. Este rio nasce a leste e corre para oeste, indo desaguar no rio Cumbijã que contorna a área da Companhia a oeste. A norte do Ungarinol, começando junto à sua foz, temos uma mata muito densa, mais ou menos paralela ao rio e que serve de esconderijo a vários acampamentos de guerrilheiros de efectivos variáveis mas com capacidade para se apoiarem uns aos outros quando atacados. A oeste e a norte do rio Ungarinol, na mata referida, temos primeiro Incala, um dos pontos fortes dos guerrilheiros donde controlam a navegação não só do rio Cumbijã mas também do Ungarinol. A sudoeste de Incala o rio faz uma curva muito acentuada que é conhecida como a curva da morte. A última vez que a tropa tentou trazer um barco até ao porto interior de Bedanda, o barco foi fortemente atacado nesse local tendo morrido ou ficado feridos vários militares. A partir desse dia a Marinha recusou-

se a navegar no rio Ungarinol por falta de segurança. Desviando a nossa vista mais para leste encontramos primeiro Contumbum e depois Samenhite. Sabe-se que há um acampamento de guerrilha entre estas duas localidades que nunca conseguimos referenciar ou localizar em patrulhas pela zona. A seguir temos Bobedê, um dos pontos fortes dos guerrilheiros para evitar a passagem do rio Ungarinol pelas nossas tropas. Já ali demos e levámos muita porrada. Mais para norte e na outra extremidade da mata fica Nhai e depois Salancaur, esta já no conhecido corredor de Guileje por onde passam os reabastecimentos dos guerrilheiros provenientes da Guiné-Conacri. Salancaur é mais um dos pontos fortes e mais ainda por ser um ponto de passagem, de concentração e descanso antes das colunas aí se dividirem em duas, uma seguindo para sul, para a mata do Cantanhez, onde está o Nino, o comandante guerrilheiro de todo o sul da Guiné, e a outra, atravessando o rio Cumbijã, vai com destino à base de Cansalá que fica para os lados do nosso Comando do Batalhão sediado em Catió. De novo para leste encontramos uma densa mata, já dentro dos limites do Cantanhez, que é atravessada pela estrada que, vinda de Salancaur, segue depois até Cabedú, a sul dos limites do Cantanhez, onde está estacionada uma companhia do nosso Batalhão. Não há ligação entre a nossa Companhia e a de Cabedú. É uma zona completamente dominada pelos guerrilheiros. Partindo daqui para leste para alcançar Bedanda, encontramos outra estrada que se embrenha na mata. Esta estrada conduz até à fronteira da Guiné-Conacri, encontra-se cheia de abatizes⁵, de minas e de armadilhas, e a primeira tropa que se encontra nessa direcção é um pelotão estacionado no Mejo, já pertencente à companhia de Guileje. Houve em tempos uma ligação terrestre entre Bedanda e Mejo, mas actualmente não conseguimos sequer chegar ao cruzamento para Salancaur. Sempre que tentámos chegar ao cruzamento fomos emboscados e retirámos com mortos e feridos. É uma zona dos diabos que os guerrilheiros querem controlar a todo o custo para garantirem o reabastecimento do Cantanhez. Voltando-nos agora para sul, vemos outra mata que, começando nas imediações de Bedanda, termina no rio Cafunebom, afluente do Cumbijã. O Cafunebom pode ser atravessado a vau. Antes de alcançarmos esse o rio, encontramos duas povoações, Cura e Braia. Estão na orla

⁵ árvores atravessadas na estrada para impedirem a passagem de viaturas

da mata, uma na margem do Cumbijã, a outra voltada para as tabancas de Flanque Injã e Caboxanque. São zonas onde se pode ir com um grupo de combate com muito cuidado pois é possível ter encontros com patrulhas dos guerrilheiros. Cura e Braia estão destruídas e desabitadas. Ainda mais a sul, já para lá do rio Bixanque, fica o coração do Cantanhez onde está o Nino, ocupando fortemente vários pontos da mata em que os mais conhecidos são Cadique e Cafal. A sul do Bixanque é já zona de acção da companhia de Cabedú. Para oeste, a nossa zona de acção termina no Cumbijã, via fluvial que é preciso manter a todo o custo pois é por ela que, uma vez por mês, nos chegam os reabastecimentos. É neste rio que fica o porto exterior de Bedanda. Este porto, onde já estivemos no outro dia quando da primeira saída do meu capitão, fica a 4 kms de Bedanda, em frente a Cobumba que já pertence à zona da acção da companhia de Cufar. Ponto muito forte dos guerrilheiros que dele precisam para garantirem a passagem e o reabastecimento dos seus acampamentos de Cabolol. Cobumba é atravessada pela estrada que a cerca de 8 kms cruza com a que vem de Catió. Esta estrada segue depois para Cufar onde está mais uma companhia do nosso batalhão. Seguindo para norte, até Empada, aí fica ainda mais outra companhia do batalhão. Na mata a sul de Cobumba ficam as tabancas de Cabolol e Cantumane, onde é muito difícil entrar. A norte de Cobumba fica Chugué, dominado pelos guerrilheiros, onde em tempos esteve destacado um pelotão da companhia. Uma noite, o pelotão foi atacado, arrasaram tudo e nunca mais lá conseguimos ir. Os sobreviventes do ataque retiraram para o quartel destroçados tanto física como moralmente. Aconteceu o mesmo em Salancaur onde no início existia uma secção destacada. Uma noite a secção foi atacada e só dois soldados conseguiram chegar à companhia. Dos outros elementos ainda nada se sabe, se terão sido mortos ou raptados. Resumindo, eu diria que estamos cercados de guerrilheiros por todos os lados e que sempre que saímos do quartel e nos afastamos mais de 4 kms, acabamos a tomar banho nas bolanhas ou nos rios e tiroteio também não nos deve faltar. Terminei a minha exposição. Espero ter sido explícito e desejo que tenha sido útil para o meu capitão poder ficar com uma ideia da área onde veio cair. Nenhuma das companhias mais próximas de Bedanda pode vir em nosso auxílio, em tempo útil se formos atacados.

— Obrigado, Ribeiro — agradeceu o capitão Cristo. — Depois do que ouvi, a única coisa que me apetece perguntar é o que estamos aqui a fazer. Se bem percebi, aos guerrilheiros só falta virem fazer as suas necessidades dentro do nosso quartel.

— É verdade, meu capitão — concordou o alferes Carvalho. — Esteja descansado que com o tempo lá chegaremos, pois neste momento é rara a noite em que não somos atacados. Os guerrilheiros comandam a nossa própria alvorada, pois sempre atacam a horas desconhecidas, quase todas as noites, e nós depois já temos dificuldade em adormecer. Bedanda é um sítio onde só por castigo se pode estar.

— Obrigado a todos — disse o capitão Cristo. — Obrigado, Xáxa, por este giro do horizonte. Por mim podemos ir embora.

Os alferes dariam muito dinheiro para saberem o que ia na alma do novo comandante e no que estaria ele a pensar. Impossível. O capitão Cristo é de facto um homem muito duro. Os subalternos estavam com medo dele. Não se vislumbrava um sorriso na sua cara.

BISSAU ESQUECE BEDANDA MAS DEUS ENVIA O CAPITÃO CRISTO

Passados alguns dias o capitão Xáxa deixou Bedanda, rumo a Bissau, ficando o capitão Cristo como comandante da companhia. Ao almoço é surpreendido por uma conversa entre o alferes Sousa e o alferes Oliveira. Começou o alferes Sousa:

— Oliveira, queres comprar-me os meus lençóis e o meu mosqueteiro?

— Compro, — responde o Alferes Oliveira — porque eu ainda não consegui arranjar lençóis. Em Bedanda não há lençóis.

— Então está combinado, os lençóis e o mosqueteiro são para ti. O resto das fardas camufladas ofereço aos meus soldados que agora estão a sair para o mato todos esfarrapados.

— Alto aí, — interrompe o capitão Cristo — não me digas que a companhia não oferece lençóis e mosqueteiros aos militares?

— Não oferece meu capitão. Passei a ser o responsável pelo material de aquartelamento e intendência da companhia. Não temos lençóis nem mosqueteiros em carga. O capitão tem mas em carga particular. Oficiais e sargentos compram uns aos outros ou mandam fazer nas lojas comerciais. Os soldados, brancos ou negros, nem sabem o que isso é. Para dormir têm uma cama e duas mantas.

— Bonito, — exclama o capitão Cristo — por isto é que eu não esperava.

Mas havia mais. Os alferes queriam aproveitar a ocasião para porem o seu novo capitão a par de tudo. O subalterno responsável pelo material de guerra estava farto de requisitar espingardas G3, mas as mesmas não eram fornecidas. Combatiam no mato guerrilheiros que possuíam armas automáticas, morteiros, canhões sem recuo, lança-granadas, e os seus soldados combatiam com as velhas Mauser. Quanto ao material de refeitório, simplesmente não existe. Os soldados bebem o café em latas de salsichas vazias e não têm farda. As que usam, a antiga farda colonial, já estão em muito mau estado.

Seguem-se os desabafos desanimadores do alferes Ribeiro.

—Tratam-nos a todos muito mal, parece que alguém se esqueceu de que aqui, em Bedanda, está uma companhia do Exército Português. Para os chefes, em Bissau, somos um bando que só serve para andar à porrada no mato. Somos carne para canhão.

— De facto, isto está pior do que eu pensava. — desabafa o Capitão Cristo — Que mal teria eu feito a Deus para aqui vir parar?

— E nós, meu capitão? — diz o alferes Carvalho. — O meu capitão é profissional e são os seus doutos colegas do Estado-Maior que permitem que estejamos aqui assim. Nós estamos na tropa porque nos obrigam, não fizemos mal a ninguém e não vemos o mínimo respeito por nós.

O capitão Cristo não queria ouvir mais. Nem precisava. O que era preciso, agora, era agir sem mais demoras.

— Bem, já ouvi o suficiente — disse o capitão Cristo. — Vamos fazer uma reunião daqui a meia hora, no meu gabinete. Quero nessa reunião todos os subalternos, o 1º sargento e o vaguemestre. Até já.

— Está bem, meu capitão, até já. — responderam os alferes.

Os subalternos encarregaram-se de avisar o pessoal, enquanto o capitão, na solidão do seu gabinete, seu quarto, seu quarto de banho e sala de reuniões, pensava para com os seus botões que estava metido numa grande alhada. De facto, não era para menos. Estava cercado de guerrilheiros por todos os lados, os soldados não tinham fardas, no refeitório nem copos, nem chávenas, não tinham lençóis, nem mosqueteiros, numa zona cheia de mosquitos. A própria sede da companhia estava instalada numa antiga missão de combate à mosca do sono. As armas que possuíam eram de repetição ao passo que os guerrilheiros dispunham de armas automáticas. Tinha uma companhia dividida por três aquartelamentos, e tinha de ir buscar comida, uma vez por mês, a um barco que a descarregava a 4 kms de distância, com os guerrilheiros organizados na outra margem do rio. Para começar uma comissão, não era mau.

À hora marcada, todo o pessoal compareceu. Quanto mais não fosse por curiosidade, embora não possamos esquecer que o capitão tinha cara de poucos amigos e tinha ficado fulo com o que ouviu durante o almoço.

— Meus senhores, — assim começou o Capitão — hoje ao almoço foi um momento muito triste para mim que se veio juntar a outras amarguras que tenho tido nos últimos dias desde que aqui cheguei. Não quero mais ser surpreendido e por isso vou dizer tudo o que sei ou julgo saber. Se qualquer um de vós verificar que há algum assunto que eu deva ainda saber, diz-mo imediatamente. Em termos operacionais estamos mal. Estamos cercados e sabemos que por terra nenhuma tropa virá em nosso auxílio se um dia formos atacados a sério. Para comeremos vamos ao porto exterior de Bedanda uma vez por mês, andamos 4kms com a comida às costas, quando temos a 200 metros um porto interior muito mais seguro. Não temos lençóis nem mosqueteiros, e se os oficiais e os sargentos se quiserem dar a esse luxo, têm de os comprar. Os nossos soldados nativos não têm camuflados e as fardas que possuem são a antiga farda colonial que já se não fabrica, as que têm estão em mau estado, esfarrapadas. Por caridade ou por amizade, tanto importa, oficiais e sargentos, quando vão embora, oferecem as suas fardas aos soldados. Não existe louça em condições, digna e em quantidade para os nossos soldados. O nosso armamento é a espingarda Mauser quando do outro lado estão armados com armas automáticas. Para compensar, deram-nos, como reforço, um pelotão de artilharia de campanha 8.8 a duas bocas de fogo. Os abrigos existentes são fracos e estão a cair. Espalhadas pelo quartel estão viaturas a apodrecer, aqui deixadas por colunas militares que por aqui passaram. Em termos gerais é tudo o que sei. Quem tiver alguma coisa a dizer diga-o agora.

— Bem, meu capitão, como sabe, eu sou o sargento do rancho e tenho alguns problemas que queria expor. É muito difícil alimentar os nossos homens. Os negros querem sempre arroz a todas as refeições, os poucos brancos que temos já não podem ver arroz à sua frente. Além disso temos pouca variedade de géneros, não recebemos frescos e temos umas vacas que matamos de vez em quando para dar carne aos homens.

— Eu também queria dizer algo meu capitão — disse o 1º Sargento. — Há alguns meses atrás, antes de eu vir para a companhia, houve qualquer coisa com alguns

soldados negros, principalmente cabo-verdianos, que fez com fossem conduzidos ao Comando do Batalhão, em Catió, onde ficaram detidos. São soldados da companhia que ainda lá permanecem presos. Não sei o que se passou mas a companhia tem necessidade de resolver este assunto. Por outro lado, tenho a impressão de que as nossas folhas de carga, respeitantes ao material de guerra e ao material de aquartelamento, não estão certas.

— Obrigado — disse o capitão. — Algum dos senhores sabe alguma coisa mais que me queira dizer sobre os soldados da companhia presos em Catió?

— Eu, meu capitão — disse o Alferes Ribeiro. — Eu já estava na companhia quando isso aconteceu. Não falei antes porque julguei que em Bissau, quando por lá passou, o nosso capitão Xáxa ou alguém lhe tivesse falado nisso.

O alferes Ribeiro descreveu, então, os antecedentes da situação. Um dia, ao cair da noite, estavam para sair para uma operação e dispunham de um prisioneiro, capturado na operação anterior que ia servir de guia. Aconteceu que o alferes Cordeiro encontrou o prisioneiro, fora da prisão, a sair calmamente do quartel. Prendeu-o novamente e interrogou-o para saber como tinha conseguido sair da prisão, tanto mais que havia um soldado a guardá-lo à vista. Inicialmente o prisioneiro não queria falar mas com a habilidade do alferes Cordeiro ele acabou por confessar que tinha sido solto pelo soldado 25 e que se dirigia para o seu acampamento, em Cobumba. Chamado o soldado 25, outro cabo-verdiano, foi o mesmo posto perante os factos. Negou, a princípio, qualquer interferência, mas perante as evidências acabou por confessar. A declaração dos motivos foi bem mais difícil de obter. Mas o alferes Cordeiro, perito na arte do interrogatório, conseguiu que o soldado 25 confessasse os motivos da sua acção.

Tinha uma amante, mulher do mato da zona de Cobumba. Todas as semanas a mulher vinha à povoação comercial vender arroz e comprar cana e tabaco, e dormia uma noite com o soldado. Na cama, ela ia procurando saber coisas da companhia. Tantas vezes dormiram juntos, tanto falaram da companhia, que a mulher lhe prometeu o comando de Bedanda se ele a ajudasse a tomar o quartel. As promessas eram tão aliciantes que ele aceitou ajudar desde que lhe dissessem o que tinha de fazer

e lhe comunicassem o momento de agir. Fez ligações com outros soldados do seu pelotão, na maioria cabo-verdianos, e estabeleceram um plano de acção que, na sua essência, apontava para a tomada do quartel pelas forças. Na noite aprazada para o ataque, os cabo-verdianos, ao tempo do pelotão do alferes Barata, facilitariam a entrada dos guerrilheiros, matando nos quartos todos os brancos, oficiais e sargentos e alguns cabos especialistas. Durante o ataque, o pelotão dos revoltosos e mais alguns soldados negros que aderissem ao movimento, liquidariam todos os soldados que não quisessem juntar-se aos guerrilheiros. Conquistado o quartel e feita a limpeza de militares e de civis que não aderissem, o 25 passaria a comandar toda a área de Bedanda. Como tudo se veio a saber por confissão do soldado 25, todos os militares implicados foram presos e enviados para Catió onde seu deu início aos autos. Nessa noite, ninguém saiu para o mato, refizeram-se os pelotões até que se recebessem novos efectivos em praças. A partir dessa data passou a exercer-se um controle apertado de entradas e saídas das mulheres do mato, para se averiguar as que dormiam em Bedanda, onde e com quem.

— Meu capitão, nós todos, oficiais e sargentos, ficámos convencidos de que estávamos sentados num barril de pólvora. Se dessa vez tivemos sorte ao descobrir a tempo a conspiração, na próxima poderemos não ter, pelo que todos temos de ficar atentos e permanentemente vigilantes.

— Obrigado Ribeiro — agradeceu o capitão Cristo. — Mais algum de vocês tem algo a dizer? Parece que não, portanto eu vou dizer qual é a minha ideia sobre isto tudo e o que vamos fazer para melhorar a nossa vida e piorar a dos guerrilheiros.

O PLANO

O capitão Cristo, na posse daquilo que se pode sintetizar como o “estado a que Bedanda chegou”, apresentou o seu plano de acção, assunto por assunto, que teria de ter desenvolvimento imediato.

No que diz respeito à alimentação iriam proceder como se todos os soldados fossem soldados de primeira. Não haveria mais a distinção entre militares brancos e militares negros. Toda a alimentação será feita como se fosse destinada a uma companhia metropolitana. Em todas as refeições e enquanto tal for achado necessário, cozinharão arroz que será posto na mesa em terrinas ou travessas próprias, diferentes das do resto da comida. Quem quiser comer arroz come arroz, e se o quiser misturado com a outra comida o problema é de cada um. Deste modo, apresenta-se a comida com melhor aspecto e não faltará o arroz para os soldados negros. As vacas, a partir de agora, só se matam à ordem do Capitão. Só deixará matar vacas quando a situação for muito aflitiva, com o pessoal há muito tempo privado de carne fresca.

No que diz respeito às fardas será feita imediatamente uma requisição de fardamento destinado aos soldados igual à dotação que é distribuída aos soldados metropolitanos. A elaboração desta requisição é urgente. Será enviada a Bissau com um nota explicando a situação deplorável destes soldados no campo do fardamento. Pretende-se também que seja requisitado, mas com urgência, todo o material de intendência necessário não só para camas mas também para o refeitório e cozinhas. O primeiro sargento, com o vagemestre e o sargento do material de aquartelamento, encarregar-se-ão disso.

O alferes Carvalho vai elaborar uma requisição do armamento necessário onde estarão incluídas as espingardas G3. É urgente que isso seja feito. Ao mesmo tempo, fará uma mensagem para o Comando do Batalhão, com conhecimento ao Comando Militar de Bissau, dizendo que se dentro dum mês não tiverem na companhia no mínimo 100 espingardas G3 a companhia deixa de executar as operações. Frisar bem o perigo que há para os militares ao enfrentarem com Mauser guerrilheiros armados com armas automáticas.

Os pelotões da povoação e da cantina preparam os seus morteiros para tiro nocturno dirigido para as áreas principais donde são atacados pelo inimigo. O capitão pretende que no próximo ataque nocturno os morteiros respondam de imediato. O pelotão de artilharia irá fazer o mesmo. Devem ser calculados os elementos de tiro para executar fogo, de noite ou de dia, sobre os principais acampamentos da guerrilha. Pretende-se, deste modo, criar insegurança ao inimigo e evitar os ataques quase diários ao quartel e à tabanca.

De futuro, nas saídas para o mato, a tropa tem que ser mais agressiva, ir mais longe e com a missão mais bem preparada. Em qualquer missão tem que se chegar ao objectivo, é o trabalho da tropa e o trabalho tem que ser feito. Ficarão moralizados e mais desmoralizados os guerrilheiros. Para conclusão da exposição do seu plano, o capitão Cristo dirige-se agora em particular ao alferes Carvalho.

— Carvalho, pretendo utilizar os barcos do reabastecimento para, no retorno a Bissau, levarem as dezenas de viaturas avariadas que por aí estão, não servem para nada e são desmoralizantes para o nosso pessoal. Para acerto de cargas, mandarei um sargento a Bissau para pôr as nossas folhas de carga certas com as do batalhão do serviço de material e com as do batalhão do serviço de intendência. Eu vou falar com o batalhão por causa dos nossos soldados presos em Catió. Por último quero dizer que temos que treinar os nossos soldados a fazer tiro. Vi um soldado em operação a fazer tiro com o cano da espingarda voltado para o ar. Não via qualquer guerrilheiro, mantinha-se escondido atrás dum as árvores e só os assustaria com o barulho, pois os tiros iam todos para os pássaros. As munições necessárias para isso saem das consumidas nas operações. Sempre que houver um combate, cada pelotão dá como consumidas as consumidas em combate mais as consumidas na instrução. Os nossos soldados deverão estar aptos a fazer fogo em movimento, em que a trajectória não passe acima de meio metro do chão. Utilizando tiro instintivo sempre que as circunstâncias o exigam. Vamos pensar todos naquilo que aqui foi dito e resolver todos os assuntos o mais rapidamente possível. Tenham sempre presente que comandamos uma tropa nativa, no coração da guerrilha, e que alguns, na altura de fazerem as contas, de pensarem no futuro, se a força não estiver do nosso lado passam-se para o outro lado levando as nossas cabeças como troféus. Obrigado e bom dia.

Logo após a reunião, com mais ou menos resposno, com mais ou menos crítica, todos foram cumprir as suas missões, sabendo que as de carácter administrativo teriam que ser executadas com urgência mas sem prejuízo das saídas para as operações. Portanto, com prejuízo do seu descanso e o dos soldados. No entanto, saíram todos satisfeitos pois ficaram a saber que agora tinham à sua frente um capitão mal encarado mas seguramente um homem macho como dizem os guinéus.

OS COMANDOS EM BEDANDA

De improviso, chegou a Bedanda um grupo de comandos. O comandante do grupo trazia uma carta para o capitão Cristo, do Chefe do Estado-Maior do Comando Militar de Bissau. A carta era muito seca. Nela se dizia ao comandante da companhia que o grupo de comandos estava na zona para fazer um golpe de mão sobre um acampamento inimigo já referenciado. Bedanda devia dar-lhe todo apoio que fosse solicitado. O capitão Cristo chamou o comandante do grupo de comandos e deu-lhe conhecimento das ordens recebidas. Todos os oficiais ficaram chateados. O mais experiente deles, o alferes Ribeiro, disse que se o acampamento estava referenciado e tinha dimensões para que pudesse ser alvo dum golpe de mão por efectivo de pelotão, a companhia estava em condições de executar a missão, desde que lhes tivessem dado os elementos de informação recolhidos. Todos consideraram que era um insulto para a tropa de Bedanda que não podia ser aceite. O capitão Cristo teve dificuldade em acalmar os ânimos.

— Concordo convosco. Considero-me insultado por mandarem comandos de Bissau para fazer um golpe de mão a um acampamento muito claramente referenciado. Não posso no entanto deixar de cumprir a ordem. Quero dizer-vos muito claramente que a boa tropa não se identifica por cumprir as ordens de que gosta, mas por pôr o seu maior entusiasmo e saber a cumprir ordens com as quais não concorda. Não sei qual é o objectivo nem qual é o apoio que os comandos precisam. Vou já falar com o alferes e depois digo-vos qualquer coisa. Para cumprimento desta missão, preparem para sair esta noite, em hora a combinar, o pelotão da cantina mais o pelotão da povoação. O Carvalho toma conta da Companhia, diz ao sargento de transmissões que preparar ligações extraordinárias daqui da sede para a tropa que sai. Se for necessário fornece meios aos comandos para se ligarem connosco. Eu vou com os pelotões que vão sair. Podem ir agora tratar dos vossos pelotões. Vou falar com o alferes comando, depois volto a falar convosco para as ordens finais.

O capitão Cristo falou então para o Lassen, o seu guarda-costas e condutor.

— Lassen, vai dizer ao nosso alferes que veio de Bissau para vir falar comigo.

— Sim senhor, nosso Capitão.

Logo depois chega o alferes.

— Dá licença, meu Capitão?

—Entre. Para seu governo quero dizer-lhe que não concordo que os comandos venham à minha área sem eu saber de nada, nem os ter pedido, fazer um golpe de mão que a minha tropa está em condições de fazer. A culpa não é sua, mas eu e os meus soldados consideramo-nos ofendidos. Como sabe, a carta que trouxe dava-me ordens para eu lhe dar todo o apoio que solicitasse para o cumprimento da sua missão. Gostando ou não, vamos dá-lo nos precisos termos em que o pedir. A responsabilidade pela operação será exclusivamente sua. Sou todo ouvidos para saber qual a sua missão e qual o apoio que quer de mim.

— Obrigado, meu capitão. Sei que é muito chato para vocês eu aparecer aqui sem aviso, a pedir apoio, mas eu também recebi ordens. Farei sentir o mal-estar que se gerou nos oficiais da companhia com a minha vinda. A minha missão é ir a Samenhite, pois foi aí referenciado um acampamento que deve ter um efectivo de dez a quinze guerrilheiros. O apoio que eu preciso é apoio para transpor o rio Ungarinol para norte, dar-me segurança nesse ponto e depois montarem, a norte do rio, uma base de recolha e protecção .

— Correcto — disse o capitão Cristo. — Tem aí uma carta na parede e por isso agradecia que me dissesse onde julga que está esse acampamento.

— Aqui meu capitão — disse o alferes, apontando com o dedo um local na carta.

— Sim senhor — disse o capitão Cristo. — Julgo que aí não vai encontrar acampamento algum mas o problema é seu e de quem lhe deu a ordem. Há pouco tempo a minha tropa andou por essa área e não localizou o acampamento. No entanto, nessa mata há guerrilheiros e têm que ter o acampamento algures. Não é missão para golpe de mão mas eu não tenho nada a ver com isso. Eu vou dar-lhe a seguinte protecção:

— Saio do quartel com o seu pelotão e mais dois pelotões meus. À frente vai um dos meus, o do alferes Ribeiro. Eu vou nesse pelotão. A seguir vai o seu e depois vai o pelotão da cantina.

— O pelotão do Ribeiro será o primeiro a atravessar o rio Ungarinol. Como não há vau, vamos levar cordas que atravessaremos no rio e o pessoal terá que fazer a travessia a nado com o apoio das cordas. Isso significa que vamos todos tomar banho e passar o resto da noite molhados. Por nós não tem mal porque já estamos habituados. Depois o Ribeiro e eu atravessamos o rio e só depois lhe darei ordem para atravessar com o seu pessoal. Assim que o último dos seus homens atravessar, você fica independente para seguir para o seu objectivo. Com os meus pelotões monto a segurança para a travessia no regresso, garantindo uma base de recolha para os seus homens. Estarei em condições de entrar na mata, a seu pedido, se as coisas correrem mal. Concorda com o exposto?

— Concordo sim, meu capitão.

Falou depois para os seus subalternos.

— Sairemos do quartel às 10 horas da noite rumo ao rio Ungarinol. O Ribeiro atravessa o rio e monta as duas cordas para o pessoal atravessar. Assim que eu e o Ribeiro estivermos do lado norte do Ungarinol, darei ordem para os comandos atravessarem. Depois de vocês atravessarem atravessa o pelotão do Oliveira. Aí montaremos, como disse, uma base de recolha. Se as coisas correrem mal e os comandos o solicitarem, poderemos ter necessidade de entrar na mata de Samenhite. O alferes Carvalho, que fica comandar a Companhia, avisará a segurança da nossa saída. Sairemos pela passagem da fonte e regressaremos pelo mesmo local. Eu comandarei apenas a operação até a travessia do rio e depois a nossa tropa até ao momento em que os comandos se juntarem a nós. Mas se tiver que entrar na mata passarei eu a comandar toda a operação. Nessa altura, o Carvalho, para garantir a travessia do rio, fará deslocar, no mínimo, uma secção para o local de passagem onde as cordas estão montadas. Dúvidas?

— Nenhumas — disseram os alferes. — Pensamos é que isto não era operação para os comandos.

— Eu sei, mas não há nada a fazer. Se não derem com o acampamento, dentro de três ou quatro dias vamos lá nós. Até logo.

Às dez horas certas a coluna começou a deslocar-se em direcção ao rio. Na Companhia a preocupação era grande. Era difícil saber quem estava mais tenso, se a tropa que caminhava rumo ao desconhecido, se a tropa que no quartel via sair os seus camaradas. O capitão Cristo tinha instituído que em operação não havia mais indicativos e que ninguém seria tratado pelo seu posto. Para entrarem em ligação devia usar-se o nome porque era conhecido o oficial que comandava a tropa. As transmissões costumavam funcionar perfeitamente, mas o capitão tinha dito que a Companhia manter-se-ia sempre em escuta mas que ele só comunicaria quando chegasse ao rio. Ficaram então todos atentos às transmissões até que por volta da meia-noite o rádio falou.

— Carvalho, aqui Cristo, diga se me ouve, escuto

— Cristo, aqui Carvalho, ouço perfeitamente, escuto

— Carvalho aqui Cristo. Chegámos ao primeiro objectivo e vamos começar a tomar banho. Volto a falar quando começarmos a secar. Terminado

— Cristo, aqui Carvalho, espero que a água esteja óptima. Terminado.

As cordas foram montadas com alguma dificuldade pois o rio devia ter naquele local uns 20 metros de largura. Os melhores nadadores do pelotão do Ribeiro deitaram-se ao rio com as cordas amarradas à cintura. Quando acabaram a travessia amarraram as cordas a duas árvores da margem norte, os que estavam na margem sul fizeram o mesmo. Havia um silêncio profundo apenas quebrado pelos homens que se lançavam água e que lá iam nadando agarrados às cordas. Com a 1ª secção ia o alferes Ribeiro e com a 2ª o capitão Cristo. Sempre que faziam a travessia por este processo a preocupação era grande. Se fossem descobertos, os guerrilheiros podiam limpar logo a 1ª secção. Depois disso, a travessia estaria arrumada e a missão por cumprir.

A 1ª Secção passou sem problemas, o capitão Cristo respirou fundo quando recebeu a indicação de que o Ribeiro já estava do outro lado. Entregou o comando da margem sul ao Oliveira e lançou-se ao rio para passar para a outra margem. Terminada a

travessia do pelotão do Ribeiro e montada a segurança na margem norte, o capitão Cristo deu ordem ao Oliveira para mandar passar os comandos. Passado tempo, como não via passar mais ninguém, foi perguntar ao Oliveira o que se estava a passar. O alferes Oliveira foi rápido na informação.

— Cristo, aqui Oliveira. Os comandos dizem que não atravessam porque ao atravessar o rio acham que pelotão do Ribeiro fez barulho suficiente para quebrar a surpresa, e sem surpresa não vale a pena ir a Samenhite. Preciso de ordens, escuto.

— Oliveira, aqui Cristo. Diz a esse gajo que me é indiferente que ele vá cumprir a sua missão ou não. Nós cumprimos a nossa, se ele não quiser atravessar o rio, eu e o Ribeiro vamos regressar a essa margem e seguimos de volta ao quartel.

Na opinião do capitão não houve barulho a mais, estavam ainda a 3 kms da mata, era impossível os guerrilheiros terem dado conta da travessia. Os comandos não queriam atravessar o rio porque não queriam tomar banho, mas aqui tem que se tomar banho sempre que se sai para o mato.

— Ele que decida se atravessa ou não. Se ele não atravessar, vamos regressar e direi no relatório que a operação foi um fracasso por causa dos comandos que se recusaram a cumprir a sua parte da missão. E diga que não quero mais tropa desta na nossa zona de acção, escuto.

— Cristo, aqui Oliveira. As visitas recusam-se mesmo a atravessar o rio. Peço ordens.

— Oliveira, aqui Cristo, Terminou a operação. Vamos iniciar o nosso segundo banho da noite. Preparem-se para ir para o quentinho. Atenção à nossa travessia. Terminado.

— Carvalho, aqui Cristo, escuto.

— Cristo, aqui Carvalho, escuto

— Carvalho, aqui Cristo. As visitas tiveram medo da água, não se quiseram molhar. Sem eles nada feito. Nós vamos iniciar o segundo banho da noite e regressar a casa.

Daqui a duas horas estamos contigo. Entramos por onde saímos, avisa o pessoal para não termos dissabores.

— Cristo, aqui Carvalho, lamento o sucedido mas estes meninos de Bissau julgam que aqui andamos a passear as nossas fardas pela avenida, escuto.

— Carvalho, aqui Cristo. Terminado.

Às 4 horas da manhã o pessoal estava a chegar ao quartel. Ainda se ouviu o capitão Cristo falar com o alferes comando.

— Não quero mais tropa desta na minha zona de acção. Vou dizer isso mesmo ao meu comandante de batalhão, ao comandante do agrupamento e a Bissau. As consequências que disto resultarem para si não me interessam. Para mim, a vinda dos comandos para cumprirem uma missão na área é bom se chegarem ao objectivo. Se tal não acontecer é prejudicial, desmoraliza a minha tropa. A desculpa da quebra de surpresa é desculpa de mau pagador que só pode colar em Bissau. Para nós não serve.

O capitão Cristo disse ao alferes Carvalho que se ia deitar e que fizesse seguir uma mensagem para o Comando do Batalhão, dizendo que a operação não tinha sido executada por recusa dos comandos em atravessar o rio Ungarinol. E que tal recusa tinha sido comunicada ao comandante da companhia depois de este já ter feito a travessia com um pelotão e garantir a segurança para a travessia dos comandos. Dentro de dois ou três dias seguiria relatório. Devia ainda informar na mensagem, que o capitão Cristo não pretende mais tropa desta em Bedanda, pois ela só servia para desmoralizar os soldados. Para não se esquecer ainda que dentro de três dias iria a companhia bater a mata de Samenhite para localizar o acampamento.

Os comandos nunca mais voltaram à área da companhia de Bedanda. No prazo marcado, precisamente depois da operação falhada, a companhia a dois grupos de combate foi bater a mata de Samenhite, tendo localizado um acampamento abandonado com meia dúzia de palhotas.

OFICIAL DE OPERAÇÕES CHEGA DE CATIÓ

Há muito tempo que a companhia de Bedanda não conseguia ligação por terra para Mejo e Guileje, a zona mais a leste ainda com tropa estacionada. Sempre que saía nessa direcção, começava a levar porrada mal atingia a região de Melinde. Parecia haver acordo tácito com os guerrilheiros que se traduzia no pensamento de que quem passasse além de Melinde entrava em zona proibida e teria que sofrer as consequências. A estrada estava cheia de abatizes, de armadilhas e de minas. Se a tropa as levantasse, no dia seguinte tudo era repostado. A tropa decidiu não remover os obstáculos semeados na estrada, dado que nunca se deslocavam nesse itinerário em viaturas. A pé, era seguro ir pela mata. No entanto, nas várias tentativas para chegarem ao cruzamento de Salancaur para Caboxanque, a companhia foi sempre emboscada. Terminados os combates, era obrigada a retirar com baixas, incluindo mortos. O Comando do Batalhão estava preocupado pois constava que havia, algures naquela área, um acampamento inimigo, o qual tinha por missão proteger a suas colunas vindas do corredor Guileje e destinadas ao Cantanhez. Constava que, nesse acampamento, as colunas de reabastecimento e os grupos em trânsito costumavam descansar um dia. A destruição desse acampamento era importante, mas a mata era tão densa que se não conhecessem a localização exacta podiam passar a 200 metros dele sem o verem.

O Comando do Batalhão desconfiava que a companhia de Bedanda tinha medo de lá ir e por isso batia sempre zonas afastadas do local do acampamento. O seu comandante e o oficial de operações desconfiavam também do capitão Leão, comandante da companhia de intervenção do batalhão localizada em Catió. Por isso, concertaram planear uma operação na zona. Aproveitando os barcos de reabastecimento de Bedanda, fariam embarcar essa companhia e também o capitão Andrade, oficial de operações, que comandaria a operação como oficial mais antigo.

Este acto foi um insulto, ou pelo menos entendido como tal tanto para o capitão Cristo como para o capitão Leão. Tradicionalmente o capitão mais antigo dos comandantes de companhia em acção comandava a operação. Ora este acto era a demonstração prática da pouca consideração que o comandante do batalhão tinha

pelas suas companhias e da falta de confiança nos seus capitães. Ao chegar a Bedanda, o capitão Andrade reuniu os outros capitães.

— O nosso tenente-coronel, comandante do batalhão, pretende que nesta operação seja destruído o acampamento dos guerrilheiros próximo do cruzamento para Caboxanque e Salancaur. Esta foi uma operação muito bem planeada pois recebemos informações precisas quanto à localização do acampamento. Fica aqui nesta área — e apontou um ponto na carta. — Desta vez, o acampamento tem de ser destruído. Eu comando a operação e vou na companhia do Leão. O Cristo, com a sua companhia, vai à frente e tenta localizar este acampamento. A companhia do Leão tem que estar sempre em condições de apoiar o Cristo logo que haja contacto. Têm alguma dúvida?

— Eu tenho — disse o Cristo. — Considero um insulto e uma falta de confiança do Comando do Batalhão, enviar o seu oficial de operações para comandar esta operação. O comando devia pertencer ao Leão que é o mais antigo. Mas não vou agora discutir isso. Pretendo que transmita ao nosso tenente-coronel o meu descontentamento pela desconfiança em nós demonstrada com este acto. Não é possível esconder isso dos nossos militares e tal não é saudável para a coesão e disciplina do batalhão. Mas as minhas dúvidas não se reportam à falta de confiança, que isso para mim é uma certeza. Quero saber a que horas vamos sair do quartel e que na mata a conduta da operação será sua, e que eu não darei ordem nenhuma de regresso sem a receber primeiro do comandante da operação. Sempre que me vir a patrulhar ou a bater zonas menos apropriadas em termos do plano de operação, deve transmitir-me isso indicando-me a nova direcção da marcha. Se houver contacto com o inimigo cumprirei as suas ordens mas conduzirei o combate à minha maneira, mantendo-o informado. Correcta, esta forma de actuação?

— Está correcta — disse o capitão Andrade. — Eu mal conheço a zona. Por isso gostaria que o Cristo me dissesse a que horas devemos sair para a operação.

— Se eu fosse a comandar, — respondeu o capitão Cristo — pretenderia chegar ao local provável do acampamento por volta das 6 horas da manhã. Como todo o deslocamento é de noite e pela mata, calculo 6 horas de marcha pela frente. Eu sairia do quartel à meia-noite.

— Eu concordo — disse o capitão Andrade. — Tens alguma coisa a dizer, Leão?

— Eu tenho. Primeiro, quero dizer que concordo com o que Cristo disse logo no início. A tua presença na operação é uma desconfiança na minha companhia e na companhia de Bedanda. Dado que Cristo está a comandar a companhia há cerca de um mês, eu considero que a desconfiança é mais em mim do que nele. Mas tudo bem. Os actos ficam com quem os pratica. Quanto à saída, concordo com o Cristo. Apesar de ser mais antigo do que ele, o Cristo conhece melhor do que eu toda a zona, cumprirei à risca as instruções que dele receber.

— Vocês têm razão — afirmou o capitão Andrade. — Mas se havia alguma desconfiança era em relação ao Xáxa. A operação estava planeada desde o tempo dele. Se o comandante da companhia já fosse o Cristo, eu não viria até aqui para comandar a operação. Isto foi apenas um mal-entendido que temos que esquecer. Sairemos à noite. A preparação das companhias é convosco.

— Mais alguma coisa? — disseram ao mesmo tempo o Cristo e o Leão. — Boa noite.

Cristo seguiu de imediato para uma reunião com os seus subalternos.

— Vamos a Salancaur para localizar um acampamento inimigo. Trata-se do acampamento onde estão instalados os guerrilheiros que têm, nesta área e com tão bons resultados, emboscado a nossa companhia. Vamos duas companhias pelo que teremos na área efectivos suficientes para resolver qualquer situação que surja. Sairemos à frente, com o Ribeiro em primeiro escalão a desbravar o mato. Digam ao Samba que queremos um bom guia. Pode ser o filho dele que costuma caçar na área e a conhece bem. Segundo o capitão Andrade o acampamento fica um pouco para lá de Melinde, mas do mesmo lado da estrada. Saímos à meia-noite e eu vou no pelotão do Ribeiro, entre a 1ª e a 2ª secções. A seguir vai o Oliveira que é o menos experiente e depois o Carvalho. Cuidado com a ruptura da coluna durante a noite. Para não se perderem, cada homem agarra o cinturão do homem da frente com a mão esquerda. Se acontecer a ruptura da coluna, a parte de trás pára e não sai do sítio. Logo que me aperceba do facto mandarei o guia atrás para reunir a coluna. Só reiniciaremos a marcha à minha ordem. O Carvalho tem que ter especial atenção à ligação com a companhia de Catió. O nosso capitão Andrade comanda a operação. Se houver contacto agiremos

da forma que acharmos melhor. Durante a progressão, no patrulhamento e batida, cumprirei as ordens do capitão Andrade mesmo que não concorde com elas. Regressaremos ao quartel só quando o capitão Andrade der ordens para tal. Sei que não gostam do nosso capitão Andrade, mas peço compreensão para toda esta situação. Que o facto de não gostarem não sirva para me arranjam mais complicações do que as que já tenho. Alguma dúvida?

— Não meu capitão, não temos duvidas, eu pelo menos não tenho — disse o alferes Ribeiro.

— Não gostamos que o capitão Andrade comande a operação. É um insulto ao meu capitão e ao capitão Leão que é um gajo bestial, enquanto que o capitão Andrade tem mostrado ser um sacana que não gosta dos militares de Bedanda nem da companhia de intervenção de Catió. Não gostamos que insultem as pessoas por quem temos consideração. Mas o meu capitão pode estar descansado que não vai haver problemas.

O capitão Cristo arrumou a questão:

— Bem, como disse, saímos à meia-noite. Formem os vossos pelotões e dêem as instruções necessárias a tempo e horas para não nos atrasarmos. Até já.

— Até já meu capitão, disseram os alferes.

O capitão Cristo dirigiu-se ao seu gabinete e disse ao Lassen para ir buscar a espingarda, deixá-la no gabinete com seis carregadores cheios e mais quatro granadas, duas ofensivas e duas defensivas. Mandou-o preparar-se para sair e dizer ao Joãozinho, o 2º guarda-costas, que se preparasse também. Depois pensou que a operação não encaixava bem nas informações existentes na Companhia. Na mata, à esquerda da estrada que ligava Bedanda a Guileje, não costuma haver contactos durante os patrulhamentos, sendo mais provável que o aquartelamento esteja algures à direita. Mas o assunto interessava pouco, agora. Ordens são ordens e os guerrilheiros estão por todo o lado. Encontrá-los ou não era uma questão de sorte ou azar. Seja o que Deus quiser.

À meia-noite toda a tropa estava pronta para sair. O capitão Cristo saiu do seu gabinete fardado e equipado para o mato. Perguntou ao capitão Andrade se podiam

iniciar a marcha e deu então ordem para iniciar o deslocamento. Seguiram pela estrada nos primeiros 500 metros e depois através da mata densa onde a progressão é mais difícil. Tinha sido calculado o tempo de 6 horas para andar 8 kms, o que indica bem as dificuldades do percurso. Às 6 horas e meia da manhã estavam na área do objectivo. Demoraram mais meia hora, o que não era mau.

Começou o patrulhamento da mata, seguindo em ziguezague para que todos os pontos fundamentais fossem batidos. Dos guerrilheiros nem rastros. Cerca das dez horas da manhã o capitão Andrade chama pelo rádio.

— Cristo, aqui Andrade, escuto.

— Andrade aqui Cristo, escuto.

— Cristo gostaria de saber onde está, escuto

Andrade, tem uma carta na mão? Localize a sua posição, eu estou 500 metros à sua frente. Estamos na mata onde disse que estava o acampamento, estamos fartos de a bater e não localizámos nada. Desconfio que o acampamento não está nesta zona. Como não é possível ir atrás de si, se quiser falar-me pessoalmente venha aqui à frente. Posso mandar um guia buscá-lo, escuto.

— Cristo, aqui Andrade, recebido. Não é preciso eu ir aí à frente. Desloque-se mais para o lado de Caboxanque e continue a bater a mata, escuto.

—Andrade, aqui Cristo. Recebido. Vou virar um pouco à minha direita e continuar o patrulhamento. A marcha é difícil porque ou temos capim alto como o diabo ou mata densa, e é preciso abrir caminho por este emaranhado. Para vocês é melhor, é só vir pelos nossos trilhos, escuto.

— Cristo aqui Andrade, recebido e terminado.

O patrulhamento continuou sem paragens por mais 4 horas. Parar agora era perigoso. Andar sem objectivo não o era menos. O capitão Cristo interrompeu o silêncio e falou pelo rádio para dizer:

— Andrade, aqui Cristo, escuto

— Cristo, aqui Andrade, escuto.

— Andrade, se eu continuar nesta direcção mais meia hora vamos ter à estrada que liga Bedanda ao Mejo. Julgo que o acampamento não está nessa estrada. Aguardo ordens, escuto.

— Andrade, aqui Cristo. Dê uma volta. Afaste-se da estrada e embrenhe-se na mata em direcção ao rio. Continue o patrulhamento, escuto.

— Andrade, entendido. Vou dar uma volta pela nossa esquerda e depois sigo pela mata em direcção ao rio, escuto.

— Cristo, aqui Andrade, correcto e terminado.

O patrulhamento continuou até às 4 horas da tarde sem encontrarem vestígios dos guerrilheiros. Tinham a certeza de já terem sido vistos, mas não os atacavam porque a tropa estava em maior número e eles também não queriam que localizássemos o acampamento. Sabiam que tantas voltas significavam que a tropa não tinha informações correctas para a localização do acampamento. Às 4 horas da tarde o capitão Andrade deu ordens para regressar ao quartel. Nessa altura, o capitão Cristo disse aos seus subalternos:

— Ribeiro, aqui Cristo, escuto.

— Cristo, aqui Ribeiro, escuto.

— Ribeiro, aqui Cristo. Terminou o patrulhamento e a batida. Vamos regressar ao quartel. Escolha o caminho mais fácil. O guia vai consigo, conhece bem a zona. Eu, o Oliveira e o Carvalho vamos atrás de si. O Oliveira que preste atenção á ligação consigo e também com o Carvalho. O Carvalho que tenha cuidado com a retaguarda e com a mata à sua esquerda. Eles podem-nos ou flagelar a cauda da coluna. Vai começar a noite, temos que atravessar a bolanha e isso não é fácil. Ponha um sargento em ligação à vista com a outra companhia. Informem-me com urgência de algo suspeito. Sorte e terminado.

O Ribeiro escolheu um percurso dos diabos. Na bolanha junto ao rio, mal chegaram, ficaram enterrados na lama acima dos joelhos. A marcha era penosa e o pessoal estava muito cansado. Estavam a andar desde a meia noite num percurso nada

fácil. O capitão Cristo interrompeu o silêncio e contactou o Ribeiro que logo se pôs em escuta.

— Ribeiro, aqui Cristo. Ouve meu sacana, que percurso escolheu o guia? Vou aí à frente e rebento-lhe o focinho. Ele deve estar a gozar connosco ou então está a retardar a marcha de propósito para os guerrilheiros, ao cair da noite, nos montarem uma emboscada. Uma emboscada nocturna, com a tropa na bolanha aos ziguezagues em cima dos ouriques⁶, vai ser bom de ver. Não me lixe mais que eu sou filho de uma senhora doente, escuto.

— Cristo aqui Ribeiro. Tem que me rebentar o focinho a mim, pois fui eu e não guia quem escolheu o itinerário, mas está tudo sobre controlo. Os guerrilheiros aqui não chegam porque o nosso quartel está perto, já vejo as luzes ao longe. Se eles viessem até era bom, descarregaríamos a bília sobre eles. Quando chegar ao quartel eu explico a razão da escolha deste itinerário.

— Ribeiro, aqui Cristo, arranja uma boa razão para tudo isto. Terminado.

Chegaram ao quartel por volta das 10 horas da noite com a tropa em farrapos. Foi duro e nem sequer tinham tido o prazer de fazer o gosto ao dedo. A raiva contida no coração destes homens era tão evidente que nem uma sopa quente ao chegar e um bom banho a podiam atenuar. Pouco depois o alferes Ribeiro deu a justificação do itinerário que tinha escolhido.

— Meu Capitão, o capitão Andrade tinha que pagar pelo que fez. Não mais vai querer vir fazer operações a Bedanda porque verificou, na carne, a dificuldade em andar na mata e na bolanha. Foi pena não haver uns tirinhos pois isso ia tornar a situação mais real. Paciência, não se pode ter tudo. Agora, o meu capitão vai ficar aqui comigo para vermos chegar a tropa toda. Quero ver a entrada triunfal do capitão Andrade no quartel. Desculpe a partida que lhe preguei.

— És um grande sacana — disse o Capitão Cristo. — Por mim estás perdoado pois a intenção foi boa. Também quero ver a cara do capitão Andrade quando chegar. Já

⁶ dique principal duma bolanha feito de lama e de paus

leva alguma coisa para contar aos netos quando for velho. Põe aí alguém a dizer aos comandantes de pelotão e da companhia de Catió que há sopa quente para quem quiser. Os nossos que não quiserem que vão tomar banho e depois deitar-se.

Meia hora depois chegou o capitão Andrade. Vinha sem arma, um soldado trazia-a. Não trazia nem o cantil, nem o bernal, outro soldado trazia-os. Vinha em cabelo, desabotoado, suado e cheio de lama quase até à anca. Se lhe pusessem uma mão na boca, morria. A tropa de Bedanda e a companhia de Catió estavam vingadas. Mandou imediatamente fazer um RELIM, um Relatório Imediato enviado por mensagem, que dizia:

— Missão cumprida. Batida toda a mata. Não foi localizado o acampamento e dos guerrilheiros nem vestígios deles. A tropa portou-se muito bem. Terreno de actuação muito difícil tanto na mata como na bolanha.

Depois disso, foram descansar. Logo de manhã, a companhia de Catió seguiria para o seu quartel nos barcos de reabastecimento. A tropa de Bedanda continuaria no seu sítio cumprindo a sua missão. Antes da partida, o capitão Cristo ainda disse ao capitão Andrade:

— Ouve, Andrade. A companhia tem a menos um subalterno que está em Ganjola. Faz-me falta. Hoje deixei o quartel sem um oficial. Por isso peço-te para dizeres ao nosso comandante de batalhão que me envie o Cordeiro de volta, com urgência.

— Está bem, Cristo. Tu sabes que o Cordeiro foi para o batalhão porque o Xáxa não o queria cá, por ser muito insubordinado. Mas se tu o queres, ele virá no próximo avião do correio.

— Quero-o e com urgência. Pode ser indisciplinado no quartel mas é muito bom na mata, e não estou aqui a preparar tropa para a parada.

— Está bem, ele virá com urgência.

— Obrigado e dá cumprimentos meus ao nosso comandante.

UMA OPERAÇÃO PARA ESQUECER

O capitão Cristo foi chamado ao Comando do Batalhão, que lhe enviou uma DO⁷ para se deslocar a Catió. Ao chegar, foi informado pelo oficial de operações que ia ser feita uma operação em Caboxanque. É uma tabanca bem dentro da mata do Cantanhez que fica a sul de Bedanda. Na sala de operações encontrou o capitão Galante, comandante da companhia de Cufar, que lhe diz de imediato:

— Parece que vamos a Caboxanque. Vais tu e eu, e aquilo é duro. O Nino mora na área, os seus guerrilheiros não podem perder o controlo da bolanha nem da mata, por isso vão dar muita luta.

— Seja o que Deus quiser — responde o capitão Cristo. — Se a ordem é ir a Caboxanque, então vamos a Caboxanque. Vamos ver como está planeada a acção pelo comandante do batalhão.

Na presença do comandante e do 2º comandante do batalhão, do comandante da companhia de intervenção assim como do oficial de reabastecimento, o oficial de operações expôs o seu plano de acção.

— Vamos a Caboxanque dentro de dias. Para esta acção contamos com o apoio da Marinha que se prontifica a colocar uma das nossas companhias em frente de Caboxanque, através dos rios Cumbijã e Bixanque. A Força Aérea também nos apoia com uma parelha de T-6⁸ em cima do alvo, a partir das 8 horas da manhã até às 5 da tarde no dia da operação.

O plano de operações previa a utilização das companhias de Cufar e de Bedanda. Mas tudo tinha que ser feito muito rápido pois a área era fortemente controlada pelos guerrilheiros. Além disso, havia o problema das marés que sujeita a Marinha a horas certas para sair. Por outro lado, os aviões não davam apoio de noite. O oficial de operações retomou a descrição do plano.

⁷ a célebre Dornier, avião ligeiro, monomotor, burro de carga na Guiné

⁸ North-American T-6, bombardeiro convencional, monomotor, cabine dupla

— A companhia de Cufar embarca numa LDM⁹ em Mantefunga e será transportada pelos rios Cumbijã e Bixanque até próximo da mata de Caboxanque onde desembarcará. Seguirá depois para a mata de Caboxanque, batendo toda a zona. À ordem, embarcará depois na LDM que aguardará no local pelo fim da operação. Andrade, não se esqueça de combinar com o comandante da lancha a hora a que deve regressar ao local de embarque.

A companhia de Bedanda irá sair a pé do seu aquartelamento, dirigindo-se sucessivamente a Bochenam, Ungane, e depois, através da mata que deveria ser batida minuciosamente, até Flaque Injã. Embarcará depois, à ordem, numa LDM, na área da bolanha de Caboxanque.

— A Marinha, — concluiu o oficial de operações — levar-vos-á depois de regresso aos vossos quartéis. Eu ou o nosso comandante estaremos sempre numa DO, constituindo um PCA¹⁰. Há dúvidas?

— Eu não tenho dúvidas — disse o capitão Galante. — Quero no entanto informar que, estando a Marinha sujeita às marés e não sendo possível passar a noite na área, temos pouco tempo para estar no objectivo.

— Para mim — disse o capitão Cristo, — as dúvidas ainda são maiores. Tenho muito para andar por matas muito densas, onde a progressão é sempre lenta, e mais lenta será ainda se me acontecer um encontro com os guerrilheiros. Há zonas onde, para andar 1 km vou demorar mais de 1 hora. Tenho receio de não chegar a horas ao local de embarque.

— Terá que chegar a horas — disse o comandante. — Um dos objectivos é esse e terá de o cumprir. Se não têm mais dúvidas, damos por terminada a reunião e vamos almoçar. O Galante regressa agora a Cufar com a sua coluna, sai à hora que entender. O Cristo vai de DO para Bedanda e leva o alferes Cordeiro. Até já.

⁹ lancha de desembarque da Marinha

¹⁰ Posto de Comando Aéreo

A companhia de Bedanda desejava esta operação por já ter levado muita porrada por lá. Tinham agora a oportunidade de retribuir as gentilezas recebidas. Mas ia ser, no entanto, muito difícil. A operação seria denunciada logo que a companhia de Cufar embarcasse nas LDM. Assim que começassem a subir o rio Bixanque, os guerrilheiros seriam alertados e informados de que a tropa ia actuar na área de Caboxanque. Reforçando, então aí, rapidamente os seus efectivos, poderão ficar à espera da tropa. Outro inconveniente seria embarcarem nas LDM no final da operação mesmo em frente de Caboxanque. Os guerrilheiros não iriam perder a oportunidade de lhes dar mais uma sova, uma valente sova. No dia marcado, antes do início da operação, o capitão Cristo deu as suas ordens.

—Vamos amanhã à mata do Cantanhez, em Caboxanque. Sairemos hoje pelas 9 horas da noite. Quero estar em Ungane pelas 8 horas da manhã. O Ribeiro vai à frente, a seguir vai o Carvalho e por último o Cordeiro. Eu sigo entre a 1ª e a 2ª secções do Ribeiro. O régulo Samba é do Cantanhez, ele que nos arranje um bom guia. Depois de atingirmos Ungane seguiremos pela mata para Flaque Injã. A companhia de Cufar estará na área de Caboxanque. O nosso maior cuidado é saber o que se passa aí, porque o inimigo pode meter-se entre nós e a companhia de Cufar, fazer fogo para os dois lados e retirar a seguir. Nós ficaremos aos tiros uns aos outros. Cuidado com essa brincadeira. Embarcaremos numa LDM em Caboxanque que nos trará de regresso a Bedanda. O Oliveira fica no quartel a tomar conta disto. Alguma dúvida?

— Não senhor, meu Capitão — responderam os alferes.

—Estudem bem a acção e fiquem prontos às 9 da noite para sairmos. Por agora, bom dia para todos e sorte para esta noite e para amanhã, pois julgo que bem vamos precisar.

— Bom dia, meu Capitão e até logo.

À hora exacta a companhia de Bedanda saiu do seu aquartelamento. Andou toda a noite através da mata, tendo passado pela tabanca de Bochenam que está destruída, seguindo depois para Ungane onde chegou ao raiar da aurora, mas guerrilheiros nem vê-los. A companhia de Cufar, com o barulho das LDM tinha-se encarregado de os atrair para a sua zona. Em Caboxanque o tiroteio era grande. Começámos a dirigir-nos

para lá, através da mata. Tínhamos a vantagem de ainda não termos sido descobertos. A marcha era lenta e penosa mas tínhamos a esperança de apanhar o inimigo de surpresa pela retaguarda. Apareceu depois a DO lá por cima e procurou o contacto.

— Cristo, aqui pássaro, escuto.

— Pássaro, aqui Cristo, escuto.

— Cristo, diga a sua posição e o que já fez.

— Pássaro, aqui Cristo. Acabei de entrar na mata vindo de Bedanda, próximo de Bochenam. A tabanca continua deserta e destruída, segui depois para Ungane. Progressão difícil, deixei Ungane e vou a caminho da Flanque Injã, faltam cerca de 2 kms, devo chegar dentro de 1 hora, mais coisa menos coisa. Mata mais aberta por aqui, progressão mais rápida. Ainda não houve contacto com os guerrilheiros. Não nos localizaram ainda e julgo que vamos chegar perto deles, ao local onde já há barulho com a companhia de Cufar, sem sermos detectados. O que se passa em Caboxanque, que estamos fartos de ouvir tiroteio?

— Cristo, aqui Pássaro. A companhia de Cufar localizou um acampamento, que assaltou. Os guerrilheiros iniciaram uma perseguição e estão agora à vossa espera no caminho para o embarque. A Marinha não pode esperar mais de duas horas. Não vá a Flanque Injã. Contorne toda a mata, entre na bolanha e quando lá chegar verá as lanchas e a tropa de Cufar. Dirija-se imediatamente para as LDM.

— Pássaro, aqui Cristo. Entendido. Penso que deveria ir por Caboxanque e atacar o inimigo pela retaguarda porque eles ainda não sabem que eu ando por aqui e posso apanhá-los de surpresa. Solicito autorização para fazer isso.

— Cristo, aqui Pássaro. Atenção, não pode ir a Caboxanque porque está ser bombardeada pela Força Aérea, e toda a orla da mata está sob fogo intenso das lanchas da Marinha e da companhia de Cufar. Retire da zona senão fica aí sozinho.

— Pássaro, aqui Cristo, vou retirar. A Marinha que espere por mim que vou o mais rápido que puder, escuto.

— Cristo, aqui Pássaro, entendido e terminado.

— Ribeiro, aqui Cristo.

— Cristo, aqui Ribeiro.

— Ribeiro, a festa parece que está rija em Caboxanque. Não vamos a Flanque Injã. Contorne a mata, entre na bolanha e vamos direitos às LDM. Temos duas horas para fazer isso, temos de dar à perna.

— Cristo, aqui Ribeiro. Não pode ser. Temos de ir a Caboxanque. Nunca tivemos uma oportunidade tão boa para lhes dar uma sova. Eles nem sabem que nós existimos, e quando lhes cairmos em cima vai ser um festival. Os meus homens já estão a afiar os dentes, escuto.

— Ribeiro, aqui Cristo. Faça o que lhe mandaram e não chateie. Também lamento o que se está a passar, mas as ordens são para cumprir e a Marinha não espera nem mais um minuto.

— Cristo, aqui Ribeiro. Entendido, escuto.

— Ribeiro, aqui Cristo. Terminado

Rapidamente a tropa de Bedanda contornou a mata, meteu-se pela bolanha e avistou as LDM e a tropa de Cufar. Ainda ouviu os guerrilheiros na orla da mata a fazerem fogo para as lanchas e para a companhia de Cufar, que ia respondendo como podia. Quando os guerrilheiros nos viram, começaram também a fazer fogo sobre nós. Mas a calma da companhia era impressionante. Em bicha de pirilau, em marcha descontraída sobre os ouriques da bolanha em direcção às LDM. Os tiros dos guerrilheiros batiam nos ouriques, mas a companhia nem se dava ao trabalho de responder. A amargura daqueles homens era grande e terrível. Se naquele momento apanhassem o comandante do batalhão trincavam-no. O silêncio do rádio é interrompido pelo Cordeiro

— Cristo, aqui Cordeiro.

— Cordeiro, aqui Cristo, diga o que pretende, escuto.

— Cristo aqui Cordeiro. Isto é uma merda. Fartámo-nos de andar à procura deles. Quando os encontrámos, retiramos. Nunca pensei embarcar em Caboxanque debaixo

de fogo. Os guerrilheiros devem estar a rir-se de nós. Estou farto disto. Sinto os tiros nos ouriques e apetecia-me correr com os meus homens para a mata e dar cabo do canastro àqueles filhos da puta, escuto.

— Cordeiro, aqui Cristo. Calma menino. Perdemos esta oportunidade mas outras hão-de surgir. Vamos embarcar, escuto.

— Cristo, aqui Cordeiro. Quero que se lixe isto tudo. Não se vão ficar a rir de nós. Está a ver aquelas vacas à nossa direita? Vou sair da bicha e vou buscá-las e levá-las para as LDM na cara deles. Vou roubar as vacas e os marinheiros têm que as levar. Terminado.

— Cordeiro, aqui Cristo, não faça isso.

O Capitão Cristo nem teve tempo de dizer mais nada. O Cordeiro e os seus homens já iam a meio da bolanha, em direcção às LDM, com as vacas. Foi debaixo de fogo que a tropa teve que embarcar, mas os guerrilheiros tiveram que assistir à coragem da tropa de Bedanda que, nas suas barbas, lhes surripou 14 vacas. A Marinha, depois de muita insistência, lá embarcou as vacas, ficando onze para a companhia de Bedanda e três para os marinheiros. Tudo negócio feito pelo Cordeiro. Iriam ter carne para alguns dias. A nossa vacaria ficava na área controlada pelos guerrilheiros, mas nós íamo-nos abastecendo desta forma pouco ortodoxa, não tínhamos alternativa. Ou vacas roubadas ou nada. Chegados à Companhia, cansados física e psicologicamente, o mais difícil de acalmar era o capitão Cristo que dizia mal da companhia de Cufar e do Comando do Batalhão.

— Não há direito, — dizia ele — que se tenha perdido uma oportunidade de dar uma sova aos guerrilheiros. Estes gajos não sabem aproveitar as ocasiões, têm mas é um medo do caraças. Isto não pode voltar a acontecer com a minha companhia. Mas eu sou o culpado, pois, quando estava na mata, não devia ter cumprido a ordem de embarcar. Se eu não fosse tão maçarico, tinha ido em frente, acontecesse o que acontecesse. Uma operação para esquecer.

ALERTA MINAS!

Cobumba, logo do outro lado do Cumbijã, era uma área controlada pelos guerrilheiros e constituía um perigo para a navegação no rio e também para o pessoal dos barcos quando ancorados no porto exterior de Bedanda. A tabanca ficava a 2 km do porto e todos os homens estavam armados constituindo uma milícia do inimigo. Nas proximidades havia um acampamento de guerrilheiros que tinha por missão estabelecer a ligação a Chugué e a Cabolol, ao mesmo tempo que controlava a tabanca e flagelava o porto. Cobumba está localizada na área da companhia de Cufar, mas o que lá se passa interessa mais a Bedanda porque é pelo rio e pelo porto que a Companhia, uma vez por mês, recebe os géneros para a alimentação, as munições e todos os demais reabastecimentos, incluindo medicamentos. É portanto uma área sensível para os militares de Bedanda. É raro a companhia de Cufar subir até Cobumba, mas é frequente a de Bedanda, com ou sem autorização do Comando do Batalhão, penetrar na área, atravessando o rio de noite no porto exterior. Por isso e porque a livre descarga dos barcos sempre preocupou o capitão Cristo em termos de segurança, resolveu atravessar o rio, penetrar em Cobumba e fazer uma batida para localizar o acampamento inimigo. Era preciso ir lá urgentemente, até para poder combater o mal-estar causado por aquela outra operação em que nem o rio foi atravessado.

— Lassen — chamou o capitão Cristo, — vai chamar os nossos alferes.

— Sim, nosso capitão. Também vou chamar o nosso alferes Ribeiro?

— Sim, Lassen, quero aqui no gabinete todos os nossos alferes.

Meia hora depois os alferes batiam à porta do gabinete do capitão e entravam.

— Bom dia meu capitão, há guerra?

— Guerra há sempre porque estamos em zona de combate e cercados por todos os lados. Agora, no entanto, quero tratar duma guerra especial. Falem-me de Cobumba, começamos pelo Oliveira.

— Meu capitão, eu nunca fui a Cobumba pois estou na companhia há pouco tempo. Dizem que é perigoso ir lá sem apoio aéreo. Os guerrilheiros estão no meio da

população e todos os homens estão armados. Dizem que o caminho entre o porto e a tabanca está minado.

— Carvalho, sou todo ouvidos.

— Meu capitão, o Oliveira tem razão. É uma zona má. É impossível chegar lá de surpresa, o rio é muito largo. Peço ao meu capitão para pensar um pouco antes de decidir ir lá sem outra companhia.

— Muito bem, é a sua vez Cordeiro.

— Meu capitão, aquilo em Cobumba é duro, mas quem vai à guerra dá e leva. É verdade o que já foi dito. Penso, no entanto, que ou vamos sozinhos ou não vamos, porque o batalhão não vai pôr uma companhia à nossa disposição.

— Se quiser ir a Cobumba, — diz o Ribeiro — conte comigo que eu gosto de festa. Tudo o que foi dito sobre Cobumba é verdade. Já lá fui e fiquei à porta, não nos deixaram entrar na povoação. É uma tabanca grande, com as casas espalhadas e estendidas de ambos os lados da estrada. O terreno favorece quem defende. Quando lá fui apenas chegámos até às primeiras casas. Depois, bem depois foi o inferno e tivemos que retirar. Todos os homens estão armados. Um grupo mais aguerrido está num acampamento que fica próximo, quase, quase agarrado à povoação. Além disso, Cobumba pode ser facilmente reforçada por indivíduos vindos do Chugué e de Cabolol. Penso que é possível lá ir, mas teremos dissabores. Além disso, o porto exterior, do lado de lá, costuma estar minado e a estrada para Cobumba também. Para mim, no entanto, o mais perigoso é atravessar o rio que é largo naquele ponto e tem de ser atravessado de noite. Para aniquilar a 1ª secção, basta um homem do lado de lá, à espera, pronto para lançar uma granada de mão para dentro do barco. Se tal acontecer, perdemos uma secção e não atravessamos o rio. É possível irmos lá mas com muito cuidado.

— Muito bem, estou elucidado. Em resumo, riscos elevados na travessia, um percurso por estrada minada, baixas se uma mina for accionada e guerrilheiros postos em alerta. Na povoação, quando lá chegarmos, encontraremos um grupo aguerrido que nos vai impedir a entrada e que pode ser rapidamente reforçado. No final, temos

que retirar e regressar ao rio para o atravessar de novo com a hipótese de, nessa altura, sermos acoados pelos guerrilheiros. É este o resumo de tudo o que me disseram. Eu acrescentaria que não temos apoio aéreo e que se tivermos mortos ou feridos teremos que os trazer para casa às costas. Correcto, este resumo?

— Está sim, meu capitão — disseram os alferes.

— Muito bem, disse o capitão Cristo. — Vamos a Cobumba por fases. Na 1ª fase levantamos as minas no porto exterior e limpamos a estrada. Vamos fazer isto amanhã. Quem na companhia já levantou minas?

— Ninguém, disse o Ribeiro. — Tínhamos um sargento que fazia isso mas já foi transferido. Eu posso levantar.

— Como ninguém sabe levantar minas vou fazer eu o serviço. Saímos amanhã de manhã, às 9 horas. Vou eu com o Ribeiro, o Cordeiro e o Carvalho. O Oliveira toma conta do aquartelamento e providencia para que, às 10 horas da manhã, estejam três barcos de borracha com motor no porto exterior. Vai lá uma camioneta levá-los para não cansar os homens. Vamos a pé e quando chegarmos, o pelotão do Carvalho entra nos barcos e passa para a outra margem ficando instalado a sul da estrada. Os barcos regressam e passam o pelotão do Cordeiro que vai ficar do lado norte da estrada. O Ribeiro monta segurança no porto, do lado de Badanda, impedindo envoltimentos. Leva dois morteiros 81 e monta uma base de fogos no mesmo local. Nomeia um sargento e três soldados para picarem o porto e a estrada. Sinalizam as minas e eu levanto-as. Não regressamos a casa enquanto não picarmos a estrada e as minas não forem levantadas. Eu não posso levantar as minas e comandar a tropa ao mesmo tempo. O Cordeiro substitui-me no comando da tropa que está na margem do lado de Cobumba enquanto eu estiver a levantar as minas. Tem de resolver todos os problemas porque eu não venho embora sem levantar as minas e não deixo o meu trabalho por mais tiroteio que haja. A vossa missão é dar-me segurança, a mim e aos homens que picam a estrada. Entendido?

— Sim, meu capitão.

— Só mais uma coisa. Formem os homens meia hora antes de sairmos e expliquem-lhes o que vamos fazer e qual o nosso objectivo. Quero que seja bem frisado que não pretendemos ir a Cobumba mas apenas levantar as minas para termos o porto e a estrada desimpedidos. Quando regressarmos, quero que os homens possam comparar o que fizemos com o objectivo que tínhamos e deduzam se cumprimos ou não a missão. Podem sair. Às 9 horas estamos todos na povoação comercial para sairmos.

— Até logo, meu capitão — disseram os alferes.

— Até logo.

À saída do gabinete os alferes traziam cara de preocupados. O caso não era para menos. Iam levantar minas e só o capitão as sabia levantar. Uma mina podia rebentar e perdiam logo o capitão. Podiam ter que pagar um preço muito elevado pelas minas. O capitão tinha razão. As minas tinham que ser levantadas para demonstrar aos guerrilheiros que não valeria a pena voltarem a colocá-las porque não seria isso que impediria o avanço da tropa de Bedanda quando esta quisesse passar. Por outro lado, ia haver tiroteio de certeza. Os guerrilheiros ouviriam as camionetas e os motores dos barcos, e instalar-se-iam na orla da tabanca à espera da tropa. É certo que se tudo resultasse, esta acção iria ter um efeito positivo no moral dos soldados, enquanto os guerrilheiros ficariam preocupados e com o moral em baixo.

Os pensamentos do capitão e dos seus alferes, quais seriam? Apreensão? Receio? Todos tinham que saber o que fazer no caso de a operação dar para o torto. Todos tinham que estar preocupados em providenciar todo o material necessário para o trabalho que iam executar. O capitão Cristo transmitiu as ordens ao seu guarda-costas.

— Lassen, quero a minha arma bem limpa aqui no gabinete. Quero todos os carregadores com munições e quatro granadas de mão, duas ofensivas e duas defensivas. Quero a minha faca de mato preparada e quero um cordão com dez metros de comprimento. Não quero o cordão muito grosso. Dizes ao nosso sargento do material de guerra que se não tiver cordão bom na arrecadação que vá à povoação comercial comprá-lo. Quero ver tudo isso antes da noite. Vamos sair, prepara-te para saíres comigo.

- Sim senhor, nosso capitão. O Joãozinho também vai?
- Vai, mas só lhe dizes amanhã de manhã ao café.
- Onde vamos?
- Não sei, e a ti não te deve interessar muito o local onde vamos.

No dia seguinte, às 9 horas da manhã, o capitão chegou à povoação com os pelotões do Carvalho e do Cordeiro. O Ribeiro já estava à sua espera com o seu pelotão pronto para integrar a coluna. O capitão mandou o Ribeiro seguir à frente pois a segurança no porto era a primeira acção a executar. A seguir ia o Carvalho e por fim o Cordeiro. Seguiam pela ordem em que tinham de actuar. Praticamente não houve conversas. Os oficiais tinham confiança uns nos outros e sabiam que todos se tinham preparado muito bem para cumprirem a sua parte da missão. Às 10 horas chegaram ao porto exterior ao mesmo tempo que chegavam as viaturas com os barcos que, rapidamente, foram preparados para a travessia. O Carvalho atravessou com o seu pelotão e desapareceu no tarrafo¹¹. Os barcos regressam e só um deles iniciou nova viagem para transportar o capitão, os seus guarda-costas e a equipa que ia picar a estrada. O capitão desembarcou e esperou na outra margem enquanto a equipa de picagem começava a picar o porto e a estrada. O barco regressou à outra margem, por segurança.

Estava tudo silencioso. Os homens do Carvalho e do Cordeiro estavam já à frente, a cerca de 1 km da margem. Foram mandados parar e abrigar nos ouriques da bolanha. No porto não foi localizada nenhuma mina. Começaram a picar a estrada e de imediato localizaram e sinalizaram uma mina. Foram também mandados parar e abrigar-se nos ouriques. O capitão Cristo avançou.

— Cordeiro, aqui Cristo. Foi localizada a primeira mina, vou começar o levantamento. Como vai isso por aí? Está tudo demasiado silencioso. Tanto tu como o Carvalho devem ter cuidado com os fulanos. O pior que nos podia acontecer era os gajos meterem-se entre nós e o rio em vez de nos atacarem do lado de Cobumba, escuto.

¹¹ terreno junto dum rio com arborização ligeira por oposição a mata cerrada

— Cristo, aqui Cordeiro. Vejo alguns elementos a vigiarem-nos do lado da povoação. Julgo que eles ainda não perceberam qual é a nossa ideia, escuto.

— Cordeiro, aqui Cristo, aguenta o barco e não me chateies mais.

— Ribeiro, aqui Cristo. Morteiros apontados a Cobumba. Fogo apenas à ordem do Cordeiro. Aguenta-me essa retaguarda e cuidado com envoltivos por indivíduos que atravessem o rio, mais acima ou mais abaixo. Sem ti e sem os teus barcos estamos perdidos.

— Cristo, aqui Ribeiro. Esteja descansado. Se eles quiserem vir que venham pois saberão que estamos muito bem preparados para uma boa recepção. Sorte no levantamento das minas.

— Cordeiro, Carvalho e Ribeiro, aqui Cristo. Vou iniciar agora o trabalho. Terminado.

O capitão, com a sua faca de mato, começou a picar a estrada a toda a volta da mina. Identificou esta mina e transmitiu a identificação ao Lassen para que a transmitisse aos pelotões. O Lassen transmitiu a indicação.

— Cordeiro, Carvalho, Ribeiro, mina identificada. É de madeira e de pressão. Cristo continua a picar a terra em volta para a desenterrar completamente porque receia que esteja armadilhada. Terminado.

O capitão, indiferente a tudo o que se passava à sua volta, continuava a picar a terra, tentando fazer um buraco debaixo da mina. O suor escorria-lhe pela testa. Era grande a tensão pois sabia que um pequeno erro podia ser a sua morte ou, no mínimo, a sua incapacidade física. Os seus guarda-costas estavam a 5 metros de distância com os ouvidos atentos à voz do capitão. Eles sabiam, como veteranos de guerra que eram, que o seu capitão corria perigo e que eles nada podiam fazer para o ajudar. Conseguiu furar a terra por baixo da mina sem a molestar e começou a passar o cordão por baixo. O cordão passou, a mina foi amarrada e o capitão disse ao Lassen para informar os alferes.

— Carvalho, Cordeiro, Ribeiro. Mina presa pelo cordão, capitão vai puxar a mina depois de se abrigar. Se rebentar, é porque está armadilhada e não há problema. Terminado.

A mina foi puxada e não rebentou. O capitão retirou e guardou o cordão, tendo de imediato retirado o detonador da mina. Entregou a mina ao Joãozinho para que a fosse levar ao porto, tendo recomendado para que o detonador e a mina ficassem separados, e seguiu para o local onde outra mina já tinha sido localizada. Já havia três minas localizadas e os picadores ainda só tinham andado 300 metros.

Agora, junto da segunda mina, o capitão começou a repetir as operações de levantamento. O terreno desta vez era mais duro. A mina foi identificada e era igual à anterior. Mais uma vez o Lassen informou os alferes e perguntou se havia novidades por Cobumba.

— Cristo, aqui Cordeiro, há movimentos em Cobumba. Deve estar próximo um arraial de porrada, escuto.

— Cordeiro, Cristo diz para aguentares. Mas se necessário, avancem mais um bocadinho. Continua a não querer entrar em Cobumba, a missão principal é protegê-lo enquanto levanta as minas. Diga se entendeu, escuto.

— Lassen, aqui Cordeiro, — diz ao Cristo que o festival vai ser grande, mas nós aguentamos. Terminado.

O capitão continuava a levantar a mina. Já estava toda a descoberto, faltava apenas fazer o buraco por baixo para meter o cordão quando o tiroteio rebentou. O barulho dos tiros dos guerrilheiros e a resposta dos soldados tornavam aquela área um inferno. Calmamente, o capitão continuava a levantar a mina.

— Cristo, aqui Cordeiro, isto está um inferno. A orla da povoação está cheia de homens e de armas. Estou a ser atacado e o Carvalho também. É difícil aguentar o barco, acabe com as minas senão ainda cá ficamos todos.

— Cordeiro, aqui Cristo, não exagere. Eles não querem que a gente levante as minas, mas eu vou levantá-las, é a nossa missão principal. Aguenta-te e não me chateies que eu tenho que me concentrar no que estou a fazer. Pede ao Ribeiro fogo de morteiro

sobre Cobumba, vê com a Companhia para apoio de fogo de artilharia. Assim que terminar o trabalho eu digo-te e vamos embora. A segunda mina está pronta a ser puxada e só tenho mais duas para levantar. Terminado.

— Nosso capitão, — disse o Lassen — há uma metralhadora enfiar-nos, os tiros batem aqui perto de nós. Deixe isso porque parado e desabrigado é um bom alvo.

— Lassen, vai chatear a tua tia. Quem manda aqui és tu ou sou eu? Se tens medo vai-te embora que isto aqui é para machos.

— Se nosso capitão fica eu fico, mas isto está muito perigoso. Eu e o Joãozinho vamos tomar posições.

— Afasta-te. Não quero ninguém a menos de 5 metros de mim. Agora deixa-me trabalhar.

Já tinham ido duas minas e a terceira estava quase. Serenamente o capitão Cristo levantou a terceira e ainda uma quarta. Nem ouvia o tiroteio à sua volta. Os alferes estavam preocupados, mas a pressão dos guerrilheiros abrandou com as granadas de morteiro e da artilharia sobre Cobumba. O tiroteio foi diminuindo e terminou com tiros esporádicos, mais para mostrar presença do que para vencer a batalha. O capitão tinha vencido. Bedanda tinha cumprido a missão e os soldados aperceberam-se de que massa era feito o seu capitão.

— Cordeiro, Carvalho e Ribeiro, levantei as quatro minas. Não foi localizada mais nenhuma. Cumprida a missão, vamos regressar a Bedanda. O Ribeiro manda avançar os barcos para a margem de cá. O Carvalho e o Cordeiro mandam retirar metade dos pelotões e tomam posição junto do tarrafo do porto e aguardam. Logo que estejam instalados, os restantes avançam para os barcos. Na segunda viagem vai o resto do pessoal. O Ribeiro fica atento. Se recomeçar o tiroteio vindo de Cobumba, devemos nós recomeçar o fogo sobre a povoação. Assim que chegarmos à outra banda regressamos à Companhia. Os barcos vão nas viaturas que já devem estar voltadas para Bedanda. Escuto.

— Cristo, aqui Cordeiro. Entendido, escuto.

— Aqui Cristo, vou dirigir-me para o porto.

Apenas com tiros esporádicos dos guerrilheiros fez-se a travessia do Cumbijã.

O regresso a Bedanda foi o prémio apetecido. Tinham começado a acção às 10 horas da manhã e só foi dada como terminada às 4 horas da tarde. Tinha valido a pena o sacrifício e toda a tensão vivida porque a missão foi cumprida e provaram aos guerrilheiros e à própria companhia que eram capazes de ir a Cobumba, sempre que quisessem, as minas não seriam obstáculo. Todo o dinheiro das minas — o material capturado dava origem a uma gratificação — foi transformado em cerveja. Beberam oficiais, sargentos e praças, todos os que tinham tomado parte na operação. A alegria era grande entre todos. Antes de ir descansar, o capitão falou com os alferes.

— Tudo correu bem e a vossa tropa portou-se maravilhosamente. Fizemos o que tínhamos planeado e isso é importante. É preciso mostrar ao inimigo e aos nossos soldados que vamos onde quisermos e quando quisermos. Por isso, nunca podemos deixar de cumprir as missões que planeamos. Obrigado ao Antunes, o nosso artilheiro-mor, pelo apoio de fogo que nos prestou. Estamos todos de parabéns. Digam isso aos homens. Depois de amanhã, voltamos a Cobumba para arrasar aquela brincadeira. Falaremos disso amanhã. Agora vão descansar, que bem precisam.

— Lassen.

— Pronto, nosso capitão.

— Pega na arma e nas granadas. Quero tudo bem limpo e arrumado. Vou-me deitar. Que ninguém me acorde. Enquanto eu não sair do gabinete não estou para ninguém a não ser que o sangue comece a correr no quartel. Diz isso aos nossos alferes. Se eu não aparecer à hora de jantar, jantam sem mim.

— Sim senhor, nosso capitão

E assim começou o repouso e o descanso dos guerreiros.

COBUMBA — SEGUNDA VEZ

Depois da operação anterior, o capitão Cristo disse ao Lassen que queria falar com os alferes, que os fosse chamar para virem ao seu gabinete. Foram chegando um a um, o alferes Ribeiro foi o último a chegar. Com todos presentes, o capitão disse o que pretendia:

— Bem, meus senhores, espero que tenham descansado bem porque amanhã voltamos a Cobumba.

— Sozinhos? — perguntou o Ribeiro.

— Não, vamos com os nossos soldados.

— Temos apoio aéreo? — perguntou o Cordeiro.

— Temos o nosso próprio apoio, vamos confiantes nas nossas capacidades. Mais alguma pergunta?

— Não senhor, meu capitão — responderam os alferes.

Os alferes, no seu íntimo, estavam convencidos de que o seu capitão era maluco, mas não se atreveram a dizer nada. E o capitão falou de novo.

— Amanhã vamos entrar em Cobumba. Eles têm que saber que da última vez não entrámos porque não quisemos.

Iriam articular-se da maneira que o capitão Cristo explicou logo a seguir. O Cordeiro com o seu pelotão vai à frente e atravessa o rio. O capitão vai com ele. Depois de atravessar, sai da estrada para a esquerda e contorna a povoação pelo lado sul. Entrará em Cobumba por esse flanco. O Carvalho é o segundo a atravessar o rio, deixa a estrada para a direita e contorna a povoação pelo norte, entre Cobumba e Pericuto, encostado a Cobumba o mais possível. Instala-se aí, fazendo frente a reforços que cheguem de Chugué e de tal modo que possa apanhar quaisquer elementos dos guerrilheiros em fuga. O Oliveira é o terceiro a atravessar o rio e segue pela estrada direito à povoação. Se for atacado avança se tiver condições. Se de todo em todo for impossível avançar, instala-se e enfrenta os guerrilheiros. O Ribeiro leva dois morteiros

e instala-se no porto. Defende-se e controla o porto. Destaca uma secção para outra margem, defende a travessia do rio e fica atento ao que se passa na bolanha, a norte e a sul. Alerta-nos se houver alguma tentativa de atravessarem o rio com a finalidade de nos cortarem a retirada. O Ribeiro faz fogo de morteiro sobre a passagem do rio para Cabolol e sobre o caminho que vem de Pericuto para Cobumba, na passagem do rio. O nosso artilheiro, o Antunes, prepara fogos que executa a pedido, sobre Cobumba, Pericuto e Cabolol, com especial atenção nos vaus dos rios. O Ribeiro garante também a segurança das viaturas e dos barcos.

— Alguma dúvida?

— Eu tenho algumas dúvidas — diz o Cordeiro. O rio é largo, os motores dos barcos fazem barulho, as viaturas que os levam também.

— Tens razão — disse o capitão Cristo. Por isso vamos atravessar o rio apenas com um barco a remos. O barco levará um motor para ser ligado se houver azar.

Para transportar o barco que vai no pelotão do Cordeiro, ficou combinado que cada pelotão dá dois homens ao Cordeiro. O barco vai sair do quartel já cheio. No caso do motor causar problema no transporte, não se leva. Para o regresso, o Ribeiro providencia então três barcos com motor e viaturas para o seu transporte. Alguma dúvida?

— Não senhor — disseram os alferes.

— Então, para terminar, só mais o seguinte. Saímos às 11 horas da noite e quero estar em Cobumba ao raiar da aurora. Se houver fogo durante a travessia ou durante o percurso para o objectivo, não respondemos a não ser que alguns de nós comecem a cair. É natural que os guerrilheiros ouçam barulho, não sabem o que é, e façam tiro de reconhecimento para ver se com a nossa resposta denunciarmos a nossa posição. Avisar bem disso os nossos homens. Rádios em escuta desde a saída do quartel, mas não há conversas antes de iniciarmos a acção, perto do objectivo, a não ser que haja um motivo suficientemente forte para justificar a quebra de silêncio rádio. Se houver feridos ou mortos são evacuados para a entrada da povoação, do lado do porto. O Oliveira leva o sargento enfermeiro e garante a segurança do enfermeiro e dos feridos.

Como do antecedente, os homens formam meia hora antes da saída, é-lhes explicada a missão e já não destroçam. Eu vou aparecer á hora marcada e seguiremos viagem. Bom dia, bom trabalho e sorte para a acção. Os alferes agradeceram e desejaram bom dia.

O dia correu normalmente com cada um dos alferes a fazer os preparativos para a saída, pensando na forma mais correcta de resolver os incidentes que forçosamente iriam surgir. Às 11 horas o capitão mais os seus guarda-costas saíram do aquartelamento para se juntarem ao pelotão do Cordeiro. Inicia-se o movimento para o porto exterior de Bedanda.

A marcha foi muito arrastada pois o barco era pesado e difícil de transportar. Normalmente comporta uma secção e vai em cima de uma viatura. Os soldados estão a pagar caro o silêncio exigido para não denunciar a presença da tropa, e esperam que tudo corra bem. Todos os sacrifícios serão esquecidos.

Cerca da uma hora da manhã chegam ao porto exterior. Duas horas para andar 4 kms. Marcha lenta e penosa para o 1º pelotão que leva o barco. Os outros pelotões seguiam-lhe o ritmo. O capitão mandou dizer ao Cordeiro para embarcar a 1ª secção o mais rapidamente possível, e todos os movimentos eram feitos com muita calma e precisão. A noite estava muito escura, não se via mais que um metro à frente. A 1ª secção embarcou com o alferes Cordeiro. Parecia-nos que nunca mais chegava. As preocupações, a tensão sobre cada um esticavam o tempo. Durante a travessia, os guerrilheiros fizeram tiros de reconhecimento. Apesar de todo o cuidado, tinham ouvido algum barulho na direcção do rio e resolveram tentar a sua sorte á espera que algum soldado mais nervoso respondesse.

O capitão estava tenso. Demorava o sinal indicando que a secção já tinha chegado à outra margem em segurança. Sabia-se que só havia um local onde se podia desembarcar. Nesse local, um homem com uma granada de mão liquidava a secção e destruíu o barco com facilidade. A travessia da 1ª secção era a parte mais difícil e de maior tensão de toda a manobra, pior, muito pior do que o combate que os esperava quando chegassem a Cobumba. Aí, já seria de dia e podiam ver o que estava á sua

frente. À noite, a mata mete respeito e até os mais valentes têm medo, principalmente quando se sabe que algures está alguém à nossa espera com um espingarda.

Finalmente lá chegou o sinal. A secção tinha desembarcado e dois homens regressam com o barco para transportar o resto do pessoal. Houve um suspiro de alívio por se saber que a secção já estava do outro lado em segurança. Os tiros de reconhecimento continuavam. Sentiam-se os projecteis a passar por cima da tropa. Alguns eram rastejantes e deixavam um rasto luminoso à sua passagem. No segundo, passou o capitão mais uma secção do Cordeiro. Viagem demorada porque a corrente era forte, o rio largo e às vezes o barco era arrastado. Foi penosa a travessia, mas por volta das cinco da manhã estavam os três pelotões na outra margem do rio.

Iniciou-se o movimento para o objectivo. Os pelotões separaram-se, cada um no cumprimento da tarefa que lhe tinha sido destinada. O Oliveira recebeu ordem para dar meia hora de avanço aos outros pelotões, para que quando ele chegasse á orla da povoação já todos os outros pelotões estivessem nos respectivos flancos. Continuavam os tiros de reconhecimento. Os soldados continuavam a avançar a passo calmo e seguro, rumo ao desconhecido, mas já perto da povoação.

Cães começaram a ladrar, sem dúvida que tinham detectado a presença da tropa. Os guerrilheiros já não tinham dúvidas de que a tropa estava ali mas não sabiam o local exacto nem os efectivos. O tiro de reconhecimento era agora mais intenso e mais rasante. Para a tropa ainda era tiro alto e ninguém respondia por ordem do capitão. Procuravam localizar as posições dos guerrilheiros pela chama de boca das suas armas. Mas não conseguiam ver qualquer chama. Ou as armas estavam longe ou escondidas pela mata e pelo capim.

O dia começava a nascer. Já conseguiam ter a percepção das distâncias. Os guerrilheiros já podiam agora ver a tropa. A tensão era enorme. O capitão Cristo resolveu quebrar o silêncio rádio e chamou os seus comandantes de pelotão. A todos eles se dirigiu e aguardou contactos.

— Cristo, aqui Carvalho, atingi o objectivo, estou instalado. Ouço tiros mas não vejo ninguém. Vejo algumas casas da tabanca mas parecem desertas. Julgo que a população abandonou a tabanca e só lá devem ter ficado os homens armados, escuto.

— Carvalho, aqui Cristo. Entendido. Esteja atento e aguente aí, o tiroteio pode estar a rebentar a qualquer momento. Eu e o Cordeiro continuamos a envolver a povoação. Os tiros passam por cima de nós.

— Oliveira, aqui Cristo. Diga se atingiu o objectivo, escuto.

— Cristo, aqui Oliveira, estou a cerca de 100 metros da orla frontal das primeiras árvores da povoação. Vejo mal as casas e não vejo movimento nenhum. É enervante esta espera, escuto.

— Oliveira, aqui Cristo, entendido. Tenha calma e avance com cuidado os 100 metros que o separam das primeiras árvores.

— Ribeiro, aqui Cristo, como vai isso por aí? Escuto.

— Cristo, aqui Ribeiro. Por aqui nada de anormal, estamos a ver toda a bolanha, entre o rio e Cobumba e alguns soldados do Oliveira. Estou preocupado pois terminou o tiro de reconhecimento e isso significa que fomos localizados no todo ou em parte. O tiroteio deve estar a rebentar. Calma e sorte para todos. Se precisarem de ajuda é só dizer que nós chegamos aí num instante, escuto.

O capitão dirigiu-se de novo aos seus alferes.

— Aqui Cristo. Isto está para rebentar. Cheira-me que o tiroteio vai começar no Cordeiro ou no Oliveira. Vamos fazer assim. Eu e o Cordeiro vamos avançar para a povoação até à estrada. Paramos depois de atravessar a estrada que vem do porto. O Oliveira avança e entra na povoação. Se começar o tiroteio, galgas o mais rápido possível o espaço para a orla da povoação e avança pela povoação dentro, tendo a estrada como eixo de progresso. Muito cuidado e muita atenção porque nós vamos progredir numa direcção perpendicular à tua. Eles podem fazer tiro para ti e para o Cordeiro, a seguir retiram e nós ficamos a matar-nos uns aos outros. O Carvalho aguenta a coisa no sítio onde está, não entra na povoação sem ser chamado. Eu...

Não acabou a frase. O tiroteio começa. O pelotão do Cordeiro foi batido por fogo intenso. No capim alto, os homens só vêem o que lhe fica ao lado. O Oliveira grita para o seu pelotão avançar rápido para a estrada a fim de cortar a retirada aos guerrilheiros.

— Cristo, aqui Oliveira. Diga o que se passa aí. O tiroteio é tanto que parecem os foguetes numa romaria, escuto.

— Oliveira, aqui Cristo. Aqui é festa rija. Já perdi de vista o Cordeiro que avançou rapidamente no capim. Tenho quatro homens comigo. Estou a ouvir o tiroteio para esse lado. O que se passa? Escuto.

— Cristo, aqui Oliveira, a festa também começou aqui. Não deverá haver azar, já tenho os meus primeiros homens na orla da mata. Vou avançar. Vamo-nos encontrar na estrada, escuto.

— Cristo, aqui Cordeiro. Que é feito de si homem? Estou quase na estrada, os gajos fogem que nem ratos. Perdi-os de vista. Avance para estrada que lá nos encontraremos.

— Cordeiro, aqui Cristo. Também já cheguei à estrada. Vou avançar na sua direcção. Agunte aí. Tenho alguns homens seus comigo. Perdi-o de vista no meio do capim. O Oliveira também está a levar na cabeça. Terminado.

É difícil descrever o que se passou. Parece que os guerrilheiros vigiavam os pelotões do Cordeiro e do Oliveira. Quando viram que o Cordeiro ia mesmo entrar na povoação, não se fizeram rogados e abriram fogo para impedir a entrada ou, no mínimo, para ganhar tempo. No meio da confusão que se gerou, o Cordeiro avançou com parte dos seus homens, tentando fazer um envolvimento, desligou-se do Cristo que ficou isolado e demorou a avançar. Se o capitão tivesse avançado ao mesmo tempo, os guerrilheiros levariam uma surra maior. Rapidamente os três se encontraram na estrada que atravessa a povoação. Começou a revista das casas, uma a uma. O capitão informou o Carvalho e o Ribeiro daquilo que se passava.

— Carvalho, Ribeiro, aqui Cristo. Entrámos na povoação. Os guerrilheiros retiraram. Estamos a fazer uma busca casa a casa, não vamos destruir as casas. Diga se há alguma novidade por aí, escuto.

— Cristo, aqui Ribeiro. Por aqui não há novidades. Já mandei vir as viaturas com mais dois barcos, escuto.

— Ribeiro, aqui Cristo. Foi correcta a decisão de mandar vir as viaturas com os barcos. Julgo que dentro de uma ou duas horas estaremos aí para atravessarmos.

Continua com os morteiros preparados para fazer fogo sobre Cobumba se os guerrilheiros quiserem brincar na travessia do rio. Vigie bem o rio pois eles, embora em fuga, podem querer atravessá-lo para vos atacar ou emboscar no regresso a Bedanda. Terminado.

— Cristo, aqui Carvalho, escuto.

— Carvalho, aqui Cristo, escuto.

— Cristo, desculpe interromper mas era só para dizer que os gajos não nos chateiam mais por hoje. Passaram já a bolanha, direitos Pericuto e atravessaram o rio para Chugué. Corriam que se fartavam. Pareciam perdigotos. Eram para cima de trinta elementos, os que eu vi. Pela maneira como corriam devem ter apanhado um grande susto. Eu ainda fiz uns tiros sobre eles para os obrigar a acelerar o passo, escuto.

— Carvalho, aqui Cristo. Entendido. Mas não devemos confiar demasiado na sorte. Vigilância atenta até acabarmos de atravessar o rio. Continue aí com o pessoal. Estamos a fazer uma busca à povoação. Assim que a busca terminar, retiramos. O seu pelotão será o primeiro a retirar. Assim que chegar ao porto atravesse e siga para o quartel. Cuidado com as emboscadas na mata, entre o rio e a bolanha. Terminado.

— Antunes, aqui Cristo.

— Cristo, aqui Antunes.

— Antunes, não sei se tem ouvido a nossa conversa. Quero as bocas de fogo prontas a fazer fogo sobre Cobumba durante a nossa travessia do rio. Eu avisarei quando iniciarmos a retirada. Fogo só à minha ordem ou à ordem do Ribeiro. Só desmobiliza o seu pessoal quando o Carvalho aí chegar, escuto.

— Cristo, aqui Antunes. Entendido. Parabéns pela acção. A malta aqui está contente. Ouvimos os tiros e a princípio assustámo-nos. Parecia um arraial minhoto, escuto.

— Antunes, aqui Cristo. Terminado.

A busca à povoação era feita de uma forma metódica, com uma rapidez incrível, só possível com veteranos. Os soldados estavam contentes. Via-se nos sorrisos e nelhes passava pela cabeça que os guerrilheiros pudessem voltar. Para eles, os gajos

tinham levado uma grande sova. Não havia galinha, porco ou cabra que escapasse. Juntamente com a busca de armamento e de munições, a caça aos animais domésticos era grande. Viam-se soldados com galinhas presas à cintura, como se tivessem ido à caça. Também isto fazia parte da guerra. O capitão tinha dito aos soldados que os animais domésticos capturados eram propriedade de cada um, excepto as vacas que eram propriedade da Companhia. Uma vez no quartel, os soldados ficavam com os animais ou podiam vendê-los ao vagemestre e cozinhados no rancho.

A busca terminou. O Cordeiro e o Oliveira apresentaram-se ao capitão que estava na estrada com os seus guarda-costas. Cada um tinha ficado com metade da povoação para revistar. Estavam um pouco chateados por o capitão não deixar destruir as casas e ainda insistiram com ele. Não foram autorizados e o capitão deu ordem para se prepararem para a retirada.

— Vamos retirar. Primeiro o Carvalho e atravessa logo o rio. Com o Carvalho embarcado, o Cordeiro retira com o seu pelotão e embarca. Chegado à outra margem inicia logo o movimento para o quartel. Não quero amontoados inúteis que possam servir de alvo a uma morteirada ou bazucada. A seguir vai o Oliveira. O Oliveira protege a saída do Carvalho e do Cordeiro e é protegido na sua retirada pelo Ribeiro que tem uma secção na margem de Cobumba. Se os animais que levam atrasarem a marcha terão que ser abandonados. Não quero riscos por causa de porcos e de cabras. Vou dar ordens ao Carvalho para retirar. Não deixem os vossos homens abrandar a segurança. Louros, se existirem, só à chegada a Bedanda.

— Carvalho, aqui Cristo, escuto.

— Cristo, aqui Carvalho, escuto.

— Carvalho, terminou a busca, vamos retirar. Siga para o porto, nós cobrimos e damos segurança. Não deixe amontoar os homens no porto. Assim que chegar à outra margem, desapareça a caminho do quartel. Diga se entendeu, escuto.

— Cristo, aqui Carvalho. Entendido. Tenho aqui perto catorze vacas a pastar. Vou levá-las. Diga se correcto.

— Carvalho, sim, pode levar as vacas. Os seus homens que as conduzam rapidamente e as ponham do outro lado muito depressa. Se alguma fugir, deixe-a fugir. Se chegar com metade já é bom. Melhoramos a dieta e temos carne para alguns dias. Inicie o movimento. Terminado.

A retirada iniciou-se e das catorze vacas dez atravessaram o rio. Dava prazer ver os homens, de espingarda às costas, que tinham saído de uma violenta acção de combate. Passando toda a noite sobre pressão, a conduzir agora uma manada de vacas com uma calma, aparente pelo menos, como se estivessem no lugar mais seguro do mundo, onde os tiros não fizessem parte do seu dia a dia.

Assim que o Cordeiro chegou ao porto, iniciou a sua retirada. Galinhas porcos e cabras era mato. Parecia que vinham do mercado. Galinhas presas na cintura, porcos, cabras às costas, era o colorido exótico destes soldados que consideravam estas presas como troféu de guerra. Era difícil imaginá-los sem o direito ao saque, no final do combate. Por último retirou o Oliveira. Era a parte mais difícil. O capitão ia com este pelotão e mantinha-se tenso, mas atento, bem como os alferes. Os soldados riam e diziam piadas. Também eles levavam o seu saque e não era inferior ao saque dos homens do Cordeiro. O Oliveira também atravessou sem problemas e iniciou o regresso a casa. O último a retirar foi o Ribeiro. Era sobre ele que caía a responsabilidade da segurança da retaguarda, dos barcos e das viaturas. Um jeep saiu da Companhia e veio ao encontro do capitão. Era conduzido pelo mecânico que logo o passou ao Lassen.

A batalha tinha sido ganha. Todos estavam contentes, pois tinham dado uma sova aos guerrilheiros e não tiveram baixas. O capitão continuava a impor-se aos seus soldados, que começavam a adorá-lo. Já no quartel, alguém escutou esta conversa entre o capitão e os seus alferes.

— Cordeiro, parabéns pela tua acção. Calhou-te a pior fatia, e tu e os teus homens foram formidáveis. Houve um momento em que eu tive muito medo. Foi pouco tempo, mas deu-me a impressão que eu estava colado ao chão, e por mais que eu dissesse aos pés para andarem, eles não me obedeciam. Foi duro. Se eu tivesse

arrancado ao mesmo tempo que tu, os gajos teriam mais desgostos do que os que tiveram. Desculpa lá. Penso que não voltará a acontecer.

— Meu capitão, não se preocupe. Aconteceu o normal. Capim mais alto do que nós, tiros por todo o lado misturados com granadas de mão, não se via mais que o homem à nossa direita e à nossa esquerda, só um louco não teria medo. Eu próprio pensei que era o meu último dia de vida. Mas talvez por ser mais experiente nestas andanças reagi mais prontamente. Concordo consigo. Se tivéssemos avançado os dois ao mesmo tempo eles levavam mais para tabaco. Não foi mau. Há muito tempo que eu não via uma festa tão rija.

— Ribeiro, quero que nos próximos dias procures saber o que se passou dentro de Cobumba. Vais interrogar bem todas as mulheres que venham cá, vindas de Cobolol, Cobumba, Pericuto ou Chugué.

— Esteja descansado, meu capitão, eu vou procurar saber o que se passou hoje dentro de Cobumba e como foi que os guerrilheiros viram as coisas.

— Pronto, disse o capitão. Vou dormir. Gozem muito.

— Nós vamos gozar porque vamos até à tabanca. Vamos receber o prémio do guerreiro. O meu capitão é que não goza nada pois vai para o seu quarto dormir.

— Não se preocupem. Cada um tem a sua forma de gozar. Boa noite.

REFORMA AGRÁRIA

Em tempos, um outro capitão tentou levar os nativos da povoação a cultivar as ricas bolanhas de Bedanda. Era uma pena ver estas terras que antes da guerra produziam muito arroz quando trabalhadas por balantas, agora cheias de mato. A população de Bedanda é hoje predominantemente fula, quando a região foi sempre, ao longo dos anos, chão balanta. O fula é fundamentalmente negociante e não gosta muito de lavrar a terra. No entanto, todos nós militares víamos que a actual situação não se podia manter. A população não produzia nem para comer. Viviam, por um lado, do trabalho de guia e da milícia, isto os homens, e por outro, de relações com os militares, as mulheres.

As mulheres eram as lavadeiras para todo o serviço. Lavavam a roupa dos militares e iam para a cama com eles. Os militares eram quase todos nativos, mas havia alguns brancos, cabos especialistas, quase todos os sargentos. Brancos eram todos os oficiais. Todos tinham a sua lavadeira. Por vezes havia problemas entre os militares e a população, que o capitão tinha que resolver em ligação com o régulo Samba.

O capitão decidiu que a situação não se podia manter. Nada tinha contra o facto dos soldados terem a sua lavadeira para todo o serviço. Sabia que um homem, quando vinha de um combate onde a morte é uma constante do seu viver, o que mais desejava era poder ter uma mulher para fazer amor, pois amor e mulher representavam a Vida que o combatente precisava de sentir e possuir para se convencer a si mesmo de que, mesmo na guerra, não há só destruição mas também vida e amor. O capitão não aceitava que a população sob o controlo das suas tropas vivesse pior do que a população controlada pelos guerrilheiros. Do lado deles não havia falta de arroz, mancarra, mandioca e óleo. Do lado da tropa tinham apenas cana, tabaco e panos que os comerciantes traziam de Bissau, e o arroz que compravam às mulheres dos guerrilheiros. Fazia-se um intercâmbio grande entre a população comercial e as mulheres do mato. Traziam arroz, mancarra e óleo, e voltavam com tabaco, cana e panos para elas e para os homens. Se era difícil para os militares compreender a sua posição como um elo na cadeia logística dos guerrilheiros, mais difícil era verificar que

os outros tinham mais comida do que a população que a tropa controlava. O capitão ia reagir a esta situação de uma forma pouco usual.

O capitão chamou os seus alferes e comunicou-lhes que ia obrigar todos a cultivar arroz. As sementeiras estavam à porta, ele próprio ia aprender a cultivar arroz, e exigiria que todos os homens tivessem a sua lavra. Ribeiro, o alferes mais experiente, disse que a decisão era boa mas não resultaria. Já em tempos outro capitão pensara nisso, pagou ao Zé Saldanha as sementes. Os homens foram depois levantar as sementes e comeram-nas em vez de as semearem. O capitão já sabia disso, mas ia fazer mais uma tentativa esperando que resultasse. O Zé Saldanha, com quem já tinha falado, emprestava as sementes, o Aniceto ensinava na preparação da terra. E ele, o capitão, iria ser o mau da fita. Para concretizar o seu plano disse ao Lassen para ir chamar o Samba, o Amadeu, o Tala e os sargentos do pelotão de milícias. Não tardaram a chegar.

— Dá licença, nosso capitão? Estão aqui o Samba e os homens da milícia.

— Podem entrar. Bom dia Samba. Bom dia militares de meia tigela. Mandei-vos chamar porque estou muito preocupado com a população. As pessoas não têm o que comer, passam muita fome e eu não quero que vivam pior que a gente do mato. Samba, tu és o homem grande e eu preciso de saber o que devemos fazer.

— Nosso capitão, não há trabalho em Bedanda, apenas na milícia. Mulher é lavadeira da tropa e mais nada. O dinheiro é pouco, não dá para comprar arroz, peixe e óleo. Nosso capitão tem razão. A gente passa fome.

— Samba, eu não compreendo a tua passividade. É preciso arranjar maneira de toda a população ter comida. Está na altura de preparar a bolanha para semear o arroz. Temos muito boa bolanha em Bedanda. Toda a gente vai cultivar arroz. Tu divides a bolanha por todos e verás que ainda sobra bolanha.

— Nosso capitão não pode ser, fula não cultivava arroz. Fula é comerciante e no seu chão faz arroz de sequeiro, não de bolanha. Fula da população não sabe cultivar arroz.

— Samba, ouve bem o que eu te digo. Eu sou filho de pessoas que cultivam a terra lá no putu. Eu cultivei a terra. Já aprendi com o senhor Aniceto a cultivar arroz e já andei pela bolanha a ver as terras. Há terras livres para toda a gente. E vamos cultivar

arroz porque eu não quero que as pessoas passem fome. Quero que cultivem arroz para comer e para vender. A bem ou a mal vamos cultivar arroz.

— Nosso capitão não sei se a gente da tabanca quer cultivar bolanha. Tem medo dos guerrilheiros.

— Samba, ouve bem o que te digo. Se quiseres reúne os homens da tabanca e eu vou falar com eles. O que eu tenho para lhes dizer é importante. Está na altura de cultivar o arroz. Se fizermos os viveiros e prepararmos a terra, daqui a quatro meses a aldeia tem arroz e já não precisa das esmolas da Companhia. Pedi ao Zé Saldanha para escolher arroz para semente e dar-vos a quantidade pedida e necessária. Cada homem vai buscar ao Zé Saldanha as sementes que precisar. Daqui a quatro meses, ou temos arroz cultivado por vocês ou vocês não comem. A Companhia vai dar-vos arroz, azeite e outras coisas, até chegarem as primeiras colheitas do vosso arroz. A partir desta data quem não semear não come, nem utilizarei como guia homem que não tenha bolanha cultivada. Queres que eu vá falar aos homens?

— Nosso capitão, eu falo.

— Amadeu e Tala, vamos nós agora falar. Quero todo o pessoal da milícia a fazer bolanha. O Tala, o Amadeu e os sargentos vão dar o exemplo. Dispensar o pelotão de milícias de ir para o mato desde que todos estejam a trabalhar na bolanha. Quando o pelotão não trabalhar na bolanha vai arrancar e transportar cascalho para a estrada do porto exterior que está cheia de buracos e que nós vamos arranjar. Daqui a quatro meses, os que não tiverem bolanha deixam de ser milícias, eu não pago a malandros. Perceberam o que eu disse? Eu quero que os milícias sejam os que têm maior e melhor bolanha e que vivam melhor. Têm que ser um exemplo para os outros homens.

— Nosso capitão — disse o Amadeu, — eu vou falar com milícias.

— Fala bem com eles e diz que nosso capitão não brinca com homens. Quando nosso capitão quiser brincar arranja mulher. Bajuda¹² é melhor. Outra coisa. A mancarra come capim, não é Samba?

¹² rapariga nova, ainda solteira

— É sim, nosso capitão.

— Então, Amadeu, é preciso semear a mancarra no meio do arame farpado até 100 ou 200 metros para fora. São também os milícias que semeiam a mancarra. O Zé Saldanha dá a semente. Se não semearem a mancarra eu mando os milícias capinar entre o arame farpado e à volta, sempre que o capim crescer. Não quero capim à volta nem do quartel nem da povoação. Com arroz e mancarra vão ter muita comida para dar às mulheres e aos vossos filhos. Perceberam tudo o que eu disse?

— Percebemos.

— Então, só mais uma coisa. A mandioca é necessária para a vossa alimentação. As populações do mato estão cheias de mandioca, mas em Bedanda há pouca mandioca. Não quero ver mais pau de mandioca a secar. Quando se arrancar um pau de mandioca corta-se aos bocados e enterram-se os bocados. É assim que se planta a mandioca. Pau de mandioca que eu veja a secar dá origem a averiguações para saber quem o deixou lá, e eu vou zangar-me muito com o culpado. Não quero malandros em Bedanda. Se todos fizerem o que eu digo, dentro de pouco tempo não há fome em Bedanda e vai haver mais fartura do que no mato. Amanhã quero ver já os homens a trabalhar nisso. Os que não são da milícia também têm que fazer machamba de mancarra. Toda a gente vai trabalhar, menos velho e criança. Podem ir embora. Bom dia.

— Bom dia, nosso capitão.

— Lassen, vai chamar a Tia.

Passado algum tempo chega o Lassen com a Tia.

— Nosso capitão, está aqui a Tia. Pode entrar?

— Entra. Estás boa, Tia? Como vai a vida?

— Mal, nosso capitão. Tia é velha, e como não tem homem não tem quem lhe dê coisas para comer e vestir.

— Tia, nosso capitão vai dar-te coisas se tu fizeres o que ele disser e o ajudares.

— Eu gosto do nosso capitão. Eu ajudo nosso capitão. Se nosso capitão quer mulher é só dizer. Eu arranjo para nosso capitão qualquer mulher da povoação, seja bajuda ou casada.

— Tia, neste momento não quero mulher. Quando eu quiser mulher falo contigo. A ajuda de que eu preciso é outra. Tu és a mulher grande¹³ da tabanca. As mulheres fazem o que tu mandas e ouvem-te. Eu disse ao Samba, ao Amadeu e ao Tala, que quero ver toda a gente a fazer bolanha de arroz. Têm que começar imediatamente. Também quero machamba de mancarra e matas de mandioca. As mulheres têm que me ajudar. Tu tens que falar com elas e dizer-lhes para falarem das bolanhas aos maridos. Elas têm que ajudar. Se a tabanca tiver boas bolanhas, não há fome porque há arroz. Mancarra, mandioca e o arroz que venderem dão para comprar cana, tabaco e panos. É bom para as mulheres se tivermos boas bolanhas. Ajudas nosso capitão nisso?

— Ajudo, nosso capitão. Eu falo com as mulheres. Mas eu não tenho homem para fazer bolanha.

— Tu pagas a esse homem e eu pago a ti. Além disso, nosso capitão dá-te arroz, óleo e tabaco como paga do teu trabalho. Tens que ajudar nosso capitão. Também é para teu bem.

— Ajudo e faço tudo que nosso capitão mandar, nosso capitão vai ver que a população da tabanca vai ter boas bolanhas.

— Outra coisa, Tia. Homem faz bolanha e mulher tem que pescar. Era assim que se fazia antes da guerra, não era? Pois então mulher tem que ir pescar.

— Nosso capitão, mulher quer pescar mas tem medo. Se guerrilheiro encontrar mulher a pescar, leva para o mato. Mulher não quer ir para o mato.

— Tia, tens de confiar no nosso capitão. Quando mulher da tabanca quiser ir pescar, diz nosso capitão. Nosso capitão dá soldados para proteger as mulheres. Soldado fica

¹³ mulher importante, influente, rica, em geral a esposa mais velha do régulo

junto das mulheres enquanto elas pescam. Assim, guerrilheiro não rapta as mulheres de Bedanda. Compreendes o que nosso capitão quer?

— Compreendo, nosso capitão. Eu vou falar com as mulheres da tabanca.

— Muito bem, Tia. O Lassen vai contigo e leva-te ao vagemestre que te vai dar arroz, pão e óleo. Eu dou-te duzentos pesos para comprares panos e tabaco. Se tudo correr bem, tens muito mais coisas.

— Lassen, leva a Tia ao nosso sargento vagemestre, que lhe dois quilos de açúcar, dois litros de óleo e dez quilos de arroz e dois pães.

— Adeus, Tia.

— Adeus, nosso capitão. Vá até minha casa descansar. Eu gostaria de ver nosso capitão em minha casa. Se quiser mulher, eu arranjo. Se não quiser, descansa e conversa com a Tia.

— Está bem Tia. Qualquer dia eu vou a tua casa.

No dia seguinte começaram os preparativos para o cultivo do arroz. Quase todos os homens fizeram os seus viveiros e levantaram arroz na casa do Zé Saldanha. Por outro lado, as terras começaram a ser percorridas por homens da tabanca para a marcação das bolanhas. Os homens das milícias eram os mais activos. Conheciam o capitão e sabiam que se não fizessem o que ele dizia pagariam caro a desobediência. O Capitão não gostava de dizer as coisas mais do que uma vez. Assim que semearam os viveiros de arroz os homens começaram a preparar a terra para a plantação do arroz. Lavrou-se a terra, repararam-se os ouriques, a aldeia tinha outra vida. Parece que o capitão ganhou a guerra da alimentação da população sob o seu controlo. Dando dignidade aos nativos que viviam sob a sua protecção.

Quatro meses mais tarde quase todos os homens tiveram boas colheitas de arroz. Houve também os preguiçosos que por não terem feito bolanha de arroz não tinham que comer e foram à tropa pedir arroz. O capitão não deu mais arroz a ninguém. Quem não tivesse arroz tinha de o ir comprar à povoação comercial com o dinheiro que tirassem do seu esforço pessoal.

O capitão mandou chamar de novo o régulo Samba.

— Sabes, Samba, estou contente contigo e com os homens da tabanca. A Companhia, como quer que tu vivas bem, continua a dar-te alguma coisa para poderes comprar tabaco e panos, para ti, para os teus filhos e para as tuas mulheres. Sei que fizeste uma boa bolanha e que tens arroz para todo o ano. Guarda-o. Diz aos homens da tabanca que guardem o arroz. Se vendem o arroz todo, daqui a pouco não têm para comer. E têm de ir comprá-lo na povoação mais caro do que o venderam. Sei que há homens que não fizeram bolanha e não têm que comer. Já vieram à Companhia pedir arroz. Eu não dou arroz porque, como disse anteriormente, não sustento malandros.

— Nosso capitão podia dar. Se a Companhia não der arroz a estes homens, eles vão passar muita fome mais as famílias.

— Samba, nosso capitão disse que a partir das colheitas não dava arroz a ninguém e não dá. Quem é preguiçoso não come. Assim, eles ficam a saber que nosso capitão cumpre o que diz. Diz a eles que nosso capitão manda esfregar a barriga com óleo, e depois deitar ao sol. Pode ser que assim a fome passe. A tropa pode arranjar trabalho para esses homens como guias e a arrancar cascalho para a estrada do porto exterior. Se eles quiserem podem vir ter com nosso capitão.

— Eu digo nosso capitão. A tabanca está muito contente com nosso capitão, porque agora já não tem fome.

— Samba. Diz à gente da tabanca que nosso capitão também está muito contente. Diz que eu não dou comida a quem não trabalhou na bolanha, mas que esses homens podem trabalhar para nosso capitão até à próxima colheita. Em troca, nosso capitão dá comida e dinheiro. Para o ano eu quero que cada homem tenha uma bolanha ainda maior, para poder vender arroz e comprar panos para as mulheres. Bom dia, logo à noite passo por tua casa.

— Bom dia, nosso capitão.

A MARINHA REABASTECE BEDANDA

O reabastecimento da companhia de Bedanda era feito uma vez por mês, em barcos civis, escoltados por lanchas militares e com a aviação no ar, enquanto subiam o rio Cumbijã em frente do Cantanhez. Era uma operação difícil pois diziam os marinheiros que se os guerrilheiros afundassem um barco, não mais o rio seria navegável. Às vezes, ao passar em frente a Cafal ou Cadique, os barcos eram flagelados.

Ao chegarem ao porto exterior os barcos tinham que ser descarregados com urgência porque não podiam ficar lá durante a noite. A Marinha dizia que não havia segurança. Uma das vezes que ficaram para o outro dia foram atacados durante a noite. Desde aí, a Marinha nunca mais pernitoou no porto exterior. Descarregados os reabastecimentos tinham depois que ser transportados por uma estrada péssima, onde várias viaturas se atascavam durante as chuvas num percurso de quatro quilómetros.

Havia um outro porto, que ficava a cerca de 200 metros da povoação, que era chamado porto interior de Bedanda, no rio Ungarinol. Desde que um dia os guerrilheiros atacaram o barco, o rio Ungarinol nunca mais foi utilizado. A Marinha considerava que era muito perigoso navegar neste rio porque tinham que ter sempre cuidado com o regime das marés, mas também porque o Ungarinol é cercado por matas muito densas onde é fácil montar uma emboscada. Foi, aliás, por causa de uma emboscada que os barcos deixaram de vir ao porto interior.

O capitão não gostava desta situação. Os seus soldados tinham que transportar os reabastecimentos durante quatro quilómetros, quando tinham um porto a 200 metros. Não era uma situação agradável e muito difícil de explicar aos soldados nativos. Um dia jurou a si mesmo que era a última vez que descarregava no porto exterior. No próximo reabastecimento havia de trazer os barcos até ao porto interior, custasse o que custasse. Se bem o disse, melhor o fez. Um dia, sem aviso algum, chegou um comboio naval ao porto exterior e entrou em ligação com a companhia. O capitão não estava, tinha saído com dois pelotões para Braia. Levava 2 morteiros 81 para fazer fogo sobre Caboxanque. Era a sua vingança por, tempos antes, ter tido de embarcar na bolanha de Caboxanque debaixo de fogo. O alferes Carvalho, que tinha ficado a

comandar o quartelamento, recebeu a comunicação do comandante da escolta informando-o de que chegara e queria sair antes de o anoitecer, pelo que os barcos tinham que ser descarregados até ao meio da tarde. O alferes Carvalho chamou o capitão pelo rádio.

— Cristo, aqui Carvalho. Chegaram os barcos ao porto exterior. O oficial da Marinha tem ordens para regressar ainda hoje e quer que os barcos sejam descarregados com urgência. Informe se posso iniciar a descarga, escuto.

— Carvalho, aqui Cristo. Não inicie a descarga. Nós vamos transferir os barcos para o porto interior. Solicite ao oficial da Marinha para nos ajudar na transferência. A transferência será amanhã. Terá que pernoitar no porto exterior. Diga se entendido, escuto.

— Cristo, aqui Carvalho. O marinheiro diz que tem ordens para regressar hoje e que vai embora com ou sem os barcos civis. Se nós não descarregarmos os barcos ele vai embora e deixa os barcos civis sem segurança, escuto.

— Carvalho, aqui Cristo. Diga ao marinheiro que não podemos descarregar os barcos por falta de mão de obra, pois metade da companhia está fora. Peça-lhe para ficar, escuto.

— Cristo, aqui Carvalho. O marinheiro não fica. Diz que sem ordens não pode pernoitar no porto exterior e muito menos no rio Ungarinol, escuto.

— Carvalho, aqui Cristo. Diga ao marinheiro que cumpra as ordens que tem e que não me chateie mais. Você cumpre as minhas ordens. Os barcos não são descarregados hoje. Monte uma segurança de pelotão no porto exterior para toda a noite. Eu vou regressar a Bedanda. Quando eu chegar quero os comandantes de pelotão no meu gabinete para decidir o que vamos fazer amanhã com os barcos. Terminado.

O capitão chegou ao anoitecer e reuniu logo com os comandantes de pelotão.

— Vamos transferir amanhã os barcos do porto exterior para o porto interior. São dois barcos pequenos e é possível fazê-lo. É preciso acabar com o mito de que não se pode navegar no rio Ungarinol. Temos que aproveitar a maré, iniciamos o movimento às 11 horas da manhã. Algum de vocês tem alguma coisa a dizer acerca deste assunto?

— Tenho — disse o Ribeiro. — É muito perigoso o que vai fazer. Há sítios do rio em que o barco quase toca nas margens, e os guerrilheiros com umas granadas e umas boas metralhadoras limpam o sarampo com facilidade a toda a escolta.

— Eu sei disso. Mas é partir do princípio que nós não temos mãos nem armas. Podem-nos atacar mas não sei se nos levarão a melhor, se planarmos bem a operação e a executarmos correctamente.

— Meu capitão — disse o Carvalho. — Pense duas vezes antes de fazer isso. Lembre-se de que, até chegarem ao porto exterior, os barcos vieram escoltados pela Marinha e aviões no ar. Agora vamos movimentá-los só com os nossos meios. Acho pouco para tanto perigo.

— Está bem. Mais alguém tem alguma coisa a dizer? Se não têm, aí vai a minha decisão.

O plano do capitão foi imediatamente apresentado aos subalternos. O alferes Carvalho, com o seu pelotão, irá arrancar de manhã cedo para a curva da morte e monta uma emboscada na margem, do lado de Bedanda. Era preciso ocupar essa área antes dos guerrilheiros a ocuparem. Se assim fizerem os barcos passam sem problemas.

— O pelotão do Cordeiro vai substituir no barco, logo de manhãzinha, o pelotão do Oliveira. O Oliveira pega no seu pelotão, atravessa o Ungarinol e embosca-se do outro lado, pronto a cercar os guerrilheiros que se aproximem do rio. Dá apoio ao Carvalho e ao pessoal que vai nos barcos, caso sejam atacados. O Ribeiro coloca o seu pelotão com dois morteiros 81 a fazer fogo para a curva da morte e para Incala. À ordem, atravessa o rio Ungarinol. O pelotão do Cordeiro, entretanto embarcado, garante a segurança durante a viagem. Como o Cordeiro está em Bissau, o capitão comandará o pelotão pelo que também embarcará. Terá as bazucas consigo, duas em cada barco. Cada homem do pelotão do Cordeiro levará 3 granadas ofensivas e 3 defensivas. Iniciamos o movimento às dez horas e quarenta e cinco minutos da manhã.

— Dúvidas? — pergunta o capitão.

— Meu capitão. Quem embarca tem poucas hipóteses de se safar. Eu sou solteiro e o senhor é casado. Eu embarco no seu lugar — disse o alferes Ribeiro.

— Não senhor — respondeu o capitão. — Quem embarca sou eu. Se me acontecer alguma coisa tu comandas a operação, tu não podes embarcar. Além disso tu és bom no tiro instintivo de morteiro, preciso de ti em terra. O artilheiro prepara fogos sobre Incala. Boa noite, até amanhã.

Ao outro dia de manhã a tropa saiu do quartel. O primeiro a sair foi o Carvalho. Todos estavam preocupados com a sua chegada à curva da morte. Chegou sem novidades e montou uma mina no local da cambança¹⁴. Recebeu ordem de manter silêncio rádio até os barcos passarem a curva da morte ou até serem atacados, se tal acontecesse. Se vissem do outro lado movimento dos guerrilheiros, podiam interromper o silêncio rádio e dar as informações. O pelotão da cantina, como era conhecido o pelotão do Cordeiro, também saiu cedo em direcção ao porto exterior. Pelas 9 horas, o pelotão do Oliveira, regressado do porto exterior, atravessou o Ungarinol no porto interior e deslocou-se para a orla da mata de Incala. Chegou sem novidade e aguardou ordens. O capitão, depois de ver os morteiros do Ribeiro apontados à curva da morte e o pessoal pronto a atravessar o rio para reforçar o Carvalho, deslocou-se de jeep para o porto exterior onde embarcou, depois de verificar a divisão dos homens pelos dois barcos e dar instruções ao pessoal. Os dois barcos estavam ligados por rádio. O capitão deu ordem para saírem do porto e rumarem rio acima.

A paisagem era bonita mas aqueles homens não tinham olhos para a beleza. Os olhos vasculhavam as margens do rio. Rapidamente chegaram à foz do rio Ungarinol e rumaram até Bedanda. O mais difícil ia começar. Maravilhosa paisagem. As margens eram cheias dessa arborização a que chamam tarrafo. São árvores pouco robustas que nascem e crescem encostadas umas às outras nas margens dos rios. Estas margens são de terra ou lama negra. A água é salgada porque está sob a influência do movimento das marés. Viam-se algumas canoas abandonadas, utilizadas pelos guerrilheiros para transportarem as mulheres que vão a Bedanda vender arroz. Também se viam crocodilos. Há muitos nestes rios interiores da Guiné. Ao passarem os barcos, alguns lançavam-se à água ou ficavam como se nada fosse com eles. Os olhos dos soldados

¹⁴ travessia de um rio ou o local onde essa travessia se costuma fazer

perscrutavam o tarrafo, tentando ver algum guerrilheiro, ouvir algum ruído ou ver o tarrafo agitar-se, indícios de que algo se passava. Dedos nos gatilhos das armas encostadas às ancas e apontadas às margens. A vida daqueles homens e a segurança dos barcos dependia da rapidez com que vissem o que se passava na margem e carregassem no gatilho quando algo da anormal fosse referenciado. A curva da morte estava perto e o capitão quebrou o silêncio rádio.

— Carvalho, aqui Cristo. Estamos perto de si. Diga se vê alguma coisa, escuto.

— Cristo, aqui Carvalho. Não vejo nada e só ouço o barulho dos motores dos barcos. Eles já nos devem ter ouvido e estão desejosos de saber o que se passa, se ainda o não sabem.

— Se tiverem coragem para tanto. Neste momento já nos estão a observar dos seus postos de observação ou do meio do tarrafo. Se se sentirem com forças a festa pode começar dum momento para o outro, escuto.

— Oliveira, aqui Cristo, como vão as coisas por aí? Diga se ouviu o que disse o Carvalho, escuto.

— Cristo, aqui Oliveira. Ouvi perfeitamente. Por aqui tudo sossegado. Estou junto a um riacho perto da povoação de Rossum Olé. Estamos prontos para saltar em Incala ao mínimo perigo para os barcos, escuto.

— Ribeiro, aqui Cristo. Diga se ouviu o que disseram o Carvalho e o Oliveira, escuto.

— Cristo, aqui Ribeiro. Ouvi perfeitamente. Ao mínimo tiroteio atravessamos o rio. Estamos todos a ferver, estou com dificuldade em segurar os meus homens, escuto.

— Carvalho, Oliveira, Ribeiro, aqui Cristo. Estejam atentos. Incala não é para hoje e portanto só à minha ordem ou do Ribeiro o riacho é atravessado. Todos muito atentos. O pior vai começar. Aqui estamos animados. Os homens mantêm uma vigilância feroz. Dá gosto ver a cara destes soldados que tratam o perigo por tu. Parecem estar a pedir aos guerrilheiros que apareçam. A tensão é grande e o mínimo tiroteio pode transformar isto num inferno. Dominem os vossos homens que eu vou dominar estes. Sorte para todos e também para mim. Terminado.

Chegaram à curva da morte. O rio é medonho nesta área. Não admira que, em tempos, os guerrilheiros tenham escolhido este local para uma emboscarem um barco. Já se viam os homens do Carvalho. Sentiram alívio. Junto dos outros homens sentiam-se mais seguros. Dum lado está o Carvalho com os homens escondidos no tarrafo. De dentro do barco, dizem adeus e enviam um gesto de agradecimento. Eles sabem que foi bom vê-los. Do outro lado permanecia o Oliveira. Não o vêem mas sentem a sua presença. Sabem que a segurança de todos depende do trabalho de cada um. Por isso ninguém deixa de fazer o que deve ser feito em função das ordens recebidas. É essa confiança mútua que faz a companhia forte. Pensam e sabem bem que se cada um cumprir a sua parte, a missão da companhia será cumprida e o capitão vai tirá-los dali, por mais tiroteio que haja. Mortos ou vivos vão todos chegar ao quartel, e esperam chegar todos vivos.

Alguns soldados acenam disfarçadamente aos seus camaradas no tarrafo. Todos estão agora menos tensos. A curva da morte está a ficar para trás, ainda têm duas horas de barco mas o pior está passado. Daqui para a frente, os guerrilheiros não podem atacar os barcos pois seriam envolvidos pelos homens do Oliveira e do Carvalho. Todos nós sabemos isso. A vigilância no entanto continua. Estes homens sabem que às vezes nem no quartel estão seguros, e o capitão está farto de dizer que a guerra só termina quando entram no quartel. O capitão interrompe de novo o silêncio rádio.

— Oliveira, Carvalho, Ribeiro, aqui Cristo. Passámos a curva da morte. O perigo está ultrapassado para os barcos. A nossa preocupação agora é o Oliveira. O Ribeiro prepara fogo para Rossum Ole, para baterem o lado de lá do riacho. O fogo será feito apenas à ordem do Oliveira. Dentro de hora e meia devo estar no porto interior.

Todos os alferes responderam entendido e terminado. Um pouco mais tarde, prosseguiram ainda pelo rádio mais instruções do capitão Cristo. O Oliveira iria retirar dentro de uma hora á ordem do capitão. O Carvalho retira meia hora depois do Oliveira. O Ribeiro mantém a segurança do porto durante a noite. No dia seguinte, de manhã, inicia-se a descarga e a posterior carga dos barcos. O Ribeiro dirá aos comerciantes para prepararem o que têm para embarcar. O transporte poderá se feito nas viaturas militares. Para fechar, avisou os seus alferes.

— Se não houver nada só volto a falar daqui a uma hora para dar ordem ao Oliveira para início da sua retirada.

Às quatro horas da tarde o capitão deu ordem ao Oliveira para retirar para o porto interior e aguardar aí a chegada dos barcos. Meia hora depois a mesma ordem ao Carvalho que deveria seguir para o quartel, não queria mais gente no porto. Os rostos começaram a sorrir. Via-se alegria na cara dos homens embarcados. Até o capitão brincava e dizia piadas aos soldados. Foi mais um passo para solidificar a posição da tropa de Bedanda na área. Os soldados sabiam que os guerrilheiros estavam a pensar que algo estava a mudar, e não sabiam porquê. Na companhia sabia-se porquê. Tinham à frente um homem de coragem que inspirava confiança aos seus homens e sabia planejar as operações. Havia tanto cuidado na preparação que até parecia que a execução era fácil.

Às cinco horas da tarde os barcos chegaram ao porto em segurança. A operação terminou bem. Agora era descansar porque no dia seguinte haveria mais tarefas. Este punhado de homens tinham mostrado com os seus actos quem mandava na área. Os guerrilheiros deviam estar furiosos mas com o tempo aprenderiam a lição. O jeep conduzido pelo mecânico estava no porto interior à espera do capitão. O Lassen, que acompanhou o capitão no barco, pegou no jeep e seguiram para o quartel. Quando a companhia chegou o capitão avisou os alferes que dentro de duas horas queria falar com eles. À hora marcada os alferes apareceram e ouviram da boca do seu capitão o que ele tinha para dizer.

— Psicologicamente foi muito dura a viagem que fiz. Para o Carvalho e para o Oliveira também deve ter sido. Eu estou contente e vocês também o devem estar. Acabámos com o mito de que não se podia passar de barco na curva da morte. Estou convencido de que os guerrilheiros nos viram e nos vigiaram mas não tiveram coragem para nos atacar. Julgo que se eles atacassem, com a posição dos nossos pelotões, eles levavam mais do que davam. Todos pensaram que eu estava maluco ao introduzir os barcos no porto interior. Eu sabia que era difícil mas não impossível. Eu embarquei por ser a primeira vez. Não mais embarco. Daqui em diante, quando vierem os barcos, um pelotão embarcará no porto exterior e trará os barcos até ao porto interior. Vocês farão a escala porque eu não me quero preocupar mais com isso. Será montada uma

operação nos moldes da de hoje, sempre que os barcos subam ou desçam o rio Ungarinol. O Ribeiro, que psicologicamente deve estar menos gasto, encarrega-se da descarga e segurança dos barcos amanhã. Entre vocês, vejam quem embarca daqui a dois dias, quando eles se forem embora. Até lá, devem ficar completamente carregados. Já mandei uma mensagem para o Comando do Batalhão, com conhecimento ao Comando do Sector, Comando Militar em Bissau, Comando Naval e Comando Aéreo, dizendo que sem apoio aéreo, nem apoio naval, transferimos os barcos do porto exterior para o porto interior e solicitei apoio aéreo para daqui a dois dias. Quando vier a resposta, aviso-vos. Alguma dúvida?

— Não senhor, meu capitão — disseram os alferes.

Soube-se que a mensagem foi recebida nos vários escalões de comando com regozijo e apreensão. Regozijo, porque pela primeira vez em muitos anos se subia o Ungarinol nas barbas dos guerrilheiros. Apreensão, porque não sabiam como a operação tinha sido montada. E portanto, não sabiam o que fazer para navegar no Ungarinol.

A resposta do Comando Militar chegou no dia seguinte. Dizia que os patrulhas da Marinha não subiriam rio Ungarinol mas esperariam os barcos na confluência com o Cumbijã. A Força Aérea apoiaria a operação com dois T-6 que estariam nos ares de Bedanda no dia seguinte ao meio-dia, hora a que os barcos deviam iniciar o seu regresso. Seria da companhia a responsabilidade da operação terrestre.

O capitão estava satisfeito. O porto interior era assumido por toda a gente. No dia e à hora marcada iniciou-se a viagem de regresso. A companhia montou uma operação semelhante à operação anterior. Nos barcos ia o Carvalho, o Ribeiro atravessou o rio em Rossum Ole e o Cordeiro, entretanto chegado de Bissau, foi até à curva da morte. No ar, dois T-6 davam voltas sobre voltas, sobrevoando o rio e os arredores. O barco patrulha da Marinha, com uma lancha de desembarque com fuzileiros, esperava os barcos na confluência do Ungarinol com o Cumbijã. Teriam que parar no porto exterior para o pelotão descer e regressar a Bedanda. O capitão já tinha mandado para lá uma secção com duas viaturas pesadas para trazerem o pelotão do Carvalho. A

estrada estava má, as viaturas atascavam e foi difícil chegar ao porto. Aquela estrada precisava dum arranjo e só a companhia o podia fazer.

O capitão, com um rádio perto de si, assistia na cantina ao desenrolar da operação. Tudo estava a decorrer como planeado. Quando o Carvalho informou que já via a Marinha, o capitão abriu um sorriso. Era um homem feliz. Fizera uma loucura — mas quem as não faz na guerra? — e tudo correria bem. No futuro, esta operação passaria a operação de rotina. O quadro operacional estava a compor-se.

Mais tarde, soube-se que em Bissau tinham achado piada à iniciativa do capitão. O comandante naval era, aparentemente, o mais feliz, e dizia a quem queria ouvir, que era muito bom ter-se conseguido chegar ao porto interior. Gostou do capitão quando este referiu que tinha deslocado as embarcações sem apoio aéreo ou naval. Não lhes tinha sido solicitado apoio naval, mas se tivesse sido, tê-lo-ia dado. Iria mandar um oficial a Bedanda para averiguar a segurança do porto interior, que a Marinha ainda não conhece, e que gostava de conhecer aquele capitão que dizem ser muito atrevido e refilão.

Passados uns dias, aparece em Bedanda o tenente Saldanha, um marinho que Cristo já conhecia bem e em quem a tropa de Bedanda confiava. Enviar este oficial foi um ótima escolha do Comando Naval. Já tinha feito muitos comboios para Bedanda e era considerado um valente e “um dos nossos”. Foram com o tenente ver o porto, o capitão Cristo e o alferes Ribeiro. Pediu para se cortarem duas árvores existentes a cem metros do porto, do lado de Incala, porque na opinião dele as árvores tornavam o porto inseguro. O capitão prometeu cortar as árvores e o tenente Saldanha disse que no seu relatório iria referir que o porto interior era mais seguro do que o porto exterior, e propor que a Marinha passasse a levar os barcos ao porto interior. O capitão responsabilizava-se pela segurança terrestre, ocupando pontos chaves e fazendo embarcar um pelotão no porto exterior.

A guerra estava combinada para o futuro por dois homens que se respeitavam, admiravam e se inspiravam, mutuamente, confiança total. Para os combatentes desta área, se acreditam num homem dão tudo o que têm e ainda mais alguma coisa. O tenente Saldanha já anteriormente, em Bedanda, tinha mostrado o que valia e valia

muito. Tudo o que ele pedisse a companhia de Bedanda dava ou fazia. Era a forma que tinham de mostrar agradecimento e respeito por este homem e pela Marinha que ele representava.

A BATALHA DA CONSTRUÇÃO

O capitão estava preocupado com o estado da estrada para o porto exterior. São 4 kms através da bolanha, a estrada está cheia de buracos e com as chuvas o desgaste vai sendo cada vez maior. Se não for arranjada rapidamente, qualquer dia não dá passagem às viaturas. Se tal acontecer e se, por outro lado, se tornar impeditivo navegar no Ungarinol, os militares de Bedanda terão de andar com os géneros às costas, o que é exigir demais a estes homens.

O capitão foi falar com o administrador e levou-o no jeep a ver a estrada. O administrador ficou admirado e disse que não sabia do estado da estrada, dado que por razões de segurança não passava naquela área. De qualquer maneira não tinha dinheiro para a arranjar, e mesmo que tivesse não havia trabalhadores para fazerem o serviço. Lamentava muito, mas ou era a tropa a arranjar a estrada ou esta ficava mesmo intransitável. Ao chegar ao quartel, o capitão mandou chamar os subalternos, o comandante e o 2º comandante do pelotão de milícias.

— A estrada para Cobumba está quase intransitável. Mais umas chuvadas e as viaturas deixam de poder passar. Falei com o administrador do posto que viu a estrada comigo mas disse que não tinha dinheiro para a reparar. E mesmo que tivesse não tinha possibilidade de contratar trabalhadores. Na sua opinião, só a tropa tem capacidade para compor a estrada. Informe-me, e temos aqui perto uma saibreira com muito cascalho. Vamos arranjar a estrada organizando o trabalho ao nosso modo.

O capitão Cristo, expondo o seu plano, determinou que cada pelotão, incluindo o pelotão de milícias, vai colocar na estrada duas camionetas de saibro por semana. Sendo a distância que é, pensa que com o serviço bem organizado numa manhã cada pelotão cumpre a missão. Começa-se já no dia seguinte, pelo Oliveira, e o último será o pelotão de milícias que destaca homens para ver como o trabalho é feito. Fará depois as coisas bem feitas quando chegar a sua vez. Será preciso arrancar o saibro e o cascalho, carregá-lo e levá-lo até à estrada. Começam a partir da povoação e terminam quando chegarem ao porto exterior.

— Pelos meus cálculos, — continuou o capitão — trabalharemos na estrada todos os dias, excepto sábados e domingos. Este trabalho não irá interferir com a actividade operacional, pois os pelotões têm efectivos suficientes para irem para o mato e dispensarem uma dezena de homens para o arranjo da estrada. Se tudo correr bem, dentro de dois meses temos o trabalho terminado. Gostaria de saber se têm algo a dizer.

— Os milícias andam a tratar da bolanha, vão ao mato em operações e agora ainda têm que arranjar a estrada. É muito trabalho, nosso capitão.

— Amadeu, não brinques comigo. Para fazeres a guerra eu pago-te o ordenado. Quando vamos ao mato tu tens quarenta homens e nunca levas mais de vinte e cinco. Se for necessário podes reduzir o pelotão que vai ao mato até vinte homens. A bolanha não dá trabalho todos dias e é só uma vez por semana que o pelotão trabalha na estrada. O trabalho tem que ser feito e por todos nós. Diz aos milícias que nem tu nem eles se vão baldar porque nosso capitão não deixa. E vai querer ver o vosso trabalho.

— Está bem, nosso capitão. O Tala vai ficar com o trabalho da estrada.

— Meu capitão, — disse o Ribeiro — nós vamos fazer mais esse trabalho, mas quem o devia fazer era o administrador. Para que queremos um administrador se não é capaz de fazer nada do que deve? Era melhor ele ir para outro sítio e assim já não tínhamos dúvida de que todo o trabalho tinha que ser feito por nós.

— Tens razão, mas não há nada a fazer. Se a estrada não for arranjada quem sofre as consequências são os nossos soldados, que têm de carregar às costas os sacos de arroz e as caixas de cerveja, caso o porto interior volte a ser fechado. Não há mais nada sobre isto? O Amadeu e o Tala podem ir embora.

— Bom dia, nosso capitão, — despediram-se o Amadeu e o Tala.

— Bom dia. Vamos nós falar de outras coisas que me preocupam.

O capitão queria agora falar da população da tabanca. Têm casas piores do que as que encontram, por vezes, no mato. Têm que ajudar a população a melhorar as suas casas. O capitão tinha pensado construir casas quadradas, com um corredor a meio e quatro compartimentos. Um para o homem, onde ele recebia a mulher com quem

queria dormir, outro para as mulheres e as crianças pequenas, o terceiro para os filhos crescidos. Finalmente, uma espécie de sala para conversar. O capitão queria agora saber o que é que os seus alferes pensavam disto.

O alferes Carvalho foi o primeiro a falar:

— Acho bem. Acho difícil que o meu capitão os ponha a trabalhar. Estes gajos são muito preguiçosos, não querem fazer nenhum. Eles já estão preocupados, dizem que andam muito cansados porque o meu capitão os obrigou a trabalhar na bolanha. Não sei se nos devíamos meter nisso.

— O Carvalho tem razão — disse o capitão. — Mas repare que também pensávamos que eles não seriam capazes de fazer as bolanhas e fizeram. Tenho andado pelas bolanhas e o que eu vejo é muita terra cultivada, homens e mulheres a trabalhar. A batalha das bolanhas ganhámo-la e temos agora que ganhar a batalha das casas.

O Cordeiro achou que era uma boa ideia, e que “se conseguirmos levar o Samba a aderir ao projecto, o meu capitão pode ter a certeza de que as casas vão mesmo ser construídas”. Tanto o Oliveira como o Ribeiro concordaram com a ideia.

— Bem, sendo assim, eu vou falar com o régulo. Para a ideia não falhar temos que ser nós a construir a casa do Samba, e com urgência. A Companhia dá todo o material e vamos construí-la. Ele é o homem grande que a tropa respeita. Para os outros fornecemos transporte para os materiais. Aos milícias, que também têm de aderir ao projecto, além do transporte emprestamos dinheiro para comprar alguns materiais e descontamos depois, todos os meses, um pouco nos ordenados.

— Concordo — disse o Cordeiro. — Eu com os meus homens vamos construir a casa do régulo. Tenho soldados que têm casa na tabanca. Também vou construir casas para eles.

— Está bem — disse o capitão. — Quem tiver soldados casados a viver na tabanca pode ajudar a construir as casas para eles. Vejam o que precisam e o que a Companhia pode ajudar. O Cordeiro pode falar amanhã com o régulo, que eu vou falar com ele hoje. Mais alguma coisa? Então até logo. Vou chamar o Lassen e dizer-lhe que vá buscar o Samba.

Passado algum tempo chega o régulo Samba. Entrou no quartel com o seu ar imponente. Era um homem com muito boa figura. Foi em tempos dono de metade do Cantanhez. Fugiu da mata e não aceitou as promessas dos guerrilheiros que o queriam ter com eles. Deixou gado, casas e terras, parte da família ficou no mato e veio para Bedanda para reconstruir a sua vida. O governo fez dele alferes de 2ª linha, como paga dos serviços e da sua lealdade. Como alferes de 2ª linha não tinha ordenado. Foi uma honraria sem consequências materiais. Era fácil ao governo da província fazer isto. Não foi no entanto capaz de lhe dar meios de subsistência que lhe permitissem viver decentemente. Coisas da guerra, coisas de África e da Guiné. Depois de pedir licença para entrar, entrou e perguntou ao capitão:

— Nosso capitão mandou-me chamar?

— É verdade Samba. Senta-te que temos muito que falar. Logo vou mandar o Lassen com arroz, açúcar, conservas e óleo para ti. É a Companhia que oferece.

— Obrigado, nosso capitão.

— Sabes Samba, ando muito preocupado. Às vezes deito-me e começo a pensar. Há tanta coisa que eu queria fazer sozinho e não posso. Preciso da tua ajuda.

— Nosso capitão diga que Samba gosta do nosso capitão. Nosso capitão é macho no quartel e na mata. Fala pouco e faz muito. Leva soldados no mato dar porrada nos guerrilheiros e não tem mortos. Nosso capitão tem boa sombra¹⁵. Todos nós homens e mulheres fazemos tudo que nosso capitão quiser.

— Ainda bem que assim é porque eu preciso da tua ajuda e da ajuda do pessoal da tabanca. Vocês têm casas piores que as do mato. Eu quero que a tabanca tenha boas casas. Casa grande com compartimentos para o chefe da casa, para as mulheres, para as crianças e uma sala para receber os amigos.

— Isso era bom mas custa dinheiro e pessoal não pode.

¹⁵ ter boa sombra, ter sorte

— Vamos ver Samba. A Companhia constrói a tua casa. Alferes Cordeiro com os seus soldados trata disso. A Companhia paga tudo. Tu só dizes onde queres a casa e como a queres. Tratas tudo com o Cordeiro. Aos outros homens da tabanca emprestamos viatura para ir buscar cibes¹⁶ no mato, se houver dificuldades alguns soldados podem ajudar. O pessoal da milícia também vai construir casas novas. Concordas?

— Eu concordo, nosso capitão. Eu quero falar primeiro com os homens da tabanca antes de dar a resposta ao nosso capitão.

— Está bem Samba, mas é urgente. Não te esqueças de que quando homem quer brincar com mulher tem que ter quarto para isso. Homem chama mulher e leva para quarto. As outras mulheres e as crianças não devem ver. Agora as casas só têm um compartimento onde dormem todos, e onde homem brinca com a mulher que quer, na frente das outras e das crianças. Não está bem Samba. Pensa nisso e di-lo aos homens da tabanca.

— Sim senhor nosso capitão. Amanhã venho dar resposta ao nosso capitão.

— Está bem Samba. Não te esqueças que eu quero vosso bem. Até amanhã.

— Até amanhã, nosso capitão.

No dia seguinte Samba veio dar a resposta ao capitão. Os homens estavam contentes. iam finalmente ter uma boa casa com a ajuda da Companhia. O capitão tinha ganho mais uma batalha. O pessoal da tabanca adorava-o, e quando ele passava, homens e mulheres vinham cumprimentá-lo.

Os homens de Bedanda, como todos os homens, tinham ciúmes das suas mulheres. E não gostavam de saber que elas faziam amor com outros homens. No entanto, como tinham muitas mulheres e o marido não chegava para todas, a infidelidade conjugal era quase uma constante. O que ele não queria era encontrar as suas mulheres com outros homens, pois isso feria o seu orgulho de macho e obrigava-os a tomar uma atitude não muito de acordo com a sua maneira de estar na vida. Poligamia, ter muitas mulheres,

¹⁶ árvores típicas da Guiné com boa resistência estrutural

era uma realidade entre muitas raças da Guiné. A maior parte dos homens sabiam que suas mulheres não lhes eram fiéis, nos termos e nos conceitos existentes nas sociedades ocidentais como a nossa. O conceito do guinéu era diferente e pode ser deduzido da afirmação de um sargento, que aos cinquenta anos, tendo já cinco mulheres, casou com uma rapariga de dezasseis. Ao saber disso, o capitão chamou o sargento e disse-lhe:

— Camú, ouvi dizer que vais casar com uma bajuda que gosta de um soldado meu, e com quem o soldado quer casar. Porque não desistes do casamento e deixas a rapariga para o soldado? Tu já tens cinco mulheres e não chegas para todas. Para que queres mais uma?

— Não se preocupe nosso capitão, amigo ajuda.

A mulher para o guinéu da área de Bedanda era um sinal de riqueza. Quanto mais mulheres tivesse um homem, mais rico e mais conceituado era entre eles. Primeiro, porque para as ter, tinha que as comprar, e uma bajuda custaria à volta de quatro contos, entre dinheiro entregue, mais cabras, panos, tabaco e cana. Numa região em guerra, não era fácil ao nativo economizar quatro contos. Segundo, porque as mulheres trabalhavam muito, tanto na lavoura como em casa. Quantas mais mulheres, maior era a lavoura e mais produtos o homem colhia e melhor vivia. Havia também a necessidade natural a todo o ser humano. Enquanto a mulher europeia faz amor durante a gravidez e durante a amamentação, a mulher africana, não ocidentalizada, não tem contactos com qualquer homem durante a gravidez e durante a amamentação que chega a durar dois anos. Daí a necessidade física dum homem ter de casar com várias mulheres, só assim poderia em qualquer momento ter mulher disponível na cama. Por sua vez as mulheres aceitavam pacificamente a poligamia dos seus maridos, por diversas razões, em que a mais importante não era estranha aos casamentos serem feitos sem amor. De facto, quem negociava o casamento, às vezes muito cedo, era o pai da bajuda. A mulher posta à venda só era entregue a quem a pudesse pagar. Tal como entre nós, a maior parte dos homens bem sucedidos eram os mais velhos, e daí ser corrente ver um homem de sessenta anos casar com uma rapariga de dezoito. Os jovens tinham primeiro que ganhar dinheiro para ter mulher própria, ou então pedir ajuda aos pais. Se depois de casar, uma mulher fosse encontrada pelo marido a fazer amor com outro

homem, era entregue ao pai e o casamento era desfeito. O pai era então obrigado a devolver o dote, que teria que ser pago pelo homem que foi caçado a fazer amor com ela. A mulher passava a ser propriedade do seu amante e não havia mais problemas. Se o negócio não fosse feito pacificamente, seria a o caso exposto ao régulo, que com os outros homens grandes da tabanca, determinava a solução do conflito de interesses. As mulheres casadas podiam então ter relações com outros homens, desde que não fossem apanhadas. Não havia ninguém que contasse ao marido qualquer infidelidade das suas mulheres. Era um bom negócio um militar branco comprar uma mulher. O pai ficava contente por fazer negócio, pois sabia que ao fim de dois anos o militar ia embora e a rapariga voltava para o pai, sem necessidade de devolver o dinheiro, podendo depois tornar a vendê-la. Alguns militares compravam uma bajuda. Não era cara, não dava muita despesa e tinham mulher só para eles. Para muitas bajudas era uma honra casar com um militar branco, porque eram mais bem tratadas, não precisavam de trabalhar porque o marido a sustentava.

Um dia, um soldado negro gostou de uma bajuda que já estava prometida a um homem velho com várias mulheres. O futuro marido exigia o cumprimento de promessa, tanto mais que já a tinha pago ao pai. O soldado gostava muito dela e ela dele. O soldado não tinha dinheiro para pagar o dote, mas gostava tanto dela que não aceitava que ela casasse com outro. Foi falar com o seu comandante de pelotão, o alferes Cordeiro, que depois de ouvir o seu soldado foi falar com pai da bajuda, tentando convencê-lo de que já não estávamos na altura de obrigar as raparigas a casar com quem não queriam. O soldado era bom rapaz e a rapariga seria mais feliz com ele do que com um velho, e que ele, como pai, deveria querer o melhor para a sua filha. Nada demoveu o pai dela e o casamento fez-se. Na noite do casamento, a garota, em vez de ir para casa do marido, refugiou-se na casa do régulo e nada a convenceu a ir para casa do marido. Ela só queria o soldado. O régulo inicialmente procurou resolver o assunto, dizendo que a rapariga pertence ao marido e tem que ir para casa dele. Como não quer ir, fica uns dias em casa dele para ver se encontram uma solução. Como o homem que ela quer é soldado e não tem dinheiro para pagar, o Samba vai falar com o capitão. Tanto o pai da bajuda como o marido aceitaram a decisão do régulo. A

rapariga chorava noite e dia e não queria ver nem pai nem marido. Ao saber do caso, o capitão disse ao régulo:

— O problema é teu, não é meu. Soldado é soldado, mas para casar, quando procura mulher, é um homem da tabanca como os outros e por isso sujeito às mesmas regras.

O capitão, naturalmente, considerava errado terem obrigado a rapariga a casar com o velho, quando ela gostava do soldado. Também o alferes Cordeiro falou com o pai, que não o quis ouvir e insistiu no casamento.

— Samba — de novo o capitão. — Faz o que quiseres, mas se eu não for contra os vossos usos e costumes, dizia ao pai da rapariga para devolver o dinheiro ao marido e deixava casar a rapariga com o soldado. Este assunto pode ser resolvido como um caso de flagrante infidelidade da mulher. Se assim quiseres fazer, a Companhia paga o dote da rapariga e os soldado casa com ela.

— Nosso capitão é capaz de ter razão. Eu vou lalar com o pai da rapariga e com o marido. Se eles aceitarem fazemos como nosso capitão diz.

Tanto o marido como o pai aceitaram desfazer o casamento e casar a rapariga com o soldado. Foi uma festa no quartel. A idade contemporânea estava a chegar a Bedanda, as raparigas iniciavam a quebra dos grilhões tribais que as prendiam e que na Europa há muito que tinham acabado. Era a revolução e a revolta dum juventude em guerra permanente contra a geração dos pais, que viviam ainda fechados nos seus usos e costumes transmitidos de geração em geração. Era o fim dum negócio para os pais, que preferiam ter filhas porque estas davam dinheiro, ao passo que os filhos exigiam-no para comprar, eles próprios, as suas mulheres.

ATAQUE DE SURPRESA

O dia a dia em Bedanda é duro, mesmo muito duro. Independentemente das operações determinadas pelo Comando Militar, Comando do Batalhão e pela própria Companhia, todos os dias sai uma patrulha para vários sítios, a fim de manter uma área protegida à volta do quartel, onde os guerrilheiros se sintam inseguros. Por vezes estas nomadizações cruzam-se com as patrulhas deles e tem lugar uma escaramuça de que normalmente a tropa de Bedanda sai vitoriosa. Estas patrulhas deslocam-se em áreas que distam, no máximo, quatro quilómetros do quartel e que se encontram atribuídas, por questões de segurança, a três sectores. Na Companhia, ou seja na sede, estão dois pelotões. Na área do posto administrativo um pelotão de atiradores e o pelotão de obuses 8.8. Na povoação comercial e para segurança da mesma, está um pelotão que destaca uma secção para defesa da Casa Gouveia, uma casa comercial que se encontra um pouco afastada da povoação. As patrulhas saem de noite e de dia e ficam fora do aquartelamento à volta de seis horas. Para além das áreas indicadas, os efectivos em acção terão de ser, no mínimo, dois pelotões, havendo mesmo locais onde só três ou mesmo quatro pelotões terão possibilidades de êxito. Em zonas mais afastadas como Salancaur, Nhai, Caboxanque e Cabolol, só duas companhias dão garantia de sucesso da operação. Os pelotões organizam-se segundo uma escala de patrulhamentos que já funciona quase automaticamente.

O fundamental nestas patrulhas são as transmissões, que poderão garantir um pedido de reforço a qualquer momento. A companhia, em meia hora, está sempre pronta a pôr um pelotão na mata em reforço da tropa já em patrulha. Nestas nomadizações o capitão não vai. Ia inicialmente para conhecer a zona e saber o perigo que corriam os militares. Agora só sai quando chegam oficiais e sargentos novos. É o capitão que lhes vai dar o treino operacional e larga-os depois, sozinhos, quando os considera aptos a resolver os problemas que possam surgir. A companhia tem muitos serviços a seu cargo. Além da segurança imediata feita por sentinelas e postos de vigia ou escuta, é preciso ir buscar água em atrelados para cozinhar, beber e tomar banho. Para os banhos existem instalações improvisadas com bidões de 200 litros que têm de estar sempre cheios. Por rotação, um pelotão garante o abastecimento de água e

também da lenha que é cortada na mata. Neste caso, além dos cortadores e carregadores da lenha, é preciso ter elementos de segurança que se deslocam em conjunto nas viaturas.

Durante a preparação das bolanhas para o arroz, alguns soldados, de maneira informal, transitam pela área enquanto os civis trabalham, para lhes dar protecção e confiança. Este trabalho é mais vulgar quanto há mulheres na bolanha, pois já houve várias tentativas dos guerrilheiros para raptar mulheres em Bedanda. Se as mulheres forem pescar nos rios próximos onde há muito peixe, solicitam uma escolta e é nomeada uma equipa de cinco homens, normalmente de casados. Dado estar autorizada a entrada das mulheres do mato na povoação comercial, existe um sistema de controlo que permite ao comandante da companhia saber quantas mulheres entraram e donde vieram. Muitas vezes as mulheres trazem galinhas e ovos para vender, e o próprio capitão tem comprado algumas, pondo-as numa capoeira no pelotão da cantina. Normalmente tem lá três ou quatro galinhas. O capitão, acompanhado do Lassen, desloca-se muitas vezes aos acessos a Bedanda, de manhã cedo, para falar com as mulheres do mato e aproveita para mandar a sua mensagem. Quando quer saber informações de determinadas áreas, o capitão utiliza várias pessoas que vão desde comerciantes a soldados ou aos homens grandes da tabanca, nomeadamente soldados da milícia. Quando isso acontece, o capitão autoriza que se façam despesas nas casas comerciais, em tabaco e em cana, para se criar um clima de confiança. Por vezes é um trabalho demorado mas permite ao capitão ficar a saber o que se passa na mata à sua volta. Há frequentemente sessões de instrução, nomeadamente de tiro na sua versão instintiva, para que os homens se controlem eficientemente em combate e saibam poupar munições. Dedicar-se muito tempo à conservação do armamento. Os soldados são preparados para estimarem mais a sua arma do que a sua mulher. O capitão diz que a melhor amante que um soldado tem em combate é a sua arma. Tal como as mulheres, as armas, para responderem no momento preciso, têm de ser muito acarinhadas todos os dias. Além de tudo isto, os homens têm de fazer a manutenção do quartel e dos abrigos, verificar o arame farpado que circunda o aquartelamento e a tabanca, arranjar estradas, ajudar nos trabalhos que a população não possa fazer por falta de braços ou de segurança, carregar e descarregar

os barcos, e tantas e tantas coisas do dia a dia que é difícil descrever. É uma vida completamente cheia que às vezes os impede de pensar nas condições em que vivem. A companhia tem cerca de duzentos e cinquenta homens na sua maioria negros. Quando na companhia houve uma tentativa de revolta, o Comando do Batalhão fez deslocar para Bedanda duas secções de brancos de outras duas companhias do batalhão. Essas secções ainda permanecem em Bedanda. Deve haver cerca de quarenta brancos, entre oficiais, sargentos e praças, para duzentos e dez negros. No sul da Guiné, em que a maior parte do território está controlado pelos guerrilheiros, existe uma companhia de nativos que soma êxitos sobre êxitos nas operações contra eles. Custa muito aceitar uma situação destas. Nos estudos de situação que se façam, estes factos são sempre levados em consideração.

Na tabanca e no quartel, os homens andam à vontade. Tronco nu, calções e chinelos é o vulgar. Os oficiais normalmente calçam sapatos mas muitas vezes também usam chinelos. Existe o receio de que alguns soldados se revoltem e se juntem aos guerrilheiros. Há a sensação de que, por esse motivo, não existem aqui as mesmas facilidades de outras companhias. É a única companhia operacional praticamente só com nativos, com todo um sector à sua responsabilidade. As outras companhias de nativos, mais três, têm os seus pelotões distribuídos como reforço de companhias metropolitanas.

Em Bedanda, quem não estiver de serviço nem com trabalhos distribuídos, fica livre. A liberdade que lhe é dada só permite a deslocação à tabanca ou a qualquer um dos vários aquartelamentos da Companhia, para falar com os amigos. A tabanca, que dispõe de abrigos e rede de arame farpado, está militarizada e é defendida pelo pelotão de milícias. Quer de dia, quer de noite, soldados, sargentos e oficiais transitam livremente na povoação. À noite, os oficiais levam sempre duas granadas de mão e andam dois a dois. O capitão diz que seguro morreu de velho e pensa que há pessoas na população e até entre os soldados, com ligação aos guerrilheiros. Diz que têm de se habituar a viver assim. Pensa que os seus soldados estão com ele, por ele próprio se mostrar forte e corajoso, e feitas as contas, por dar mais porrada aos guerrilheiros do que a que leva deles. No dia em que os oficiais fraquejarem e mostrarem medo, os

negros não hesitarão em lhes cortar as cabeças para as oferecerem aos guerrilheiros. E estes agradeciam. Eles fazem muita pressão sobre Bedanda.

O calor é intenso, e mesmo de tronco nu e calções o corpo fica pegajoso apesar dos banhos constantes ao longo do dia. São soldados sujeitos vinte e quatro horas por dia a grandes tensões. Pode acontecer, com frequência, sair um pelotão em patrulhamento para um lado e do outro surgir um ataque ao quartel com canhões sem recuo, morteiros e armas ligeiras automáticas. Os guerrilheiros estão mais bem armados do que os soldados e têm durante o dia vigias a observar a actividade da tropa. Os homens habituam-se e já aceitaram estes factos com naturalidade. Só quando chegam os maçaricos é que notam quão diferentes são os hábitos dos veteranos, dos hábitos dos recém-chegados. Aquilo que preocupa os maçaricos os veteranos nem notam.

Um dia, ao cair da tarde, os guerrilheiros atacaram o destacamento da cantina. Tiroteio por todo o lado e morteiradas a cair perto das instalações do pelotão. O capitão sai do seu gabinete disparado, pergunta onde é o tiroteio, fica a saber onde é, enfia-se no jeep com o Lassen e fala para o Carvalho:

— Vou para a cantina. O pelotão não tem comandante, o Cordeiro ainda está em Bissau. Liga-te ao Ribeiro e pergunta como vão as coisas na povoação.

— Vá lá, mas com cuidado. Este gajos podem ter posto alguns indivíduos ao longo do caminho para emboscarem qualquer reforço.

— Não, a distância é curta e eles estão longe. É mais morteiros e canhões sem recuo. As armas automáticas é só para fazer barulho. Até logo.

O jeep voou para a cantina. Ao chegar, o capitão ficou furioso. Em cima dos abrigos e do muro de protecção, apertando os tomates e virados para a origem do fogo, os soldados desafiavam os guerrilheiros e convidavam-nos a avançar ao mesmo tempo que lhes gritavam, “se tiverem coragem!”. Ainda os sargentos se não tinham apercebido da chegada do capitão e já havia soldados a levar bofetadas do capitão, ao mesmo tempo que lhes gritava:

— Já para os abrigos seus sacanas. Como é que o nosso capitão disse para nos defendermos das morteiradas? Eu não disse que quando houvesse morteiradas a cair

no quartel queria todos os homens nos abrigos e só depois veríamos o que teríamos de fazer? Quem manda aqui sou eu ou vocês? Rebento-vos o focinho se não vão imediatamente todos para os abrigos. Só ficam os homens da artilharia e dos morteiros. Nosso sargento, os tiros vêm da área de Contunbem. Semeie já meia dúzia de granadas pela área. Não quero precisão, quero rapidez. Antunes, fogo para a orla da mata em frente. Deves ter os elementos calculados. Fogo rápido. Eu quero que os guerrilheiros sintam que estamos atentos, que reagimos rapidamente e que, estejam onde estiverem, nunca estão em segurança se estiverem ao alcance das nossas armas.

— Pronto, meu capitão, os meus homens estão abrigados, só eu e os sargentos estamos junto dos obuses. Fazemos nós tiro sem necessidade dos homens.

O que aconteceu a seguir foi um festival, nas palavras do capitão Cristo. Víamos granadas de artilharia e de morteiro rebentar na mata e delirávamos. Devemos ter acertado perto porque o tiro dos guerrilheiros terminou aos primeiros tiros nossos. Não estavam à espera da nossa resposta tão depressa. Passados uns dias soubemos pelas mulheres do mato que o susto fora tão grande que retiraram deixando no local os morteiros, os canhões sem recuo e uma metralhadora pesada, que só vieram buscar um dia depois.

Findo o ataque, o capitão mandou formar o pelotão e disse:

— Estou chateado convosco. Se aqui estivesse o nosso alferes Cordeiro também estaria. Nosso capitão está farto de dizer que das morteiradas nos defendemos em abrigos. Não interessa mostrarmos que somos valentes se formos loucos para nos deixarmos matar. A tropa de Bedanda mata mas não morre. Para isso é preciso fazer as coisas como diz nosso capitão e nosso alferes Cordeiro.

O capitão não queria mais malucos na mata com ele. Na próxima operação o pelotão da cantina ficaria em Bedanda. Pelotão não merecia ir com nosso capitão. Nosso capitão não teria força para trazer os mortos às costas. Se num próximo ataque ao quartel voltarem a ir para cima dos muros e dos abrigos desafiar os guerrilheiros, o pelotão da cantina passaria para a CCS, a companhia de comando e serviços, e só faria trabalho da CCS, nunca mais iria na mata.

— Podem destroçar — mandou o capitão. — Ficam os sargentos e o cabo Francisco.

O capitão dirigiu-se então aos sargentos:

— Vocês envergonham-me. Como é que podia imaginar que era preciso eu vir até aqui para resolver este incidente. Se eu não viesse a guerra terminava quando tivéssemos uma série de mortos e feridos. Como é que vocês querem ter o respeito dos vossos homens se andam sempre nas gajas e deixam os homens entregues a si próprios? Espero que isto não volte a acontecer porque se acontecer eu dou cabo de vocês. Hei-de tratar-vos da saúde para que vocês nunca mais sejam capazes de olhar para o espelho e ver a vossa cara. Não quero ouvir nada porque ainda me posso chatear mais.

— Francisco, tu és mandinga. Mandinga é bom soldado. És filho de homem grande. Sendo cabo dei-te uma secção para comandar. Se voltar a acontecer uma coisa destas no pelotão tiro-te o comando da secção. Depois não te queixes. Rua.

Depois desta conversa o capitão monta-se no jeep e vai para a Companhia. Estava chateado com o que se passou. E com a dureza que teve para os seus homens. Estava convencido de que era preciso ser duro em determinadas alturas para noutras poder poupar as vidas aos seus soldados. O ataque dos guerrilheiros não foi grande coisa. Foi mais uma flagelação para mostrarem que estavam vivos. E mostrar à população que não tinham medo da tropa de Bedanda. O capitão também quis mostrar que com ele não se brincava. E não brincava mesmo.

BOBEDÊ, MELINDE — TIROTEIO E VOLTA

Bobedê era considerada uma área onde só se ia com três pelotões. Aliás, a norte do Ungarinol era perigoso ir com efectivos inferiores. Constava que havia um acampamento ali por perto e que a maior parte da população estava armada, constituída em milícia popular. O capitão decidiu ir a Bobedê e bater a mata anexa para ver se encontrava o acampamento. Levariam três grupos de combate e não solicitaria apoio aéreo de combate. Seria alertado o Comando do Batalhão a fim de solicitar a presença em Bedanda ou em Catió de um helicóptero para evacuações. Ficariam garantidas as evacuações necessárias a partir de Catió, mas não enviaria o helicóptero para Bedanda. Havia outras operações na área e era preciso colocar os meios numa zona mais central. O capitão reuniu os seus subalternos.

— Vamos a Bobedê. Vou com o Carvalho, o Ribeiro e o Oliveira. À frente vai o Ribeiro, depois o Oliveira e à retaguarda irá o Carvalho. Eu sigo na 2ª secção do Ribeiro e será aí o comando da operação, com o rádio em ligação à Companhia e aos meios de evacuação. O enfermeiro também seguirá aí. É preciso muito cuidado com a segurança frontal e à retaguarda. Vão nessas posições os comandantes de pelotão mais experientes. Pretendo entrar na mata de Bobedê às seis horas da manhã. Seguimos depois sempre a corta-mato até Melinde onde atravessamos a vau o Ungarinol. Abordaremos a mata pela sua orla ocidental, por ser aquela de menos provável aproximação para quem vai de Bedanda. Atravessaremos depois toda a mata, seguindo as pistas que encontrarmos, e acabaremos em Samenhite. Depois regressaremos a Bedanda atravessando o rio em Fabrique. Temos que arranjar um bom guia para escolher os vaus para atravessar o rio. O pelotão de milícias não vai. O Carvalho pede ao Amadeu, para guias, milícias que conheçam bem a zona. O Cordeiro fica a tomar conta do quartel atento a qualquer reforço e acção durante a travessia do rio Ungarinol. Admito que os guerrilheiros venham a esquivar-se ao combate, inicialmente, e procurem emboscar-nos em frente de Samenhite ou nos flagelem a partir da mata durante a travessia do rio. O Antunes prepara fogos de artilharia, a executar à ordem, sobre Samenhite. Levamos rações de combate para um dia, 200 cartuchos por homem, 2 granadas ofensivas por militar, 4 granadas de morteiro 60 por cada morteiro e 3 de

lança-granadas por pelotão. Não se esqueçam de verificar se os homens levam água. A água que vamos encontrar é salgada. Alguma dúvida?

— Eu tenho, meu capitão — disse o Cordeiro. — Eu quero saber porque não vai o meu pelotão em vez do pelotão do Oliveira. Eu conheço a zona e o Oliveira não.

— Cordeiro, vamos deixar-nos de ser sentimentais e emocionais. Eu disse ao teu pelotão, quando estavas em Bissau, que de castigo não os levaria na minha próxima saída, e temos que cumprir o que dizemos. Além disso esta operação, embora tenha riscos, não vai ser muito difícil, o Oliveira precisa de rodagem e vai bem enquadrado pelo Ribeiro e pelo Carvalho. Mais alguma coisa?

— A que horas o meu capitão tenciona sair do aquartelamento? — queria saber o Ribeiro.

— Estou a pensar sair à meia-noite.

— É tarde, meu capitão. A mata é difícil. Temos de atravessar a bolanha que neste período está alagada e a marcha vai ser penosa e demorada. Proponho sairmos às dez horas da noite.

— Por mim concordo. Alguém tem algo a objectar quanto à hora de saída ou quer acrescentar alguma coisa?

— Eu — disse o Ribeiro — só queria recomendar que na mata vamos em bicha de pirilau. Mesmo assim é muito difícil manter a coluna ligada, pois não se vai ver nada. Cada homem da coluna agarra-se com uma mão ao cinturão do homem da frente. Se a coluna se partir, o homem da frente da segunda metade da coluna pára e espera que o venham buscar. O homem que deixou de sentir a pressão do companheiro no cinturão avisa o homem da frente que a coluna se partiu. Quando chegar a mim, que vou na primeira secção, paro e mando o guia atrás. A marcha só se reiniciará quando a coluna estiver refeita.

— Concordo contigo — disse o capitão. — Todos os comandantes de pelotão dão instruções precisas aos homens sobre isto. Os pelotões formam meia hora antes da saída para receberem instruções e munições. À hora precisa eu inicio o movimento. Até logo.

— Até logo meu capitão, disseram os alferes.

À hora marcada saíram. O capitão juntou-se ao pelotão do Ribeiro e disse para iniciar o movimento. Pareceu não se preocupar com os outros pelotões. Ele sabia que estavam prontos, pois o cumprimento dos horários era fundamental e todos o sabiam. Um dia, um pelotão atrasou-se e o capitão iniciou o movimento sem o pelotão. Para se juntar à companhia o pelotão teve que sair em passo de corrida. Eram estas as regras do jogo. À hora marcada, as colunas saem com toda a gente ou apenas com parte se alguns não estiverem prontos. A partir de então, passaram a estar sempre prontos. Ninguém queria ter na consciência o peso de mortos ou de feridos por responsabilidade no atraso em relação aos horários planeados.

Em dada altura a coluna partiu-se. Um soldado, para se livrar dum ramo, largou o cinturão do companheiro da frente. Quando de novo estendeu a mão não havia nem cinto nem companheiro. O incidente deu-se no pelotão do Oliveira. Assim que o aviso chegou ao guia, a coluna parou. O guia veio à retaguarda, reconstituiu a bicha e reiniciou-se o movimento.

A marcha foi muito penosa. Quando acabou a mata, começou a bolanha que estava cheia de água e onde os pés se enterravam como nos lagares de vinho no tempo das pisas. A água da bolanha agarrava-se às botas e às calças, e tornava muito penosa a acção de levantar o pé do buraco onde estava metido. Às vezes ficavam enterrados acima dos joelhos. O rio foi atravessado ainda de noite e entraram na bolanha de Bobedê. Não se via nada. Ao raiar da aurora avistaram uma mulher que vinha para a bolanha. Ao ver a tropa começou a correr para a mata, a gritar muito. Lá se foi a surpresa. A coluna tinha sido referenciada. Aceleraram a marcha para alcançarem a orla da mata antes de começar o tiroteio, se o houvesse. Era perigoso serem apanhados na bolanha e aí serem batidos por guerrilheiros instalados na mata. Se tal acontecesse, iriam impedir a chegada à tabanca porque quando o sol sobe não se aguenta ficar parado na bolanha. Ou entravam na mata ou tinham que retirar antes de terem de ser evacuados por insolação. Muitas operações tiveram efeitos desastrosos porque o sol eliminava os militares. A partir de determinado período de exposição ao sol, a insolação dava cabo dos homens e as baixas eram muitas. Todos sabiam isso e como não queriam regressar sem ir a Bobedê, o capitão deu ordem ao Ribeiro para avançar para a mata

tão depressa quanto fosse possível. Ganhariam esta luta contra o tempo. Respiraram fundo quando os primeiros homens do Ribeiro ultrapassaram a orla da mata. Então a coluna recompôs-se e reiniciou-se atentamente a marcha. Os guerrilheiros podiam sair a qualquer momento do meio da mata. Viveria quem primeiro disparasse e disparava primeiro que primeiro visse o outro. Eram ao mesmo tempo caçadores e caça. Caçadores porque procuravam os guerrilheiros, caça porque sabiam que eles já estavam alertados e a qualquer momento que lhes dessem oportunidade a tropa seria emboscada. A dada altura o Ribeiro falou pelo rádio.

— Cristo, aqui Ribeiro. Casas à nossa frente a 100 metros. Chegámos a Bobedê. Não vejo nenhum movimento, escuto.

— Ribeiro, aqui Cristo. Continue a avançar com cuidado. Com tiros ou sem tiros ultrapasse a tabanca e instale-se para lá das últimas casas de modo a evitar um ataque vindo desse lado. Aí garanta a segurança. O Oliveira, assim que vir as casas, desloca-se para a esquerda e contorna a povoação. Quando não tiver mais casas à sua esquerda, instala-se e impede reforços que venham de Samenhite. O Carvalho entra na tabanca, revista-a e destrói tudo. Tudo isto tem que ser feito rapidamente. É do género “bate e foge”. Se tudo correr bem e sem tiros, depois da tabanca destruída embrenhamo-nos mais para norte na mata, seguindo a picada que sai da tabanca, e procuramos o acampamento. Digam se entendido, escuto.

Ribeiro, Oliveira e Carvalho, ordenadamente, declaram entendido e ficam em escuta. Mas de súbito, na frente da coluna, começou o tiroteio. O Ribeiro tinha visto elementos a fugir, abriu fogo e logo ali se travou um pequeno diálogo de gigantes. O Ribeiro avançou com os seus homens em direcção ao local onde tinha visto os guerrilheiros e tratou de ultrapassar a povoação. Prendeu cinco mulheres com uma criança, e um homem. Não tiveram tempo de fugir e os guerrilheiros deixaram-nos ficar para trás para salvarem a própria pele. Deu conhecimento ao capitão de quem recebeu ordens imediatas para interrogar os prisioneiros. Era preciso saber quantos eram, para onde foram e que armas tinham. Uma das mulheres ainda disse que foram apanhados de surpresa. Os guerrilheiros deram ordem para fugir para o acampamento e retirarem todo o armamento. Achavam que a tropa era muita e não a podiam

aguentar. Só lhes restava impedir a captura do armamento. As ordens do capitão não se fizeram esperar.

— Carvalho, aqui Cristo. Revista rapidamente a tabanca e incendeie as casas. Tens meia hora. Logo depois reiniciamos o movimento em busca do acampamento. O Ribeiro, eu e o Oliveira vamos embrenhar-nos na mata para localizarmos o acampamento. Parece que está cerca de 2 kms para norte. Uma das prisioneiras disse que é pequeno e tem apenas quatro palhotas. Diga se entendeu, escuto.

— Cristo aqui Carvalho. Entendido, escuto.

— Carvalho, aqui Cristo. Vou enviar-te os prisioneiros com dois homens do Ribeiro. Toma conta deles. Ficamos apenas com uma mulher. Despacha-te.

— Cristo, aqui Carvalho. Está tudo de vento em popa. Tabanca quase toda a arder. Podem avançar sem perigo que eu vou no vosso encalço, escuto.

— Oliveira, aqui Cristo. Levantem o rabo do chão e venham ter connosco à picada. Vamos iniciar o movimento. Cuidado com atiradores emboscados em qualquer sítio. Vigiar bem as árvores tanto em cima como no chão. Terminado.

— Ribeiro aqui Cristo. Julgo que ouviu a conversa com o Carvalho e o Oliveira. Reinicie o movimento com cautela. Leve junto de si a mulher que vai servir de guia. Diga-lhe para não mentir senão tratamos-lhe da saúde. Diga se entendeu, escuto.

— Cristo aqui Ribeiro. Já iniciei o movimento. Há por aqui bastantes rastos. A fuga deve ter sido precipitada.

— Oliveira e Carvalho, aqui Cristo, reiniciámos o movimento. Informem quando reconstituírem a coluna na picada. Terminado.

A marcha reiniciou-se muito lentamente. Dava gosto ver os homens do Ribeiro, arma na mão pronta a disparar sobre tudo o que mexesse. A cabeça num remoinho tentando ver através da vegetação algo escondido no chão ou na copa das árvores. Era impossível que algo surpreendesse estes homens, porque com uma habilidade extraordinária, ao mesmo tempo que olhavam para a mata procuravam indícios de

fuga. Quando encontravam qualquer rasto, sem parar, apontavam para o chão. Todos ficavam a saber que por ali tinham passado homens há pouco tempo.

O acampamento estava localizado quase na outra orla da mata. Estava deserto. Os primeiros homens do Ribeiro apenas tiveram tempo de mandar umas rajadas sobre os últimos elementos em fuga que através da bolanha corriam para a outra mata mais a norte. As rajadas aceleravam a fuga e mais assustados eles ficavam. O capitão deu então ordens ao Ribeiro para ultrapassar o acampamento e montar segurança a seguir. O Carvalho recebeu ordem para parar e impedir qualquer ataque pela retaguarda. Os guerrilheiros eram peritos em seguir os militares na mata e depois atacar a sua retaguarda quando achassem oportuno. O Oliveira foi fazer uma busca ao acampamento para a seguir o destruir. Logo que o Oliveira informou que tinha terminado a missão, o capitão deu ordem de iniciar a batida em direcção a Samenhite.

Chegaram a Samenhite sem problemas e iniciaram o movimento em direcção ao rio Ungarinol a caminho de Bedanda. Quando iniciaram a travessia do rio o capitão falou para a Companhia.

— Cordeiro, aqui Cristo, escuto.

— Cristo, aqui Cordeiro, escuto

— Cordeiro, vamos iniciar a travessia do rio frente a Samenhite. Pensamos estar em casa dentro de duas horas. Queremos uma sopa quente e água para os banhos. Diga se entendeu, escuto.

— Cristo, aqui Cordeiro. Entendido. Acabei de comer uma perna de frango. Não querem um bocadinho? Escuto.

— Cordeiro, aqui Cristo. Devias ter vergonha na cara. Nós aqui a esfolar e a comer ração e tu a falares em comida e pernas de frango. Vais pagar isso quando chegarmos. Terminado.

Quando chegaram, havia uma refeição quente para os soldados. O Cordeiro não se limitou à sopa quente. Mandou preparar uma refeição completa e depois o capitão que fizesse as contas. Os homens vinham cheios de fome. Para o Cordeiro a ração era pouca e má para homens de vinte e poucos anos. Ele sabia bem o esforço feito por

aqueles homens. Mereciam comer e tinham que ter o que comer. Os oficiais tinham um frango assado. Ninguém perguntou onde o tinha arranjado. Todos sabiam que o Cordeiro era perito a roubar galinhas, de noite. Chegava junto delas, mexia-lhes nas patas com os dedos e depois oferecia-lhe um dedo da mão para poleiro. Saltavam para o seu dedo e levava-as assim até sair da tabanca. Uma vez fora da tabanca, torcia-lhe o pescoço e depois fazia-se a farra. Se o dono do frango ou galinha descobria, pagava-se ao homem. Às vezes ficava cara porque iam fazer queixa ao capitão que os obrigava a pagar o que o dono pedisse. As pessoas da tabanca tinham poucas coisas mas ainda se viam algumas galinhas, cabras e porcos, mas nunca nos vendiam nada. Tudo o que tinham era para eles. Roubar galinhas, para lembrar os seus tempos de estudante, era a vingança do Cordeiro.

Mais uma missão cumprida. Mais um passo para mostrar aos guerrilheiros quem mandava. Sobre os prisioneiros falariam no dia seguinte. Agora era preciso tomar banho, comer e descansar. Até o capitão devia estar cheio de fome porque depois do banho veio comer, antes de se ir deitar. O capitão nunca levava a sua ração de combate. Durante as operações bebia água e tomava as vitaminas que levava. De facto, a ração enjoava passado pouco tempo, e uma companhia com a actividade operacional de Bedanda consumia muitas rações.

GALO E BAJUDA — MAMA FIRMADA

Para os militares de Bedanda o seu dia-a-dia é muito intenso. E todos têm que fazer quando não estão na mata ou em patrulhamento. O capitão levanta-se de manhã muito cedo e começa o seu dia visitando os aquartelamentos da cantina e da povoação. Às vezes, no jeep com o condutor, desloca-se pela estrada que vai para o porto exterior de Bedanda. Como o calor é intenso muitas vezes vai em tronco nu. Através da análise da quantidade das mulheres do mato que vêm à povoação comercial, pode saber-se muita coisa das várias localidades com interesse para a tropa de Bedanda. Quando o capitão encontra mulheres do mato nos acessos a Bedanda, pára para conversar com elas, fazendo perguntas e dando recados para os homens do mato, na sua maioria guerrilheiros, maridos ou filhos delas.

Hoje era um dia em que ele queria ir ao porto exterior, o seu patrulhamento pessoal. De jeep, com uma G3 e granadas de mão. Sempre à mão, uma pressão de ar para fazer tiro sobre as aves que se cruzavam consigo. Era a sua acção favorita quando algo o preocupava ou quando a depressão, motivada pelo isolamento e pelas saudades da família, o atacavam mais. Ao passar pela povoação, a Inácia, a mulher do Zé Saldanha, veio o a correr a chamar o capitão.

— Nosso capitão, venha tomar o mata-bicho com o Zé Saldanha a nossa casa. Já lá está o nosso alferes Ribeiro. Tenho passarinhos fritos.

O capitão não se fez rogado. Disse à Inácia que estava cada vez mais bonita e entrou em casa. À mesa, o Zé Saldanha e o Ribeiro. Havia na mesa passarinhos fritos em abundância, pão e cerveja. O capitão sentou-se, depois de cumprimentar os presentes e falou para a Inácia.

— Senta-te aqui connosco. Trás cerveja da minha porque hoje a cerveja é por minha conta.

Todos aceitaram. Na casa do Zé Saldanha a cerveja era cara. O capitão tinha combinado com ele não pagar as cervejas que bebia. Da Companhia trazia grades de cerveja que guardava em casa do Zé Saldanha. No quartel as cervejas custavam metade

do preço praticado pelas casas comerciais. O Zé Saldanha era um amigo e permitia este procedimento ao capitão. Por conta, ele e a mulher também bebiam cerveja do capitão porque ele não gostava de beber sozinho. Depois do abundante mata-bicho, bem regado, diz o capitão:

— Zé, posso namorar um pouco a Inácia?

— Pode, nosso capitão.

— Inácia, deixa agora o teu trabalho e vem aqui falar comigo.

A Inácia sentou-se e a conversa continuou.

— Domingo é nosso capitão que tem que arranjar coisas para o almoço dos oficiais que tu vais cozinhar. Vou ver se arranjo umas galinhas para te entregar. Se arranjar mais que as necessárias, deixa-las ficar aqui junto das tuas?

— Nosso capitão pode arranjar as galinhas que quiser que ficam junto das minhas. Quando nosso capitão disser para as matar eu mato-as e arranjo-as para nosso capitão comer.

— Obrigado Inácia. Agora escreves no papel o que eu tenho que trazer para cozinhar o almoço de domingo. Eu vou ver se vejo mulheres do mato, na estrada para Cobumba, e se tiverem galinhas compro-as e deixo-as ficar aqui. Até já Inácia e obrigado pelo mata-bicho. Até já Zé. Até já Ribeiro, daqui a pouco passo pelo teu pelotão.

Depois do mata-bicho e da conversa com a Inácia, o capitão mete-se no jeep e devagarinho mete-se a caminho de Cobumba. A estrada estava cheia de montes de arroz que as mulheres do mato traziam para vender aos comerciantes. Algumas mulheres traziam galinhas para vender. O capitão, através do Lassen, falou com as mulheres.

— Sabem que eu sou?

— Sabemos, és o capitão de Bedanda.

— Onde são vocês?

— Somos de Cobumba, de Pericuto, de Chugué.

— Gostaram da visita que nosso capitão outro dia fez a Cobumba?

— Não, não gostámos. Nosso capitão fez muita gente fugir e feriu muita gente.

— Próxima vez que nosso capitão vá a Cobumba destrói todas as casas. Quem não quer guerra vem viver para Bedanda. Nosso capitão está aqui a falar convosco e não vos faz mal porque nosso capitão é bom. Quando vai no mato nosso capitão não fala com ninguém. Nosso capitão no mato só faz guerra. Quando nosso capitão tem de fazer guerra faz fogo sem se preocupar quem vai matar ou ficar ferido. Bala não tem olho e tanto pode matar ou ferir homem, mulher ou criança. Nosso capitão não quer fazer mal a mulher e criança, mas bala é cega, e nosso capitão quando vai no mato vai na guerra, não vai partir mantanhas¹⁷. Nosso capitão está triste. Homem de Cobumba foge na frente de nosso capitão suma galinha¹⁸. Nosso capitão não foge dos guerrilheiros. Nosso capitão é macho, guerrilheiro é galinha. Vocês têm que dizer aos vossos maridos e aos vossos filhos que nosso capitão qualquer dia volta a Cobumba para destruir tudo. Nosso capitão quer que vossos maridos esperem nosso capitão. Nosso capitão não tem medo dos guerrilheiros. Vossos maridos têm medo de nosso capitão.

— Lassen, pergunta se perceberam tudo o que foi dito.

— Elas dizem que perceberam tudo. Dizem que guerrilheiros fugiram da tropa de Bedanda com muito medo. Dizem que os maridos delas não são guerrilheiros.

— Se os vossos maridos não são guerrilheiros não vêm a Bedanda convosco porquê? Não são guerrilheiros mas fogem sempre do nosso capitão e dos soldados de Bedanda.

— Nossos maridos não vêm porque têm medo que nosso capitão os prenda.

— Nosso capitão não prende quem vier a Bedanda em paz. Nosso capitão sabe onde mulheres cambam o rio e sabe que os homens ajudam cambança. Qualquer dia nosso capitão monta emboscada na cambança à noite, e depois mata homens e

¹⁷ apresentar cumprimentos

¹⁸ ter medo, covarde, ser como galinha

mulheres porque de noite não se distingue homem ou mulher. Guerra é guerra e na guerra não se brinca.

O Lassen a traduzir.

— Nosso capitão não vai matar mulheres no rio. Poucos homens ajudam mulheres na cambança e não são guerrilheiros, disseram elas.

— Está bem, Lassen. Diz-lhe que eu não quero fazer mal aos homens delas. Que nosso capitão nomeia depois milícias de Bedanda os homens que se apresentarem. Milícias vivem bem porque nosso capitão paga milícias. Se homem trás arma, nosso capitão paga dinheiro pela arma. Lassen diz-lhes que eu agora vou falar para as mulheres do Chugué. Qualquer dia nosso capitão vai ao Chugué e quer que maridos esperem por nosso capitão e não fujam. Nosso capitão quando vai na mata não faz mal a ninguém. Bala é que faz mal e nosso capitão sabe fazer a guerra na Guiné.

As mulheres ficaram avisadas para dizerem aos maridos que o capitão ia a Chugué e queria que os maridos viessem ter com ele, ou então que combatam como machos e que não façam como em Cobumba que fugiram suma galinha.

— Pergunta-lhes se querem vender as galinhas que trazem ao nosso capitão.

— Elas dizem que vendem as galinhas ao nosso capitão por cinquenta pesos cada galinha.

O peso é a moeda corrente na Guiné. É assim que elas chamam o escudo português que circula na Guiné. Existem moedas de meio peso, dois pesos e meio, cinco, dez e vinte pesos. As moedas de dez e vinte pesos são de prata. Embora o peso não circule na metrópole, nem se possa transferir no fim da comissão, tem para todos os efeitos legais, na Guiné, o mesmo valor do escudo. Dizem que na candonga há comerciantes que comprem as notas portuguesas em escudos metropolitanos por bom preço, chegando a cinquenta por cento mais. Tudo porque é difícil transferir pesos de Bissau para Lisboa. Quando os comerciantes vão de licença ou com filhos a estudar em Lisboa, precisam de mais dinheiro em escudos, mais do que legalmente lhes é permitido transferir. Recorrem então ao mercado paralelo, pagando mais caro.

— Lassen, diz-lhe que eu compro. Paga-as e mete-as no jeep. Diz-lhe que elas têm aqui muito arroz. Nosso capitão vai mandar soldados e camioneta para ajudar a transportar o arroz para a povoação.

— Elas ficaram muito contentes com ajuda do nosso capitão. Vão esperar aqui por soldados.

— Diz-lhes que eu espero que façam bom negócio e não se esqueçam de dizer aos maridos o que eu disse. Vamos embora.

E assim terminou mais uma manhã de trabalho do capitão, igual a muitas outras que vivia no seu dia a dia, quando não saía em operações. Era acção psicológica intensa e ao vivo, o que ele fazia. Tudo o que dizia e prometia, cumpria. A maior parte do arroz era para o Zé Saldanha. No regresso, entregaram-se as galinhas à Inácia e o capitão disse ao Zé Saldanha:

— Tens muito arroz na estrada. Eu prometi enviar uma camioneta e vou enviar. Lixei-te. Comprei eu as galinhas que elas traziam. Já as entreguei à Inácia. As que não comeremos no domingo ficam em tua casa para a próxima oportunidade. Agora vou ter com o alferes Ribeiro e depois vou almoçar. Até logo ou até amanhã.

— Até logo, nosso capitão.

No pelotão já se almoçava. O Ribeiro, o Cordeiro e os sargentos comiam galinha, o que era sempre considerado um bom petisco. O capitão, desconfiado, perguntou onde tinham arranjado as galinhas. A resposta foi simples. Tinham-nas comprado às mulheres do mato. O capitão continuava desconfiado. Conhecia os homens que comandava e o que os seus oficiais eram capazes de fazer para arranjar um bom petisco. E que melhor petisco que galinha? A alternativa era comer rancho, que mais uma vez e para variar era carne de porco, chispe de conserva em vinha de alhos, mas que já ninguém podia ver. Diziam que era tudo importado dos países nórdicos. Devia ser o que os nórdicos mandavam para os países subdesenvolvidos. Eram os seus restos. A parte boa comiam eles. O capitão e o Lassen regressaram à Companhia onde os esperava uma surpresa. A Tia, chorosa, esperava-os.

— Nosso capitão, roubaram-me o alferes das galinhas.

O alfero, ou seja o chefe, o alferes da capoeira, era um enorme galo. O nome foi posto em homenagem aos alferes da companhia. O galo galava todas as galinhas, e os alferes galavam as mulheres da tabanca. Nome posto com muita oportunidade, denunciava duma forma simples, mas clara, o trabalho dos alferes na tabanca. Não havia mulher que lhes resistisse.

— Tia, tem calma e conta-me o que se passou.

— Nosso capitão, o Ribeiro e o Cordeiro queriam comprar meu alfero. E eu não quis vender. Tia precisa de alfero para galinhas. Nossos alferes todos dias me pediam para vender galo, e ontem à tarde o Cordeiro disse-me que não lhe vendia o galo mas que me ia arrepender. Hoje de manhã Tia não tinha galo. Durante a noite alfero desapareceu. Foi nosso alferes Cordeiro, tenho certeza. Tia quer o galo.

— Tia, tem calma. O facto de os nossos alferes quererem comprar o galo não quer dizer que o roubassem. Para ti não ficares prejudicada eu pago-te o galo. Diz quanto queres.

— Nosso capitão, eu não quero dinheiro, eu quero galo. Minhas galinhas vão ficar tristes sem alfero delas.

— Se Tia não quer dinheiro para pagar o galo, tens que o procurar. Se for encontrado na tropa eu mando-to de volta e castigo os soldados ou os alferes que o roubaram. Se achas que foi nosso alferes Cordeiro vai á povoação que ele está lá com nosso alferes Ribeiro. Estão a almoçar.

— Eu vou, nosso capitão, e depois volto.

O capitão estava furioso. Desconfiava que a galinha que os seus dois alferes estavam a comer era o galo da Tia. O capitão chamou o Ribeiro pelo rádio.

— Olha Ribeiro, a Tia esteve aqui a fazer queixa de ti e do Cordeiro. Desapareceu o galo dela e ela pensa que foi o Cordeiro que lho roubou. Eu penso que tanto tu como o Cordeiro eram capazes disso. Já lhe ofereci dinheiro mas ela não aceitou. Penso que a galinha que vocês estavam a comer era o galo da Tia. Ela vai para aí. Livrem-se que ela me apareça com provas de que foram vocês que roubaram o galo.

— Acredite, meu capitão, nós não roubámos o galo. Não se zangue connosco. Se for preciso, para a Tia ficar sossegada, nós pagamos o galo.

— Não brinques comigo, Ribeiro. Vocês pagam porque o roubaram. Se ela consegue alguma prova, vocês estão fritos. Eu dou cabo de vocês.

O capitão desligou o rádio e foi almoçar. Não tinha dúvidas de que os alferes lhe tinham pregado mais uma partida. E esta era difícil de resolver. A Tia tinha muito amor ao galo e o capitão precisava da Tia. Ela era a chefe das mulheres da tabanca, e atritos com ela podiam criar mau ambiente em relação à tropa dentro da tabanca. Talvez ela não consiga provas.

Deviam ser duas da tarde quando a Tia volta à Companhia para falar com o capitão. O capitão estava a dormir a sesta e não gostava de ser incomodado. O Armando, ordenança do capitão, assomou à porta.

— Nosso capitão, está aqui a Tia outra vez e está furiosa. Traz a cabeça do frango e diz que foi nosso alferes Cordeiro que o roubou e o matou.

— Está bem — disse o capitão. — Manda-a entrar e chama o Lassen que deve estar na tabanca com a mulher.

— Tia, não chores, já vi que tinhas razão. Estou muito chateado com os nossos alferes Cordeiro e Ribeiro. Já não te posso dar o galo. Hoje comprei um e umas galinhas que deixei com a Inácia. É mais pequeno que o teu mas eu dou-to e dou-te ainda mais quinhentos pesos. Eu vou obrigar nossos alferes a pagar os quinhentos pesos. Não posso fazer mais nada a não ser pagar e pedir-te desculpa pelo que eles fizeram.

— Nosso capitão. Eu estou muito triste e muito zangada com nossos alferes. Eu aceito o galo do nosso capitão e o dinheiro.

— Pronto. Vamos à povoação, entra no jeep.

O capitão deixou a Tia no Zé Saldanha e disse à Inácia que agarrasse o galo que ele tinha comprado e o desse à Tia. Disse à Tia que ia ao quartel do pelotão e que já voltaria para a levar à tabanca. Os alferes ainda estavam no pelotão. O capitão disse-lhes:

— São capazes de me explicar o que aconteceu? Não têm vergonha de ter roubado o galo à pobre Tia? Eu nem sei o que vos vou fazer. Dar-vos duas galhetas, era o que me apetecia. Porque não se portaram como oficiais mas como putos.

— Meu capitão, — disse o Cordeiro — ontem bebi uns copos a mais com o Ribeiro e resolvemos ir à noite à tabanca. Ao passarmos pela casa da Tia vimos o galo no poleiro. Não resisti a colocar-lhe o meu dedo e ele pulou do poleiro para a minha mão. Trouxemo-lo para o pelotão do Ribeiro porque pensámos que seria mais difícil localizá-lo. Enterrámos as penas, mas o soldado que o enterrou deixou cair a cabeça, e a Tia quando aqui veio encontrou a cabeça atrás da cozinha. Foi uma chatice. A Tia também era teimosa pois já podia ter-nos vendido o galo.

— Agora vão pagá-lo e bem. Ofereci à tia quinhentos pesos. Até amanhã quero o dinheiro na minha secretária.

— É um frango muito caro, disse o Ribeiro

— Para mim ainda é mais caro, disse o capitão. Não o comi e vou dar à Tia um galo que comprei hoje. Tinha-o deixado no Zé e vou ficar sem ele.

Assim terminou a conversa. O capitão saiu, passou por casa do Zé Saldanha e pegou na Tia para a levar à tabanca.

— Tia, já levas o galo? É um bom galo embora mais pequeno que o teu alfero. Daqui a pouco trago-te cá os quinhentos pesos. Até logo.

— Até logo, nosso capitão.

Por volta das cinco da tarde o capitão voltou à tabanca e entrou na casa da Tia.

— Tia, aqui tens os teus quinhentos pesos e uma garrafa de óleo. Estamos liquidados. O óleo nada tem a ver com o galo. É o nosso capitão que oferece. Nosso capitão anda cansado e chateado. Hoje, tu e o alferes Cordeiro estragaram-me o dia. Além de me trazerem problemas que me aborreceram, não me deixaram dormir a sesta.

— Desculpe nosso capitão. Eu tinha razão e tinha que dizer a nosso capitão. Nosso capitão é o homem grande dos soldados, e por isso também nosso homem grande. A homem grande põem-se todos os problemas e fala-se sempre verdade. Agora nosso

capitão precisa de descansar. Descanse em casa da Tia, meu quarto está vazio e cama é boa. Vá deitar-se lá que eu vou sair e já venho.

O capitão foi-se deitar. A cama era de madeira, com um bom colchão. Passado algum tempo alguém entra no quarto. Era uma bajuda da tabanca. A Tia tinha pensado que a melhor maneira de descontrair o capitão era arranjar-lhe uma mulher jovem e bonita.

BISSAU ENVIA UM TENENTE- CORONEL

Uma DO sobrevoa Bedanda, DO e helicópteros são os únicos meios aéreos que podem aterrar numa pista pequena e de terra batida. Não era dia do avião do correio. Uma vez por semana, normalmente às quintas-feiras, chega um avião que corre todas as companhias do batalhão de Catió, levando e trazendo correio e evacuando doentes sempre que necessário. O pequeno avião sobrevoou o quartel duas ou três vezes para chamar a atenção dos militares e dar-lhes tempo para montarem a necessária segurança à pista. Esta segurança, a cargo do pelotão da povoação, era constituída por uma secção, estrategicamente colocada, e por uma auto-metralhadora Daimler. Os aviões, para aterrar, tinham que sobrevoar Incala donde podiam ser alvejados pelos guerrilheiros. Além disso, os guerrilheiros das matas de Incala e Contumbem facilmente se poderiam infiltrar até ao rio e daí flagelar a pista e o avião.

Os militares de Bedanda tinham muito cuidado com a segurança da pista e do porto, porque eram as únicas ligações com o exterior. Pelo porto, chegavam uma vez por mês os géneros para a alimentação e outros abastecimentos necessários, não só à vida da unidade, mas também à condução da guerra. Pela pista chegava o correio, única ligação à família. Daí as regras de segurança estarem claramente definidas e serem já feitas automaticamente. Uma vez, um avião foi flagelado na pista e os pelotões não gostaram. Flagelados no ar, quando levantavam, acontecia muitas vezes, mas isso era considerado ossos do ofício. O capitão, ao ver o avião, mandou um subalterno à pista para receber a entidade que chegasse e cumprimentar o piloto. Era tradição da companhia. Passado pouco tempo, chegou o alferes Carvalho num jeep com um tenente-coronel vindo de Bissau. Era o chefe do serviço de material que depois de cumprimentar o capitão disse ao que vinha.

— O nosso brigadeiro Comandante Militar mandou-me a Bedanda por causa da nota que você fez sobre a necessidade de espingardas G3. O nosso brigadeiro diz que a companhia sempre fez um bom trabalho em operações e nunca precisou de G3. Não compreende a sua nota e tem que ser bem explicadinha.

— Muito bem, meu tenente-coronel. Estamos isolados no sul da Guiné. Não temos possibilidade de ser apoiados ou reforçados por tropa vinda de fora se formos atacados em força. Os guerrilheiros dispõem de armas automáticas, canhões sem recuo e morteiros, e nós temos para lhe fazer frente a velha Mauser. Devem estar a brincar comigo. Devem ter muito pouco respeito e consideração pela vida dos militares que aqui cumprem a sua missão para permitirem uma situação destas.

— Não é nada disso capitão Cristo. Você tem que compreender que comanda uma companhia de negros em quem não confiamos totalmente. Já houve aqui uma tentativa de revolta e ninguém nos diz que não possa haver outra, e era muito aborrecido se eles fugissem para o mato com as G3.

— Meu tenente-coronel, vamos clarificar umas pequenas coisas que para nós são muito importantes, embora vocês, em Bissau, não lhes liguem o que deviam. Não é possível combater eficientemente os guerrilheiros quando se tem apenas uma Mauser e eles dispõem de bom armamento automático. É muito desmoralizante andarmos com Mauser, sabendo que do outro lado há armas automáticas.

— Espere aí capitão Cristo. Os seus soldados são tão bons a manejar a Mauser que conseguem uma cadência de tiro muito próxima das armas automáticas. Nós também pensámos nisso.

— Meu tenente-coronel, numa operação aqui há tempos, fui encontrar soldados atrás duma árvore, com a cabeça bem encostada ao chão, a espingarda apontada ao céu, bem na vertical, e assim manejavam a arma e faziam tiro. Estavam a consumir munições. Já começámos com a instrução para acabar com esta situação, mas preciso das G3. Neste momento tenho 120 G3 emprestadas pelo Comando do Batalhão, da sua reserva, e que tenho que entregar assim que receber as minhas. Dentro de um mês vou ter que as devolver, e antes dessa data, no próximo reabastecimento, eu tenho que ter aqui 150 G3. Tudo o resto é conversa fiada e não me interessa.

— Cristo, não pode ser assim. Temos de analisar o problema com calma. Pode ser perigoso distribuir G3 aos seus homens.

— Tem razão meu tenente-coronel. Pode ser perigoso distribuir G3 aos meus soldados por serem negros, mas é muito mais perigoso não as distribuir. Eu corro muitos riscos aqui, mas procuro correr cada vez menos e apenas os necessários. Não corro riscos por prazer ou para mostrar que sou valente. Eu muitas vezes tenho medo. Até aqui tenho conseguido vencer o medo. Aliás não acredito nos homens que não têm medo. Acredito, sim, nos homens que, tendo medo, o conseguem vencer e agir em conformidade. Quero continuar a vencer o medo com uma G3 na mão. Com todos os riscos que isso comporta, preciso de confiar nos meus homens e eles em mim. Para que eles confiem em mim tenho de resolver vários problemas. Este é um deles. Se o meu tenente-coronel ou o nosso brigadeiro acham que as G3 não são necessárias, vêm para aqui comandar esta tropa que eu não me importo nada de ir para outro local, nomeadamente para Bissau mandar bocas. Eu não deserto por formação moral e militar, mas se no próximo barco não chegarem as 150 G3, não saio mais para o mato e o nosso brigadeiro terá de me substituir. O problema é seu e do nosso brigadeiro.

De facto, se eles não tinham confiança nos negros, deviam ao menos respeitar os brancos que prestam serviço em Bedanda. Se não tinham confiança nos negros, deviam enviar para Bedanda uma companhia de brancos e mandar os negros embora, distribuindo os seus pelotões por companhias de brancos, como fazem com outras companhias de guarnição normal.

— Está bem, Cristo, não se zangue. Eu vou falar com o nosso brigadeiro e vamos enviar as G3. Agora, se você não se importasse, eu queria ver o quartel e as instalações para guardar o material.

— Sim senhor, meu tenente-coronel. Vamos ver tudo, e já que nós temos tão poucas oportunidades de aqui receber um militar de Bissau, vou-lhe mostrar outras coisas que por certo o vão surpreender.

Saíram ambos para ver as instalações da Companhia, acompanhados do alferes Carvalho. O primeiro local que visitaram foi o cemitério das viaturas. Era horrível, pois havia quase duas dezenas de viaturas podres ou a apodrecer, de companhias que em tempos ali passaram e que ali as deixaram avariadas. Nunca mais ninguém se lembrou de evacuar as viaturas e elas foram apodrecendo, dando um péssimo exemplo aos

homens que lutavam dia a dia para se manterem vivos, e predispostos a não se preocuparem com tudo o que não seja fundamental para sobreviverem.

— Meu tenente-coronel. Queremos ordem para embarcar estas viaturas para Bissau, pouco a pouco. A maior parte não são nossas. Colunas que no início da guerra por aqui passaram, foram deixando as viaturas avariadas e nunca mais ninguém disse nada sobre elas. Essa companhias já terão acabado as suas comissões. Temos pedido a evacuação e não nos têm autorizado. E é mau, mesmo muito mau. Dá uma imagem má do Exército, não só aos meus soldados que são negros, mas também à população da tabanca que entra aqui e vê este cemitério.

O capitão Cristo referiu ainda que algumas mulheres do mato ali vinham frequentemente, e ao verem aquilo iriam transmitir para o mato o que pensavam da tropa, aquilo que a tropa tinha e o seu estado de operacionalidade. A situação era contrária a tudo o que ele, capitão, tinha tentado fazer na companhia em prol da eficácia. Deviam fazer em Bissau o que quisessem com aquela sucata, mas pedia que o deixassem embarcar as viaturas nos barcos dos reabastecimentos.

— Está bem, eu vou tratar disso assim que chegar a Bissau. E depois mando uma nota para a Companhia.

Do cemitério das viaturas dirigiram-se para os abrigos voltados para a mata. Estavam a cair, assim como o muro que os ligava.

— Quando aqui cheguei, — disse o capitão Cristo — éramos atacados ou flagelados quase todos os dias. Estes abrigos de adobes não aguentam um tiro, muito menos uma morteirada ou uma granada de canhão sem recuo que equipam os guerrilheiros desta área. Precisamos de abrigo novos à prova das armas pesadas que eles usam. Temos tido algumas baixas no percurso entre as casernas onde os homens dormem e os abrigos onde se defendem. Faremos um projecto de abrigo caserna para secção, onde instalaremos os nossos soldados. Os abrigos serão construídos na periferia das instalações militares. Gostaria que dissesse ao nosso brigadeiro que nós fazemos tudo, mas precisamos de ferro, cimento, cibes e folhas de zinco. Vamos enviar o projecto e gostaríamos que fosse rapidamente aprovado e que os materiais não demorassem a chegar a Bedanda.

— Está bem, Cristo. Essa área é de engenharia. Falarei com o nosso brigadeiro e com o Comandante do Batalhão de engenharia. Estou convencido de que tudo se resolverá sem problemas. Agora, Cristo, tenho de me ir embora.

— Não há problema. Pode ir embora quando quiser. No caminho para a pista, vamos passar pelo pelotão da cantina e pelo pelotão da povoação. Não perdemos tempo nenhum. Vamos passar pela messe onde está o piloto e se quiser pode beber um uísque.

— Vamos lá, um uísque cai bem.

Na messe, estavam os alferes Ribeiro e o Oliveira. O Ribeiro conversava com o piloto, petiscando e bebendo enquanto esperavam. Servidos mais uns uísques, em dois jeep seguiram depois para a pista, não sem antes passarem pelos outros dois sectores.

Com a visita a terminar, o tenente-coronel queria deixar a impressão com que partia.

— Sabe, Cristo. Não pensava que vocês vivessem tão mal. Além disto não ser bom em termos de guerra, pois aqui combate-se a sério e com frequência, têm muito más instalações e praticamente não têm abrigos. É preciso ter muita coragem e muito espírito de missão para aqui viver. Seria bom que mais gente de Bissau aqui viesse, pois passariam a compreender melhor as vossas posições.

— Meu tenente-coronel, isto é muito duro. Estamos muito isolados. Vivemos 24 horas por dia em situação de combate. Vemos sempre as mesmas caras. Às vezes parece que já não nos podemos ver uns aos outros. Quando isso acontece, o nosso espírito de sobrevivência dita as regras de comportamento e tudo é resolvido como militares e como homens civilizados. Aqui isolados, Bissau não pode fazer nada. Pode no entanto fazer muito, mandando-nos o que pedimos. Somos tão humildes que nem sabemos pedir muito. Sempre muito pouco. Mas também o quartel é pequeno e não tem arrecadações. O meu tenente-coronel viu que o meu quarto é gabinete, quarto de dormir, quarto de banho, e num cantinho faço o meu paiol de munições. Se eu vivo assim, veja como vivem os outros militares. Muito pior, pode crer. Em condições infra-humanas, por vezes. Julgo que Bissau tem abandonado Bedanda e nós sentimos isso. Não nos importamos de combater e morrer pela Pátria, se tal for o nosso destino. Mas

não queremos morrer, por negligência de quem nos dirige. Mas queremos, de quem está no ar condicionado, compreensão e boa vontade para resolver os nossos problemas.

— Muito bem. Foi bom para mim ter vindo aqui. Vinha com uma determinada visão das coisas e parto com outra. Julgo que Bedanda é uma grande escola. Bom dia e até à próxima.

— Bom dia, meu tenente-coronel. Esperamos vê-lo por cá mais vezes.

G3 E CIMENTO ARMADO

O senhor tenente-coronel que visitou Bedanda cumpriu a sua promessa. No barco de reabastecimentos chegaram 150 espingardas G3. Os soldados ficaram muito contentes. Também psicologicamente foi uma medida muito acertada pois o moral destes soldados subia dia para dia. Chegou também ordem para evacuar as viaturas, sempre que houvesse espaço nos barcos. Isto ia permitir limpar uma zona do quartel pomposamente chamada parada. Quando todas as viaturas avariadas fossem evacuadas, o quartel iria parecer outro. As nossas velhas viaturas ainda em uso também seriam trocadas por outras novas.

A nota que nos dava esta ordem dizia que a decisão tinha sido tomada directamente pelo Comando Militar com base nas informações recebidas e por consideração e estima pelos militares de Bedanda. Era a visita do tenente-coronel a dar os seus frutos. Estavam todos satisfeitos.

Ao mesmo tempo na mata, em operações, a companhia ia somando êxitos atrás de êxitos, mostrando o verdadeiro valor dos soldados de Portugal. Muitas coisas no quartel se iam alterando, mas os abrigos continuavam a ser uma preocupação.

O capitão resolveu reunir mais uma vez com os seus subalternos.

— Meus amigos, vamos construir novos abrigos na povoação comercial e na cantina. Na cantina construiremos abrigos para o próprio pelotão e para o resto da companhia. Assim que os abrigos estiverem construídos, deixamos as actuais posições da Companhia e vamos para a cantina. O espaço da sede da companhia é muito maior, mas o caso é que três aquartelamentos é muita gente só para defesa das instalações próprias. O Oliveira, que tem o pai na construção civil e tem habilidade para o desenho, faz o projecto dos abrigos. Serão construídos em blocos de cimento e parede dupla, entre as duas paredes vamos meter terra. O tecto será construído com uma base de cibes, chapas de zinco e terra. Tem que ficar à prova de morteadas e será suficientemente grande para lá instalarmos uma secção em cada abrigo, com beliches para os homens, e deve dispor de seteiras para todos os lados e em quantidade suficiente. Gostaria de saber o que acham da ideia.

— Achamos bem, — disse o Ribeiro — embora com sacrifício do pessoal vamos deitar mãos à obra.

— O sacrifício existe, não vamos discutir isso — disse o capitão. — Mas quero lembrar que os abrigos existentes estão podres, e que teríamos sempre de construir outros. Assim, vamos construí-los com segurança, embora com um pouco mais de trabalho.

Era agora necessário distribuir as tarefas, arrancar cascalho na mata, o seu transporte, fazer os blocos, transportar água, assentar os blocos e construir os abrigos. Como o Ribeiro está mais isolado, terá que construir os seus próprios abrigos e ver onde devem ser construídos. Quanto tiver o estudo da localização acabado, irá falar com o capitão.

— O meu pelotão faz os blocos todos — disse o Cordeiro.

— E o meu vai arrancar e transportar o cascalho para a cantina — disse o Carvalho.

— O meu pelotão constrói os abrigos da cantina — disse o Oliveira. — E o Ribeiro, como não pode deixar de ser, terá que construir os abrigos da povoação comercial.

— Então temos as missões bem definidas. Assim que vier o cimento começamos a obra. Lembrem-se de que nunca devem faltar blocos, tanto na cantina como na povoação. As tarefas fundamentais deste trabalho são pôr o cascalho na cantina para que nunca falte para fazer os blocos, e fazer blocos para que nunca faltem na execução das paredes.

Os trabalhos irão ser controlados pelos comandantes de pelotão. As saídas para o mato vão continuar a ser feitas nas mesmas condições e não irão prejudicar o andamento dos trabalhos.

— Estou convencido, — disse o capitão — de que ao acabarmos este trabalho, deixamos uma boa obra de que todos nos iremos orgulhar. Agora vamos almoçar que já está na hora. O Ribeiro almoça connosco.

— Hoje almoço, meu capitão.

Assim se definiram novas tarefas que iriam transformar toda a problemática de Bedanda. O capitão estava sempre a pensar em novas ocupações para os soldados. Ele não queria ver os seus militares desocupados e tentava, por todos os meios, levá-los a fazer trabalho útil para todos.

REABASTECIMENTO A PARTIR DE CATIÓ

No último reabastecimento, o comboio naval foi atacado no seu regresso a Bissau, a partir da mata do Cantanhez, na zona de Cadique. Consta que o comandante da escolta se portou muito bem, manobrando rapidamente para colocar os barcos civis sob a protecção das lanchas da marinha. Da sua reacção pelo fogo e da pronta intervenção da Força Aérea resultou um êxito para a nossa armada e para os militares que constituíam a escolta. Mas de imediato, o receio de vir a ser afundado um barco naquela região, impedindo a navegação, instalou-se no Comando Naval, que informou o Comando Militar que a continuar a mesma situação no Cantanhez a Marinha poderia, em qualquer momento, deixar de reabastecer Bedanda, pelo que o Exército tinha que pensar noutra solução.

Se o Exército quisesse manter a guarnição de Bedanda, e na impossibilidade de se fazer o reabastecimento pelo Cumbijã, havia apenas uma solução alternativa. Teria que fazer o reabastecimento por terra, a partir de Catió. Pelo ar, seria impossível, porque a pista de Bedanda só era utilizável pela DO, e também porque a guerrilha de Incala, Nhai e Cantanhez, com localização na aproximação à pista, dispunha de armas anti-aéreas.

Utilizar o itinerário Catió-Bedanda, significa passar por Cabolol e Cobumba nas barbas da base dos guerrilheiros de Cansalá, uma das mais fortes do sul da Guiné, percorrendo um caminho muito difícil através de densas matas e extensas bolanhas, atravessando rios sem pontes, e onde as colunas poderiam facilmente ser detidas ou emboscadas. Era uma empresa difícil e de resultados incertos e onde as possibilidades de fracasso eram muito maiores do que as de êxito.

Deu muita discussão em Bissau a situação de Bedanda. O comandante militar terá dito que se não fosse possível reabastecer a companhia, só tinha uma solução e decidiria com muita mágoa mas sem pesos na consciência. A companhia seria retirada de Bedanda e ocuparia outra área onde o reabastecimento fosse possível. Alguém do Estado-Maior tinha então proposto o reabastecimento por terra. O comandante do batalhão foi chamado a Bissau e recebeu ordens para testar um reabastecimento por

terra a partir de Catió. Para não desmoralizar a tropa de Badanda, nada lhe deveria ser dito, a não ser quando a operação estivesse planeada. A operação, embora planeada pelo batalhão, teria que ser aprovada pelo Comando Militar de Bissau dadas as consequências que poderiam advir para a quadrícula da área em função do êxito ou do fracasso.

Bedanda, neste aspecto, continuava despreocupada cumprindo o seu dia a dia. Um dia, o capitão é chamado a Catió e é-lhe exposta a operação que ia ser feita e que segundo o oficial de operações se resumia ao plano geral já delineado. Sairá de Catió uma coluna de viaturas que, no seu conjunto, poderiam transportar os géneros para Bedanda viver durante um mês. Esta coluna seguirá o itinerário Catió-Priame-Camaupa-Cabolol, até chegar ao cruzamento para Empada. Depois Cobumba e por fim Bedanda. Será escoltada por duas companhias, a companhia de intervenção do batalhão e uma companhia de reforço vinda de Bissau. A companhia de milícias de João Bafar e a companhia de Cufar sairão mais cedo para se emboscarem em diversas zonas do percurso, protegendo a coluna. A companhia de Bedanda vai emboscar-se no cruzamento para Empada e aí aguarda a passagem da coluna. Depois de chegar a Bedanda a coluna regressa, e as companhias de Bedanda, Cufar e de milícias, após a passagem da coluna em direcção a Catió, seguem para os seus aquartelamentos.

Depois do oficial de operações expor este plano, o comandante do batalhão perguntou se alguém tinha alguma dúvida.

— Eu tenho — disse o capitão de Bedanda. — O itinerário deve estar minado, as viaturas denunciam as posições e a mata de Cabolol é grande e muito densa. Além disso, os guerrilheiros estão fortes na zona e podem facilmente ser reforçados por elementos vindos de Cansalá e até do Cantanhez. Por isso, considero que vamos correr grandes riscos e não vejo ganhos que os compensem.

— Ouça Cristo, — disse o comandante do batalhão — a ordem veio de Bissau e temos que a cumprir. De qualquer maneira, digo-lhe que é bom para mim saber que posso abastecer Bedanda por terra se um dia a Marinha falhar.

— Não tenho mais nenhuma dúvida, meu comandante. Às seis da manhã estarei emboscado no meu objectivo e aí permanecerei até passar a colona de regresso ou eu

receber ordens apara regressar a quartéis. Julgo que Bissau não sabe onde se vai meter. Parece que estamos lançados aos bichos.

— Se mais ninguém tem dúvidas, — disse o comandante de batalhão — recebem a ordem de operações do oficial de operações e vamos almoçar. Depois a DO leva o capitão Cristo a Bedanda. O comandante da companhia de Cufar vai numa coluna que parte para Cufar no fim do almoço. Desejo-vos sorte a todos.

Durante o almoço os capitães estiveram sempre calados. Tinham uma missão para o dia seguinte que não lhes agradava nada. Eles sabiam, porque todos tinham experiência da zona, que era das operações mais difíceis que iam realizar. Homens duros com cara ainda mais tensa que o costume. O capitão de Cufar, o mais veterano de todos e já no fim da comissão, ainda disse que gostaria de saber quem foi o espartinho que planeou e determinou a operação. No mínimo, esse homem devia ir na coluna. Cerca das quatro da tarde o capitão Cristo chegou ao quartel e de imediato reuniu com os seus comandantes de pelotão.

— Estamos lixados. Passa-se qualquer coisa que eu não percebo. Amanhã vai ser tentado o reabastecimento da nossa companhia por terra a partir de Catió. As viaturas de reabastecimento virão vazias e serão escoltadas pela companhia de intervenção do batalhão e por uma companhia de Bissau. O João Bacar com a milícia e a companhia de Cufar, vão montar emboscadas até ao cruzamento para Cufar até Cabolol. Nós montamos emboscadas no cruzamento para Empada até ao cruzamento de Boche Falá. Terminaremos a nossa missão quando a coluna, regressando de Bedanda, passar por nós, ou quando atingir o porto exterior. Alguém quer dizer alguma coisa? Alguém quer dizer alguma coisa sobre isto?

— Meu capitão, — disse o Ribeiro — alguém parece estar doido e não sou eu. Mesmo que a coluna consiga passar, não permite tirar conclusões nenhuma. Se eu bem conheço os guerrilheiros, a segunda coluna não passará, mesmo que a primeira passe. Logo depois de a coluna passar, a estrada, se já não estiver minada sê-lo-á imediatamente, e em alguns sítios do itinerário basta rebentar com uma viatura para a coluna ficar parada à espera que lhe limpem o sarampo. Aqueles tipos de Bissau já estão há muito tempo no ar condicionado.

— Todos nós sabemos isso Ribeiro, o percurso é difícil, mas a nossa tropa também é muita. Incluindo a nossa, serão cinco companhias e quatro delas com muita experiência de combate no sul. Esperamos que as coisas não sejam tão feias como parecem. Bem, se não há mais nada a dizer em termos gerais, estou a pensar sair do quartel esta noite, às dez horas. O que dizem sobre isto?

— Bem, meu capitão, — disse o Cordeiro — eu preferia sair às nove. Fica-nos mais tempo para atingirmos o cruzamento de Empada.

— Não há problema — respondeu o capitão. — Saímos às nove da noite. Vamos todos. O Ribeiro à frente, o Oliveira, o Carvalho e por fim o Cordeiro. Levaremos dois barcos e os remos. Os milícias do Tala levam os barcos, remam na travessia do rio e transportam depois os barcos para Bedanda.

Os milícias, à ordem, voltarão depois com os barcos para o porto exterior para embarcar no regresso, mas nessa altura já utilizaremos viaturas para transporte dos barcos e os motores para a travessia. A tropa leva ração de combate para dois dias. Uma delas é reserva para abrir só à ordem do capitão. O plano prevê que logo que atravessem o rio, saem da mata e seguem a corta-mato entre Cobumba e o rio Camequebom. Ao chegarem à estrada para Empada, vão cortar à direita e seguem pela estrada até ao cruzamento para Boche Falá. Aí, ficarão emboscados, não só o Cordeiro mas também o Carvalho. Eu, o Ribeiro mais o Oliveira iremos continuar até ao cruzamento para Cobumba, onde nos emboscaremos. Mais alguma coisa?

— Não senhor — disseram os alferes.

— Então preparem os vossos pelotões, e mais uma vez não se esqueçam de recomendar que eu quero o máximo silêncio no deslocamento nocturno. Ninguém responde ao fogo durante a noite a não ser que alguns de nós comecem a cair. Até logo ao jantar, hoje vamos jantar mais cedo.

— Até logo, meu capitão.

O capitão chamou o Lassen e disse-lhe para chamar o Tala, o sargento de transmissões, o 1º sargento e o vaguemestre.

Logo que os quatro homens chegaram o capitão falou.

— Vamos sair hoje à noite, muito cedo. Vamos atravessar o Cumbijã para Cobumba. O Tala não vai, fica com os seus milícias a olhar por isto, montando a segurança ao porto exterior. A nossa saída é às nove da noite e a segurança do porto exterior é montada às nove e meia. Os milícias levam dois barcos às costas, com remos e já cheios para a travessia. Não há motores durante a noite. Assim que atravessarmos, os milícias regressam ao aquartelamento com os barcos. Quando esta operação terminar e o pessoal estiver para chegar ao porto, eu avisarei a Companhia, e o Tala leva dois barcos com motor em duas viaturas para fazermos a travessia. Está entendido Tala?

— Está, sim nosso capitão.

— Vamos levar rações para dois dias. É natural que uma ração seja recuperada, mas ainda não sei bem se vamos estar fora um ou dois dias. Se gastarmos só uma, então os nossos alferes entregarão a segunda ração no depósito de géneros. O vaguemestre tem que estar atento a isto. Quando chegarmos, seja qual for a hora do dia ou da noite, quero no mínimo uma sopa quente para os homens que vêm do mato. O vaguemestre tem dúvidas a este respeito?

— Não senhor, meu capitão.

— Agora o homem das transmissões. Muita atenção ao que se passa lá fora depois de sairmos. Quando eu indicar a hora provável de atravessar o rio ou de chegar ao quartel, não se esqueça de avisar o vaguemestre, o Tala e o nosso primeiro-sargento. Não fica nenhum oficial no quartel e portanto têm que ter mais cuidado. Ver se o Tala sai a horas porque ele é um sorna e eu confio pouco na sua pontualidade. Percebido?

— Sim senhor, meu capitão.

— Meu ilustre primeiro sargento, a partir das nove horas da noite de hoje até regressarmos você é o dono da Companhia. Em todos os aquartelamentos ficam um sargento e soldados suficientes para a defesa do quartel. Agente o barco e se não dormir não lhe faz mal nenhum. Eu não sei se vou estar fora um dia ou dois. Depende de muita coisa. Entendido?

— Sim senhor, meu capitão

— Então boa tarde a todos

— Boa tarde e boa sorte, meu capitão.

De seguida, o capitão para o Lassen:

— Vamos sair hoje às nove horas da noite. Levanta duas rações de combate para ti. Eu quero dois cantis com água e dizes ao sargento enfermeiro para te dar umas vitaminas para mim. Não quero rações. Arma bem limpa, munições e granadas, é o costume. Assim que tiveres juntado isso, traz cá. Eu não quero ser incomodado por ninguém antes de jantar. Trata disso e até logo. Avisa o Joãozinho para se preparar também, mas vê primeiro se ele não está bêbado.

— Está bem, nosso capitão, até logo.

O capitão fechou-se no seu gabinete e aí permaneceu até à hora de jantar. Quando veio jantar, já vinha de camuflado. Jantaram todos os oficiais juntos, excepto o Ribeiro que tomava as suas refeições na povoação. Havia algo que preocupava estes homens, já tão batidos pela dureza da guerra e pelas dificuldades da mata e da bolanha. Findo o jantar, ainda foram para os seus quartos. À hora marcada, o capitão sai do seu gabinete. Os dois pelotões da sede estavam prontos e seguiram atrás do capitão. Ao passarem pela cantina, o pelotão do Cordeiro juntou-se à coluna. O capitão disse ao Lassen para ver se o Tala já tinha saído com os barcos. Já tinha saído quase há uma hora, tudo como planeado. Ao passarem pela povoação, juntou-se o pelotão do Ribeiro que ocupou a testa da coluna.

Quando chegaram ao porto, o Tala tinha a segurança montada e os barcos prontos para a travessia. O Ribeiro e o Cristo foram cada um no seu barco logo na primeira leva, aguardando do outro lado do rio o resto da companhia. Estavam admirados. Não houve tiros de reconhecimento do lado dos guerrilheiros. Era impossível atravessar o Cumbijã sem que dessem conta em Cobumba. O capitão falou ao Ribeiro.

— Não estou a gostar nada disto. Não há tiros nem nada! Será que já não há homens em Cobumba? Devem saber que nós estamos aqui mas não querem denunciar a sua posição. Aqui há gato. Quando iniciarmos o movimento afasta-te o mais possível de Cobumba. Prefiro ir junto ao rio e atravessar a bolanha, embora o percurso seja mais penoso.

— Também estou preocupado. Só faltava eles saberem que estamos aqui e para onde vamos.

— Deixa lá. Não há-de tardar muito que a gente não descubra o porquê de tudo isto. Vamos começar o movimento. O Cordeiro já atravessou o rio.

— Cordeiro, Carvalho, Oliveira, aqui Cristo. Vamos já iniciar o movimento e afastar-nos o mais possível de Cobumba, mais próximos da bolanha e do rio. Estejam atentos e não se atrasem. Terminado.

A progressão começou através da bolanha. A marcha era penosa. Quando se aproximavam da área de Cobumba foram detectados pelos cães que começaram a ladrar. Nem assim se ouviram tiros de reconhecimento. Ou Cobumba estava abandonada ou eles já sabiam da presença deles e para onde iam. Se soubessem, a fuga de informação tinha que vir de Catió ou de Bissau. Quando pensavam no que estava acontecer e em tão estranhos acontecimentos, foram surpreendidos por intenso tiroteio de armas ligeiras e morteiros, para os lados de Cabolol. Tiroteio horrível, de grande intensidade, pouco usual durante a noite e numa noite tão escura.

O capitão quebrou o silêncio rádio.

— Cordeiro, Ribeiro, Oliveira, Carvalho, aqui Cristo. Começou a festa para a malta de Cufar e para as milícias do João Bafar. Pela distância de tiro ainda não chegaram a Cabolol. Festa rija. Estejam atentos que isto não me está a cheirar bem. Terminado.

O tiroteio continuou com uma intensidade fora do normal, durante cerca de uma hora. A companhia de Bedanda continuou a avançar rumo ao seu objectivo, mas preocupada com o que se passava com a outra tropa. Não havia ligação rádio, não sabiam nada do que estava a acontecer.

O capitão avançou até junto do Ribeiro.

— Ribeiro, isto está muito feio. Se o tiroteio continua, a tropa de Cufar e o João Bacar esgotam as munições num instante. Estou a pensar que se o tiroteio não parar, ao chegarmos á estrada, em vez de cortarmos à direita para Empada, cortamos à esquerda para Cabolol e vamos ao encontro da outra coluna. Que pensas disto?

— Acho bem. Não vamos descansados para o nosso objectivo sem saber o que se passa com as outras companhias. Desconfio que a tropa de Cufar e a do João Bacar foram caçados a atravessar o rio que separa Cabolol da mata próxima. Vinham pela estrada, e os gajos estavam à espera deles. Não vejo outras hipóteses.

— Vai preparado para cortares à esquerda, à minha ordem, rumo a Cabolol, se a festa por lá continuar. Vai avançando o mais rapidamente que puderes.

— Já viu que estamos a atravessar o local onde eles guardam as vacas? Parece que estavam à nossa espera em Cobumba, pois retiraram as vacas para mais próximo do rio. Nunca vi as vacas tão afastadas da povoação.

— Também penso como tu. Algo lhes correu mal em relação a nós. Nos planos deles, nós neste momento já devíamos estar a levar na cabeça. Esta malta está emboscada algures à nossa espera. Não é preciso dizermos mais nada aos outros. Os oficiais devem estar a pensar o mesmo que nós, mas a eles não lhe faz mal nenhum não saberem o que se passa à nossa volta.

— Cristo, aqui Cordeiro, diga o que passa lá para Cabolol com tantos foguetes!

— Cordeiro, aqui Cristo. Não sei, mas devem ser os nossos camaradas de Cufar que entraram num arraial minhoto, sem terem sido convidados e sem nos convidar a nós. Como sabes, isso é perigoso para a saúde deles. Quando souber alguma coisa eu digo. Tem calma. Terminado.

Passado algum tempo, o tiroteio terminou tão rapidamente como começara. Então, aconteceu uma coisa estranha. Ouvimos barulho de helicópteros para os lados de Cabolol. Isso ainda mais nos preocupou. Os nossos helicópteros, por princípio, não voavam de noite, em operações. Só podiam ser helicópteros deles. Se assim fosse, a brincadeira estava pior do que imaginámos. Ou era reabastecimento de munições para os guerrilheiros, ou reforço de efectivos, ou evacuação de feridos. Tudo se mostrava complicado porque nós não fazíamos isso.

O que for, com o tempo se saberá, pensava o capitão. É preciso ter olho vivo, dedo no gatilho e disparar primeiro que os guerrilheiros. Começava a raiar a aurora. A noite,

que tinha sido muito escura, já permitia ver acerca de vinte metros à frente. Dentro de momentos seria dia. Entretanto o Ribeiro tinha chegado à estrada.

— Cristo, aqui Ribeiro, de acordo com o combinado corto à direita ou à esquerda?

— Ribeiro, as coisas em Cabolol parecem estar sossegadas, agora. Corta à direita rumo ao objectivo. Terminado.

— Cordeiro, Carvalho, Oliveira, aqui Cristo. Chegámos à estrada. Vamos rumo ao objectivo. Estejam atentos, o dia começa a clarear. Observem tudo à vossa volta muito bem para não sermos surpreendidos. Terminado.

Rapidamente chegaram ao objectivo, tinham uma hora de atraso o que não era mau. Era para chegarem às seis horas, chegaram às sete. Andavam há dez horas a cortamato, num percurso muito difícil, mas alcançaram o objectivo. Queira Deus que os outros tenham a mesma sorte. Mal acabaram de se instalar quando regressou o tiroteio em Cabolol com a intensidade anterior. Não aparecia o avião com o PCA e isso preocupava-os. Que fazer quando se está no objectivo e não se vê chegar a outra coluna e o tiroteio é grande e violento? Os rádios não alcançavam as outras companhias. Só o PCA poderia dizer o que se passava. O tiroteio parou novamente. Era ainda pior. Começava o silêncio depois dum duro combate sem saber quem o tinha ganho.

O capitão falou para o Ribeiro:

— Não acredito que a coluna chegue. Sejam quais forem os resultados dos combates, se os guerrilheiros tiverem que retirar vão esperar a coluna noutra local. A coluna ainda tem de atravessar toda a mata de Cabolol. Neste momento, no Cantanhez e em Cansalá, já se sabe que a tropa está na área e o que pretende. A coluna não vai passar.

— Concordo consigo. Se ficarmos aqui muito mais tempo, vamos levar uma sova como nunca levámos. Os gajos perderam-nos e devem andar à nossa procura por toda a área, tentando encontrar o rasto e deduzir onde possamos estar.

— Vamos ver se chega o avião.

Passado cerca de uma hora apareceu o PCA e começou às voltas por cima da tropa. Deviam ser umas onze horas da manhã. Havia quatro horas que estavam emboscados, fartos de esperar. Além disso, sabiam que estavam numa posição delicada, os guerrilheiros sabiam da presença deles e deviam estar algures à espera com patrulhas tentando a localização. O comandante do batalhão, instalado no avião, entrou em ligação.

— Cristo, aqui Mosca.

— Mosca aqui Cristo.

— Cristo você está no seu objectivo?

— Mosca, aqui Cristo. Correcto. Estamos no objectivo desde as sete da manhã. Fartámo-nos de ouvir tiroteio para os lados de Cabolol. Diga o que se passa escuto.

— Cristo, tem a certeza que está no objectivo? A mim parece-me impossível terem atingido o objectivo, tendo em conta tudo o que se passou na área de Cabolol.

— Mosca, aqui Cristo, deixe-se de dúvidas, estou no objectivo. Quero saber o que se passa. Ouvi tanto tiroteio que estive para deixar de parte a missão e o objectivo, e seguir por minha conta e risco para Cabolol, escuto.

— Cristo, os guerrilheiros emboscaram a companhia de Cufar e as milícias do Bacar, e não permitiram que atravessassem o rio perto de Cabolol. Já dei ordem para a tropa retirar. Estão sem munições, foram apanhados na bolanha e a maioria dos soldados com a arma encravada pela lama. Você tem que retirar como quiser, quando quiser e por onde quiser. Não poderá contar com qualquer apoio, escuto.

— Mosca aqui Cristo. Não brinque comigo. Eu estou cercado por todos os lados. Antes que eu inicie o movimento sou detectado e vão cair em cima de mim como caíram em cima dos outros. Eu preciso de apoio. A retirada vai ser difícil, tenho que atravessar o Cumbijã para chegar a Bedanda. No meu regresso posso ter baixas e vai ser bonito levar mortos e feridos às costas, e continuar a combater, escuto.

— Cristo, aqui Mosca. Lamento o que se passou e o que lhe pode acontecer. Não posso fazer nada. De tarde passo pela Companhia para saber como correram as coisas, escuto.

— Mosca, aqui Cristo. Eu vou retirar. Preciso do seu apoio agora e não logo. Se não me pode dar apoio agora, dispenso o seu conforto, logo. Por mim, terminado.

— Cristo, aqui Mosca, boa sorte. Terminado.

O capitão deslocou-se até junto do Ribeiro e deu-lhe conhecimento das ordens recebidas. Também o Ribeiro ficou preocupado. Sair à luz do dia duma região infestada de guerrilheiros depois do êxito deles em Cabolol podia ser uma situação muito complicada. O capitão disse ao Ribeiro que estava a pensar retirar pelo mesmo sítio donde vieram.

— Ribeiro, antes de dizer aos outros quero ouvir a tua opinião sobre sairmos daqui por onde entrámos. Que pensas do assunto?

— Mal, meu capitão. É norma nossa nunca passarmos duas vezes no mesmo sítio e isso tem contribuído para não cairmos em emboscadas. Se vamos pelo mesmo sítio, dão cabo de nós porque neste momento já devem andar no nosso rasto.

— Isso é verdade Ribeiro. Mas lembra-te que os guerrilheiros, sabedores disso, esperam-nos por todos os lados menos por esse. O que podemos encontrar, no máximo, será uma patrulha contra a qual ainda podemos fazer umas flores. A melhor solução é irmos pelo mesmo itinerário.

— Como queira. É arriscado mas pode ser que seja o menos perigoso.

— Vamos pelo mesmo caminho, alerta o pessoal.

— Carvalho, Cordeiro, Oliveira, aqui Cristo. Vamos retirar. A coluna foi detida e impossibilitada de continuar rumo a Bedanda. Retiramos pelo mesmo sítio. A ordem é a mesma da vinda. Vou sair com o Ribeiro à frente e depois o Oliveira. Ao passarmos por vocês metem-se na coluna com o Cordeiro na segurança da retaguarda. Todo o cuidado é pouco. Os gajos devem andar à nossa procura e não podemos contar com apoio nenhum do batalhão. Diga se entenderam, escuto.

— Entendido, escuto — responderam os três comandantes de pelotão.

— A todos, aqui Cristo. Já iniciámos o regresso. Ao chegarmos ao porto atravessa primeiro o Ribeiro, depois o Oliveira seguido do Carvalho e o Cordeiro em último. Assim que chegarmos ao lado de lá do rio e à medida que terminarmos a cambança da cada pelotão, este inicia o movimento para Bedanda. Na segurança do porto ficará a milícia do Tala. Mas quando o Cordeiro tiver atravessado, substitui o Tala, que deve retirar com os barcos nas viaturas. O Cordeiro manterá a segurança do rio, mesmo depois da travessia de todos. Digam se entenderam.

Todos tinham entendido as ordens.

— Então, vigilância permanente, todo o cuidado possível e sorte para todos. Terminado.

Lentamente, a companhia pôs-se em movimento. A marcha era lenta, todo o cuidado é pouco. Seguiram os rastos da véspera, que eram analisados para ver se mais alguém tinha passado por ali. Cabeças e olhos dos homens sempre em movimento, entre as copas das árvores e o chão. Dedo no gatilho. Ao mínimo sinal, estes homens dariam início ao festival. Chegaram sem novidades a um sítio onde pastavam vacas na noite da véspera.

— Ribeiro, aqui Cristo. As vacas não estão aqui. Os guerrilheiros durante a manhã vieram buscá-las para outro local. Parece que estamos com sorte. Viram o nosso rasto e nem sonham que estamos a utilizar o mesmo itinerário. Vai com atenção. Já se vêem as primeiras casas de Cobumba. Se eles abrirem fogo, avançamos sobre Comunba. Se não fizerem fogo, passamos ao largo.

— Correcto, disse o Ribeiro.

— Lassen, chama aí o homem do rádio — pediu o capitão Cristo.

— Aqui estou — disse o rádio telefonista.

— Diz para a Companhia que eu, dentro de uma hora, quero os barcos no porto exterior. Eles que me informem logo que Tala sair.

— Muito bem, disse o rádio telefonista.

O capitão falou então para os seus alferes:

— Aqui Cristo. Já vimos as primeiras casas de Cobumba. Os gajos mandaram as vacas para outro lado. Devem estar vigilantes noutro local. Se nos atacarem entramos na povoação. O Oliveira e o Ribeiro pelo lado do porto, o Carvalho e o Cordeiro pelo lado do cruzamento de Empada. Se não nos atacarem passamos ao largo. Já vejo a bolanha de Cobumba. Está cheia de montes de arroz. O Carvalho pode sair da coluna com os seus homens e de passagem queimar o arroz, o maior número de montes possível. Tudo tem de ser feito muito rapidamente e se não houver tiros não paramos. Digam se entenderam, escuto.

Todos os comandantes de pelotão tinham entendido perfeitamente, e o Oliveira ainda acrescentou:

— Cristo, aqui Oliveira. Vou dar uma ajuda ao Carvalho na destruição do arroz. Ele sozinho não dá conta do recado. Entre dois pelotões em permanente vigilância podemos nós estar menos atentos, escuto.

— Aqui Cristo. Autorizo o Oliveira a reforçar o Carvalho. O Cordeiro que aguento firme. Terminado.

Logo os pelotões do Carvalho e do Oliveira dispersaram e se espalharam pela bolanha. Alguém tinha fósforos, fizeram-se tochas e com um rapidez incrível os homens iam de monte em monte e destruíam o arroz. A bolanha ficou em chamas. Os homens libertavam-se da tensão com que estiveram toda a noite e manhã. O arroz era a principal fonte de rendimento. Destruir o arroz era como destruir as fábricas no tempo da segunda grande guerra mundial. A companhia destruía sempre todo o arroz que encontrava na sua passagem. O capitão dizia que era mais importante destruir o arroz do que as casas. Estas podiam ser facilmente reconstruídas, mas o arroz representava o trabalho perdido de um ano e era preciso esperar pela nova colheita.

— Cristo aqui Oliveira. Trezentos metros à frente estou a ver as vacas que tínhamos visto de noite. Vou buscá-las, escuto.

— Oliveira aqui Cristo. Negativo. Não vais buscar as vacas. Eu até gosto de peixe. As vacas não foram sozinhas para aí. Deve ser uma armadilha. Os gajos devem ter

montado uma emboscada perto. Não vamos cair na armadilha deles. Repito, proibida a ida às vacas. Deixe as vacas em paz. Fiquem para a próxima. Diga se entendido, escuto.

— Cristo, aqui Oliveira. Entendido. Você é um desmancha - prazeres, com tanta falta de carne e a dar-nos essa ordem. Se soubesse ia buscá-las sem lhe dizer nada, escuto.

— Oliveira, destrua o arroz e não me chateie. Lembre-se que é o segundo a atravessar o rio, e o Ribeiro dentro duma hora está no porto. Terminado.

Toda a bolanha foi incendiada, os montes de arroz ardiavam maravilhosamente. A travessia fez-se sem novidades e às quatro horas da tarde estavam todos em Bedanda, tristes por a operação não ter tido os resultados planeados. No dia seguinte não havia mulheres do mato em Bedanda. Ainda estavam em tensão pela operação da véspera. Passados dois dias chegam as primeiras mulheres do mato, algumas de Cobumba. O capitão perguntou-lhes se estavam satisfeitas com a visita da tropa de Bedanda, dois dias antes. Disseram que não. Tropa destruiu arroz de Cobumba. Elas sabiam que tropa lá ia, abandonaram a tabanca e refugiaram-se na mata. Deixaram todo o seu dinheiro nos montes de arroz, e quando os soldados incendiaram o arroz incendiaram o seu dinheiro. Cobumba está triste.

Então o capitão disse:

— Não destruímos a tabanca porque não quisemos. Na próxima vez destruímos a tabanca. Os homens de Cobumba não valem nada. Fogem da tabanca, nem sequer fazem fogo contra a tropa. Os vossos maridos só sabem cacarejar como as galinhas.

As mulheres através do intérprete disseram:

— Gente de Cobumba vai passar fome. Foi destruído quase todo o arroz e quase todo o dinheiro. Em Cobumba estava um grupo móvel à espera da tropa. Mandaram evacuar a população e montaram duas emboscadas entre Cobumba e o cruzamento de Empada, pois diziam que a tropa passaria por ali. Ficaram admirados por a tropa não passar. Quando deram conta disso, foram buscar as vacas. Quando viram que a tropa não ia buscar as vacas quiseram fazer fogo sobre a tropa de Bedanda, mas a população não deixou. Que deixassem a tropa em paz, já ia a caminho do quartel sem fazer mal a

Cobumba. Se fizessem fogo, os soldados correriam para a tabanca e arrasavam tudo. Porque quando a tropa de Bedanda vai na guerra, nada a faz parar. Era melhor deixar tropa em paz. Eles decidiram deixar a tropa ir em paz.

— Como é que sabiam que era tropa de Bedanda?

— Muito preto e pouco branco, é tropa de Bedanda e é preciso ter cuidado. Muito branco e pouco preto é outra tropa. Outra tropa não mete tanto medo à população do mato nem aos guerrilheiros.

— Digam aos vossos maridos que se não quiserem a guerra, têm que vir para Bedanda. Aqui a tropa não faz mal a ninguém e ainda dá ajuda.

Confirmava-se, assim, o que Capitão tinha pensado. Os guerrilheiros tiveram conhecimento da operação e estavam à espera da tropa. Soube-se depois que a fuga de informação foi em Bissau. Pouco antes de a coluna sair de Catió, a mulher de um sargento veio de avião de Bissau para Catió, dizendo que não deviam fazer a operação. Ela tinha tido conhecimento da operação em Bissau, num Café, o célebre Café Bento, a que todos chamavam a 5ª repartição. Era muito frequentado por militares e os guerrilheiros tinham aí os seus espiões. Soube-se que um cabo que trabalhava no Quartel-General de Bissau teve acesso à ordem de operações e copiou o transparente de operações. Na posse da cópia e sabedores do dia da operação, reforçaram a zona com grupos móveis e montaram emboscadas.

A companhia de Bedanda não caiu em emboscadas, como caíram as outras companhias, porque o transparente indicava a estrada como seu eixo de marcha, mas a companhia de Bedanda nunca anda por estrada, pelo que não seguiu à risca o itinerário do plano de operações. Para enfrentar a companhia de Bedanda, os guerrilheiros tinham reforçado a zona com um bi-grupo de efectivos de oitenta homens, e montaram duas emboscadas no espaço de quatro quilómetros. Tudo preparado para dar uma sova na tropa de Bedanda.

Posteriormente, veio a saber-se em Bedanda que os guerrilheiros esperavam a companhia de Cufar e as milícias do João Bafar numa óptima posição, e deixaram aproximar a companhia até à margem contrária do rio, onde estavam emboscados. A

partir daí, abriram fogo de armas automáticas e morteiro, impedindo a tropa de sair do local. Quando se acabaram as munições aos guerrilheiros, um helicóptero trouxe munições e municiou de novo os efectivos em combate durante a noite. De madrugada, a tropa estava toda desmoralizada, sem munições e com as armas encravadas por se terem deitado na lama do rio, com os guerrilheiros prontos para os liquidar. Valeu-lhes a Força Aérea, com dois T-6, e a companhia de intervenção de Catió que, deixando a companhia entregue à companhia de Bissau, foi em reforço dos emboscados logo que amanheceu.

FILHO DE GUERRILHEIRO

Com frequência, o capitão recebia ovos e galinhas de uma mulher do mato. Isto aconteceu depois de uma operação a Bobedê. Quando da primeira vez, o capitão ficou muito admirado. A encomenda foi-lhe entregue no quartel pelo régulo Samba. A mulher vinha à tabanca, falava com o Samba e deixava os ovos ou a galinha. O capitão perguntou ao Samba donde era a mulher, e soube que era de Bobedê. Era estranho uma mulher do mato trazer uma lembrança para o capitão, e todos estavam admirados. O capitão perguntou ao Samba porque não vinha a mulher ao quartel falar com ele e entregar-lhe ela própria a oferta. Samba disse que a mulher tinha medo e vergonha do capitão. Depois de várias ofertas, o capitão pediu ao Samba que quando ela voltasse a Bedanda lhe oferecesse, em seu nome, tabaco e cana, e lhe dissesse que o capitão queria falar com ela. Podia ser no quartel ou na casa do Samba.

Depois desta conversa, uma manhã aparece o régulo com uma mulher do mato, com muito bom aspecto. Trazia uma galinha para o capitão e por ordem do capitão vinha ela própria entregá-la. Tendo o Samba como intérprete e na presença do Lassen, travou-se este diálogo entre o capitão e a mulher do mato.

- Porque me começaste e enviar ovos e galinhas depois de a tropa ir a Bobedê?
- Porque nosso capitão tem meu filho em Bedanda e trata-o bem.
- Quem é o teu filho?
- É o André, que guarda as vacas. Foi preso em Bobedê quando a tropa lá foi.
- Queres levar o teu filho contigo?
- Não. Meu marido diz que André está melhor com nosso capitão.
- Quem é o teu marido?
- É o chefe dos homens armados de Bobedê.
- Porque diz o teu marido que o teu filho está melhor comigo?

— Porque com nosso capitão o André come com os soldados, anda na escola e tem roupa. Aqui, André pode aprender a ser homem grande como o pai.

Porque não vem teu marido para Bedanda?

— Tem medo do nosso capitão. Ele tem arma e sabe que nosso capitão o pode prender.

— Diz ao teu marido que se quiser pode vir a Bedanda mas não trás arma. Se teu marido quiser vir viver para Bedanda contigo, pode vir. Nosso capitão quer ajudar-vos e pode fazer do teu marido soldado da milícia, dando-lhe um ordenado todos os meses.

— Está bem nosso capitão. Eu digo ao meu marido o que nosso capitão disse.

— Quando voltares da povoação passa por aqui. Eu vou mandar comprar cana e tabaco para lebares ao teu marido. Dizes-lhe que nosso capitão não quer fazer mal ao teu marido, mas quando vai na mata tem que combater, bala não tem olho e tanto mata homem, como mulher, como criança quando mulher e criança estão misturadas com guerrilheiro.

— Está bem, nosso capitão. Até logo.

— Até logo e agradece ao teu marido os ovos e as galinhas.

O capitão mandou comprar pelo Lassen cana e tabaco, e deu à mulher do mato para levar para o marido. De vez em quando a mulher passava pela Companhia e deixava ovos e galinhas para o capitão. Os alferes inicialmente não queriam comer, porque pensavam que tanto os ovos como as galinhas tivessem qualquer coisa. Posteriormente chamavam-lhe um figo e faziam bons petiscos.

E assim era a guerra. Combatia-se quando se tinha de combater, mas não havia ódio entre a tropa e a população do mato. O André continuava a guardar as vacas, a aprender a ler e, como dizia o seu pai, a crescer para ser homem grande.

Noutro dia as mulheres voltaram a Bedanda mas não regressaram logo a Bodoê. O capitão entregou-as ao Samba e disse que elas estariam em Bedanda durante o tempo que quisessem, e andariam à solta por todo o lado sem quaisquer restrições, excepto no interior do quartel. Quando quisessem regressar a Bodoê podiam regressar, mas

sujeitavam-se a qualquer dia encontrar lá o nosso capitão, porque nosso capitão com os seus soldados vai a todo o lado e por isso há-de voltar a Bodoê.

— Gostaria que vocês ficassem em Bedanda, — disse-lhes o capitão — e que mandassem vir os vossos maridos ou, se quiserem, casassem com homens de Bedanda ou com soldados.

— Nós gostamos de Bedanda e do nosso capitão. Se nossos maridos viessem nós vínhamos. Eles não querem vir. Têm medo dos soldados de Bedanda.

— Podem vir quando quiserem. Nosso capitão não os prende e deixa-os ir embora quando quiserem.

— Está bem, nosso capitão.

Passados alguns dias as mulheres foram embora. Mas antes foram com o régulo despedirem-se do capitão e pedirem autorização para regressar a Bodoê. A autorização foi dada. A guerra da Guiné era assim.

FARDAMENTOS NOVOS

As pessoas em Bissau pareciam viver a um ritmo diferente do dos homens de Bedanda. Exigia-se muito da companhia e davam muito pouco em troca. O capitão andava aborrecido. Parecia que em Bissau, no dia a dia, não tinham os mesmos objectivos de Bedanda, e por isso não resolviam os problemas da companhia com oportunidade.

Um dos casos mais salientes parecia ser a dificuldade em fazer chegar a Bedanda as novas fardas dos soldados. Sob qualquer ponto de vista, para os oficiais de Bedanda era importante que as fardas chegassem, dado que a papelada a autorizar o pagamento já tinha chegado ao quartel. Agora era só preciso que os homens de Bissau tratassem de embarcar os sacos com a roupa nos barcos de reabastecimento. Há três meses que se aguardava o embarque das fardas. Nos últimos barcos, a primeira pergunta do capitão ao alferes encarregado do desembarque foi se as fardas tinham vindo. Quando mais um barco chegou sem as fardas o capitão furioso e reuniu com os subalternos.

— Meus senhores, estou chateado e farto de aturar os burocratas de Bissau. As fardas estão prontas e nunca mais embarcam. Estou farto de pedir para embarcarem. Prometem que é no próximo barco, chega este mas as fardas não. Com este reabastecimento é a quarta vez que isso acontece e eu não estou disposto a tolerar isto mais. Temos que fardar rapidamente os nossos homens. Que me aconselham?

— Bem, disse o Carvalho, — vamos a Bissau, arranjam um barco e trazemos as fardas. Se quiser eu vou lá tratar disso. Levo um dos meus sargentos, dois ou três soldados e garanto que as fardas são carregadas.

— Parece uma boa solução, mas não resultaria, disse o Ribeiro. — Não íamos arranjar um barco, e mesmo que arranjassemos não o deixavam sair sem escolta da Marinha, que a não daria sem o pedido do Comando Militar.

— Se quiser, — disse o Cordeiro — eu vou a Bissau, digo-lhes umas coisas e eles embarcam logo as fardas. É preciso dizer aos homens de Bissau, de forma muito clara,

o que pensamos deles. Falar-lhe à transmontano. A seguir, talvez eu leve uma porrada mas garanto-lhe que as fardas vêm.

— Obrigado. Parece que vocês querem as fardas a todo o custo tal como eu. Nenhum de nós vai a Bissau. Vou mandar uma mensagem ao Comando Militar com conhecimento ao Comando do Batalhão, dizendo que os oficiais e sargentos, verificando o estado deplorável das fardas dos seus soldados, solicitam o aluguer dum avião para transportar os sacos, prontificando-se a pagar a despesa. Digam isso aos sargentos. Se me apresentarem a conta, a companhia paga porque tem dinheiro para isso. Com esta mensagem apenas quero salientar bem o ridículo de toda esta situação. Concordam comigo?

Os alferes disseram que concordavam e a mensagem saiu nesse mesmo dia e era do seguinte teor:

“Oficiais e sargentos da 4ªCC, verificando o estado deplorável das fardas dos seus soldados e sabendo que os sacos com as fardas novas aguardam, há quatro meses, transporte para Bedanda, solicitam que as mesmas sejam enviadas de avião, a pagar no destinatário. Solicito o aluguer de um avião para o transporte dos sacos com as fardas. Queira posteriormente enviar a conta para a Companhia para ser paga pelos graduados.”

A mensagem chegou ao brigadeiro comandante militar que ficou furioso. Para ele, era o início de uma insubordinação que tinha a sua origem no deficiente funcionamento dos serviços. Por ter elaborado uma mensagem daquelas, o capitão de Bedanda devia ser punido, mas os serviços que não satisfaziam as necessidades das tropas combatentes também o deveriam ser, por ineficiência.

O brigadeiro decidiu actuar com prudência. Mandou preparar um barco para dentro de oito dias, depois de o Natal, ir a Bedanda levar as fardas. O barco só partiria à sua ordem. Mandou comunicar ao major Monteny que iria a Bedanda passar o Natal e que devia elaborar um relatório de tudo o que vir. A ideia é punir o capitão mas queria estar muito seguro para fazer isso.

No dia 30 de Dezembro, menos de oito dias depois da vista do major Monteny, um barco chegava a Bedanda trazendo as fardas, roupa de cama, utensílios de refeitório, jeep novo e duas viaturas pesadas. Foi dia de festa na Companhia. Fardas novas, lençóis e mosqueteiros, canecas para o café, viaturas novas, era tudo o que os militares queriam para o seu conforto no quartel e na mata, quando em patrulhamento ou em combate.

Custou muito. Foi preciso correr muitos riscos e ser algumas vezes muito duro, mas ganhou-se o combate da dignidade da tropa de Bedanda. O capitão Cristo passava a ser um senhor para os militares e para a população civil a seu cargo.

EXPLICAÇÃO DE UMA VISITA

No dia 23 de Dezembro um avião sobrevoa a pista. Não se esperava ninguém mas, como de costume, montou-se a segurança necessária. O alferes Ribeiro, que era o que ficava mais próximo da pista, foi ver quem chegava. Deparou com um major que de imediato fez conduzir até à Companhia. Levou-o ao capitão. O avião, entretanto, regressou a Bissau.

O major era um velho conhecido do capitão. Era tenente instrutor na Escola do Exército quando o capitão era cadete. Abraçaram-se com bons amigos que eram, com o respeito e consideração que tinham um pelo outro, e o major disse ao que vinha:

— Cristo, como sabe, não tenho a minha família comigo em Bissau. Por esse motivo decidi passar o Natal com uma companhia do mato, e depois de muito pensar lembrei-me do meu velho amigo Cristo e vim passar o Natal consigo e com a sua tropa. Fico duas noites, no dia 25 à tarde o avião vem buscar-me. Importa-se que eu passe estes dois dias convosco?

— Não, meu major. É um prazer para nós. Não temos grandes condições mas o que temos é seu e o que houver será repartido consigo. Obrigado por se ter lembrado de nós. Vai ficar no meu quarto e eu fico com os alferes.

— Cristo, eu não quero incomodar e não quero que saia do seu quarto. Eu fico em qualquer lado.

— Meu major, a sua presença é um prazer para todos nós. É nossa visita e queremos dar-lhe o melhor que temos e mesmo assim é pouco. Só há um quarto individualizado, é o do capitão. Esse quarto é seu enquanto estiver connosco. Não se fala mais no assunto. Armando, leva o nosso major ao meu quarto. Vê se há água para banho e dá ao nosso major tudo o que ele precisar. Tira toalhas das minhas e põe no quarto de banho. Ficas à disposição do nosso major. Quando o nosso major estiver instalado e quiser dar uma volta trá-lo novamente aqui.

— Então até já senhores — disse o major. — Volto já.

— Até já meu major.

Após a saída do major o capitão disse aos alferes:

— Não sei bem o motivo que trouxe aqui o nosso major. É um bom militar e muito bom homem. Não temos nada a esconder. Vamos fazer uma vida normal e ele pode ver tudo o que quiser. Pode visitar as instalações e os serviços sozinho ou acompanhado por um de nós. Quero que ele seja bem tratado e recebido por todos nós com carinho. Embora seja de Bissau e do Quartel - General, ele não é como a maior parte dos que lá estacionam.

De acordo com estas instruções o major visitou tudo. Pediu para ir ver os soldados a tomar o café da manhã e viu o que pensava não poder acontecer numa companhia da Guiné. Julgava que estava noutra Exército, tantas eram as deficiências. Os soldados não tinham chávenas ou canecas para tomar o pequeno almoço. Tinham as latas vazias das salsichas. Ao almoço verificou que os soldados apenas dispunham de um prato de alumínio e de uma colher. Nas casernas, verificou que os soldados não tinham lençóis nem mosquiteiros, embora estivessem instalados numa região infestada de mosquitos. Assistiu à saída de um pelotão para um patrulhamento. Ficou horrorizado com o estado das fardas, aquilo não eram uniformes nem era nada. Mostrava a ineficiência e a incapacidade de dar solução aos problemas mais simples dos militares do mato, em guarnição normal. Os soldados apresentaram-se prontos para o combate com fardas todas rotas e fardamentos de diferentes modelos. O Exército, ali, não permitia o cumprimento do plano de uniformes. Foi ver também o parque de viaturas e verificou que havia viaturas incapazes que causavam mau-estar ao pessoal só de olhar para elas. Sendo ele um competente oficial de Estado-Maior e muito cuidadoso, não houve canto que ele não visse e de tudo tomava apontamentos. Com tantos apontamentos e tanta curiosidade, os militares começaram a ficar desconfiados e disso deram conhecimento ao seu capitão. Este, com o seu à vontade característico, apenas disse que não tinham nada a esconder. E acrescentou:

— Deixem o nosso major ver tudo o que quiser para dizer em Bissau o que viu. Os apontamentos são para o relatório. Não estou preocupado. Se o comandante militar achar que eu não estou a comandar bem, que me mande embora. Para pior não vou e já começo a estar farto disto até à raiz dos cabelos.

O major era um homem honesto e não iria dizer coisas fora da realidade. Sabiam que a realidade era muito triste e que não era culpa deles próprios ou não só deles. A culpa ou era dos homens de Bissau ou de quem os antecedeu. Havia que ter calma, tudo iria correr bem.

Os dias passaram e a 25, da parte da tarde, o avião chega para levar o major Montaney. Antes de partir quis falar com o capitão.

— Cristo, vou ser honesto consigo. Eu não vim passar o Natal a Bedanda por minha iniciativa. O nosso brigadeiro está chateado consigo porque você está a mandar notas e mensagens muito duras. O nosso brigadeiro mandou-me cá para ver até que ponto as suas críticas eram justas. Depois do que vi quero dizer-lhe que se eu estivesse no seu lugar fazia pior. Não há direito que deixem viver uma companhia como a sua vive. É isso que eu vou dizer ao nosso brigadeiro. Ele é boa pessoa e vai compreender. Julgo que em breve ele vai mandar tudo o que você pediu. Gostei de estar consigo e com os seus homens. Obrigado pelo carinho que tiveram comigo, sendo eu do Quartel-General e vocês não gostarem dos homens de Bissau. Vocês são capazes de ter razão. Era bom que de vez em quando os homens das repartições e dos serviços viessem ver como se vive e trabalha no mato. Talvez assim criticassem menos e fossem mais diligentes no apoio solicitado. Até qualquer dia.

— Obrigado, meu major, pela confiança que teve em mim dizendo-me ao que veio. Não escondemos nada de ninguém mas achamos que Bissau não quer ou não sabe compreender-nos. Para eles, a guerra era boa se não houvesse uns chatos no mato a combater, a pedir munições, fardas, comida, etc. Nós procuramos fazer o melhor que sabemos e podemos, mas queremos um mínimo de condições, o respeito e consideração pelos nossos problemas. Muito bom dia e boa viagem.

Estes dois homens abraçaram-se ainda com mais força do que à chegada. Ficaram mais amigos, respeitando-se ainda mais, se tal era possível. Eram dois militares, cada um no seu sítio e que, à sua maneira, apenas queriam servir o Exército e servir Portugal, dignificando a farda que voluntariamente vestiam e a profissão, que por amor, ambos tinham decidido seguir. Eram militares da cabeça aos pés, de corpo e alma, e que aprenderam a sê-lo na velha escola onde ensinavam que primeiro se tratava do material,

depois dos animais — ainda havia mulas e cavalos na tropa — depois os soldados e só no final os sargentos e os oficiais.

QUEM QUER IR A CABOLOL?

Um dia o capitão foi chamado ao Comando do Batalhão mais uma vez. Um avião veio buscá-lo às nove horas da manhã e todos ficaram a saber que ia haver mais uma operação determinada pelo batalhão. Os soldados de Bedanda não gostavam muito de operações planeadas pelo escalão superior. Por vezes eram pouco realistas e havia sempre fugas de informação. Bastava saber-se que o capitão era chamado ao batalhão ou que o oficial de operações tinha vindo à Companhia.

Ao chegar a Catió o capitão encontrou-se com o comandante da companhia de Cufar. Esta era uma boa companhia mas encontrava-se cansada e desmotivada. Estavam a um mês de regressar a Lisboa e tinham perdido o seu capitão inicial, acabado de ser transferido para outro local. Para o seu lugar chegou o capitão miliciano de nome Cristóvão, recentemente chegado à Guiné. Este capitão era bom moço, um homem bem formado, licenciado em economia, mas com deficiente preparação militar. Não seria o homem indicado para comandar uma companhia em fim de comissão, com bastantes baixas e já cansada física e psicologicamente. O capitão Cristo e o capitão miliciano Cristóvão já tinham trabalhado juntos e mais uma vez iriam realizar um trabalho em conjunto.

Já na sala de operações, o oficial de operações expôs a situação.

— Sabe-se que na mata de Cabolol existe um forte grupo de guerrilheiros reforçado recentemente em homens e material. As informações dizem que este grupo se prepara para atacar os barcos de reabastecimento a Bedanda. Sabemos que uma acção na área pode impedir ou pelo menos retardar um ataque ao comboio fluvial. O nosso comandante decidiu bater a zona com duas companhias. A companhia de Bedanda vai para a área Cabolol Balanta. A de Cufar para a região Cabolol Nalu. A operação terá a duração de um dia. Teremos o apoio aéreo de uma parelha de T-6 para ataque ao solo, um helicóptero para evacuações e um PCA onde estarei sempre eu ou o nosso comandante. Têm algumas dúvidas?

— Eu tenho — disse o capitão Cristo. — A operação vai ser muito dura tanto física como psicologicamente. Se houver contacto pode ser um grande festival. A companhia

de Cufar está a um mês de ir embora e tem demonstrado estar muito cansada. Além disso leva um capitão novo e inexperiente, não só na Guiné como na tropa. Eu preferia ir com a companhia de intervenção, os meus homens iriam sentir-se mais confiantes.

— Tem razão, nós também pensámos nisso. No entanto, decidimos que era uma boa oportunidade para o novo comandante da companhia. Você, Cristo, e os seus homens, têm muita experiência e conhecimento da área, e isso vai dar a necessária confiança ao capitão Cristóvão.

— Eu quero dizer — disse o capitão Cristóvão — que concordo com o Cristo. A minha companhia está cansada, e eu vou sair para Cabolol pela primeira vez. Tenho, no entanto, muita confiança no Cristo e muito prazer em trabalhar com ele. Eu e a minha companhia vamos tentar corresponder à confiança depositada em nós.

— Temos duas lanchas de desembarque na área, — continuou o oficial de operações — com as quais podemos apoiar uma das companhias. Tínhamos pensado ir buscar a companhia de Bedanda ao porto exterior e desembarcá-la algures na bolanha de Cabolol. O que pensas disto, Cristo?

— Penso mal. Se me forem buscar de lancha denunciam logo a minha posição, o que eu não quero. Eu vou para Cabolol pelos meus próprios meios e regresso também da mesma maneira. Estarei ao romper da aurora em Cabolol, vou sair de Bedanda por volta das oito horas da noite.

— Concordamos. Sendo assim, você recebe um segundo objectivo. No regresso a casa passa por Cobumba e destrói o que puder. Mais alguma dúvida?

— Não tenho mais dúvidas. Agora quero é regressar à Companhia o mais rapidamente possível.

— Vamos almoçar. No fim do almoço a DO põe-no em Bedanda.

O capitão aproveitou para conversar com os amigos que tinha em Catió. Em especial com o capitão Leão, comandante da companhia de intervenção, a quem disse:

— Então safaste-te de ir a Cabolol?

— É verdade, mas não fiz nada por isso. Não me importava de lá ir mais uma vez contigo. Já lá estivemos os dois juntos e demo-nos bem.

— Lembro-me bem dessa vez. Lembras-te que os guerrilheiros infiltraram-se entre nos e fizeram uns tiros para mim e outros para ti, deixando-nos depois aos tiros. Foste tu, com a tua experiência, que mandaste parar os tiros e depois verificaste que já não havia guerrilheiros. Aqueles tipos de Cabolol são bons e sabem o que andam a fazer.

— Sabes, estou quase no fim da minha comissão. Mais dois ou três meses e aí vou eu. Levámos muita porrada, tanto como companhia de intervenção como no Cachil. Tu também tens levado muito mas tens tido sorte. Tens dado mais do que levado e tens ido a sítios onde há anos a nossa tropa não punha os pés.

— É verdade, mas estou preocupado com esta ida a Cabolol. Falta-nos ao lado uma companhia como a tua. Que na hora do desespero mantenham a cabeça fresca e sempre disposta a ajudar. Quando duas companhias actuam lado a lado é preciso muita confiança mútua e eu não confio na companhia de Cufar, embora tenha sido sempre uma boa companhia.

— Sentiu a falta do capitão que a formou, está muito cansada e só pensa no fim da comissão. Devia ser retirada do sector e aguardar o embarque num sítio mais sossegado.

— Talvez tenhas razão. Vamos beber um uísque enquanto aguardamos pelo almoço. Tens recebido notícias da família? Estão bem? Eu tenho recebido mas estou com muitas saudades e ainda não fiz um ano de comissão. Como é que eu vou aguentar os dois anos?

E assim, recordando a família e os seus tempos de estudante, se chegou à hora do almoço. Logo depois do almoço o capitão Cristo regressou a Bedanda. Na pista, à chegada, tinha o Lassen com o jeep e o alferes Ribeiro. Depois de se despedir do piloto, um aviador sempre pronto a ajudar os homens em terra que viviam espalhados pelos matos da Guiné, disse para o Ribeiro:

— Vamos até à Companhia. E tu Lassen, logo que chagarmos dizes aos nossos alferes para irem falar comigo.

Meia hora depois estavam todos reunidos no gabinete do capitão.

— Vai haver novamente festa. Desta vez vamos a Cabolol. Já todos lá estivemos com a companhia do capitão Leão. Vamos com a companhia de Cufar. Eles vão para Cabolol Nalu e Cantumane. Nós ficamos por Cabolol Balanta. No regresso, se tudo correr como planeado, destruimos Cobumba. Enfim, o que encontrarmos.

— Já pensaram bem em Cabolol?

— Já e não vai ser nada agradável.

— Eu sei. Sairemos do quartel às oito horas da noite. Levamos um barco transportado em viatura. Atravessamos o rio Cumbijã e contornamos Cobumba pela esquerda direitos à passagem do rio Camaquebom. Terão que andar depressa pois é preciso chegar antes dos guerrilheiros. Com o barulho da viatura e do motor do barco, eles sabem que a tropa anda na zona. A vantagem da companhia será os guerrilheiros não saberem para onde ela se dirige. Haverá que contar com tiros de reconhecimento, mas a pretexto algum os soldados irão responder para não se denunciar a posição, caso contrário estaremos fritos. Depois da travessia do rio Camaquebom seguimos o mais rapidamente possível para Cabolol Balanta, que o Oliveira e o Carvalho deverão ultrapassar pela direita, indo colocar-se em posição de defender qualquer ataque de surpresa vindo da mata. Deverão aguentar aí até que o Cordeiro e o Carvalho entrem na povoação e destruam tudo aquilo que virem. Estamos na altura da colheita do arroz, deve haver montes de arroz na bolanha. Tem de ser destruído e rapidamente. Eu estarei com os pelotões nessa tarefa. O Ribeiro tem que estar sempre de ouvido atento ao que se passa do outro lado da mata com a companhia de Cufar. Finda a missão quanto ao primeiro objectivo, devem avançar para o segundo pela mesma ordem de progressão. O Ribeiro, seguindo-se o Oliveira, o Carvalho, e por fim o responsável pela segurança da retaguarda, o Cordeiro. No segundo objectivo irão entrar entre a povoação e o cruzamento de Empada, o Ribeiro e o Oliveira montam segurança para evitar surpresas vindas do Chugué. Então aqui, o Carvalho e o Cordeiro entram na povoação para busca e destruição. Cumprido este objectivo, seguiremos para o porto exterior de Bedanda, atravessamos o rio e vamos para casa. Na coluna de regresso a

posição dos pelotões será a mesma. Ribeiro à frente, Cordeiro no fim, o Oliveira e o Carvalho no meio. Dúvidas?

— Eu tenho, disse o Oliveira. — Passamos juntos, pela primeira vez, por Cobumba. Podíamos primeiro destruir este objectivo e só depois seguir para Cabolol.

— Tens razão — disse o capitão. — Se nós fizéssemos isso não cumpriríamos a ordem do Comando do Batalhão que determina ir a Cabolol primeiro, e nem cumpriríamos a missão principal depois. Duvido que depois de destruímos Cobumba conseguíssemos chegar a Cabolol.

— Concordo consigo — disse o Ribeiro. — E é muito difícil chegar a Cabolol depois de actuar sobre Cobumba.

— Mais alguma dúvida? Bem, se não há dúvidas podemos agora fazer cada um de nós o que lhe compete para o êxito desta missão. Não esqueçam que saímos às oito horas da noite.

O tempo não era muito para preparar a saída. Era preciso verificar munições e granadas de mão, distribuir rações de combate, verificar os rádios para ligações internas e o rádio para ligação à outra companhia, aos aviões e ao quartel. Como saíam os quatro pelotões era preciso organizar a defesa com os soldados que ficavam. Se bem que a tropa fosse experiente e que os seus oficiais fossem homens experimentados nas matas da Guiné e até na área de Cabolol, o capitão estava preocupado. Os guerrilheiros daquela área eram aguerridos e sabiam actuar. Aproveitariam muito bem os descuidos da nossa tropa. Além disso, tinham que percorrer um percurso difícil. Saindo do quartel às oito da noite, andariam durante toda a noite e às seis da manhã, exaustos fisicamente, fariam das tripas coração prontos para o que desse e viesse. Só quem viveu e combateu no sul da Guiné poderá compreender o esforço que estes homens iam fazer.

Como sempre a companhia foi pontual a sair. O capitão chegou e começou a caminhada. Nem perguntou se a companhia estava pronta. Tinha de estar. Uma vez um pelotão atrasou-se e o capitão saiu sem ele. Pequeno atraso, e o pelotão com o seu alferes à frente, juntou-se rapidamente à coluna e ocupou o seu lugar. O capitão não

comentou o atraso e o comandante do pelotão também não. A partir daí compreenderam perfeitamente os horários e que estes eram mesmo para cumprir.

Às nove horas estavam no porto exterior de Bedanda e iniciou-se a travessia do rio. Ouviram-se tiros vindos de Cobumba. Eram tiros altos. Ninguém respondeu e cada um fazia o que tinha a fazer. Os que não tinham ali tarefas especiais sentaram-se no chão e descansaram um pouco. A noite ia ser longa e duro o dia que os esperava. Era preciso aproveitar tudo para descansar. A experiência daqueles homens dizia-lhe que todo o tempo era pouco para descansar, enquanto isso fosse possível. Os tiros não lhe tiravam o sono. Por volta das onze da noite a companhia estava toda do outro lado. A viatura regressou ao quartel com o barco e aguarda depois as ordens para os vir buscar novamente.

A marcha da companhia reiniciou-se de uma forma penosa pela bolanha, entre Cobumba e o rio. Por vezes sobre os ouriques, outras vezes por terreno enlameado onde ficavam enterrados até aos joelhos. Ao passarem por Cobumba, os cães começaram a ladrar e houve de novo tiros de reconhecimento da parte dos guerrilheiros. Queriam localizar a posição da tropa e o tiro era agora mais baixo. Um pouco mais baixo e acertariam em alguém.

Impávidos, os soldados continuavam a sua marcha, não dando importância aos tiros. Por volta das duas horas da manhã chegaram ao ponto de travessia do rio Camaquebom. O capitão mandou parar um pouco e disse a o Ribeiro para fazer avançar uma secção. Se a ponte estivesse livre a secção devia passar rapidamente para montar a segurança do outro lado. Não havia indícios de guerrilheiros. A ponte era nossa, se assim se pode chamar uma série de troncos espetados no leito do rio e ligados a outros troncos a fazer de tabuleiro. O curioso era que este tabuleiro tem apenas dois troncos ligados com lianas e tão estreitos que dá para pensar que, qual quer dia, alguém cairia ao rio e com muita dificuldade o poderiam pescar durante a noite.

Lentamente, toda a companhia atravessou o rio, a parte mais perigosa da operação. Qualquer ataque nessa situação apanharia a companhia dividida pelas duas margens e separadas pelo tabuleiro. Difícil o controlo da companhia se um dia fosse atacada nessa posição. Mas sempre tiveram a sorte do seu lado, quando tinham que atravessar esta

ponte. Terminada a travessia, foi reiniciada a progressão através da bolanha que os separava da mata de Cabolol.

Estavam agora no centro da operação. A qualquer momento podiam ser atacados. Começava o raiar da aurora e já se via um pouco à frente. Quando tal acontecia respirava-se fundo. Todos tinham medo da noite e dos combates traiçoeiros que a noite pode trazer. Era a altura deles aparecerem para os homens poderem descarregar a bÍlis que sempre traziam dentro de si depois de uma longa marcha em grande tensão. Já se viam as primeiras casas. O Ribeiro e o Oliveira aceleraram o passo deslocando-se mais para a direita para posições mais seguras. O Carvalho e o Cordeiro com o capitão começaram a andar mais devagar. Por segurança só podiam entrar na povoação depois dos outros dois pelotões estarem em posição.

O Ribeiro chamou pelo rádio.

— Cristo, aqui Ribeiro. Estou em posição. O Oliveira também. Vi uns indivíduos a fugir e a embrenharem-se na mata, escuto.

— Ribeiro, entendido. Olho vivo por essas bandas e não perca o contacto com o Oliveira. Nós vamos entrar na tabanca. Carvalho, podes avançar, ficas na área mais perto da mata. Mantém ligação visual com o Ribeiro. Destaca três ou quatro homens para isso. Nós vamos entrar na tabanca. Cordeiro ficas tu junto da bolanha. Podes avançar. Eu, tu e o Carvalho juntamo-nos aí depois do serviço acabado na tabanca e no acampamento. Digam se entenderam, escuto.

Todos tinham entendido, o capitão deu então por terminada esta ligação rádio e disse para o Lassen:

— Lassen, diz ao rádio telefonista que veja se tem ligação com a outra companhia. Se não tiver que vá tentando e volte a nós quando conseguir.

— Não há ainda ligação com a outra companhia nem com o avião — transmitiu o Lassen.

— Com o avião ainda é cedo, — disse o capitão — mas a companhia já devia estar na área e é estranho não termos ligação, devemos estar a menos de dois quilómetros.

Diz-lhe que vá tentando e que não me perca de vista. Quero-o sempre junto de mim e também o Joãozinho e o enfermeiro.

— Está bem — disse o Lassen.

Entretanto tinha começado a destruição da tabanca. Em grupos de três os homens deslocavam-se de casa em casa. À entrada de uma casa, antes de entrarem, atiravam para dentro uma granada de mão ofensiva e revistavam o que restasse. Neste tipo de acção a segurança é fundamental e eles sabiam por experiência própria, quanto pode custar uma negligência nesta situação. Por último, na cauda do pelotão, vinham soldados com tochas na mão, queimando tudo o que pudesse arder. A povoação transforma-se num pasto de chama e o calor à volta aumenta. Este era um dos momentos perigosos da operação, porque é sempre difícil controlar um pelotão disperso em grupos de três, de palhota em palhota ou por entre os montes de arroz. São estes momentos que os guerrilheiros aproveitam para atacar tipo “bate e foge”. Aproximam-se da povoação ou acampamento em chamas, fazem tiros certos, matando ou ferindo alguns militares, a seguir mais umas rajadas ou bazucadas ao monte, retirando antes de a tropa ter tempo de reagir. Daí a necessidade de dispor de soldados como segurança em posições que barrem os caminhos a grupos que se queiram infiltrar. Evitam-se baixas e dá-se segurança e confiança aos homens da busca e destruição.

O Capitão Cristo voltou às ligações rádio.

— Cristo, aqui Ribeiro. Tenho guerrilheiros a deslocarem-se na minha direcção. Não consigo ver quantos são, escuto.

— Ribeiro, abre fogo quando estiverem mais perto. Tens que os aguentar. Se vires que são muitos para ti eu mando reforço. Diga se entendido, escuto.

— Cristo, aqui Ribeiro. Entendido.

— Oliveira, aqui Cristo. Diga se ouviu o que o Ribeiro disse.

— Cristo, ouvi o que disse o Ribeiro. À minha frente não vejo ninguém. Diga se quer que me aproxime do Ribeiro, escuto.

— Fique onde está e fique atento. Se o tiroteio for muito intenso faça umas rajadas para dentro da mata. Isso vai assustá-los porque pensam que estão cercados ou em vias disso. É muito importante que a sua posição seja mantida. Não saia daí sem ordens e esqueça o que ouvir para os lados dos outros pelotões. Diga se entendido, escuto.

— Cristo, entendido.

— Carvalho aqui Cristo, escuto.

— Cristo, aqui Carvalho. Ouviu o que disseram o Ribeiro e o Oliveira? Estou em condições de ir em reforço do Ribeiro, escuto.

— Carvalho, aqui Cristo. A nossa missão principal é destruir, o que já estamos a fazer. Por isso só paramos com a destruição se não tivermos outras soluções. Prepare-se no entanto para te juntares ao Ribeiro, mas só à ordem. Reforça a ligação com eles e faz um pequeno reconhecimento, vê qual é o melhor caminho para lá chegares. Diga se entendido, escuto.

— Cristo, aqui Carvalho, entendido.

— Cordeiro aqui Cristo. Ouviu o que disseram o Ribeiro, o Carvalho e o Oliveira? Escuto.

— Cristo aqui Cordeiro. Ouvi, escuto.

— Cordeiro, continue a sua missão, haja o que houver. Acelerar o trabalho e diga onde está, escuto.

— Cristo, aqui Cordeiro. Entrei na bolanha e vou destruir os montes de arroz. À minha volta está tudo a arder. Nunca vi tanto arroz junto, escuto.

— Cordeiro, enquanto não soubermos o que vai acontecer na área do Ribeiro não entres na bolanha. Depois de destruíres as casas reúne o pelotão e aguarda ordens. Diga se entendido, escuto.

— Aqui Cordeiro. Entendido.

— Ribeiro, aqui Cristo, ouvi tiros para esse lado. Diga o que se passa, escuto.

— Cristo, um soldado meu fez fogo sobre um guerrilheiro e eles responderam. A partir daí todos os soldados responderam ao fogo, estava a travar-se um diálogo entre armas. Os gajos pararam de avançar. Julgo que não contavam connosco e ficaram surpreendidos, escuto.

— Ribeiro, cuidado com o lado direito, podem tentar envolver-te. Aguentas o barco ou queres apoio? Escuto.

— Cristo, à minha direita tenho a secção da Casa Gouveia e esses não se deixam surpreender. Os guerrilheiros devem ser entre dez e quinze homens e julgo que os aguento bem. A surpresa é uma grande arma, escuto.

— Ribeiro, dê-lhes mas não os persiga se eles se retirarem. Não saímos daqui enquanto não cumprirmos a nossa missão. Terminado.

Os nervos destes homens eram de aço. Um pelotão combatia, outro em posição defensiva aguardava a sua vez, outro pelotão, em zona de reunião, aguardava ordens para se juntar ao combate ou para continuar a sua missão de destruição da povoação e do arroz. Por último, o quarto pelotão continuava a destruir e incendiar os montes de arroz, indiferente ao tiroteio que se ouvia nas suas costas. O capitão, esse, tinha muito em que pensar. Não conseguia ligação com a outra companhia. Não havia posto de comando aéreo porque a DO ainda não os tinha sobrevoado, e o tiroteio para os lados do Ribeiro preocupava-o. Eram momentos difíceis para todos, iguais ou semelhantes aos que já tinham vivido. De repente, deixaram de ouvir tiros.

— Ribeiro, aqui Cristo. Deixei de ouvir tiros, diga o que se passa, escuto.

— Cristo, aqui Ribeiro. Os gajos cansaram-se e foram-se embora. Retiraram. Meia dúzia dos meus ainda correram um pouco atrás deles para lhes fazer acelerar a marcha. Julgo que estes por aqui não chateiam mais.

— Ribeiro, aguenta aí até novas ordens. Parabéns. Terminado.

— Cordeiro, Carvalho e Oliveira. O Carvalho pode juntar-se ao Oliveira na busca e destruição. O Oliveira que fique atento. Os gajos não entraram pelo Ribeiro, agora recuam mas podem depois tentar entrar pelo Oliveira. Cordeiro e Carvalho, informem logo que tenham concluído a missão. Terminado.

A acção continuava porque era montes de arroz por todo o lado. Apesar da rapidez dos soldados, parecia que o trabalho estava a demorar mais do que tinha sido planeado. Tinham outro objectivo, que não deveria ser fácil, e o capitão queria iniciar a marcha o mais depressa possível. Então começaram de novo a ouvir-se tiros no interior da mata. Parecia ser na companhia de Cufar que também terá tido contacto com os guerrilheiros. O tiroteio aumentava de intensidade, parecia que nunca mais acabava, sinal de que nem os guerrilheiros nem Cufar tinham levado a melhor, e o combate mantinha-se. O tiroteio começou a preocupar o capitão.

— Lassen, diz ao rádio telefonista que veja se estabelece ligação com a outra companhia. Se não conseguir fala com Bedanda para saberem em Cufar se alguém sabe o que se passa.

A resposta não se fez esperar. Não era possível estabelecer contacto com a companhia de Cufar. Em Bedanda também não sabiam o que se passava pois tinham perdido a ligação. A companhia de Cufar estaria de certeza bem no centro da mata e da confusão. Entretanto, o Cordeiro e o Carvalho deram por terminada a missão. Cabolol Balanta e a sua bolanha eram um pasto de chamas. O Cordeiro e o Carvalho receberam ordens de regressar à orla da mata e aí aguardar. O tiroteio com a outra companhia continuava. Ouviu-se o barulho do avião a aproximar-se. Era o PCA que chegava à zona de acção. O capitão ordenou que entrassem em ligação com o avião, o que foi conseguido.

— Mosca, aqui Cristo, escuto.

— Cristo, aqui Mosca, escuto.

— Mosca, missão terminada no primeiro objectivo. Houve contacto com os guerrilheiros mas foi resolvido sem problemas de maior. Não consigo ligação com a outra companhia mas ouço muitos tiros no interior da mata. Diga se entendido, escuto.

— Cristo, entendido. Continue, escuto.

— Mosca, aqui Cristo. De acordo com o planeamento devia seguir já para o segundo objectivo mas estou preocupado com o que se passa com a outra companhia. Pode precisar do meu apoio. Se marchar para o segundo objectivo cada vez me afasto mais

deles. Diga se avanço para o segundo objectivo ou se fico onde estou e aguardo ordens. Na minha opinião eu devia aguardar aqui mais algum tempo.

— Cristo, aqui Mosca. Creio que você já resolveu aí o seu problema e bem. A outra companhia que resolva os problemas dela. Siga imediatamente para o segundo objectivo, escuto.

— Mosca, aqui Cristo. Entendido. Lembro que vou começar a marcha e vou afastar-me cada vez mais da outra companhia. Até atravessar o rio Camaquebom ainda posso voltar atrás se houver problemas. Depois de ter a companhia do outro lado do rio não é possível voltar e já não poderei ajudar a companhia de Cufar se ela estiver em posição difícil, como o tiroteio parece indicar, escuto.

— Cristo, aqui Mosca. Entendido. Os problemas que houver com a outra companhia serão resolvidos entre mim e ela. Siga para o segundo objectivo e parabéns pelo trabalho realizado. Terminado.

— Mosca, aqui Cristo. Entendido. Terminado.

O capitão Cristo falou aos seus alferes, a quem transmitiu que iam seguir para o segundo objectivo e que a ordem de marcha seria a planeada. Juntar-se-ão na saída da povoação do lado de Cobumba, por onde tinham entrado. Cada um devia iniciar o movimento com cuidado, em especial com a retaguarda.

— Cristo, aqui Ribeiro. Acho que devíamos aguardar mais tempo para ver como correm as coisas à companhia de Cufar, mas vou iniciar o movimento, escuto.

Oliveira, Carvalho e Cordeiro, responderam entendido, embora o Cordeiro tenha dito que não concordava e que fazia suas as palavras do Ribeiro. O capitão Cristo ordenou então o início do movimento. Deixava atrás de si camaradas a combater, que poderiam precisar do seu auxílio, mas eles iriam ficar cada vez mais longe. Era contra o seu código de combatente. Chegaram ao rio Cabaquebom e iniciaram a travessia. Quando o pelotão do Ribeiro já estava do outro lado e o Oliveira se preparava para atravessar, a DO sobrevoou a companhia e estabeleceu contacto.

— Cristo aqui Mosca, escuto.

— Mosca aqui Cristo, escuto.

— Cristo, tem de voltar para trás. Há problemas com a companhia de Cufar. Há pelo menos um desaparecido e pediram o seu apoio. Escuto.

— Mosca, aqui Cristo. Entendido. É difícil regressar em tempo oportuno. Já tenho um pelotão do outro lado do rio e estou no mínimo a duas horas da mata de Cufar. Não vou chegar a tempo de nada. Além disso o meu pessoal está cansado. Deviam ter pensado nisso antes, escuto.

— Cristo, aqui Mosca. Tem razão, nós não temos alternativa. Temos que o enviar novamente para a mata. Vá com cuidado pois parece que os guerrilheiros deram uma valente sova à companhia de Cufar. Eu vou manter-me no ar para qualquer coisa que seja preciso, nomeadamente nas ligações.

O capitão Cristo comunicou aos seus alferes as ordens acabadas de receber, para inverterem a marcha e voltar para a mata. A ordem agora seria Cordeiro, Carvalho, Oliveira e o Ribeiro para a segurança da retaguarda. Pediu que o Cordeiro viesse falar com ele e que o Ribeiro lhe mandasse o guia. E deu a sua posição. Encontrava-se na margem de Cabolol do rio Camaquebom. A companhia iniciou o movimento lento em direcção à mata de Cabolol, para dar tempo ao Ribeiro de atravessar novamente o rio. O Cordeiro e o Ribeiro apresentaram-se ao capitão, que lhes disse:

— Vamos para a mata de Cabolol pela picada que vai dar a Cabolol Nalu. A companhia de Cufar levou uma grande sova. Perdeu um soldado, que temos de procurar. Não sabem se está morto ou se foi feito prisioneiro. Vamos avançar lentamente e tentar localizar a companhia e a zona do combate. Os guerrilheiros não nos devem esperar mas, de qualquer maneira, muito atentos às copas das árvores e aos locais de fácil emboscada. Parece que ainda se combate por lá, com tiros esporádicos. Dúvidas? Senão há dúvidas vamos avançar.

Desta forma se iniciou de novo a marcha para entrar na mata de Cabolol. Deslocação cuidadosa mas rápida. Cabeças rodando, olhos nas copas das árvores, olhos no chão nos arbustos mais próximos procurando indícios ou movimentos dos

guerrilheiros. Já havia ligação com a companhia de Cufar e o capitão Cristo falou pelo rádio.

— Cufar aqui Cristo. Entrámos na mata. Não vemos ninguém. Nem a vocês. Digam a vossa posição. Seguimos a picada do Camaquebom para Cabolol Nalu.

— Cristo, aqui Cufar. Nós estamos numa pequena bolanha entre as duas pontas da mata perto de Cantumane. Quer que eu faça um tiro de bazuca para verem onde nós estamos? Escuto.

— Cufar, aqui Cristo. Não, não faça fogo que ainda acerta em nós. Já estamos perto. Os gajos já nos viram ou presentiram porque acabaram os tiros. Estamos atentos. Terminado.

— Cristo, aqui Cordeiro. Não vejo nada. Mata serrada, não se vê nada fora da picada. Penso que já passámos a companhia e agora tenho uma bolanha à minha frente, escuto.

— Cordeiro, aqui Cristo. Podes parar agora. Oliveira, Carvalho e Ribeiro, vamos parar. Abriguem-se e estejam atentos. Vou pedir à companhia de Cufar que faça um tiro de bazuca para o local onde travou o combate. Terminado.

— Cufar, aqui Cristo. Faça fogo de bazuca para o local onde desapareceu o seu soldado, escuto.

— Cristo, entendido. Vou fazer dois tiros de bazuca. Terminado.

— Cufar, aqui Cristo. Localizámos o impacto. Não faça mais tiros. Terminado.

O capitão comunicou aos seus alferes que o local a procurar ficava à esquerda da sua posição e já perto. O Carvalho e o Oliveira estariam já na retaguarda desse local. O Ribeiro devia abandonar a picada e contornar esse local pela esquerda e o Cordeiro pela direita. Cada um do seu lado, garantem a segurança.

— O Carvalho fica onde está e protege a retaguarda. O Oliveira com cuidado avança para o ponto do impacto. Eu vou ter com o Oliveira. Entendido? Escuto.

Os alferes reportaram terem entendido e iniciaram o movimento.

— Aqui Cristo. O Oliveira vai dizendo o que encontra. Os outros sempre atentos. Eu vou ter com o Oliveira.

Passado pouco tempo falou o Oliveira.

— Cristo, aqui Oliveira. Estou a ver algumas palhotas espalhadas. Isto aqui deve ter sido um acampamento. Isto parece estar abandonado. Vou continuar a avançar. Os homens da frente estão agora a abordar as primeiras casas. Não se vê viva alma. Encontrámos espingardas abandonadas. Parecem G3. Há também cantis e equipamentos. Parecem ser das nossas tropas. Não compreendo o que estou a ver. Estamos a ver um morto, parece ser um soldado nosso. Estou agora mais perto. É um soldado nosso. Deve ser o soldado de Cufar desaparecido. Houve aqui muito estardalhaço, escuto.

— Cordeiro e Ribeiro, aqui Cristo. Devemos ter à nossa frente a companhia de Cufar. Avancem até à orla da mata de forma a verem o que se passa e se localizam a companhia. O Oliveira deve bater a zona bem batida e aproxima-se da bolanha pela orla da mata. Aí pára. Terminado.

— Cufar, aqui Cristo. Localizámos o vosso soldado. Está morto. Vamos levá-lo juntamente com as G3 abandonadas e as peças de equipamento que devem ser vossas. Tenham calma que estamos quase a estabelecer contacto visual, escuto.

— Cristo aqui Cufar. Obrigadinho. Nós estamos a ouvir muito bem por isso devem estar muito perto, escuto.

— Cufar, aqui Cristo. Agente aí os seus homens que nós já aí vamos. O pior já passou. Terminado.

— Cristo, aqui Ribeiro. Já vejo a companhia de Cufar. Tudo a monte no meio da bolanha tão pequenina que parece um penico. Duvido que fossem capazes de sair donde estão. Se nós cá não viéssemos os gajos davam conta deles, escuto.

— Ribeiro, aqui Cristo. Eu também já os vejo. Tens razão. Não te metas no penico. Avança pela orla da mata até ao extremo dessa ponta. O Cordeiro avança também do seu lado. O Oliveira leva o morto e o material encontrado e vai ter com a companhia de Cufar. Eu vou com o Oliveira. O Carvalho deixa a posição que ocupa e avança até

à orla da mata do acampamento e aí protege a retaguarda. Digam se entenderam, escuto.

Todos os comandantes de pelotão tinham compreendido a situação. O capitão disse terminado e rapidamente chegou ao local onde estava a companhia de Cufar. Encontraram toda uma companhia desmoralizada. Além de perderem um homem, abandonaram equipamento no local. Deve ter sido um combate duro. As armas encontradas eram de soldados feridos que retiraram deixando o equipamento e o armamento. Cristo não compreendia o que se tinha passado nem o que se estava a passar na companhia e falou ao capitão de Cufar.

— Dá ordem imediata aos teus comandantes de pelotão para se espalharem e para se defenderem em quadrado aproveitando os ouriques. Os meus homens garantem a segurança mas não quero o pessoal a monte. Tenho três pelotões na orla da mata e aí estamos seguros. Vou avisar o Comando do Batalhão que o homem foi encontrado.

— Mosca, aqui Cristo, escuto.

— Cristo, aqui Mosca, escuto.

— Mosca, já passei pelo acampamento dos guerrilheiros. Encontrei o soldado desaparecido. Estava morto. Preciso de o evacuar pelo que preciso envio mosquito. A companhia de Cufar está em baixo. O capitão pediu-me para o acompanhar até ao quartel. Se fizer isso não posso ir ao segundo objectivo, preciso que as lanchas me vão buscar a Cufar e me levem ao porto exterior de Bedanda, escuto.

— Cristo, aqui Mosca. Pode ir a Cufar com a companhia. Lanchas de desembarque irão buscá-lo. Depois da evacuação do morto e dos feridos pode iniciar o deslocamento para Cufar. Terminado.

Enquanto Cristo falava com o comandante do batalhão, o capitão de Cufar espalhou a sua companhia ordeiramente pela bolanha. Estava agora em condições de se defender e contribuir para a defesa do conjunto. O helicóptero chega e faz as evacuações. As duas companhias estavam agora prontas a sair para Cufar. O capitão Cristo disse ao capitão de Cufar:

— Vamos iniciar o movimento, temos um rio para atravessar. O primeiro pelotão a atravessar é um pelotão meu, o do Cordeiro, que é que o está mais próximo do local. Assim que ele estiver do lado de lá, atravessa a tua companhia. Eu depois atravesso com os meus outros pelotões. Se os gajos nos atacarem procura abrigar-te e deixa o caso comigo. Está correcto assim? Tens dúvidas? Vamos à vida, manda-me o teu guia.

E para os seus quatro alferes:

— Aqui Cristo. Vamos iniciar o movimento para Cufar. Tenho aqui um guia para ir com o Cordeiro, que seguirá à frente. Depois de atravessar o rio monta a segurança e deixa passar os soldados de Cufar. Diz-lhes para não pararem e seguirem para Cufar sozinhos, nós resolvemos as coisas na retaguarda. A seguir à companhia de Cufar vai o Oliveira e a seguir o Ribeiro e o Carvalho. Espalhem-se pela área. Esperem até que o último homem atravesse. Se formos flagelados na travessia respondemos com o morteiro 60. Depois seguimos para Bedanda nas lanchas. Digam se entenderam, escuto.

Tinham entendido. O capitão deu então ordem de movimento que se iniciou sem novidade. O Cordeiro atravessou o rio. O tiroteio parou, os guerrilheiros retiraram e a tropa atravessou o rio sem problemas. Quando chegaram a Cufar já lá estava a outra companhia há cerca de meia hora. Tinham as lanchas prontas para os levar a Bedanda. O comandante de batalhão já os esperava e deu um grande abraço ao capitão Cristo. Depois, quis falar com os soldados de Bedanda.

— Estou contente com a vossa actuação, cumpriram de forma extraordinária a vossa missão e ainda foram em reforço da companhia de Cufar. O nosso capitão de Cufar acabou de me dizer que o vosso apoio foi decisivo e sem vocês não sabiam como sair do buraco onde estavam. Parabéns e obrigado. É uma honra para mim ser o vosso comandante de batalhão.

Quando estavam para embarcar, o capitão de Cufar foi ter com o capitão Cristo. Quando o primeiro pelotão de Cufar iniciou a travessia, começou tiro de armas ligeiras dos guerrilheiros a bater as proximidades do rio. O Cordeiro reage imediatamente com fogo de morteiro, e o Ribeiro, que se encontrava mais perto, abriu fogo de morteiro e metralhadora.

— Obrigado por tudo. Os teus soldados são bestiais. Os meus já são veteranos e ficaram admirados com o material que vocês transportavam. Quando os vossos morteiros começaram a cantar sobre os guerrilheiros eles nem queriam acreditar no que viam. Temos agora uma sopa quente para os meus soldados. Eles querem que sejam os teus a comer a sopa. É o nosso modesto agradecimento pelo que fizeram por nós. Aceita, que eu depois faço outra para os meus.

— Obrigado, eu como a sopa. Lassen, diz aos nossos alferes que levem os homens ao refeitório para comerem uma sopa antes de partirmos para Bedanda. Não deixem os homens beberem muito vinho pois ainda temos um percurso difícil para fazer. Quando tiverem comido a sopa, embarcamos. Avisem-me quando estiverem prontos. Vou ao bar beber uma cerveja, que a água boa há muito que se esgotou e a água da bolanha deixou-me na boca um sabor horrível.

Assim terminou mais uma operação. Apesar dos mortos e feridos, a verdade é que todos se podiam considerar satisfeitos com os soldados obtidos.

REABASTECIMENTOS — PROSSEGUE A DISCUSSÃO

O reabastecimento de Bedanda era feito uma vez por mês em comboio fluvial, com barcos civis escoltados por patrulhas e lanchas de desembarque da Marinha. Nessa viagem mensal traziam tudo o que a companhia precisava para viver e combater, as mercadorias para as casas comerciais e transportavam também as pessoas que precisavam de se deslocar. Era uma viagem difícil e perigosa pois tinham de passar em frente da tristemente célebre mata do Cantanhez, sujeitos a ataques dos guerrilheiros fortemente instalados nessa área. Era frequente haver flagelações ao comboio fluvial, mas ainda não tinha havido um combate a sério. Para reabastecer Bedanda, além dos meios navais era empenhada uma parelha de T-6, sempre no ar até que os barcos cheguem ao porto exterior, e ainda duas companhias emboscadas em pontos chaves ao longo do rio Cumbijã. A operação além de difícil era dispendiosa.

O comandante da companhia de Bedanda ficou preocupado depois do último reabastecimento. No regresso a Bissau, o comboio foi atacado em força. Os guerrilheiros queriam acabar com a companhia de Bedanda, uma companhia de nativos de alto poder operacional encravada no coração do Cantanhez. Como não tinham ainda conseguido vencer em combate aberto, nem mesmo nos ataques ao aquartelamento, decidiram cortar-lhe o reabastecimento. Para isso nada melhor que atacar os comboios de reabastecimento e afundar um barco no rio Cumbijã. Eles sabiam, tal como a Marinha, que a partir desse momento e desde que escolhessem bem o local para afundamento do barco, o rio não seria mais navegável. Sem reabastecimento, a companhia de Bedanda seria transferida ou sucumbiria. Em qualquer dos casos isso seria uma estrondosa vitória para os guerrilheiros.

Era de novo a incerteza do reabastecimento mensal que preocupava o capitão. Em Bissau discutia-se. O comandante naval dizia que não podia arriscar navios no rio Cumbijã sem ter ocupadas áreas fundamentais da mata do Cantanhez. Sem essa garantia, as mesmas áreas seriam ocupadas pelos guerrilheiros impunemente que, com canhões sem recuo, morteiros, metralhadoras e lança-foguetes, podiam alvejar os barcos e tentar o seu afundamento. Isso seria uma grande vitória, que elevaria o moral

dos guerrilheiros, iria baixar o moral das nossas tropas e impediria a navegabilidade no Cumbijã, no futuro. O comandante militar, por seu lado, dizia que não podia manter uma companhia isolada sem reabastecimentos. O abastecimento por terra já tinha sido tentado como alternativa ao fluvial, mas sabe-se que tinha sido um fracasso total. Considerava-se que por terra era impossível abastecer Bedanda. Pelo ar, seria também impossível porque a pista de Bedanda apenas permite a aterragem de pequenos aviões do tipo da DO. Se a Marinha também lá não conseguia chegar, só restava ao comandante militar retirar a companhia de Bedanda, com todas as consequências que essa decisão implicasse.

Quando chegou a altura de um novo reabastecimento ainda não havia decisões de fundo sobre o assunto. Ninguém queria retirar a companhia de Bedanda, nem assumir a responsabilidade de enviar um comboio naval, fossem quais fossem as consequências. Decidiu o Comando-Chefe uma terceira solução que não lembraria ao diabo. Enquanto continuavam os estudos sobre o tema, a Força Aérea, sem aterrar, lançaria sobre a pista de Bedanda os abastecimentos essenciais que não se partissem. Os restantes, em duas ou três viagens seriam colocados em Bedanda, em voos normais. Esta solução foi aceite entre os decisores de Bissau, que resolveram primeiro quais os artigos a entregar em aterragem normal, e quais os que poderiam e deveriam ser lançados do ar. Decisão tomada, operação planeada, foi a mesma transmitida por mensagem a Bedanda. O capitão ficou furo e reuniu com os seus subalternos.

— Este mês não há comboio de reabastecimento. A Marinha levou uns tiros para os lados de Cafal ou Cadique, da outra vez que cá veio, e agora recusa-se a subir o Cumbijã por falta de segurança. Amanhã vêm os aviões, a partir das dez horas da manhã, proceder a lançamentos de alguns géneros sobre a pista. Os mais críticos serão transportados em DO que aterrá normalmente. O pelotão da povoação monta a segurança. O Carvalho, com o seu pelotão recolhe os reabastecimentos e leva-os para os vários depósitos. Eu vou assistir ao festival sentado na orla da pista. Não vale a pena dizerem nada agora. Temos uma noite para pensar o que fazer a seguir.

— Claro que vamos já pensar que em Bissau não fazem isso, pensar — disse o Ribeiro. — Esta situação é insustentável por duas ordens de razões. Primeiro porque vai desmoralizar mesmo os nossos soldados e moralizar intensamente os guerrilheiros.

Segundo porque não conseguem trazer de avião os reabastecimentos de que precisamos. Eu considero que os nossos chefes em Bissau não sabem o que andam a fazer. Estiveram um mês aqueles crânios a pensar, para esta porcaria de decisão. O que eles precisam é de vir para aqui para verem como elas doem.

— Então a Marinha, — disse o Carvalho — que tem lá valentes militares como o Saldanha, que já fizeram uma série de comboios a Bedanda, está agora a recusar só porque levou uns tiros que não causaram baixa nenhuma? Se nós fizéssemos o mesmo não saíamos de Bedanda. Seja qual for a direcção que a gente siga quando saímos, temos sempre tiros à nossa espera. Não posso compreender nem aceitar isto.

— Compreendo a vossa posição e a vossa tristeza — disse o capitão. — Isto não pode ficar assim. Mas amanhã, com calma, depois de passar a revolta que vai agora dentro de nós, trataremos de agir. Vamos agora jantar enquanto houver que comer.

No dia seguinte, às dez horas da manhã, tudo estava à postos na Companhia para receber os aviões. Chegam os primeiros, às dez horas certas, voando baixo deixam cair os primeiros volumes com os reabastecimentos possíveis, sobre a pista. Alguns embrulhos rebentavam, o seu conteúdo espalhava-se pela pista. Depois de duas horas de lançamento de géneros, chegam as DO com reabastecimentos delicados. Tudo contabilizado, os reabastecimentos chegados por via aérea, bem poupadinhos, dariam para oito dias. Era mesmo muito pouco e provava que o processo não resultava, por isso não servia. O capitão assistiu a toda a operação sentado entre o Cordeiro e o Ribeiro. Estes homens entendem-se mesmo sem falar. Todos estariam a pensar nas reais consequências da acção que Bissau tinha determinado. Contentes deviam estar os guerrilheiros, porque os seus planos se estavam a concretizar. Os soldados de Bedanda estavam tristes sem compreender porque razão não vinha a Marinha trazer-lhes os reabastecimentos.

O capitão falou para os seus dois subalternos:

— Estou a pensar ir a Bissau buscar os barcos, o que pensam vocês disso?

— Acho bem meu capitão — disse o Cordeiro. — É uma loucura, mas temos feito tantas que mais uma menos uma não nos afecta.

— Eu também concordo — disse o Ribeiro. — É preciso fazer qualquer coisa enquanto é tempo.

— Estou a pensar ir com dois pelotões — disse o capitão. — Os pelotões são os vossos. Vou pedir helicópteros para o nosso transporte para Bissau e de volta depois a Bedanda. No dia aprazado, vamos de heli para Bissau e regressaremos com os barcos pelo Cumbijã acima. Após a descarga regressaremos a Bissau para entregarmos os barcos. Regressaremos então a Bedanda por meio aéreo. Posso contar convosco para mais esta acção?

— Pode meu capitão — disse o Ribeiro. — Temos que demonstrar aos nossos soldados que não temos medo e que temos a força do nosso lado. No dia em que se convencerem que a força está do lado dos guerrilheiros, eles cortam-nos a cabeça e apresentam-se com elas no mato e serão considerados heróis.

— Bem, sendo assim e como eu estava a falar a sério, vou fazer uma mensagem para Bissau. Fiquem aqui que eu já venho. Lassen!

— Pronto, nosso capitão.

— Traz o carro.

O capitão, já na Companhia, mandou chamar o sargento de transmissões.

— Faça-me já uma mensagem para o Comando Militar de Bissau, com conhecimento ao Comando de Sector, Comando de Batalhão e Comando Naval, dizendo que a situação em Bedanda ficou insustentável, depois de deduzirmos que não vai haver mais comboio naval de reabastecimento, por recusa da Marinha em navegar no rio Cumbijã. A Companhia de Bedanda, principalmente os seus quadros, não aceitam a situação criada. Queremos ser reabastecidos por comboio fluvial, com urgência. Dada a recusa da Marinha em subir o Cumbijã, solicito helicópteros para envio a Bissau de dois pelotões desta CC que, comandados pelo comandante da companhia, serão a escolta do comboio naval que espero esteja preparado para vir a Bedanda. Os dois pelotões levarão os barcos de volta a Bissau e deverão regressar depois a Bedanda de helicóptero. Pelotões prontos a embarcar desde já.

O capitão deu ordem para a mensagem seguir imediatamente e queria saber a hora exacta a que cada destinatário a recebeu. Tivemos depois conhecimento de que a mensagem elevou os ânimos em Bissau, com o Comando Militar a defender o capitão de Bedanda e a reafirmar a sua intenção de retirar a Companhia de Bedanda, se não fosse rapidamente constituído um comboio de reabastecimento. Achava ridículo, para a Marinha, a escolta feita com dois pelotões do Exército, por isso nem sequer queria considerar a proposta ou o pedido do capitão de Bedanda. Depois de muita discussão foi decidido imediatamente mandar um comboio de reabastecimento. A Marinha garantiria a escolta através de patrulhas e lanchas de desembarque com fuzileiros, como sempre fez. Bedanda ganhou mais uma batalha. Dois dias depois das mensagens o comboio fluvial estava em Bedanda. Os marinheiros compreenderam a situação da companhia do mato, que tinha que estar em luta permanente para sobreviver, não só com os guerrilheiros mas também com a burocracia.

Um dia o comandante naval encontrou o capitão de Bedanda.

— Muito prazer em conhecê-lo. Você é terrível e quase nos pôs em dificuldades. Mas gostei da sua atitude. Teve pelo menos o condão de acelerar decisões que tardavam e acabar com as discussões. Tudo correu bem e é o que importa. A Marinha nunca teve medo de ir a Bedanda. Eu é que queria evitar o afundamento de um navio. Sabe que há possibilidade, a todo o momento, de isso acontecer. Se os guerrilheiros afundarem um navio, nunca mais o Cumbijã ficará navegável. E isso seria muito mau. Eu tenho de evitar situações dessas. A propósito, você era capaz de levar os navios de Bissau para Bedanda e trazê-los de volta?

— Não sei senhor almirante. Eu sei que era capaz de tentar levá-los e trazê-los. Só no final saberia se cumpria ou não a missão, dado que no percurso iria travar um diálogo de armas com os guerrilheiros e não sei quem falaria mais alto, obrigando o outro a calar-se. Quando se começa uma coisa nunca sabemos se chegamos ao fim. No entanto, é preciso fazer aquilo que devemos fazer porque doutra maneira é aceitar a derrota à partida. Eu isso não faço. O que faltou à Marinha, na altura certa, foi coragem para tentar. É essa a diferença entre nós. Eu prefiro estar no meu campo.

— Tem piada, disse o almirante, — você é de facto um homem terrível mas tem razão. Pode contar sempre e em qualquer situação com o apoio da Marinha.

— Eu sempre contei, senhor almirante. Entre os marinheiros da Guiné tenho grandes amigos e homens a quem devo muito. Nunca me faltou o seu apoio nos momentos decisivos. Alguns dos seus homens já passaram connosco momentos muito difíceis e sobrevivemos. Além disso, e até no caso em discussão, responderam rapidamente e com coragem. Eu estou muito grato à Marinha, ao senhor almirante, por ter decidido, no momento oportuno e decisivo, continuar a realizar os comboios de reabastecimentos a Bedanda.

ADEUS RIBEIRO — VOLTA SEMPRE

A companhia de Bedanda era uma unidade de guarnição normal. Entre outras coisas, isso também significava que os seus elementos iam sendo substituídos individualmente. Regra geral, os quadros iniciavam a sua comissão em Bedanda e eram substituídos ao fim de algum tempo, que variava entre seis e doze meses. Foi assim que um dia chegou uma nota a informar que o alferes Ribeiro ia ser substituído. Nada de anormal. Era o alferes mais antigo e já tinha acabado a sua comissão. O Ribeiro era um combatente nato e na vida civil estudava direito. Andava no 3º ano. Gostava de Bedanda, dos seus soldados, dos seus camaradas e do seu capitão. Achava que o seu capitão tinha muito jeito para lidar não só com os negros, civis e militares, mas também para a guerra. Já várias vezes tinha dito aos alferes seus camaradas que gostava de ficar na companhia enquanto o capitão a comandasse. Ao ver a nota ficou triste e foi falar com o capitão.

— Meu capitão. Tenho gostado imenso de trabalhar consigo. Foi o melhor capitão que me comandou aqui na Guiné. E acho que vai fazer um bom trabalho. Deixe-me ficar consigo até ao fim da sua comissão.

— Ribeiro, gostaria de te ter comigo até ao fim, mas não posso. Se me disseres que queres ficar na tropa para sempre, tudo farei para ficares comigo. Mas nas conversas que temos tido, sempre me disseste que querias acabar o teu curso e que não querias ficar na tropa. Não te deixo ficar por causa disso. Quando eu regressar, terei muito prazer em te procurar lá em Fafe, lembrarmos os tempos passados e falar, não com o alferes Ribeiro mas sim com o Doutor Ribeiro. Já que não queres ficar na tropa é no teu curso que está o teu futuro, e eu como sou teu amigo não quero prejudicar o teu futuro.

— É a sua última palavra?

— É, a não ser que me digas que queres seguir a carreira militar.

— Posso ao menos ir a Bissau resolver alguns assuntos?

— Podes. Vou pedir lugar para ti no avião de amanhã.

— Obrigado, meu capitão.

No dia seguinte o alferes Ribeiro partiu para Bissau, onde esteve oito dias. No regresso falou com o capitão.

— Fui convidado para ficar nos comandos e aceitei, com uma condição. Quero levar comigo uns quinze a vinte homens do meu pelotão. Os comandos disseram que sim, se o capitão deixasse. O que me diz o meu capitão?

— Digo-te o que já te disse. Tens de ir acabar o teu curso, dado que não queres seguir a vida militar. Por isso e só por isso não te dou nenhum dos homens do teu pelotão para ires para os comandos.

— O meu capitão não compreende que eu quero continuar na Guiné?

— Compreendo. Se queres ficar na Guiné, diz-me que queres seguir a tropa. Só poderás ter futuro na tropa se quiseres entrar para o quadro permanente. Doutra forma o teu futuro será na vida civil, para acabares o teu curso mesmo que te custe voltar à universidade. Não vale a pena falarmos mais no assunto a não ser que tu mudes de ideias.

— Pronto meu capitão, nada mais tenho a dizer.

Um dia chegou o alferes Henriques, o substituto do alferes Ribeiro. Bom moço mas ainda muito cru. Logo no primeiro jantar foi o Carvalho a atirar:

— Meu capitão, o posto da árvore hoje é guarnecido pelo Henriques. Eu já lhe disse que o meu capitão e nós todos não temos confiança nos negros e por isso havia um posto que durante a noite era guarnecido por um oficial ou sargento. Ele diz que eu estou a gozar com ele. O meu capitão sabe bem que todos têm de passar por aquele posto várias noites. Esta noite era eu. Como se apresentou o Henriques é ele que deve ir.

— Meu capitão, — disse o Henriques, eu não duvido do que está a dizer o Carvalho. Mas em Mafra disseram-me que eu vinha para África matar negros. Em Bissau mandam-me para uma companhia de negros onde tenho de comandar um pelotão, e agora dizem-me que não têm confiança nos soldados que aqui estão. Ponha-se no meu

lugar. Eu não me recuso a ficar no posto uma noite. Considero é que logo na primeira noite é duro demais. O Carvalho podia ficar hoje e eu ficava amanhã.

— Meus meninos, — disse o capitão — esse é um assunto a ser resolvido por vós. Tenho mais em que pensar para me preocupar com quem vai para o posto da árvore e quem não vai. Para mim, é-me indiferente que vá o Henriques ou o Carvalho. O que eu não quero é que brinquem comigo e me incomodem com problemas dessa natureza. Resolvam e não me chateiem.

— Não há dúvidas, — disse o Cordeiro — quem deve ir é o Henriques. Ele não quer ir porque está com medo. Se ele tem medo aqui, o que será e fará quando estiver na mata com o pelotão. Vai lá para cima com uma granada ofensiva na mão, sem cavilha, para a poder lançar imediatamente ao primeiro sinal de perigo. E que não chateie. São as regras que não vamos alterar só porque o menino é muito sensível e está confuso. Vai aguentar toda a noite que eu também aguentei.

— Bem, resolvam como quiserem — disse o capitão. Eu vou para o meu quarto. Boa noite.

— Boa noite — disseram os alferes.

— Estás lixado — disse no Carvalho para o Henriques. — O nosso capitão saiu chateado contigo. Aqui não nos podemos prender com pormenores e muito menos levá-los ao capitão. Não faças mais ondas senão ainda tens um dissabor. O capitão não é bom de coçar.

— Pronto, eu faço o que vocês querem. Se houver algum problema que eu não saiba resolver vocês é que são os culpados.

Assim, nessa noite, o alferes Henriques passou todo o tempo num posto de vigia, em cima duma árvore, com uma granada de mão sem cavilha apertada na sua mão. Teria de a lançar ao mínimo sinal de perigo, para acordar o capitão e os outros alferes. Ele não sabia, mas a granada estava inerte pois tinha-lhe sido retirado o detonador e a carga explosiva. Esta era uma das brincadeiras que faziam aos maçaricos que chegavam à companhia. O capitão, embora conivente, não se metia no assunto. Ao outro dia o Henriques estava contente porque se tinha mantido acordado toda a noite. Ele, que

era um dorminhoco, não teve sono. Teve muito medo, segundo confessou, mas aguentou. No dia seguinte contaram-lhe que tudo não tinha passado dum brincadeira. Riu-se e achou piada. Actos destes faziam parte integrante da praxe no quartel.

Com a próxima saída do Ribeiro, o capitão decidiu que o Oliveira iria para o pelotão do Ribeiro e o Henriques pegava no pelotão do Oliveira. O pelotão do Ribeiro, como estava na povoação comercial, era difícil de comandar e requeria um subalterno já experiente. No dia em que o Ribeiro embarcou, a Companhia estava em peso na pista. Era um bom oficial que partia, que dedicou dois anos da sua vida a Bedanda e que demonstrou, durante a sua estadia, ser um homem de carácter e de coragem, duas qualidades que os negros adoravam e por isso, e não só, adoravam este oficial. Passados dois meses o capitão recebeu um carta do Ribeiro, que dizia:

«Não me quis aí consigo, não me deixou ficar nos comandos em Bissau, mas agora vou para Moçambique como militar. Já não me adapto à vida civil e não sou capaz de estar sentado nos bancos da universidade. Foi pena que não me deixasse ficar aí. Gostaria de ter ficado consigo até ao fim da sua comissão».

Em Moçambique, o alferes Ribeiro foi condecorado com duas cruces de guerra. Hoje, oficial superior do exército, está condecorado com três cruces de guerra e uma torre espada. Continua a ser um belíssimo oficial, sempre muito humilde. Casou, tem filhos e tem feito a sua vida numa das unidades mais operacionais que o exército tem actualmente. Na altura do PREC — Processo Revolucionário Em Curso — era capitão e comandava uma companhia da região militar do centro. Tal com em Bedanda, incutiu nos seus homens uma espírito de missão tal que a companhia, nos momentos mais dramáticos do pós-25 de Abril, esteve sempre pronta a cumprir qualquer missão, seguindo o seu capitão para qualquer sítio e contribuindo, com o seu espírito e a sua disciplina, para solucionar alguns problemas difíceis que nessa altura surgiram no exército. Não tendo o curso da Academia Militar, ele é no entanto respeitado por todos os seus camaradas e é um profissional excepcionalmente competente.

PEIXE FRESCO VERSUS EVACUAÇÃO

Todas as companhias do batalhão de Catió lutavam com dificuldades para se reabastecerem de frescos, e Bedanda não era excepção. É mesmo de crer que na área era a companhia em pior situação. Verificando que era impossível uma alimentação decente em frescos, o oficial de reabastecimentos do batalhão, o capitão Casanova, montou um serviço de entregas de frescos ao batalhão. O Comando do Batalhão fazia deslocar a Bissau um sargento, que comprava os frescos de acordo com os pedidos das companhias, e que depois os fazia chegar aos seus destinos no avião do correio ou num avião fretado para o efeito. Com a mudança do comandante do batalhão, as regras foram alteradas. Passou a ser proibido transportar frescos no avião do correio. Se as companhias quisessem frescos que os comprassem directamente, pois o comando não faria esse trabalho nem assumiria essa responsabilidade. Tal decisão fez piorar a situação alimentar dos militares de Bedanda. Não era suportável financeiramente a companhia suportar o encargo do fretamento dum avião para o transporte dos frescos. A verba destinada à alimentação não suportava tal situação, pelo que o capitão decidiu simplesmente acabar com a compra de frescos em Bissau.

Um dia, o sargento enfermeiro comunicou ao capitão que havia um soldado gravemente doente que precisava de ser evacuado. Nestes casos era costume pedir transporte aéreo para a evacuação. Porque era dia de correio, o capitão decidiu esperar pelo avião do correio para evacuar o soldado doente, se houvesse um lugar disponível. Caso não houvesse requisitaria um avião para o efeito. Na pior das hipóteses a evacuação atrasava um dia, o que não traria complicações para o doente segundo a opinião do enfermeiro.

À chegada do avião o capitão foi à pista e perguntou ao piloto se havia lugar para evacuar um doente grave. O piloto disse que o avião estava muito carregado e não podia transportar o doente, a não ser que fosse descarregado o peixe que transportava, destinado ao Comando do Batalhão. Ele, enquanto piloto, não se importava nada de descarregar o peixe e meter o soldado, desde que recebesse ordens para tal.

— Bom, — disse o capitão — e quem te pode dar ordem para descarregar o peixe?

— Neste momento tu, como comandante militar de Bedanda.

— Então vamos descarregar o peixe e embarcar o doente. Eu depois vou-me entender com o comandante do batalhão.

O peixe foi imediatamente descarregado. O vagemestre recebeu o peixe que devia pesar, acondicionar e preparar com ele uma refeição para todos. Eram cerca de 300 kg de peixe. A seguir o capitão chamou o sargento de transmissões e disse-lhe:

— Faz uma mensagem para o Comando do Batalhão e conhecimento à companhia de Empada, dizendo que foram descarregados em Bedanda 300 kg de peixe que tinham sido embarcados em Empada. O peixe vai ser confeccionado no rancho de Bedanda. Solicito informe quanto temos de pagar pelo peixe e a quem devemos pagar.

O Comando do Batalhão ficou “pior que estragado”. Para os militares do batalhão, Bedanda tinha-lhes roubado o peixe que tinham encomendado e que lhes melhoraria a dieta alimentar. Convenceram o comandante do batalhão a enviar uma nota com quesitos ao capitão de Bedanda que dizia o seguinte:

“Carregamento de frescos embarcados em Empada e destinados a Catió foram descarregados em Bedanda por decisão no local do comandante da companhia. Tal decisão contrariou as ordens do Comando do Batalhão. Queira informar quem autorizou o comandante da companhia a descarregar o peixe.”

O capitão de Bedanda, que era malandrote respondeu:

“O capitão de Bedanda decidiu por iniciativa própria. Tinha um soldado muito doente para evacuar e não havia outro meio de o fazer. O soldado só podia ser embarcado se fosse desembarcado o peixe. A decisão para mim não teve qualquer dificuldade ou dúvidas. Além disso, julguei interpretar correctamente as ordens do Comando do Batalhão, porquanto está proibido o transporte de frescos no avião do correio. Uma nota desse comando, que proíbe o transporte de frescos, diz sem qualquer hipótese de outra interpretação que o avião do correio apenas pode transportar correio e doentes.”

O comandante do batalhão encaixou, pois não tinha qualquer argumento que pudesse pôr em causa a decisão do capitão de Bedanda. O nome do capitão de Bedanda

entrou no seu livro onde ele registava os nomes dos oficiais a punir na primeira oportunidade. Diziam que havia até uma escala de punições. Militar que o contrariasse e não pudesse de imediato ser punido, entrava numa lista de punições por ele elaborada. Militar que constasse da lista sabia que, à mínima coisa que fizesse e caísse sob a alçada do RDM, daria origem a uma punição. Era desta forma desmedida que ele comandava e com isso criava um mal-estar permanente. A maior parte dos oficiais não o suportava. Esta antipatia era alargada a sargentos e praças. Um dia, no quartel de Catió, quando o comandante se deslocava da messe de oficiais para o seu quarto, foi agredido numa esquina com uma paulada na cabeça e nunca se soube oficialmente quem tinha sido o agressor. As averiguações levadas a cabo não conduziram a nada. Entre todos, constava que fora um cabo do pelotão da ferrugem, dos mecânicos auto, que cumprira ordens do seu comandante de pelotão, um dos subalternos que não o suportava. Com base neste episódio o comandante do batalhão enviou para o comando militar em Bissau a seguinte mensagem:

“Comandante do batalhão agredido na cabeça no aquartelamento de Catió quando se deslocava da messe para o quarto. Solicito protecção”.

A mensagem deu origem a uma série de anedotas e risos no Quartel-General de Bissau e em toda a cidade, dado que uns passavam aos outros a mensagem pelo seu teor anedótico. Consta que o Chefe do Estado-Maior do Comando Militar de Bissau, de resposta enviou a seguinte mensagem:

“Referência sua mensagem em que informava agressão de que foi vítima o comandante do batalhão, recomendo que de futuro use capacete.”

Este episódio ficou célebre na Guiné e correu todas guarnições. Uns diziam que eram factos reais, outros contavam o acontecimento com anedota. Mas o que é certo é que os factos aconteceram. O capitão de Bedanda, uns oito dias depois da agressão, ainda viu o alto na cabeça do comandante de batalhão que com ar muito pesaroso lhe disse:

— Sabe Cristo. Quiseram-me matar. Bateram-me na cabeça com tanta força que eu ainda tenho um alto. Veja bem. Não há direito que um soldado faça isto ao seu comandante.

O capitão Cristo calou-se, mas para ele pensou que ainda tinha sido pouco. A pancada devia ter sido dada com força suficiente para que o homem tivesse que ser evacuado, o que teria sido a melhor solução para todos.

ARRANJO DE ESTRADAS — OPERAÇÃO FÉRIAS

O capitão Cristo, desde que chegou à Guiné, foi para Bedanda e por lá tem ficado. Ao fim de largos meses ainda não voltou a Bissau. De Bedanda apenas tem saído para operações ou para ir a Catió receber directivas operacionais. Quis ir de licença e solicitou-a ao Comando do Batalhão. Para se entrar de licença era preciso o acordo do Comando do Sector e do Comando Militar em Bissau. Por duas vezes a licença foi concedida, o embarque foi marcado e por duas vezes, na véspera de embarcar, o Comando do Sector enviou mensagem a dizer que por motivos operacionais a licença era adiada. Havia má vontade para com o comandante da companhia, baseado num mal entendido, talvez motivado pelo facto de tanto o comandante do sector como o comandante da companhia de Bedanda serem homens de personalidade muito forte.

Os factos tiveram origem numa visita que o comandante do sector fez a Bedanda. A estrada entre pista de aviação e o quartel estava toda cheia de buracos. Era uma péssima estrada. O visitante achava que esse troço de estrada já devia ter sido arranjado pela tropa, já que a autoridade administrativa não tinha meios para o fazer. Mas o capitão dizia que para ele tinha maior prioridade a estrada que ligava Bedanda ao porto exterior. Com base nesta divergência o comandante do sector enviou um nota ao Comando Militar em Bissau com conhecimento ao comandante do batalhão e ao comandante da companhia de Bedanda, criticando o capitão Cristo.

As críticas centravam-se na falta de cuidado manifestada pelo capitão no arranjo da estrada da pista de aviação, dizendo que mais uma época de chuvas as ligações ficavam cortadas. O que irritou o capitão foi a nota dizer apenas meias verdades. De facto, era verdade que o referido troço de estrada estava quase intransitável e o jeep tinha que ir a velocidade reduzida, aos solavancos. Mas a nota não mencionava, porque o comandante do sector não sabia, que a companhia estava de momento empenhada no arranjo da estrada com 4 kms de extensão que ligava Bedanda ao porto exterior. Esta estrada e a estrada para a pista apresentavam o mesmo aspecto, mas a estrada para o porto exterior era mais necessária, caso contrário os soldados teriam que transportar às costas os reabastecimentos, o que seria demasiado complicado. Foi uma opção

consciente do capitão. Entre as duas estradas preferiu arranjar primeiro a do porto. Para uma companhia que além da actividade operacional intensa e de nível elevado, ainda fazia casas para os civis, arranjava a estrada do porto e construía abrigos, dizer-se que não fazia nada para melhorar os acessos ao quartel era uma injustiça que o capitão não podia deixar passar em claro. Por isso respondeu para o Comando Militar em Bissau, com conhecimento ao Comando do Sector e Comando do Batalhão nestes termos:

“Companhia de Bedanda lamenta que o comandante do sector conheça tão mal as suas companhias. De facto, o comandante do sector tem razão quando diz que a estrada para a pista de aviação está péssima, mas não diz, porque o desconhece, que a que liga Bedanda ao seu porto exterior está igual e esta é mais importante, pois a sua inoperacionalidade levaria a que os géneros tivessem que ser transportados às costas pelos soldados, ao longo de quatro quilómetros. Essa estrada tem estado a ser reparada e todos os dias soldados da companhia trabalham nela. Além desse trabalho, estamos a construir abrigos mais seguros nos aquartelamentos e ajudamos as populações a construir as suas casas. Julgo que são trabalhos mais que suficientes para quem tem a actividade operacional que nós desenvolvemos. Considero a nota do Comando do Sector uma crítica injusta à actuação da companhia de Bedanda. E não a posso aceitar. Se o comandante do sector, na visita que fez a Bedanda tivesse referido o mau estado da estrada, seria informado da actividade nessa área e ter-se-ia evitado a nota. O comandante do sector preferiu não dizer nada durante a sua visita, mas depois fez a crítica insuportável para qualquer militar com brio. Além disso, considero que um capitão não se critica. Se não cumpriu a missão atribuída pune-se e resolve-se o problema. Era o que o comandante do sector devia ter feito em relação ao capitão de Bedanda”.

Esta nota, muito dura mas verdadeira, pôs em cheque o Comando do Sector e todo um sistema de actuação das altas hierarquias na Guiné. Conheciam mal as suas companhias porque só lá iam de fugida e de avião. Pouco mais conheciam do que a actividade operacional desenvolvida. Contudo, o Comandante de Sector não podia deixar passar em claro a nota do comandante da Companhia de Bedanda e chamou-o para lhe dizer:

— A sua nota é imprópria para consumo. É uma crítica ao seu comandante de sector. Ou você pede desculpa e retira a nota ou eu puno-o.

— Meu coronel, — disse o capitão de Bedanda — se me quer punir, puna. Dá-me transferência de Bedanda e para pior não vou, porque não deve haver sítio pior em toda a Guiné. Eu não peço desculpa. Primeiro tem de me pedir desculpa o meu coronel, porque me insultou a mim e a toda a companhia. Se me pedir desculpa eu também peço. Se não me pedir desculpa também não haverá desculpas da minha parte. Quanto a retirar a nota terá que ser primeiro o meu coronel a retirar a sua. Depois eu retiro a minha. Por ser coronel e eu capitão não pode dizer de mim tudo o que lhe apetecer. Eu sou um homem como o senhor e os meus soldados também o são, apesar de serem negros na sua maioria. Se quer que eu o respeite respeite-me também a mim e aos meus homens. Quanto à punição terá que arranjar melhor motivo. Não me vai punir por eu ter dito que o senhor não sabe nada do que se passa na companhia. O senhor e eu sabemos que é verdade. Para me punir tem que encontrar outro motivo. Talvez não seja difícil porque eu vou continuar a fazer a mesma vida.

— Faça o que entender. Ou pede desculpa ou é punido. Para já não vai de licença enquanto isto não estiver resolvido.

— Não me deixar ir de licença é um problema seu, tem esse direito. Mas não abuse dele. Desculpas não tenciono pedir, chantagem não aceito, e retirar a nota é impossível até porque tudo o que eu disse continuaria a ser do conhecimento das pessoas e não seria por eu retirar a nota que as pessoas iam esquecer os factos.

Com esta conversa terminou o diálogo entre os dois militares, e o capitão Cristo regressou de avião a Bedanda. Mas depois, o coronel comandante de sector pediu aos capitães do batalhão de Catió que solicitassem ao capitão de Bedanda que retirasse a nota. O capitão de Bedanda não cedeu, nem quando o coronel disse que tinha muita pena de punir o seu melhor capitão operacional. O comandante do batalhão, que podia ter uma palavra a dizer, fechou-se em copas e não quis tomar posição. Foram estes os factos que deram origem ao cancelamento da licença por duas vezes. Com a licença cancelada à última hora, a família do capitão, antes avisada da sua chegada, era depois

informada de que a licença já não se podia realizar naquela data. Tais alterações causavam mal-estar na família do capitão. Chegou ao ponto de sua esposa lhe ter dito:

— Vem de qualquer maneira, já não aguento mais isto. Até aqui era eu e o teu filho mais velho a chorar, mas agora, o mais novo, que parecia que não ligava ainda a isto, começou a chorar e a dizer que quer o pai. Tens de vir.

A partir desse momento o capitão decidiu que ia de licença de qualquer maneira. Enviou uma mensagem para o Comando Militar com conhecimento aos comandantes do sector e do batalhão do seguinte teor:

“Licença do capitão Cristo cancelada mais uma vez. Já foi cancelada três vezes. Todos os capitães do batalhão já foram de licença. O capitão Cristo é o mais antigo do batalhão e o que tem mais tempo de permanência na Guiné e no Sector. A mensagem que cancelava mais uma vez a licença do capitão Cristo autorizava outro capitão do batalhão mais moderno e com apenas seis meses no Sector a ir de licença, enquanto o capitão Cristo tem já onze meses de Sector. Não tenho conhecimento de nenhuma operação que possa exigir a presença do capitão Cristo no comando da sua companhia. Com licença ou sem ela, no próximo avião do correio o capitão Cristo vai para Bissau para ir de licença. Solicito reserva de um lugar no avião da próxima semana para Lisboa”.

A resposta não se fez esperar. O Comando Militar em Bissau enviou logo uma mensagem para o Comando do Sector, com conhecimento ao Comando do Batalhão e ao comandante da companhia de Bedanda, que dizia:

“Concedida licença ao capitão Cristo para gozar em Lisboa. Capitão Cristo deve estar em Bissau até ao dia 15 de Junho para embarcar para Lisboa a 16”.

Assim, foi autorizado o capitão de Bedanda a ir de licença e foi posta uma pedra sobre as divergências existentes entre o comandante de sector e o comandante da companhia de Bedanda. Havia quase um ano que o capitão não via a família. Era demais para um militar que cumpria de forma eficiente a sua missão e que para além de militar era chefe de família e pai.

COMO PRÉMIO — MAIS BEDANDA

O comandante do batalhão tinha uma habilidade extraordinária para colocar todos os capitães e demais oficiais contra si. Poderá ser um bom comandante para o tempo de paz, mas não o era de certeza para um batalhão em operações numa zona difícil, em que as carências era muitas. Ao longo do seu comando foi criando atritos com os capitães e estes não o podiam ver, nem ouvir. Quando o capitão Cristo passou por Catió, a caminho de Bissau para ir de licença, foi abordado pelo comandante da companhia de intervenção que lhe disse:

— Cristo, eu não posso mais com o comandante do batalhão, os comandantes das outras companhias também o não suportam e sabemos que tu não morres de amor por ele. Por isso quero dizer-te que nós todos combinámos enviar uma mensagem para Bissau informando que deixamos de cumprir as ordens do batalhão. A mensagem será feita e enviada de imediato, e indicará o dia e a hora a partir da qual deixaremos de cumprir as ordens. Como tu estás isolado não conseguimos falar contigo, fiquei eu encarregado de te falar quando passasses por aqui. Que dizes a isto? Estás connosco?

— Estou, mas não agora. Vou de licença. Daqui a um mês estou de volta. Falaremos sobre ao assunto. Neste momento o que eu quero é ir de licença porque há um ano que não vejo a família. Estou cheio de saudades e muito cansado.

— Então nós esperamos por ti. No regresso da licença passas por aqui e acertamos as datas de envio da mensagem.

— Está bem. Tenham calma até eu vir, depois havemos de ver qual é a melhor solução.

Com este diálogo foi encerrado o assunto e o capitão Cristo foi para Bissau. Apresentou-se no Quartel-General e o Chefe do Estado-Maior mandou-o chamar. Do diálogo trocado entre os dois oficiais, salientamos o seguinte:

— Cristo, como vão as coisas pela tua área?

—Mal, meu tenente-coronel, mesmo muito mal. Muitos problemas com muita actividade operacional elevada. Os guerrilheiros estão fortes e dão-nos cabo da cabeça.

Não há sítio onde se vá que não se leve e dê porrada. Não temos descanso. Quando não vamos nós ao mato, vêm eles ter connosco ao quartel. É uma vida dura. Não contentes com isso ainda andamos a dar cabo do juízo uns aos outros.

— Referes-te ao caso da tua licença? Foi aborrecido mas está ultrapassado. O nosso brigadeiro disse ao nosso coronel para ter mais calma e cuidado com o que diz e faz aos capitães. O nosso brigadeiro considera o capitão o elemento chave desta guerra. Por isso têm de ser respeitados.

— Não é só isso. O que é que o meu tenente-coronel pensa dos capitães do batalhão de Catió?

— São bons capitães. Precisamente o bom daquele batalhão são os capitães. O comandante vale pouco.

— Muito bem. Os capitães são a alma do batalhão mas um dia o nosso brigadeiro vai ter de os punir.

— Não me digas. Porque é que o nosso brigadeiro vai ter de punir os capitães do batalho de Catió?

— Porque os capitães já não suportam mais a falta de humanidade, de delicadeza e a ignorância do comandante do batalhão. Já todos combinaram que num determinado dia enviarão uma mensagem a dizer que deixam de cumprir as ordens do Comando do Batalhão. Faltava só o meu acordo. Dei-o hoje. Assim que eu vier de licença e me apresentar na companhia, a mensagem será feita. Será considerada uma manifestação colectiva e uma insubordinação, o nosso brigadeiro não terá alternativa. Terá de punir e transferir os capitães do batalhão de Catió. Vai ser muito mau mas não nos deixam alternativa para nos livrarmos do comandante do batalhão. Não se podem adiar eternamente as situações, e o nosso brigadeiro vai ter responsabilidades morais em tudo isto.

— Temos de resolver isto. Você, quando vier de licença, vai falar com os outros capitães e não vai permitir o envio da mensagem. Tem de fazer isso.

— Não meu tenente-coronel, quando eu vier de licença vou ser o fomentador do envio da mensagem. O nosso brigadeiro terá um mês para resolver o problema. Depois

disso será resolvido da única maneira que os capitães sabem. Denunciar a situação, não cumprir as ordens. O Quartel-General não nos deixa alternativas. É pena que isto vá acontecer.

— Se estivesse no lugar do nosso brigadeiro o que farias?

— Mandava baixar ao hospital o comandante do batalhão. Depois dizia aos médicos para o evacuar para Lisboa e enviava para Catió um tenente-coronel que estivesse disponível. Dizia para Lisboa que não o queria mais.

— Obrigado, Cristo. Vou falar com o nosso brigadeiro e ver o que posso fazer.

O capitão Cristo foi para Lisboa, de licença. Passado um mês apresentou-se em Bissau, no Quartel-General, onde foi informado que já tinha outro comandante de batalhão. Perguntou ao Chefe do Estado-Maior como tinha resolvido o assunto.

— O nosso brigadeiro, que tem muita consideração por si, resolveu seguir o seu conselho. Os médicos não o queriam evacuar porque ele não tinha nada, mas o nosso brigadeiro impôs-se. Agora têm um tenente-coronel novo que é um bom homem e com o qual estou convencido que vocês se vão dar bem.

Tudo se resolveu bem.

— O meu tenente-coronel quer alguma coisa para Bedanda? Sigo hoje à tarde.

— Não, obrigado. Boa viagem e sorte nas suas guerras. Continue como até aqui.

Ao sair do gabinete, o capitão Cristo encontrou o brigadeiro comandante militar no corredor.

— Então Cristo, foi boa a sua licença?

— Foi meu brigadeiro, fez-me bem passar estes dias com a família. Recuperei forças e já posso aguentar mais um pouco.

— Ainda bem pois queria-lhe pedir um favor. Você é da guarnição normal e de acordo com as normas tem de rodar. Chegou um capitão novo que devia ir para Bedanda. Eu preferia que você continuasse a comandar a 4ª CC. A companhia está boa, você tem feito um bom trabalho e os seus homens adoram-no. Tenho medo de

que com a sua saída as coisas voltem para trás e comecem a correr mal. Bedanda é um sector vital para nós e eu quero mantê-lo em bom nível. Gostaria que você se oferecesse para continuar em Bedanda.

— Não meu brigadeiro. A situação em Bedanda é muito dura. Eu tenho mulher e filhos e não me ofereço para continuar porque isso era quase oferecer-me para a morte. Em Bedanda, a morte ou a incapacidade física espreita-nos em todos os locais e a todos os momentos. Se o meu brigadeiro quer que eu continue, assuma a responsabilidade de me nomear. Não me ofereço, mas eu nunca discuto as ordens dos meus superiores, e se me disser que eu tenho de continuar, eu continuarei. A única garantia que lhe dou é que se me nomear para continuar em Bedanda eu não reclamo da ordem, embora o pudesse fazer de acordo com as normas em vigor.

— Obrigado, Cristo. Isso chega-me. Eu vou nomeá-lo para continuar em Bedanda. Boa sorte por lá.

INCALA — O OUTRO NOME DO INFERNO

O capitão queria de novo falar com os seus alferes e incumbiu o Armando de os ir chamar. Passado pouco tempo estavam todos reunidos no seu gabinete.

— Com a vinda dos barcos até ao porto interior temos de ir a Incala. Vocês sempre me disseram que Incala era o alfobre dos guerrilheiros e que era muito perigoso ir lá. Considero, no entanto, que não podemos continuar a trazer os barcos até ao porto interior sem irmos ao outro lado do rio. Eu disse ao comandante do batalhão que queria lá ir com um pouco de segurança. Disse-me que me enviava a companhia de intervenção. Esta companhia chega dentro de três dias. Gostaria de vos ouvir sobra a forma mais correcta de abordarmos Incala.

— Eu acho que temos hipóteses de lá ir — disse o Cordeiro. — Tal como o meu capitão, também considero que é fundamental irmos a Incala porque nos últimos anos a mata e a tabanca foram considerados santuários dos guerrilheiros. Já que vem a companhia de intervenção, poderia ser largada em lanchas de desembarque nas margens do Cumbijã e daí seguir para Incala. Nós partimos de Bedanda a pé, atravessamos o rio no porto interior a caminho de Incala. Embora a operação possa dar muita porrada, estou convencido de que entraremos em Incala.

— Concordo com o Cordeiro — disse o Carvalho.

— Eu também — disse o Oliveira.

— Eu sou tão maçarico que não tenho voto na matéria, mas também estou pronto para tudo — disse o Henriques.

— Muito bem — disse o capitão. — Vou mandar uma mensagem a solicitar que a companhia de intervenção desembarque em frente a Incala, no rio Cumbijã. Nós seguiremos daqui como foi dito, mas depois falamos. A operação, não se esqueçam, será daqui a dois dias mas tudo se deve passar-se como se não houvesse nada.

A vida continuou como se não houvesse nada de anormal. O capitão procurou saber o que se passava no mato, através das mulheres que vinham vender arroz, e soube que em Incala os guerrilheiros se consideravam em casa, porque era uma zona

conquistada onde a tropa não ia, e por isso talvez a vigilância deles fosse mais descuidada. Tinham metralhadoras e muitas outras armas automáticas. Estavam bem armados. Além dos guerrilheiros, havia também milícias com armas. Quase todos os homens válidos tinham armas. Era bom saber isso pois com a população armada, o comportamento da tropa teria que ser outro. Na véspera da operação, ao fim do almoço, o capitão chamou os seus alferes e também o alferes do pelotão de artilharia, para lhes falar.

— Amanhã de madrugada estamos em Incala. Saímos do quartel à meia-noite. Atravessamos o rio no porto interior direitos a Rossum Ole. Aí viramos para Incala. O Cordeiro contorna Incala pelo norte, garantindo a nossa segurança à direita. O Oliveira e o Carvalho entram na tabanca pelo oeste. Cuidado porque do outro lado vem a companhia de intervenção. O Henriques vai atrás do Carvalho e quando entrarmos na tabanca garante a segurança à retaguarda. Eu vou no pelotão do Cordeiro e passo depois para o do Carvalho. Tenho receio de reforços vindos de Nhai. O Cordeiro tem que resolver isso. O Henriques pode ir reforçar o Cordeiro, se a coisa por lá estiver feia, ou pode intervir na tabanca em reforço dos outros pelotões se houver muita resistência nessa área. Com a companhia de intervenção ou sem ela entramos em Incala. Não se esqueçam disso, é importante. Algumas dúvidas?

Os alferes não tinham dúvidas.

— Bem, falta o artilheiro. Tens de estar pronto para fazeres fogo à ordem sobre Incala e sobre Nhai. O Oliveira deixa os morteiros apontados para Incala. Só fazem fogo à ordem. Nos morteiros deixa um bom sargento que conheça o seu funcionamento. Agora podem sair. À meia-noite estamos na povoação prontos para iniciar a operação.

Como sempre, cada um dos comandantes de pelotão foi resolver os seus problemas. Era preciso verificar as munições e as granadas de mão que era preciso levar, e distribuir as granadas de morteiro 60 e de lança granadas. Os morteiros 81 constituem-se numa base de fogos, mas os morteiros 60 eram transportados para o mato, para utilização imediata nos alvos onde as outras armas automáticas não chegam. Tinham que verificar os cantis da água e receber as rações de combate. Tudo isso tinha de ser

minuciosamente preparado, para nada faltar no momento oportuno quando estão entregues a eles próprios. Coisas essenciais numa guerra de guerrilhas.

À hora combinada tudo estava mais que pronto. O capitão levava os seus dois acompanhantes, que lhe eram fiéis como cães de guarda. A travessia do Ungarinol era difícil. O rio era muito fundo, margens cheias de lama, mas não era a primeira vez que a companhia fazia a travessia com meios improvisados. Dois homens do Cordeiro lançaram-se à água com cordas amarradas pela cintura. As outras pontas ficavam na mão de um soldado em terra do lado de cá. De um lado e do outro as cordas eram finalmente amarradas a árvores depois de fortemente esticadas. Feito isto, os homens iniciavam a travessia a nado com uma das mãos agarrada à corda. Mesmo os que não sabiam nadar podiam atravessar com relativa segurança. O último soldado a atravessar soltava as cordas e transportava-as para o outro lado. As cordas seguiam depois amarradas pela cintura.

Depois deste banho a companhia reiniciou a progressão. O Cordeiro à frente, depois o Carvalho e o Oliveira, o Henriques na retaguarda. Em marcha lenta não encontraram nada até Rossum Ole. O capitão pensava que aí poderia haver sentinelas, mas se havia retiraram antes de chegar a companhia. Contornaram então um pequeno riacho para não terem mais obstáculos até Incala. O Cordeiro afastou-se um pouco para norte, o Oliveira para sul e aguardaram o raiar da aurora. Estavam no objectivo. A partir deste momento falariam as armas. As ordens eram só para avançar quando se vissem as casas e tudo o que se passava à volta das casas. Combater de noite não é agradável e o capitão evitava isso.

Aguardou-se uma hora pelo raiar da aurora. Ouvia-se o barulho das lanchas no rio. A outra companhia estava atrasada. Já deveria ter desembarcado se queria atravessar a bolanha ainda de noite. Os guerrilheiros deviam estar atentos ao que se passava no rio Cumbijã. Se a tropa fosse detectada, de imediato evacuariam as mulheres e as crianças. Se não detectassem a tropa, estariam atentos ao rio e a entrada da companhia de Bedanda seria mais fácil. Como vai ser a recepção só o saberão depois da ordem de avançar.

Estava a romper o dia e viram então que já estavam a 100 metros das casas. Por mais resistência que houvesse nada iria impedir a entrada na tabanca. Rostos crispados. Em três anos, era a primeira vez que voltavam a Incala. Não se sabia o que iriam encontrar.

O capitão interrompeu o silêncio rádio.

— Cordeiro, aqui Cristo. — Em silêncio avança para te colocares bem a norte da tabanca, escuto.

— Cristo, aqui Cordeiro. — Entendido. Julgo que estou bem colocado. Não vejo nenhuma casa. Talvez ainda esteja um pouco afastado da tabanca.

— Não há problema. Aguenta os reforços deles que venham do norte, mas fica atento às saídas de Incala. Terminado.

— Carvalho, Oliveira, aqui Cristo — Vamos avançar. À vossa frente, o que vêem?

— Eu vejo as casas e vi dois vultos a correr — informou o Carvalho.

— Cristo, aqui Oliveira, só vejo casas. Silêncio total. Se eles estiverem instalados vão dar-nos poucas, vão, pois têm boas árvores para abrigos, escuto.

— Carvalho e Oliveira, aqui Cristo. É agora, avançar. Fogo em cima de tudo o que mexer e não tenha as mãos no ar. A outra companhia ainda está no rio e não há perigo de fazerem fogo sobre eles. Se tudo correr bem, encontramo-nos na orla da bolanha depois da tabanca. No final não quero uma única casa de pé. Terminado.

— Henriques, aqui Cristo. — Aguenta o barco onde estás e fica atento. Terminado.

Assim que a tropa avançou, começou o tiroteio por todos os lados. Embora as mulheres tivessem sido evacuadas, os homens, com as suas armas, ficaram à espera dos soldados. Parecia o inferno. Avançando em passo de corrida e fazendo fogo em movimento, o Oliveira e o Carvalho puseram os guerrilheiros em debandada, deixando alguns mortos no terreno e arrastando os feridos. Depois, em fuga, debandaram. Para escaparem à companhia de intervenção, fugiram para os lados de Nhai. Os que tentaram escapar pela mata, em pânico, esbarraram com o pelotão do Cordeiro e sofreram mais baixas. Nós, concentrados na acção, nem nos apercebemos bem da

grandeza e da extensão do combate. Da Companhia, alguém falou para o capitão a perguntar o que se passava, pois o tiroteio era tão intenso que os soldados que tinham ficado em Bedanda estavam preocupados. O capitão sossegou-os. Os guerrilheiros tinham levado poucas, tinham, e estavam agora em debandada para Nhai. Ordenou então ao alferes artilheiro que fizesse meia dúzia de tiros para Nhai, para os assustar. Entretanto, o comandante da companhia de intervenção falava pelo rádio.

— Cristo, aqui Pita, escuto.

— Pita aqui Cristo, escuto.

— Cristo, porque não esperaste por mim para o festival?

— Se querias entrar na festa devias estar no objectivo ao raiar da aurora. Agora mantém-te afastado da mata. Tenta caçar alguns dos fugitivos. Não te aproximes da tabanca nem faças fogo para a mata porque os meus soldados estão espalhados por toda a parte. Só avanças para a tabanca à minha ordem, escuto.

— Entendido. Estou a pagar por um atraso de que não sou culpado, mas a vida é assim, escuto.

— Pita, aqui Cristo. Vai haver uns rebentamentos para os lados de Nhai. São nossos. Fui eu que mandei fazer fogo de artilharia para esses lados. Terminado.

— Cordeiro, aqui Cristo. Como vai isso por aí? Escuto.

— Cristo, estamos bem. Não temos baixas. Os gajos que tentavam fugir para Nhai por uma picada no meio do mato apanharam um susto e tiveram mais dois feridos, escuto.

— Cordeiro, aguenta o barco mais um bocado. Terminado.

— Carvalho e Oliveira, como vão as coisas convosco? Escuto.

— Cristo, aqui Carvalho. Tudo bem. Já não temos guerrilheiros pela frente. Tenho um ferido ligeiro que não é preciso evacuar. Aguenta até ao quartel. Estamos a destruir as casas. Já há muito tempo que não via tantas casas. Parece uma cidade, escuto.

— Cristo, aqui Oliveira. Tudo bem por aqui. Eles fugiram, desapareceram. Estou a chegar à orla da bolanha e já vi ao longe a companhia de intervenção. Mais uma hora e termino a minha missão.

— Carvalho, aqui Cristo, Quanto tempo demoras para concluir a tua missão? Escuto.

— Cristo, aqui Carvalho. Eu ouvi o Oliveira. Acabo talvez dentro de uma hora também, escuto.

— Carvalho, Oliveira. Vão mesmo acabar dentro de uma hora. Eu vou dar a ordem à companhia de intervenção para avançar até à orla da mata. Porque o sol vai alto e daqui a pouco temos problemas de insolação. Mantenham vigilância e ligação com companhia de Catió. Terminado.

— Cordeiro, aqui Cristo. Dentro de uma hora termina a missão. Vais ser tu o último a retirar. Manda-me os soldados com as cordas para a travessia do rio. Eu estou no meio da tabanca. Terminado.

— Henriques, aqui Cristo. És o penúltimo a retirar. Há-de passar por ti a companhia de Catió, o Carvalho e o Oliveira. Só depois é que tu retiras. Escuto.

— Cristo, entendido, escuto.

— Henriques, terminado.

— Pita, aqui Cristo.

— Cristo, aqui Pita, escuto.

— Pita, dentro de uma hora temos a missão cumprida e tu tens de estar na orla da bolanha para seguires para Bedanda. Tu segues em frente com guias meus e com os meios para atravessar o rio. Não quero tropa ao monte junto ao rio. Os pelotões aproximam-se do rio apenas quando o da frente tiver atravessado. Chegados ao outro lado seguem logo para Bedanda. Diga se entendido, escuto.

— Cristo, entendido, escuto.

Passado uma hora a companhia chegou à orla da tabanca onde se juntou aos soldados de Bedanda. O capitão Cristo esperava-os e falou com o outro capitão.

— Tens aqui os guias e os homens para atravessarem a nado com as cordas. A seguir atravessam todos agarrados às cordas. Pela ordem que quiseres, podes seguir viagem. Os guias levam-te ao local.

Assim terminou mais uma operação. O capitão Cristo comunicou ao seu quartel que chegariam às sete horas e que queria sopa quente para as duas companhias. Os soldados começariam a comer a sopa logo que chegassem. Lembrou-lhes ainda os banhos e as equipas da água, que tudo tinha de estar pronto para irem buscar mais água para as duas companhias. Quando o Cordeiro saiu da Incala o capitão juntou-se a ele. Nessa altura, pelo rádio, deu ordem para que os morteiros 81 fizessem dez granadas sobre Incala, em grupos de cinco, com meia hora de intervalo. Sem mais problemas, as companhias chegaram a Bedanda. A companhia de intervenção estava delirante. Nunca tinham visto uma acção como aquela. Para eles, os soldados de Bedanda eram uns diabos armados que não temiam nada nem ninguém. Diziam que nunca mais iriam esquecer o que viram. Na última operação que tinham feito, perderam quase uma secção numa emboscada que os guerrilheiros lhes montaram no corredor de Guileje. Ainda estavam muito marcados por essa operação. Tinham vindo para actuar com a companhia de Bedanda para levantar o moral. O capitão sabia disso, daí que tenha afirmado que com eles ou sem eles entraria em Incala. E entrou.

SALANCAUR

Um dia o avião do sector sobrevoa Bedanda e aterra na pista. Não estavam á espera de ninguém, por isso o capitão foi ver quem chegava. Era o comandante de batalhão que vinha a Bedanda para preparar duas operações com a companhia. Uma delas era a Salancaur, no centro do corredor de Guileje, uma zona de domínio total dos guerrilheiros. No início da guerra, tinha existido aí uma guarnição a nível de secção que uma noite os guerrilheiros atacaram, destruíram o aquartelamento, matando ou prendendo os militares. Nunca mais se soube nada deles. Dois únicos sobreviventes conhecidos apareceram no quartel muito mal tratados, dois dias depois. A tropa deixou de lá ir. Era uma zona muito importante para a guerrilha, pois era aí, em pleno coração do corredor de Guileje que as suas colunas de reabastecimento se dividiam para Cansalá e para o Cantanhez. A povoação de Salancaur, controlada pela guerrilha, parecia uma cidade em tempo de paz. A outra operação era de novo a Incala, logo a norte de Bedanda.

Para a primeira operação o batalhão cedia a sua companhia de intervenção e além da companhia de Bedanda seria utilizada a companhia de Guileje que já pertencia a outro batalhão. Para a segunda operação seriam utilizadas apenas as companhias de intervenção e de Bedanda. As duas operações seriam intervaladas de quinze dias e a ordem das mesmas seria ditada pela disponibilidade dos meios. O comandante do batalhão confrontou então o capitão Cristo.

— Cristo, A realização destas operações depende de si, você é que vai dizer se tem ou não possibilidade de lá ir.

— Meu comandante, eu tenho possibilidade de ir a todo o lado na Guiné inteira mas preocupo-me mais com as saídas do que com as entradas. Para ir a um local apenas tenho que calcular a hora de saída do quartel para estar no objectivo ao raiar da aurora. Faço o percurso de noite para chegar de surpresa. Não consigo depois sair de surpresa porque, assim que chegar, serei localizado pelo inimigo que irá tentar dar cabo de mim dificultando-me ao máximo a saída. É por isso que eu tenho que preparar a saída até ao último pormenor. Na Guiné o que custa não é entrar numa área, é sair com êxito.

Comandando uma companhia de negros eu não me posso sujeitar a um fracasso. Mas respondendo à sua pergunta eu diria que a ida a Salancaur é viável em dois dias. Parto de Bedanda num dia à noite, durmo na noite seguinte perto de Salancaur e ao raiar da aurora do segundo dia estou na área. Gostaria que a companhia de Guileje estivesse na zona ao mesmo tempo que eu embora possa sair quando quiser. Penso que para Guileje poderá ser uma operação de apenas um dia. A companhia de intervenção deve apresentar-se em Bedanda na véspera da operação à tarde. Sai de Bedanda comigo. O Cumbijã é navegável até Salancaur. Gostaria que a Marinha nos fosse lá buscar e nos transportasse depois para Bedanda. Quanto à ida a Incala é fácil. Eu vou lá sozinho com a minha companhia. Se tem, no entanto, uma companhia disponível gostaria de ir com ela a Nhai.

— Você acha que pode ir sozinho a Incala e apenas com mais uma companhia a Nhai?

— Sim meu comandante. Julgo que são meios suficientes. Se entro ou não em Incala ou em Nhai depende do comportamento dos guerrilheiros e só no final poderei responder a essa pergunta.

— Conte com os meios. Vamos a Salancaur e a Nhai. Oportunamente você irá a Incala.

— Quando for a Incala quero um posto de socorros com médico em Bedanda, um helicóptero para evacuações e reabastecimentos com base em Bedanda, e ainda que os Fiat¹⁹ bombardeiem Incala ao raiar da aurora. Tudo o resto depois é comigo. Para Nhai e Salancaur é diferente. Preciso de T-6 a apoiar-me a meu pedido, o posto de socorros em Bedanda assim como o helicóptero também em Bedanda. Tudo o resto é por minha conta e dos outros capitães.

— Concordo consigo. Vamos planear as operações de acordo com as suas indicações. Mandaremos depois a ordem de operações e uma mensagem com a indicação do dia da acção. Vou-me embora. Sorte por cá.

¹⁹ G91, caça-bombardeiro, turbo-jacto, Gina entre os pilotos

— Obrigado meu comandante, sorte também para si.

Depois desta conversa no gabinete do capitão Cristo, tomaram um uísque na sala de oficiais. Pouco depois acompanhou o comandante até à pista e esperou que o avião levantasse voo. Seguiu depois para a Companhia e desenvolveu a sua acção normal. À noite, ao jantar, os subalternos quiseram saber o que queria o comandante do batalhão mas receberam do capitão um seco “não é oportuno falar sobre o assunto”. Só oito dias depois o capitão reuniu com os seus alferes.

— Hoje, depois do almoço, chega a companhia de intervenção numa lancha de desembarque. Vamos a Salancaur em dois dias. Aí embarcaremos numa lancha que nos trará a Bedanda. A nosso lado, para lá da estrada de Salancaur actuará a companhia de Guileje. Vamos todos. Levamos o Tala com guia, ele conhece bem a zona pois vivia lá antes da guerra. Deve ficar nos pelotões pessoal suficiente para aguentar a vida da unidade durante dois dias. Agora vou dizer ao Tala para ir ao porto montar a segurança para o desembarque da companhia. Dúvidas?

— Por agora nenhuma.

— Muito bem. Vão agora tratar dos pormenores. Estejam no meu gabinete às quatro horas da tarde. Até logo.

— Até logo, nosso capitão.

— Lassen, vai chamar o Tala.

— Sim senhor, nosso capitão.

Meia hora depois o Tala recebeu do capitão as seguintes ordens:

— Tu, Tala e mais meia dúzia de milícias que conheçam bem a zona de Salancaur estão aqui preparados às nove horas para saírem comigo durante dois dias. Mandas ao porto exterior duas secções montar a segurança pois chegam barcos às duas horas. O teu pelotão é responsável pela segurança do porto durante dois dias. Tens dúvidas?

— Não, nosso capitão.

—Então podes ir embora e cuidado com a língua. Não quero que os teus milícias saibam para onde vamos antes de regressarem ao quartel. Até logo. Diz ao Lassen para entrar.

— Lassen, quero que me faças duas coisas. Primeiro vê se os milícias partem para o porto exterior e quantos homens levam. Segundo preparas as minhas coisas e as tuas para uma saída de dois dias, o Joãozinho também vai. Chama-me o vaguemestre e o sargento de transmissões. Podes ir.

Passado algum tempo entram os dois sargentos.

— Vamos sair daqui a dois dias — disse-lhes o capitão. — Levo quatro pelotões e mais alguns homens das milícias. Forneçam rações para dois dias até às cinco horas da tarde. Forneçam os rádios e testem bem as comunicações. Quero comigo um bom operador para ligar a Bedanda, à DO, ao helicóptero e às outras companhias que andem perto. Qualquer dúvida que surja vêm falar comigo. Podem sair.

A seguir o capitão foi almoçar e na sala de oficiais aguardou a chegada do comandante da companhia de intervenção com quem trocou impressões. Mandou chamar depois os seus subalternos.

— Como vão os preparativos para a saída?

— Bem — disseram os alferes. — Consideramos, no entanto, que vai ser muito difícil.

— Eu sei. Temos de ir lá porque recebemos ordens para isso. Aliás eu penso que vai ser mais uma vitória nossa. Temos de ter muito cuidado com o fogo. Levamos duas companhias mais a de Guileje, e os guerrilheiros podem ser tentados a ficarem no meio de nós, fazer uns tiros para cada companhia, e depois retiram, deixando-nos a nós a matar-nos uns aos outros. Estejam muito atentos ao tiro da “costureirinha²⁰”. Se a não ouvirem, os tiros que ouvem podem vir da outra companhia. Percebido isso?

— Sim senhor — disseram os alferes.

²⁰ nome que a tropa dava à kalashnikov, dada a sua elevada cadência de tiro

—Vamos então aos pormenores. Saímos às dez das noite. Fazemos um quilómetro pela estrada para Guileje e depois vamos a corta-mato pela mata e pela bolanha até à estrada para Salancaur. Quando chegarmos aí será dia e os gajos já nos devem ter referenciado. Se tiverem força e lhes der jeito atacam. Caso contrário ficam a vigiar-nos ao longe. Se nos atacarem procuraremos que nos percam de vista por volta das quatro da tarde. Quero procurar um sítio para passarmos a noite em segurança. Nesse local, que eu estimo que fique a uma hora de marcha de Salancaur, formaremos em quadrado. Cada pelotão guarnece o seu lado. Devem ser cavados de imediato abrigos para atirador deitado. Cada um dormirá no seu abrigo com um terço da secção sempre vigilante. Ao raiar da aurora, depois de amanhã, marcharemos para Salancaur que envolveremos por oeste, pelo lado da bolanha. Quando o pelotão mais avançado chegar ao extremo da povoação, próximo do Cumbijã, viramos para a povoação onde entraremos a bem ou a mal. A ordem de marcha será sempre Cordeiro, Carvalho, Henriques e o Oliveira sempre atento à retaguarda onde irá a outra companhia. Sem ordem minha nenhum soldado passa para o outro lado da estrada para Salancaur porque essa área pertence à companhia do Guileje e receio que as comunicações com essa companhia sejam fracas. Já falei com o capitão que segue atrás de nós, acamparão durante a noite próximo do nosso local e em Salancaur cercará a povoação pelo sul mas não pode entrar nela. Só nós entraremos em Salancaur. Aí está previsto o reabastecimento de munições e de pão depois de tomada a povoação. Só os graduados levarão granadas de mão defensíveis. Cada homem leva três granadas de mão ofensivas e trezentos cartuchos para espingarda. Quero que levem um reforço de granadas de bazuca e de morteiro 60. Dúvidas?

—Nenhumas — disseram os alferes.

— Lembrem-se que o objectivo é chegar e tomar Salancaur e não andar aos tiros pelo caminho com qualquer patrulha da guerrilha. Gostaria de chegar sem ser detectado mas todos sabemos que isso é impossível. Talvez se consiga despistar os vigias deles no último troço do percurso. Vão agora preparar os pelotões. Saímos às dez, não se esqueçam. Até logo.

O capitão ficou algum tempo fechado no seu gabinete a olhar para a carta da área. Procurava imaginar o terreno que ia encontrar e determinar o melhor local para passar

a noite. Pretendia uma clareira no meio da mata a cerca de uma hora do objectivo e que permitisse defesa fácil. E teria que haver um local semelhante e próximo para a outra companhia. Decidiu então que iriam ficar algures entre os rios Galenduxi, Decanaudi e Lenguéré. O ponto exacto seria fixado na altura em função do evoluir da situação. Saiu do seu gabinete e falou para o Lassen.

— Lassen, chama o nosso capitão.

O comandante da companhia de intervenção era novo na área e mais moderno que o capitão Cristo que seria o comandante da operação em terra. Além de mais antigo era o mais veterano quer na zona quer na Guiné. Falou com ele.

— Pita, o que vamos fazer nestes dois dias não é fácil, mas julgo que levamos forças suficientes para ganharmos o combate que vamos travar. Como te disse eu vou à frente com os meus quatro pelotões. Levo quatro bazucas e quatro mosteiros 60, três granadas de mão ofensivas por homem e trezentos cartuchos por espingarda. É muito peso mas os meus homens aguentam. Tu vais atrás de mim. Já escolhi a zona onde vamos passar a noite. Pernoitamos em quadrado em abrigos construídos na altura para atirador deitado. Os gajos vão-nos detectar mas eu não quero tiros antes de Salancaur. Não podes permitir que os teus homens façam tiros só porque viram um guerrilheiro. O mais natural é que seja apenas uma vigia. Só eu é que entro em Salancaur e vou contornar a povoação pelo lado da bolanha. Ao aproximares-te de Salancaur, instalaste do lado sul a uma distância de 300 a 500 metros. Só entras na povoação a meu pedido e só farás tiros se estiveres a ser alvejado directamente porque os meus homens já vão estar lá dentro. Não passes para o outro lado da estrada porque essa área pertence à companhia de Guileje e pode haver problemas de ligação. Concordas com o que te disse?

— Concordo.

— Então vamos até à sala de oficiais beber uma cerveja ou um uísque e falar com os nossos subalternos.

E assim os dois capitães deram por terminada a preparação para a intervenção que iam fazer e na sala conversaram como se nada tivesse acontecido. Os subalternos da

companhia de intervenção demonstravam mais preocupação que os da companhia de Bedanda. Às dez em ponto, depois do jantar em conjunto, as duas companhias deixam Bedanda. Levam os ingredientes suficientes para combater e vencer, e na cabeça uma vontade louca de dar uma grande surra aos guerrilheiros.

Andaram toda a noite e quando raiou a aurora estavam na nascente do rio Lama. Continuaram a andar, sem paragem. A marcha era lenta pois estavam numa zona onde as emboscadas podiam surgir a qualquer momento. Até chegarem a Salancaur a iniciativa de ataque tinha que pertencer à guerrilha, que vigiaria a tropa mas só atacaria se visse que tinha possibilidades de êxito. As baixas, mortos ou feridos que houvesse antes do objectivo final causariam muitos transtornos à tropa e poderiam pôr em causa o sucesso da operação.

Às dez horas da manhã os primeiros soldados do Cordeiro chegaram à estrada para Salancaur. O silêncio rádio foi quebrado pelo Cordeiro.

— Cristo, aqui Cordeiro, cheguei à estrada, escuto.

— Cordeiro aqui Cristo. Manda uma secção ao longo da estrada na direcção do cruzamento de Guileje. Monta segurança que vamos descansar um pouco até tu fazeres um ligeiro e rápido reconhecimento. Diga se entendeu, escuto.

— Cristo, entendido.

— Carvalho, Henriques, Oliveira, aqui Cristo. O Cordeiro chegou à estrada para Salancaur e fará um breve reconhecimento. Vamos descansar um pouco. O Carvalho fica atento ao que se passa à frente e prepara-se para reforçar o Cordeiro se houver problemas. O Oliveira atento à retaguarda e a ligação com a outra companhia. Digam se entenderam, escuto.

Os três comandantes de pelotão reportaram entendido e permaneceram em escuta. O capitão Cristo respondeu terminado e falou de seguida para o capitão Pita.

— Pita, aqui Cristo. O meu primeiro pelotão chegou à estrada para Salancaur e está a fazer um reconhecimento até ao cruzamento de Guileje. Vamos parar um pouco até terminar o reconhecimento. Cuidado com a segurança pois estamos no meio deles. Escuto.

— Cristo, aqui Pita. Entendido, escuto.

— Pita, terminado.

Demorou cerca de uma hora o reconhecimento. Foram encontrados muitos indícios de passagem de pessoas mas não foi avistado ninguém. Passado uma hora o Cordeiro voltou à ligação rádio.

— Cristo, aqui Cordeiro. Estrada muito utilizada mas não vimos ninguém até ao cruzamento de Guileje, escuto.

— Cordeiro, siga em direcção a Salancaur mas pela estrada só em último recurso. Siga o mais perto dela para a controlarmos. Não perca a estrada de vista e de vez em quando mande uns homens até lá para ver se detectam qualquer coisa. Diga se entendeu, escuto.

— Cristo, entendido. Vou iniciar o movimento.

— Carvalho, Henriques Oliveira. Vamos iniciar o movimento em direcção ao objectivo. Digam se entenderam, escuto.

Os três comandantes de pelotão reportaram entendido e o capitão deu a ligação por terminada, por agora. Falou para o capitão Pica.

— Pita, aqui Cristo. A estrada para Salancaur tem sido muito utilizada mas não foi visto ninguém. Vamos reiniciar a progressão em direcção ao objectivo. Diga se entendeu, escuto. Correcto. Terminado.

A progressão iniciou-se cada vez mais lenta. A mata era difícil e o medo de emboscadas era grande. Não queriam combater antes do objectivo final. O silêncio rádio foi quebrado pelo Cordeiro.

— Cristo, aqui Cordeiro. Foram detectados dois guerrilheiros a deslocarem-se paralelamente a nós do outro lado da estrada. Já nos detectaram e procuram saber quantos somos e para onde vamos. Preciso de ordens, escuto.

— Cordeiro, aqui Cristo. Continua a progressão. Vai observando os gajos para ver o que pretendem e não sermos surpreendidos. Prefiro devagar mas seguro. Observa tudo muito bem. Não nos dava jeito uma emboscada agora. Diga se entendeu, escuto.

— Cristo, aqui Cordeiro. Entendido.

Aos outros comandantes de pelotão perguntou se tinham ouvido o Cordeiro. Eles tinham ouvido perfeitamente e o capitão recomendou muita atenção, “observem tudo muito bem à vossa volta para não cairmos numa emboscada. Terminado”. E falou de novo para o capitão Pita.

— Pita, aqui Cristo. Avistados dois guerrilheiros do outro lado da estrada. Estão a seguir-nos. Devem ser vigias. Cuidado na progressão e muita atenção à tua volta. Terminado.

A progressão continuou. Os guerrilheiros não se aproximaram mais mas iam-se deslocando paralelamente à nossa coluna a uma distância grande demais para um tiro eficaz. Neste momento tínhamos a certeza de que apenas nos queriam vigiar e descobrir efectivos e destino. Eram duas da tarde quando cruzámos a nascente do rio. O local era maravilhoso, parecia a mata do Buçaco. O capitão ordenou uma marcha mais lenta para que toda a gente pudesse beber água e encher os cantis. Era a melhor água que o capitão Cristo encontrara desde que chegara à Guiné. Que pena a situação de combate. Apetecia ficar debaixo daquelas árvores na margem do rio a descansar e a recuperar forças. A guerra era de facto estúpida. Um sítio paradisíaco que não podíamos apreciar nem gozar as delícias da natureza. Tínhamos que estar prontos para um combate que se avizinhava e que podia ser travado naquele mesmo local. Ao mesmo tempo que entristecia os homens não poderem apreciar devidamente as belezas do local, da sua água, das suas sombras, algo teve um efeito moralizante em todos os homens. Saíram do local com uma alma nova e pediam a Deus que não deixasse os guerrilheiros estragar a área e o momento com uma emboscada. Depois de atravessarem o rio o capitão Cristo voltou à ligação rádio.

— Cordeiro, aqui Cristo, escuto.

— Cristo aqui Cordeiro, escuto.

— Cordeiro informe se ainda somos seguidos, escuto.

— Cristo, afirmativo. Não nos largam. De vez em quando espreitam entre as árvores. Também não fazem muito para se esconder de nós. Julgo que eles querem mostrar que estão por perto e atentos, escuto.

— Cordeiro, aqui Cristo. Meta-se mais na mata e afaste-se da estrada. Vamos escapar à sua vigilância e procurar um local para pernoitarmos. Eu vou avançar mais para junto de si. Diga se entendeu, escuto.

— Cristo, aqui Cordeiro. Entendido, escuto.

Os comandantes de pelotão, Carvalho, Oliveira e Henriques tinham ouvido o diálogo entre o capitão e o Cordeiro e ficaram a par da situação.

— Pita, aqui Cristo. Vamos afastar-nos da estrada e procurar local para passarmos a noite. Os guerrilheiros continuam a vigiar-nos e nós vamos tentar despistá-los para ver se passamos a noite tranquilos. Diga se entendeu, escuto.

— Cristo, aqui Pita. Entendido, escuto.

— Pita, aqui Cristo. Terminado.

Avançaram. Durante meia hora andaram às voltas na mata, até perderem de vista os guerrilheiros que nunca mais foram vistos. Encontraram um bom local para pernoitar. O capitão deixou-o para companhia de intervenção tendo dado ordem ao Oliveira para informar o capitão Pita onde se devia instalar. Eles próprios foram um pouco mais em frente e acerca de 1 km encontraram uma zona boa. O capitão mandou formar a companhia em quadrado e todos começaram a construir os seus abrigos para atirador deitado. Puxando pelas suas catanas, em terreno mole, em pouco tempo os abrigos foram construídos. O abrigo do capitão foi construído pelo Lassen e pelo Joãozinho, e logo se deitou nele. Era agora preciso manter a vigilância e descansar ao mesmo tempo. A noite tinha de permitir a estes soldados retemperarem, pois estavam em movimento, sob tensão, desde as dez horas da noite da véspera. E com poucas paragens.

Rapidamente os comandantes de pelotão deram as suas ordens. Se os gajos viessem durante a noite seriam bem recebidos. Antes de escurecer todos os abrigos estavam construídos e a companhia instalada. O silêncio passou a dominar o ambiente. Todos

sabiam que o objectivo estava perto e que os guerrilheiros deviam andar à sua procura e não deviam ter gostado nada de os perder. A noite foi sossegada. Os guerrilheiros ou não os localizaram ou acharam que não valia a pena atacar. Ao raiar da aurora a companhia reiniciou a progressão para o objectivo, e se tudo corresse bem, antes do meio-dia o problema estaria resolvido. Depois seria embarcar nas lanchas e regressar ao quartel.

Lentamente e com todos os cuidados começaram a aproximação a Salancaur. Por volta das nove horas viram-se as primeiras casas. Dum momento para o outro o pelotão do Cordeiro começou a correr para a bolanha. Ninguém conseguia saber o que se passava até que o capitão se fez ouvir pelo rádio.

— Cordeiro, Cristo. Que loucura deu aos teus homens que corriam loucos para a bolanha? Escuto.

— Cristo, aqui Cordeiro, fomos atacados por um enxame de abelhas e os homens parecem loucos. Vou ver se os domino, escuto.

— Carvalho, Oliveira, Henriques, o pelotão do Cordeiro dispersou atacado por abelhas. Não avancem mais. Aguentem os pelotões que eu vou ajudar o Cordeiro. Só nos faltava mais isto! Um pelotão disciplinado como o do Cordeiro destroça mesmo junto ao objectivo. Digam se entendem, escuto.

Tinham entendido perfeitamente. Em passo de corrida, o capitão avançou para o meio do pelotão do Cordeiro em fuga e com muita dificuldade ambos restabeleceram a ordem. Havia homens com a cara inchada, mordidos pelas abelhas. Nunca se vira tanto pavor na cara daqueles homens habituados a todas as dificuldades e amarguras da guerra. O capitão soube depois que os negros têm autêntico pavor das abelhas, porque atacam juntas, furiosas, homens e animais, chegando mesmo a matar pessoas que ficam com o corpo feito num bolo. São diferentes das abelhas da metrópole e muito mais aguerridas. Quando se sentem em perigo atiram-se às pessoas com uma fúria terrível. E aos homens só lhes resta fugir para se livrarem delas. As abelhas tinham conseguido pôr em debandada um dos melhores pelotões comandado por um dos melhores subalternos.

Restabelecida a ordem e distanciando-se da árvore do enxame, a companhia continuou a marcha. Tinham à sua direita as casas da povoação e só esperavam ordem para avançar quando, de súbito, o tiroteio rebentou por todos os lados. Era um barulho infernal e o movimento dos soldados era dificultado pela densidade do capim. Por causa das abelhas afastaram-se da povoação e isso foi fatal.

Fez-se ouvir de novo a voz do capitão.

— Comandantes de pelotão, aqui Cristo. Os gajos estão na orla da povoação à nossa espera. Não há qualquer movimento possível. Bazucas e morteiros em cima deles. Fogo intenso de espingardas e vamos para cima deles. Temos que atingir rapidamente a povoação. Digam se entendido, escuto.

— Cristo, aqui Cordeiro. Entendido. Estou a chegar às primeiras casas. Eles já estão a retirar para o Cumbijã através da bolanha. Devem ir para Bantael Sila. Que caçada faria o Saldanha se ali estivesse com as lanchas. Vou fazer umas morteiradas para a bolanha para lhes acelerar o passo, escuto.

— Cristo, aqui Carvalho. Eles levaram a sério. Por onde eu estou a passar há muito sangue e encontrei uma mão. Um tiro ou estilhaço de granada, a mão ficou pendurada e alguém acabou por a cortar.

— Cristo, aqui Henriques. Estou um pouco atrasado. O capim era muito alto, vejo casas mas ainda estou a cem ou duzentos metros.

— Cristo, aqui Oliveira. Também estou atrasado. Vou acelerar a marcha.

Em face da situação o capitão transmitiu as suas ordens. O Cordeiro devia atravessar as casas até à estrada e garantir aí a segurança. Devia deixar as casas sossegadas, apesar de manifestar o desejo de fazer o gosto ao dedo e destruir as casas. Parece uma cidade, como ele disse. O Oliveira devia deslocar-se o mais rapidamente possível para a estrada e ligar-se ao Cordeiro para garantir a segurança da área. Devia procurar a ligação à companhia de intervenção. Ao Carvalho e ao Henriques entregou-lhes Salancaur. “A povoação é vossa, no final não quero uma casa de pé”. O Carvalho do lado da bolanha e o Henriques do lado da mata. Ele próprio deslocar-se-ia para o

pelotão do Henriques e aí ficará até à destruição da tabanca. Todos os comandantes de pelotão entenderam as ordens e reportaram como tal.

— Pita, aqui Cristo, escuto.

— Cristo, aqui Pita, escuto.

— Pita, os guerrilheiros estavam à nossa espera mas já retiraram para Bantael Sila, do lado de lá do Cumbijã. Tenho dois pelotões a destruir a povoação e os outros dois garantem a segurança na estrada de Salancaur. Com cuidado tenta aproximar-te dos pelotões que estão na estrada e garante a segurança contra ataques vindos do lado do cruzamento de Guileje. Diga se entendido, escuto.

— Cristo, aqui Pita. Entendido, escuto.

— Pita. Não tenho conseguido ligação com a companhia de Guileje. Procura ligar-te a ela e diz-me qualquer coisa, escuto.

— Pita, aqui Cristo. Terminado.

Começou a descarga de tensão que dominou estes homens durante dia e meio. Sistemáticamente as casas iam sendo revistadas e destruídas. As granadas de mão ofensivas começaram a demonstrar quanto valiam nas horas difíceis. O capitão e o seu grupo de comando transitavam calmamente por entre as casas a arder, trocando palavras amigas com os soldados. Todos estavam contentes. Missão cumprida mais uma vez. A companhia de Bedanda tinha mais uma vez mostrado que não havia obstáculos que não conseguisse vencer. O Tala, que viveu em Salancaur, veio chamar o capitão para lhe mostrar a casa onde vivia a secção que guarnecia a população no início da guerra. Ele tinha sido um dos sobreviventes do ataque da guerrilha e estava contente por lá ter voltado vitorioso.

Uma DO sobrevoa Salancaur. É o Comando de Batalhão que vem ver os resultados da operação.

— Cristo aqui pássaro, escuto.

— Pássaro, aqui Cristo, escuto.

— Cristo, bom trabalho. Diga o que se passou, escuto.

—Pássaro, os guerrilheiros estavam à nossa espera e tinham evacuado mulheres e crianças. Abriram fogo mas tiveram que retirar. Retiraram pelo Cumbijã. Preciso de quatro evacuações e que me traga de Bedanda pão ou bolachas e granadas de bazuca e morteiro 60. Dois dos evacuados foram atacados por abelhas. A companhia de intervenção está aqui junto de mim. Não conseguimos comunicação com a companhia de Guileje. Traga-me um barril de vinho para os meus homens, escuto.

— Cristo, aqui pássaro. Vai ser dada ordem a Mosca para levantar voo e levar o que vocês pediram. Marque zona de aterragem para Mosca. Escuto.

— Pássaro, aqui Cristo. Estamos a destruir a povoação. Há outra a dois ou três quilómetros daqui, mais na área de Guileje. Podemos lá ir ou essa área está-nos vedada? Escuto.

— Cristo, aqui Pássaro. Essa zona pertence ao Guileje e não podemos lá ir tanto mais que não temos ligação com a outra companhia. A vossa missão está cumprida. Diga se pretende mais alguma coisa, escuto.

— Pássaro, aqui Cristo. Quero os barcos. Não os vejo nem os ouço. Depois do reabastecimento queria sair daqui. Escuto.

— Cristo, aqui Pássaro, Depois do reabastecimento pode abandonar o objectivo. Tem que regressar pelos próprios meios. A Marinha não vai a Salancaur. Vai esperar-vos em Bedanda para levar a companhia de intervenção, escuto.

— Pássaro. Está a brincar comigo. A Marinha não me pode faltar. Como é que eu vou regressar a Bedanda sem levar porrada? Não cumprem o prometido e isso não está certo. Se o reabastecimento não estiver aqui dentro de duas horas levamos os feridos às costas e vamos embora. Há coisas que nunca hei-de compreender, escuto.

— Cristo, aqui Pássaro. Tem razão, mas agora não lhe posso explicar mais nada. Sorte no regresso e parabéns pela acção. Terminado.

A todos os comandantes de pelotão:

— Aqui Cristo. Tal como pediram vai chegar o reabastecimento. Mandei vir pão ou bolachas, munições e um barril de vinho a pedido do Cordeiro. Evacuaremos os dois

feridos em combate e os dois mordidos pelas abelhas. O Cordeiro escolhe o local para o helicóptero e monta a segurança. Logo depois retiramos a pé para Bedanda. A Marinha não sobe o rio até Salancaur. Foi uma partida de mau gosto que nos fizeram mas não há nada a fazer. Vou andar para o pelotão do Cordeiro e quero lá o Tala para combinarmos o regresso. O Oliveira que transmita estas coisas à companhia de intervenção e para ela estar pronta para o seguir. A ordem dos pelotões será a mesma. Digam se todos entenderam, escuto.

Todos tinham entendido, e o Cordeiro agradeceu o vinho, antes de o ter recebido. Escolheu o local para o helicóptero pousar e estava todo contente. Ia receber vinho para si e para os seus homens que iriam a pé para Bedanda. Não se sentia muito bem fechado nos barcos. O helicóptero chegou dentro do tempo previsto. Trouxe tudo. O barril também não faltou, mas quando o Cordeiro o foi abrir verificou que vinha cheio de água. Ao provar o vinho, que lhe saiu água, cuspiu por todo o lado e insultou toda a gente. O capitão foi falar com o piloto e perguntou se sabia o porquê do envio de um barril de água. O piloto informou que o responsável era o coronel comandante do sector. O vagemestre de Bedanda apresentou-se na pista com um barril, tendo o coronel perguntado o que é que o mesmo levava dentro. Ao ser informado que era vinho, mandou retirar o barril e que fossem buscar um barril com água. E ainda que perguntassem ao capitão de Bedanda se também queria um bife com ovo a cavalo e batatas fritas. Que diferença de mentalidades! Dum lado os homens que combatem no terreno, do outros os que apenas se pavoneiam pelos quartéis, de avião ou helicóptero. Um oficial habituado às duras realidades duma vida de combates deixaria seguir o barril de vinho e nunca acrescentaria a piada do bife com ovo a cavalo. Há que suportar tudo. Falta saber até que ponto, porque a paciência dos jovens capitães pode esgotar-se. Entretanto, o capitão tinha chamado o Cordeiro e o Tala.

— Vamos sair rumo a Bedanda, direitos a Melinde onde atravessaremos o Ungarinol, e depois vamos para o quartel. Se andarmos bem, poderemos fazer o percurso mais perigoso ainda de dia. Quanto tempo precisam para se preparar e arrancar.

— Um quarto de hora — disse o Cordeiro.

— Então vai preparar o teu pelotão. Vamos rápido mas cuidado.

— Carvalho, Oliveira, Henriques, aqui Cristo. Arrancamos dentro de quinze minutos. Não percam a ligação. O Cordeiro e o Tala já sabem o itinerário. Caminharemos depressa mas em segurança e com muito cuidado. O Oliveira avisa os seus vizinhos. O Cordeiro pode partir à hora que combinámos. Procurem estar ligados desde já com o pelotão da frente. Terminado.

À hora prevista iniciou-se o movimento. Foi dolorosa a marcha. O pessoal estava de facto muito cansado e sentia-se enganado. Os homens iam caminhando o mais rapidamente possível, conscientes de que antes de a noite cair tinham que deixar para trás o rio Ungarinol e toda a mata até Salancaur. Os cantis de água esgotaram-se rapidamente porque a marcha foi iniciada sob um calor intenso. O capitão já não tinha água. Atravessaram um charco de água, os que não resistiram encheram os cantis e até o capitão encheu o dele. A água cheirava mal e estava turva. Deitaram-se os comprimidos de halozone dentro dos cantis para purificar a água. Mesmo assim ficou intragável. A maior parte dos homens chegou ao quartel sem beber água, embora cheios de sede. Durante o percurso os guerrilheiros não foram vistos nem atacaram a coluna. Chegaram a Melinde e respiraram fundo porque dificilmente seriam atacados a partir daí. Começava a cair a noite. O capitão mandou preparar uma sopa para as duas companhias e ter água em quantidade para os banhos quando chegassem. Primeiro comer depois deitar-se. Cada um faria o que mais lhe apetecia, mas a maior parte optava pela opção banho, sopa e cama. O capitão disse ao capitão Pita para tomar banho primeiro logo que chegassem. Ele iria logo a seguir.

De repente começa um tiroteio infernal. Com granadas de morteiro e de canhão a caírem próximo do quartel. Os guerrilheiros estavam a pagar-nos a visita que lhe fizemos e faziam-no em boa hora. Tínhamos no quartel duas companhias, num espaço que era reduzido para uma, companhias dispersas no momento entre cama refeitório e banho, além de psicologicamente arrasadas embora pensando que tinham ganho a guerra. O capitão arranca que nem um foguete para a cantina. O Lassen apareceu num instante com o jeep. Vinha em cuecas e todo molhado. Estava a tomar banho. Na cantina o capitão disse:

— Antunes e Cordeiro, fogo de artilharia e morteiro para a orla da mata de Contumbum. É lá que as armas deles estão instaladas. Não percam tempo porque eles têm que aprender que nós nunca dormimos.

Estava ganha mais esta acção. No entanto, ficámos com a sensação que os guerrilheiros nos tinham vigiado durante todo o regresso e só não nos atacaram porque nos viram demasiado vigilantes. Só a rápida reacção do capitão impediu que eles afinassem bem a sua pontaria para o quartel.

A BATALHA DE NHAI

Finalmente vamos a Nhai, um dos santuários dos guerrilheiros na área de Bedanda, comunicou o capitão Cristo aos seus alferes. Chegou uma mensagem informando não só o dia da operação mas também o meio de transporte e os efectivos a empregar. Embarcamos no porto exterior, subimos o Cumbijã e desembarcamos algures na confluência com o Bundo Hairé. As lanchas que nos transportam trazem uma companhia de Bissau para nos acompanhar. Finda a operação, regressamos pelos nossos próprios meios a Bedanda onde as lanchas embarcarão a companhia de intervenção para Bissau.

No terreno a conduta da operação ficaria a cargo do capitão Cristo, que não terá gostado muito do planeamento. Preferia ir a pé para Nhai e regressar de lancha. Mas o comandante do batalhão não autorizou qualquer alteração ao planeamento vindo de Bissau. Com este planeamento, só por milagre não haverá um festival com as melhores hipóteses para os guerrilheiros. De facto, o barulho das lanchas denunciaria tanto as intenções como a posição da tropa e daria toda a iniciativa aos guerrilheiros. Eles podiam escolher o local do confronto e as condições do mesmo. Com a posição da tropa denunciada, ir até ao objectivo será como as reses vão para o matadouro. A tropa não terá qualquer hipótese de actuar de surpresa e os guerrilheiros, em função da marcha das companhias, terão tempo para preparar convenientemente uma emboscada a que a tropa não poderá escapar. Eles rapidamente adivinham o objectivo que se pretende atingir e é só escolher o terreno e implantar os homens. Para eles tempo para tudo. Para a tropa tempo para nada.

O capitão de novo para os seus alferes.

— Vamos a Nhai. Vem uma companhia de Bissau e nós embarcaremos às 3 horas da manhã no porto exterior e seguiremos até algures a norte do rio Bundo Hairé. A partir daí ficamos entregues a nós próprios. Não sei o que vale a companhia de Bissau. Farão pelo menos número e sempre nos há-de ajudar se estivermos aflitos. O Cordeiro à frente seguido do Henriques, do Oliveira e do Carvalho. Lavamos o pelotão de milícias a duas secções. O Carvalho cede homens para levar o canhão sem recuo com

dez granadas. O canhão vai comigo. Saímos daqui às duas horas da manhã. Todos os pelotões levam as suas bazucas e os morteiros 60 com oito mais oito granadas. Ração de combate para um dia. Têm alguma dúvida?

— Não, meu capitão, mas julgo que qualquer de nós preferia ir a pé — disse o Cordeiro. — Quando chegarmos temos os gajos à nossa espera, se os não tivermos encontrado antes. É asneira irmos de lancha.

— Também penso isso — disse o capitão. — Tentei junto do Comando do Batalhão mudar o planeamento mas não autorizou. Só nos resta obedecer e minimizar as dificuldades quando elas surgirem. Vem um helicóptero para Bedanda para evacuações e reabastecimento. O Carvalho diz ao sargento Martins que fica aqui, que ele vai ser o responsável pelo reabastecimento de munições se as pedirmos. Vão agora tratar dos vossos pelotões e até logo.

— Lassen, vai chamar o Tala. Depois trata do meu equipamento pois vamos sair hoje à noite. Vais tu e o Joãozinho comigo. Manda-me chamar os sargentos de transmissões e o vagemestre.

Entretanto chegou o Tala.

— Tala, vamos a Nhai hoje à noite. Entrega dois bons guias para essa área ao alferes Cordeiro, na cantina. Tu levas duas secções contigo. Recebes um rádio e rações de combate para um dia. Quero-te aqui com o pelotão à uma hora. Tens alguma dúvida?

— Não senhor, meu capitão.

— Podes ir tratar das tuas coisas e não te esqueças que não podes dizer aos milícias para onde vamos antes da uma da manhã. Até logo.

— Até logo, nosso capitão.

Entretanto chegaram os sargentos.

— Vamos sair hoje à noite. Penso que a coisa vai ser muito dura para nós. Quero um bom rádio para ligação à sede da companhia e à outra companhia que vai connosco. O Nunes tem de nomear um bom operador com experiência de combate. Não quero nenhum dos maçaricos que chegaram. O Lopes está preparado para servir bebidas e

outras coisas ao médico e ao piloto e demais pessoal que chega para reforço do posto de comando em Bedanda. Não quero que lhes falte nada. No final apresenta-me a relação das coisas que gastou com as visitas. Distribua ração de combate por um dia. O pelotão de milícias também vai. Tem alguma dúvida?

— Não, meu capitão.

Chegou o primeiro sargento para ouvir o capitão.

— Vou sair logo à noite. Levo todos os alferes. Você fica a comandar a Companhia. Fica um sargento a comandar a cantina e outro na povoação. Já dei as ordens ao vaguemestre e às transmissões. O sargento Martins fica responsável pelo reabastecimento de munições se eu o pedir. Vem para Bedanda, logo de manhã cedo, o médico do batalhão e um helicóptero de reabastecimentos, se tal for necessário. É natural que o comandante do batalhão ou alguém do batalhão, venha a Bedanda. E eu quero todas as visitas bem tratadas. Tem alguma dúvida?

— Não senhor, meu capitão.

— Pode retirar-se e até logo.

As ordens estavam dadas e o capitão ficou no seu gabinete a olhar para a carta tentando imaginar o terreno que ia encontrar. As bolanhas estavam todas queimadas pois era a altura da preparação das novas culturas de arroz. Preocupava-o a grande distância entre o rio e a mata. A bolanha era grande e assim queimada a companhia ficava muito tempo a ser vista, o que permitiria aos guerrilheiros determinar com precisão os pontos onde a tropa passaria e onde montar emboscadas, que poderiam ser preparadas com antecedência e em todos os pormenores. O capitão pensava nisso, embora o seu planeamento final tivesse lugar apenas depois do desembarque. Ainda não sabia o local exacto onde a Marinha o ia deixar, mas era muito importante saber se era a norte ou a sul do rio Bundo Hairé. Com os principais problemas na cabeça o capitão deixou o gabinete e deu por terminada a preparação teórica da operação.

Foi até à sala de oficiais, pediu uma cerveja, que bebeu calmamente. Depois deu uma volta pelo quartel e saiu de jeep até à povoação, tendo parado na cantina. Ia calado. O Lassen não conseguia arrancar-lhe uma palavra. Regressou à Companhia e no seu

gabinete preparou-se para a saída. Deitou-se na sua cama e pensou na família. Tudo natural antes da saída para uma operação. Rara é a operação sem mortos ou feridos e ninguém sabe quem é o próximo. Alguns saem e não mais são vistos com vida. Outros não regressam com a companhia porque são evacuados para o hospital de Bissau. Tudo isto se passa na cabeça dos militares antes de uma saída. Revêem situações anteriores onde perderam camaradas e pensam no que poderiam ter feito para se evitarem baixas. O capitão é sempre o mais responsável. Ele é, em última instância, quem tem de decidir no terreno como ultrapassar as dificuldades que vão surgindo. Ele sofre com as baixas dos seus homens, sejam mortos ou feridos. É o peso do comando consciente e responsável.

Às duas horas saiu do gabinete pronto para a acção. A companhia estava pronta e à ordem iniciou o movimento para o porto exterior. Antes de embarcar, o capitão Cristo quis falar com o oficial da Marinha que comandava as lanchas.

— Eu preferia ir a pé a ir nas suas lanchas. Não sei qual é o seu plano de operações mas eu queria embarcar com o pelotão do alferes Cordeiro, aqui presente, na primeira lancha que encostar para o desembarque. Gostaria que me deixasse a norte do rio Bundo Hairé, pois só muito para o interior é que há um vau, e o meu objectivo fica a norte desse rio. É possível aquilo que pretendo?

— É sim, senhor capitão. A primeira lancha a desembarcar é aquela e o senhor capitão pode embarcar nela com o pelotão que entender. Agradeço é que embarquem rapidamente.

— Vamos embarcar já. Mais um quarto de hora e toda a companhia estará a bordo. Não se esqueça de me deixar a norte do rio. Se me deixa a sul complica-me a vida.

— Esteja descansado, senhor capitão.

Assistiu-se durante mais de três horas e meia às manobras e progressão das quatro lanchas de desembarque. Cerca das sete horas da manhã, quando o raiar da aurora começava a surgir no horizonte, o comandante deu ordem para as lanchas encostarem e desembarcar as companhias. Logo aí as coisas começaram a correr mal. A primeira

lança a atracar não foi aquela onde ia o capitão mas a outra onde iam os outros dois pelotões. Ao aperceber-se da manobra o capitão falou para o Carvalho.

— Carvalho, aqui Cristo. Vais desembarcar primeiro do que eu. Avança aí 200 a 300 metros, instala-te e espera por mim. Diga se entendeu, escuto.

— Cristo, aqui Carvalho. Entendido. Vamos agora desembarcar. Aguardo-o em terra, escuto.

— Carvalho, cuidado. Tens à tua frente uma pequena mata que se estende até ao rio, escuto.

— Cristo, aqui Carvalho. A mata tem casas. Caímos num acampamento de guerrilheiros. Os marinheiros tiveram uma pontaria dos diabos. Vamos avançar com cuidado, escuto.

— Cordeiro, — disse o capitão — diz aí a esses marinheiros para rapidamente levarem a nossa lanca para terra. O Carvalho desembarcou a norte do sítio onde estamos e tem um acampamento pela frente. Assim que desembarcarmos avança logo para o interior até ao fim da mata. Liga-te ao Carvalho ou ao Oliveira que já estão em terra. Quero rapidamente ser informado de tudo.

— Esteja descansado que farei como diz.

— Carvalho, aqui Cristo. O Cordeiro começou a desembarcar com o Tala e o Henriques a sul de vocês. Não quero que ninguém passe para lá desta pequena mata enquanto a outra companhia não desembarcar. Diga se entendeu, escuto.

— Cristo, aqui Carvalho. Entendido. Julgo que os gajos abandonaram o acampamento sem combate. O barulho das lanchas alertou-os e quando viram que íamos desembarcar em cima deles, retiraram. Uma secção minha acaba de me informar que viu alguns a correr na bolanha em direcção a Nhai. Temos um problema. A Marinha deixou-nos a sul do rio Bundo Hairé. Já me informei e não há vau nas redondezas. Temos que ir por uma bolanha que deve ter uns quatro quilómetros. Está toda queimada, mas da mata vizinha nós seremos vistos pelos guerrilheiros. Nós a eles não. A Marinha arranjou-nos um bom caldinho, escuto.

— Carvalho, aqui Cristo. Entendido. Não vale a pena queimar as casas. Aguentas aí frente à bolanha até eu dar ordens de avançar. A outra companhia está quase desembarcada. Assim que desembarcar eu vou ter com o Cordeiro e avançamos. Observa bem o que se passa à tua frente. Terminado.

— Cordeiro, aqui Cristo. Já chegaste ao fim da mata? Liga-te ao Oliveira que está entre ti e o Carvalho. Assim que chegares ao fim da mata instala-te até eu ir ter contigo. Ficamos a sul do rio e temos de o atravessar. Pergunta aos guias qual o vau mais perto. Diga se entendido, escuto.

— Cristo, aqui Cordeiro. Entendido. Estou a chegar ao fim da mata. Não vejo guerrilheiros mas passei por algumas casas que mandei revistar e estavam vazias. Já estou em contacto com o Oliveira que está a 200 metros de mim. O único vau existente fica longe daqui e só temos um caminho. Temos de ir pela bolanha que está toda pelada por causa das queimadas. Vamos estar sob as vistas e fogos deles durante cerca de duas horas antes de chegarmos ao vau, escuto.

— Cordeiro, aqui Cristo. Entendido. Já vou ter contigo. Terminado.

O capitão deslocou-se para junto da outra companhia, tendo falado com o comandante.

— Caímos num acampamento de guerrilheiros que retiraram para a zona de Nhai onde nos vão esperar. Tenho a minha tropa em frente à bolanha, na orla da mata onde nos encontramos. Estamos na margem sul do rio e o vau fica a duas horas de marcha pela bolanha queimada. Os gajos vão ver-nos e emboscar-nos onde quiserem. Eu vou à frente. A tua companhia vem atrás do meu último pelotão. Temos de atravessar o rio. Quando estivermos a norte do rio veremos como vai ser a nossa conduta. Tens algum problema a pôr?

— Não. Concordo contigo. Vamos atrás de vocês e faremos tudo o que vocês fizerem até atravessarmos o rio.

— Então até já e boa sorte.

— Boa sorte também para ti.

O capitão dirigiu-se para o local onde estava o Cordeiro e daí falou a todos os seus comandantes de pelotão.

— Aqui Cristo. Vamos iniciar o movimento pela ordem planeada. Estou com o Cordeiro. Assim que ele iniciar o movimento todos o iniciam formando a coluna de marcha necessária para atravessar toda a bolanha. A partir daqui não há mais surpresas. Eu vou com o Cordeiro. O Carvalho liga-se à companhia que vem atrás de nós. Digam se entenderam, escuto.

Todos os comandantes de pelotão tinham entendido as ordens. O capitão disse então ao Cordeiro:

— Cordeiro, vamos embora. Eu vou na tua 2^o secção. O guia que nos leve ao vau para atravessarmos o rio. Vamos com cuidado. A sul do rio não devemos ter problemas. A norte veremos depois o que temos de fazer.

Com estas instruções a companhia iniciou o movimento. À frente, quilómetros de bolanha queimada onde a tropa não teria um único abrigo de fogo, de vistas ou de sol que, por volta das dez horas, ia começara a apertar. A partir deste momento toda a iniciativa pertenceria aos guerrilheiros. Sabiam da presença da tropa, observavam os seus movimentos e decidiam onde emboscar a coluna. Situação triste para os oficiais que tinham conhecimento total da sua incapacidade motivada pela má escolha do local de desembarque. No coração do capitão havia raiva contra os burocratas que planearam a operação. Eles erraram e a tropa é que tinha de pagar a factura do erro.

À medida que penetravam na bolanha e deixavam para trás a sombra amiga da mata, o sol começava a aquecer. Ao longe viam outra enorme mata atravessada pelo rio situado à esquerda. Era este o rio que tinham de atravessar no único local que existia. Os guerrilheiros, que conheciam bem a zona, sabiam que a travessia não podia ser noutra local.

Levavam já cerca de uma hora de marcha através da bolanha quando o capitão avistou a cerca de 600 metros, dois guerrilheiros que os observavam. Chamou o apontador do canhão sem recuo.

— Vês aquelas árvores além à nossa frente? Faz duas granadas para lá. Estão lá a observar-nos e eu quero, no mínimo, assustá-los.

As granadas foram disparadas e os guerrilheiros desapareceram. Pelo menos ficaram a saber que a tropa não levava só espingardas. Ainda mal tinham acabado os ecos dos rebentamentos, quando ao longe, em frente e um pouco à esquerda, se começam a ouvir violentos rebentamentos de morteiro. Foram quatro ou cinco rebentamentos espaçados. Parecia que os guerrilheiros estavam a regular o tiro para um local ainda desconhecido mas que na sua opinião a companhia teria de atravessar. O capitão sorriu e mandou continuar a marcha, procurando saber onde era o vau. Ficava na orla da mata, muito perto do local onde se pensava estar o acampamento dos guerrilheiros. Mais uma vez iam atravessar o rio num sítio não aconselhável. Eles podiam estar à espera da tropa, preparados para lhe dar uma grande sova. Chegados ao vau o capitão deu novas instruções aos seus comandantes de pelotão.

— Aqui Cristo. Estamos a chegar ao vau do rio Bundo Haré. Julgo que dentro de meia hora o Cordeiro começará a atravessar. O local é muito mau, pelo que observo daqui. Há um monte em forma de ferradura em que as pontas quase tocam no rio. Pelo que diz o guia o vau é no centro da ferradura. Ao atravessarmos ficamos num buraco com elevações à frente a cerca de 300 metros e dos lados a cerca de 100 metros. Temos de sair desse buraco muito rapidamente. Vamos proceder da seguinte maneira:

— O Cordeiro avança rapidamente e tenta sair subindo o monte no centro da ferradura. Tem de andar cerca de 300 metros, em zona muito exposta no caso de eles estarem à nossa espera. O Oliveira atravessa o rio, vira logo à direita e tenta subir o monte nessa ponta da ferradura. O Carvalho vira à esquerda e vai subir o monte a meio desse lado da ferradura. Apoia e apoia-se no Cordeiro. O Henriques vai atrás do Carvalho para o que der e vier. Encostem-se o mais rapidamente à base do monte, afastem-se do meio da ferradura, que pode ser um ponto perigoso se os gajos aí estiverem à nossa espera. Cuidado Oliveira, pois, de todos nós, és o que ficas mais próximo dum provável acampamento. Eu vou com o Cordeiro. Diga se entendido, escuto.

Todos os comandantes de pelotão reportaram entendido e o capitão falou com o comandante da outra companhia.

— Virgílio, aqui Cristo. Estamos quase no vau do rio. Eu vou atravessar. O local é mau, temos um monte em frente. Os gajos podem estar à nossa espera. Fica atento a tudo o que se passe na minha área e não percas a ligação rádio e de vistas. Diga se entendido, escuto.

— Cristo, aqui Virgílio. Entendido, escuto.

— Virgílio, terminado.

Passado um quarto de hora os primeiros homens da companhia de Bedanda começaram a travessia. A água dava-lhes pela barriga e o rio devia ter uns vinte metros de largura. Do vau para a foz as margens eram desprovidas de vegetação, mas para a nascente a vegetação era densa e estendia-se até à mata que devia estar a quinhentos metros do vau. O pelotão do Cordeiro atravessou o rio e rapidamente percorreu os trezentos metros que o separavam da parte central da elevação. A seguir o Oliveira aproxima-se da base oriental da elevação, enquanto o Carvalho seguia para a parte ocidental, levando consigo o pelotão do Henriques.

No meio de um silêncio total começa a cantar uma metralhadora à retaguarda do capitão.

— Henriques, aqui Cristo. Ouço tiros aí à retaguarda. Informe o que se passa, escuto.

— Cristo, aqui Henriques. Uma metralhadora instalada algures na mata à nossa direita abriu fogo sobre o rio batendo toda a zona do vau. Eu consigo passar mas a outra companhia está detida, escuto.

— Henriques, aqui Cristo. Tente ligação com eles para saber o que se passa. Terminado.

Mal tinha terminado a conversa com o Henriques o tiroteio rebenta por todos os lados. Eram armas automáticas acompanhadas de rebentamentos de morteiros e bazucas. Rapidamente toda a baixa onde devia estar a outra companhia foi varrida por intenso fogo. Os rádios começaram a falar.

— Cristo, aqui Oliveira. Estou a ser batido por intenso fogo de metralhadora. Estou na base da elevação e não posso avançar. Rebutam granadas atrás de mim que me impedem de procurar outra posição, escuto.

— Cristo, aqui Carvalho. Também estou a ser batido por fogo intenso. Não consigo avançar. Os guerrilheiros estão em cima da elevação e batem toda a encosta à minha frente, escuto.

— Cristo, aqui Cordeiro. Estou sob fogo intenso. Só com muitas baixas poderia tentar avançar. Os rebentamentos atrás de mim são mais que muitos, escuto.

— Henriques, aqui Cristo. O que se passa com a outra companhia?

— Cristo, aqui Henriques. Onde estou vejo alguma coisa da outra margem do rio. Não vejo nenhum soldado. Penso que a companhia se encontra abrigada na margem de lá mas não podem passar. As metralhadoras enfiam o rio e não se calam. Os gajos conseguiram separar as duas companhias e vão ajustar contas separadamente, escuto.

— Henriques, aqui Cristo. Estás a ser batido por fogo inimigo? Escuto.

— Cristo, aqui Henriques. Negativo. Vejo o Carvalho à minha frente mas os tiros desta encosta só se destinam a eles. Estou é no meio do rebentamento de granadas de morteiro, escuto.

— Henriques, aqui Cristo. Presta bem atenção. Estamos metidos numa grande alhada. Eles ocupam as elevações e procuram arrumar-nos. O Carvalho está detido e o Oliveira também. Da outra companhia não sabemos nada a não ser que ficou na outra margem e que não passa enquanto não fizermos calar os gajos. Preciso de ti. Retira até ao rio e procura subir o monte junto ao rio. Assim que chegares lá cima abre fogo sobre tudo o que mexer e bate toda a zona para ver se conseguimos sair deste buraco. Sai rapidamente da zona das morteiradas. Diga se entendido, escuto.

— Cristo, aqui Henriques. Entendido. Vou fazer isso, escuto.

— Henriques, correcto. Terminado.

—Cordeiro, Carvalho, Oliveira, aqui Cristo. O Henriques vai tentar o envolvimento. Abriguem-se na base da elevação e deixem o centro do terreno, onde caem as granadas,

para terra de ninguém. Respondam ao fogo mas poupem munições. Não sabemos nada da outra companhia que ficou do lado de lá do rio. Estou a tentar a ligação para pedir apoio. Digam se entendido, escuto.

— Cristo, aqui Cordeiro. Entendido. Isto está insuportável, escuto.

— Cristo, aqui Carvalho. Entendido. Não sei se aguento, escuto.

— Cristo, aqui Oliveira. Entendido. Estou debaixo de fogo intenso e vejo o acampamento deles na mata junto ao rio a cerca de trezentos metros daqui.

Com os comandantes de pelotão a relatarem a situação de cada um, rebenta novo tiroteio à retaguarda e à direita, e ouviu-se a voz do Henriques.

— Cristo, aqui Henriques. Não posso avançar mais. Estou no meio da encosta, eles estão no alto e abriram fogo intenso sobre mim. Isto está um inferno. Não sei se aguento, escuto.

— Henriques, abriga-te e aguenta que nós também aguentamos e não estamos melhor do que tu. Terminado.

— A todos os comandantes de pelotão, aqui Cristo. Não consigo ligação com a outra companhia. Não consigo apoio aéreo que tem que vir de Bissau, e se não resolvemos nós o problema quando os aviões chegarem já nós estamos no outro mundo. Eu vou subir o monte com o Cordeiro. Vamos dividir o pelotão em dois e avançar alternadamente apoiando-nos um ao outro. Fogo em movimento como vos ensinaram em Mafra. Iniciamos o movimento dentro de dez minutos. Todos os pelotões concentram o seu fogo de morteiro 60 e bazuca na elevação central por cima da minha posição e do Cordeiro. Vou lançar uma granada de fumo para o objectivo. Concentrem aí o vosso fogo. Aos guerrilheiros que estão à vossa frente respondam só com armas ligeiras. Concentração de fogos dentro de cinco minutos. Vou arrancar dentro de dez minutos. Nessa altura cessam os vossos fogos. Digam se entendido, escuto.

Todos entenderam, e o capitão acrescentou:

— Aqui Cristo. Se nos acontecer alguma coisa comanda o Carvalho. Acho que deve retirar e juntar-se à outra companhia. Terminado.

O capitão acercou-se do Cordeiro.

— Cordeiro. Tu ficas com essas duas secções. Eu levo o pessoal do comando e a outra secção. Subimos em lanços de dez metros pelo monte acima. Enquanto um avança, o outro instala-se e faz fogo. Percebeste?

— Percebi.

— Põe os teus morteiros e bazucas a bater lá em cima que os outros pelotões já começaram. Cinco minutos e eu avanço. Depois abrigo-me e tu avanças. Quem estiver abrigado faz fogo com tudo o que tiver e com a maior intensidade possível. Temos que subir este monte. Encontramo-nos lá em cima ou no inferno. Boa sorte.

Depois de intenso tiroteio o capitão avançou com os seus homens pelo monte acima. Assim que se abrigaram o Cordeiro avançou do outro lado com os seus homens que comandava directamente. Combatendo e avançando. Alternando-se, os dois grupos avançaram mais de duzentos metros sem que o tiroteio diminuísse. Já estavam para lá da meia encosta quando o tiroteio terminou. O capitão mandou parar o fogo dos outros pelotões para avaliar a resistência do inimigo. Parece que já não havia mais guerrilheiros para resistir. Os que sobraram retiraram em debandada. Quando chegaram ao cimo viram homens a fugir em correria louca, fugindo da zona de combate como o diabo da cruz. O capitão mandou o Cordeiro avançar e transmitiu depois as seguintes ordens:

— Carvalho, Henriques, Oliveira, aqui Cristo. O Cordeiro e eu estamos no cimo da elevação. Os guerrilheiros retiraram. Ainda os vimos a correr em direcção a Salancaur ou Nhai Grande. O Cordeiro recuperou todo o seu pelotão. Ficou instalado na orla da mata depois da elevação. O Oliveira avança sobre a mata junto ao rio onde julgo que está o acampamento. Cuidado com as armadilhas. Não fica nada de pé. Carvalho e Henriques, subam o monte e explorem um quilómetro da mata à nossa frente. Regressem depois à elevação. Vou pedir evacuações e reabastecimentos. Os homens

para evacuar devem ser levados para o centro da elevação onde me encontro. Quero saber as munições que têm.

— Cristo, aqui Carvalho. Não tenho nem granadas de morteiro nem de bazuca. No resto ainda estou bem, escuto.

— Cristo, aqui Oliveira. Igual ao Carvalho. Tenho 7,62 suficientes e poucas granadas de mão que gastarei no acampamento, escuto.

— Cristo, aqui Henriques. Não tenho granadas, nem de morteiro nem de bazuca. Em 7,62 estou bem, escuto.

— Cristo, aqui Cordeiro. Eu já estou praticamente sem munições. Preciso de reabastecimento urgente, escuto.

— Carvalho, tens o Tala contigo. Pergunta-lhe como está de munições, escuto.

— Cristo, aqui Carvalho. O Tala praticamente não fez fogo. Está ótimo.

— Carvalho, aqui Cristo. Mande dois ou três homens do Tala ver se trazem a outra companhia para junto de nós. O resto do pelotão do Tala desloca-se para junto do Cordeiro e dá-lhe metade das suas munições. Diga se entendido, escuto.

— Cristo, aqui Carvalho. Entendido, escuto.

— Cordeiro, aqui Cristo. O Tala vai ter contigo e dá-te metade das munições que tem que tu distribuis pelos teus homens. Tens que te governar assim até chegarem os reabastecimentos. Aguenta a barra aí e monta a segurança para o helicóptero. Terminado.

— Carvalho, Oliveira, Henriques, aqui Cristo. Cumpram agora as instruções recebidas e regressem depois ao local onde me encontro, no cimo da elevação. Terminado.

— Bedanda, aqui Cristo, escuto.

— Cristo, aqui Bedanda. O vosso tiroteio parecia um inferno. Diga o que se passou, escuto.

— Bedanda, aqui Cristo. Fomos emboscados no pior local. Problema resolvido. Tenho feridos para evacuação urgente. Necessito de duas viagens. Preciso de seis cunhetes 7,62 e granadas de morteiro 60 e bazuca. Mandem também algumas granadas de mão. Perdi o contacto com a outra companhia. Diga se sabe algo dela.

— Cristo, aqui Bedanda. Vamos mandar o helicóptero com munições. As que não forem na primeira viagem vão na segunda. A outra companhia está bem. Ficou do outro lado do rio. Não conseguiu atravessar devido ao intenso tiroteio sobre o vau. Estão preocupados convosco pois dizem que o tiroteio era intenso e nem pelo rádio nem à vista conseguiram ligação convosco, escuto.

— Bedanda, aqui Cristo. Já mandei alguns homens buscar a outra companhia. Estou perto de Nhai no cimo da elevação a cerca de seiscentos metros a norte do rio. Vou sinalizar a posição para o helicóptero. Os guerrilheiros retiraram e eu quero ir atrás deles. Despachem os reabastecimentos e as evacuações. Terminado.

A posição foi reorganizada com os pelotões do Tala e do Cordeiro. O Oliveira estava dentro do acampamento. Era uma fortificação com abrigos e trincheiras entre eles. Não se percebe que tenham retirado com uma posição tão fortificada. Para os desalojar dos abrigos era preciso combater muito. O Carvalho e o Henriques perseguiam os guerrilheiros. Já se encontravam afastados mais de dois quilómetros e não queriam voltar para trás. O capitão falou-lhes.

— Carvalho, Henriques, aqui Cristo. Regressem imediatamente para junto de mim.

— Cristo, aqui Carvalho. Deixe-nos ir um pouco mais atrás destes gajos. Eles têm boas pernas mas nós também. Não descansamos enquanto não agarrarmos alguns à mão, escuto.

— Regressem imediatamente. Não quero mais a companhia dividida. Voltem para trás nem que estejam quase a deitar-lhes a mão, escuto.

— Não concordo mas vou regressar.

— Carvalho, aqui Cristo. Terminado.

Naquela posição, com os homens instalados defensivamente, foram evacuados os feridos e recebeu-se o reabastecimento de munições. Podiam aproveitar a pausa e o descanso para comer e os soldados assim fizeram. Depois da evacuação e do reabastecimento iniciou-se a progressão. Bateram toda a zona e não houve casa que ficasse de pé. Os soldados estavam tão furiosos que não havia nada que escapasse à sua fúria destrutiva.

Cerca das cinco horas da tarde o comandante do batalhão sobrevoou a zona na DO.

— Cristo, aqui pássaro. A vossa missão foi totalmente cumprida. Operação terminada. Regressem aos quartéis. Vocês só tinham que chegar a Nhai Grande. Essa povoação já foi destruída e já ficou para trás, escuto.

— Pássaro, aqui Cristo. Ainda vejo casas aqui à minha frente, a cerca de um quilómetro. Vou destruí-las e depois sigo para o quartel.

— Cristo, aqui pássaro. Negativo. Regresse imediatamente. Já está quase em Salancaur. Repito. Comandante do batalhão ordena regresso imediato. Entendido? Escuto.

— Pássaro, aqui Cristo. Entendido. Vou regressar, escuto.

— Cristo, aqui pássaro. Terminado.

— Todos os comandantes de pelotão, aqui Cristo. Vamos regressar. Operação terminada. Vamos pela mata para casa. O Cordeiro à frente escolhe os caminhos com os guias. Depois o Carvalho, o Henriques e o Oliveira que deve prestar atenção à ligação com a outra companhia. Digam se entenderam, escuto.

Os comandantes de pelotão reportaram terem entendido. O capitão seguiria com o Cordeiro e reportou terminado.

— Virgílio, aqui Cristo, escuto.

— Cristo, aqui Virgílio, escuto.

—Virgílio, terminou a operação. Vamos regressar a Bedanda. Pela mata. Segue atrás de mim O último pelotão é o do alferes Oliveira. Não te percas dele. Diz se entendeste, escuto.

— Cristo, aqui Virgílio. Entendido, escuto.

— Virgílio, terminado.

Assim terminou a operação a Nhai. A companhia de Bedanda teve oito feridos evacuados para Bissau. Foi um duro combate em que os guerrilheiros tinham apostado na destruição da tropa de Bedanda. Só a coragem e a experiência destes soldados e um comando eficiente impediu a destruição e transformou, o que parecia ser uma derrota, numa estrondosa vitória que impôs, ainda mais, o domínio desta tropa em toda a zona, mesmo entre os guerrilheiros e as povoações do mato. Só passados três dias vieram a Bedanda as primeiras mulheres de Nhai. O capitão mandou reuni-las para lhes falar.

— Outro dia eu disse que havia de ir a Nhai e que os vossos maridos e filhos fugiriam sum a galinha. Vocês não acreditaram no nosso capitão. Mas tropa de Bedanda foi lá e os guerrilheiros fugiram. Tropa de Bedanda não tem medo, vai a todo o lado que nosso capitão queira. Nosso capitão há-de voltar a Nhai. Espero que nessa altura os guerrilheiros não tenham medo e combatam como machos. Podem ir embora e dizer aos vossos maridos que viram o capitão de Bedanda e que ele está muito triste porque os homens de Nhai são mais galinha do que macho.

Com muitos salamaleques as mulheres foram embora pensando que o capitão de Bedanda era macho e fazia o que prometia. Soube-se depois, através das mulheres do mato, que a emboscada tinha sido comandada por cubanos. O comandante da operação, um cubano forte, ficou ferido. Uma bala raspou-lhe a cabeça e fez-lhe um risco na parte superior do couro cabeludo. Quase que o matava. Ao ver o que lhe aconteceu assustou-se e deu ordem de retirada. Com a tropa atrás deles e com feridos às costas, passaram um mau bocado. O comandante cubano esteve quase a ser apanhado à mão. Apanharam tamanho susto que só pararam em Salancaur. Foi este um dos grandes combates entre a tropa de Bedanda e os guerrilheiros, que utilizaram pela primeira vez princípios da guerra clássica. A sorte da companhia foi estar na base da encosta quando o tiroteio começou. Os guerrilheiros, que estavam no cimo,

estavam impedidos de fazer tiro certo, do tipo tiro ao alvo, com as armas de tiro tenso. O seu fogo de morteiro, centrado entre os dois braços da elevação numa zona praticamente sem tropa, também não alvejou a companhia. É preciso reconhecer, no entanto, que do lado da guerrilha a operação foi muito bem planeada e correctamente executada, demonstrando elevados conhecimentos tácticos e técnicos e grande capacidade de adaptação às realidades das operações que a conduta sempre determina.

VAMOS A COBUMBA

— Armando, vai chamar os nossos Alferes.

— Sim, nosso capitão.

Os subalternos acabaram de chegar.

— Meus senhores, vamos a Cobumba esta noite. Amanhã, ao raiar da aurora, quero estar do lado de lá do rio. Vamos todos e levamos duas secções do Tala. Todos conhecemos a zona à excepção do Henriques. O Cordeiro e o Carvalho devem fazer amanhã a última saída em força. Depois de amanhã chega o substituto do Cordeiro e já chegou a mensagem a colocar aqui um alferes para substituir o Carvalho. Vamos a Cobumba e depois metemo-nos pela mata dentro e só paramos no cruzamento para Empada para tentarmos localizar e destruir o acampamento dos guerrilheiros nessa área. Já tinham ido várias vezes a Cobumba, tratava-se agora apenas de mais uma. Havia no entanto um problema. Como têm dado muita pancada nos guerrilheiros, eles devem estar com uma vontade louca de arrumarem a companhia. Era preciso muito cuidado e não dar passos em falso. Começariam a atravessar o rio pelas quatro da manhã. O Oliveira trataria de fazer chegar lá um barco para o atravessamento, nomeando alguns dos seus homens para levarem o barco, trazerem-no de volta depois da travessia e voltarem lá depois para o regresso. O habitual. O capitão disse:

— Atravessa o rio em primeiro lugar o Carvalho e desloca o pessoal para a orla da mata de Cobumba que separa a povoação da bolanha de Pericuto. A seguir o Oliveira que conduzirá o seu pelotão para a orla da mata que separa Cobumba, da bolanha do rio Camaquebom. Levo comigo duas secções do Tala. A seguir o Cordeiro e o Henriques. Eu vou com eles. Seguimos pela orla da estrada direitos à povoação, o Cordeiro do lado direito da estrada, o Henriques do lado esquerdo. Eu estarei sempre próximo ou sobre a estrada que atravessa a povoação, como sabem. É aí que vai ficar o posto de comando da companhia e daí acompanharei, passo a passo, o avanço do Cordeiro e do Henriques. A povoação será completamente destruída. Os responsáveis pela destruição serão o Cordeiro e o Henriques, cada um na área respectiva. O Carvalho e o Oliveira garantem a segurança impedindo reforços de Cabolol e Chugué.

À ordem, sendo possível e necessário, cercam a povoação pelo lado do cruzamento de Empada, isolando-a do mato. Para os lados de Cabolol andarão a companhia de Cufar e a companhia de intervenção de Catió. Ao longo do dia funcionará um PCA do batalhão e um helicóptero ficará estacionado em Cufar. Têm alguma dúvida?

— Não senhor — disse o Cordeiro. — O meu capitão, no entanto, não falou no emprego de meios, nem de artilharia, nem de morteiros, acho que os poderíamos utilizar.

— Tens razão, esqueci-me da artilharia. Quando chegares ao teu pelotão manda-me o alferes artilheiro. Vamos usar fogo de artilharia sobre Cobumba. Quanto aos morteiros 81 não os vamos utilizar. Levamos os morteiros 60. Para os 81 teria que constituir uma base de fogos no porto exterior. Prefiro ter mais um pelotão comigo em Cobumba. Dúvidas?

— Nenhumas, meu capitão — disseram os alferes.

— Levamos ração de combate para um dia e 6 granadas de bazuca por cada arma e 10 granadas por cada morteiro. Podem ir tratar dos vossos pelotões. Saímos às três horas da manhã.

Passado momentos entra o 1º sargento, que o capitão tinha mandado chamar pelo Armando, bem como o sargento de transmissões, o vagemestre e o Lassen.

— Vamos sair esta noite e vão comigo todos os alferes. Você, como 1º sargento da companhia, fica a comandar e já sabe como é. Pronto para reabastecer o que eu pedir e para receber os evacuados. Quando chegarmos quero sopa para toda a gente. Dúvidas?

— A que horas, meu capitão?

— Saio às 3 da madrugada. A partir dessa hora o quartel é seu. Agora pode sair e até logo.

— Até logo, meu capitão. E sorte.

Aos sargentos de transmissões e vagemestre o capitão disse:

— Saio às 3 horas da madrugada, com 4 pelotões e 2 secções do Tala. Rações de combate para um dia e sopa quente à chegada. Quero bons rádios connosco para ligação entre pelotões, aqui para a Companhia, para o PCA e para o helicóptero. Quero que ajudem o nosso primeiro na minha ausência, Dúvidas?

— Eu não tenho — disse o vagemestre.

— Eu não posso ajudar o nosso primeiro porque nesta operação eu vou com o meu capitão. Como tenho de utilizar um operador com pouca experiência, eu acompanho-o para desenrascar se ele falhar.

— Está bem. Diga isso ao nosso primeiro. Saímos às 3 horas da manhã. Agora podem retirar-se e até logo.

— Até logo, meu capitão.

Entra o Lassen.

— Dá licença meu capitão?

— Entra cá, meu malandro. Por onde tens andado? Estou à tua espera há mais de quanto tempo!

— Nosso capitão esquece que Lassen é casado. Fui a casa mas já estou aqui à porta há um bocado.

— Bem, Lassen. Vamos sair às 3 da manhã. Prepara as minhas coisas e avisa o Joãozinho. Chama-me o nosso alferes artilheiro. Podes ir.

E o Lassen foi, enquanto o capitão ficou a olhar para a carta que tinha à frente e tentava visualizar o terreno que tão bem conhecia e prever os locais onde os guerrilheiros o poderiam esperar. Sabia que eles iriam reagir. Se não reagissem à tropa de Bedanda perderiam crédito junto das populações que controlavam. As que se encontravam em áreas controladas pela tropa eram bem tratadas e muito apoiadas pelos militares. Sobre as que viviam no mato a tropa exercia uma acção psicológica intensa, tanto através de acções de combate como através de conversas com as mulheres do mato, procurando diminuir o prestígio e a influência da guerrilha. Esta técnica dos militares de Bedanda começava a dar os seus frutos, pois de vez em quando

havia mulheres e crianças que, cansadas da vida do mato, se apresentavam em Bedanda para aí viverem. Algumas dessas mulheres casavam depois com soldados ou milícias e passavam a ter uma vida boa e sossegada, quando comparada com a que tinham no mato. Era aquilo a que o capitão chamava a guerra total. Resumia-se a utilizar todos os meios ao dispor para, por um lado, melhorar a vida das populações sob protecção da tropa, mas por outro, dificultar a vida das populações do mato, de modo a que, no confronto das situações, a tropa aparecesse mais prestigiada.

Entretanto chegou o alferes artilheiro para receber as ordens do capitão.

— Vamos esta noite para Cobumba. Vamos lá passar o dia de amanhã, entre a povoação e o mato dos arredores até ao cruzamento de Empada. Quero apoio de fogos. Arranjas um croqui que registe os locais com fogo já planeado, numeras esses locais e entregas-me antes de eu sair. É por esse croqui que eu vou pedir apoio de fogos, se precisar. Percebeste bem o que eu quero?

— Sim senhor, meu capitão. Dentro de duas horas tem esse croqui nas suas mãos.

— Obrigado. Podes sair e até logo.

— Até logo.

Todas as ordens estavam dadas. Agora era aguardar a hora de partir e pensar que mais uma vez iriam ter sorte. Cobumba, embora pertencesse à área de intervenção de Cufar, era patrulhada pela companhia de Bedanda. A companhia de Cufar, para ir a Cobumba, tinha que atravessar Cabolol, mas os guerrilheiros aí instalados não deixavam. E Cobumba era muito importante para Bedanda por causa do seu porto exterior, situado mesmo em frente, e onde chegavam os barcos de reabastecimento. Era a companhia de Bedanda a principal interessada em criar dificuldades à guerrilha de Cobumba. Daí a presença frequente da tropa de Bedanda nessa área e a resistência que os guerrilheiros normalmente ofereciam à penetração na povoação e na mata anexa.

O capitão jantou e foi cedo para o seu quarto. Devia ir dormir até às duas horas da manhã. Era preciso descansar para estar fresco quando chegasse o momento de combater. Saiu do quarto às três da manhã com a sua G3 e com as suas granadas nos

bolsos do camuflado ou presas no cinturão do equipamento. Estava pronto para o que desse e viesse. O Lassen esperava-o.

— Estamos prontos, Lassen?

— Sim, nosso capitão. Estamos todos à sua espera. Os nossos alferes e o Tala têm os pelotões formados e prontos a iniciarem o movimento.

— Diz-lhes que eu vou à frente com o Carvalho que deve iniciar o movimento já. Que ninguém se atrase. Ao passarmos pela cantina junta-se a nós o pelotão do Cordeiro e na povoação o do alferes Oliveira. Vamos.

Assim se iniciou o movimento, todos calados. Na cantina e na povoação juntaram-se os outros pelotões. O capitão quis falar com o Oliveira e com o Carvalho.

— Oliveira, decidi entretanto e por isso manda seguir para o porto exterior numa viatura pesada, um barco com motor fora de borda. Deve lá estar dentro de uma hora. O Carvalho passa a 1ª secção a remos, e depois disso acabou-se a surpresa e toda a travessia é feita com motor para ser mais rápido. Vamos ver se resolvemos de vez este problema de Cobumba. Se eles estiverem à nossa espera, tanto melhor porque eu ando-lhes com um pó que nem imaginam.

— Tenho dois barcos preparados. Sendo assim eu poderia mandar os dois e a travessia seria mais rápida.

— Concordo. Tens cinco minutos para dares as tuas ordens e depois avançamos. Vais atrás do Carvalho.

Passados cinco minutos e sem mais ordens do capitão, a companhia iniciou o movimento e passada uma hora chegaram ao porto exterior ao mesmo tempo que chegava a viatura. Só um pelotão se encontrava estacionado. Era o pelotão do Carvalho, o primeiro a atravessar. Os outros estavam parados ao longo da estrada e só avançariam, um a um, à medida que cada um fosse atravessando. Todos sabiam que as concentrações no porto eram perigosas. Ninguém queria correr riscos desnecessários. O capitão assistia ao embarque.

Assim que o Carvalho terminou a travessia, garantiu a segurança do outro lado e seguiu-se o Oliveira. Na povoação cães começaram a ladrar. Sinalizavam movimentações, sem dúvida de mulheres e crianças, de homens a retirar ou, pelo contrário, de reforço por guerrilheiros da zona a fim de ocuparem as posições mais convenientes para enfrentarem a tropa. Os homens da companhia estavam calmos. Sabiam, por experiência própria, que teriam de combater, e que alguns deles poderiam ficar feridos ou mesmo morrer. Todos pensavam que o azar, a surgir, só bateria à porta dos outros. Eles mais uma vez se iriam safar e acabar por pôr os guerrilheiros em debandada. Sabia-se o que significava cães a ladrar em Cobumba. Com a travessia do Oliveira seguiu-se o pelotão do Cordeiro e o capitão atravessou também. O capitão, já do outro lado, deu ordens ao Carvalho e ao Oliveira para avançarem para as suas posições pois estava quase a raiar a aurora e o capitão queria que as posições fossem ocupadas ainda de noite.

O Carvalho e o Oliveira, cada um por seu lado, contornaram a povoação antes de se instalarem nos objectivos, enquanto o capitão aguardava a travessia do Henriques. Já era dia quando a travessia do Cumbijã terminou. Antes de prosseguirem o capitão falou com o Henriques e com o Cordeiro.

— Não sei se os gajos estão à nossa espera ou se retiraram. Os cães estão fartos de ladrar o que significa que tem havido movimento na povoação. Pelo menos mulheres e crianças foram retiradas pois houve tempo para isso. Julgo que estão à nossa espera em Cobumba, na orla ou lá dentro. Temos pela frente cerca de dois quilómetros de bolanha sem possibilidade de não sermos vistos. Vamos apanhar o touro, como se diz, pelos cornos. O Henrique segue pela esquerda da estrada e o Cordeiro pelo lado direito. Eu vou por dentro ao lado da estrada até à povoação. Aí, entro na estrada e levo comigo o sargento enfermeiro. Os feridos serão evacuados para a estrada. Abram o mais possível os vossos homens para oferecerem um alvo menor e poderem reagir mais rapidamente. Ninguém entra nas casas sem primeiro atirar uma granada. As casas podem estar armadilhadas ou terem alguém à nossa espera. Avançar rapidamente mas em segurança. Sorte para todos. Avançamos dentro de cinco minutos. O Carvalho e o Oliveira já estão em posição.

Com estas instruções iniciou-se o movimento. Os homens espalharam-se pela bolanha de um e do outro lado da estrada. Era dia claro. O cães calaram-se. Homens tensos avançando com o dedo no gatilho. Andaram cerca de mil e quinhentos metros em direcção da orla da mata. Mais uns minutos e o pior estaria passado. Quando estavam a cerca de cem metros da mata do outro lado da bolanha, o tiroteio começou. Os guerrilheiros estavam na orla da mata à espera da tropa.

— Henriques, Cordeiro aqui Cristo. Abrir mais e prosseguir com fogo em movimento, metade do pelotão avança, a outra metade faz a cobertura. Fogo de morteiro 60 sobre a povoação. Usem as bazucas. Vou pedir apoio de fogo ao Oliveira e ao Carvalho. Oliveira e Carvalho morteiro 60 sobre a povoação. O Henriques e o Cordeiro estão a 100 metros da mata e continuam a avançar. Fogo rápido. Digam se entendido, escuto.

— Cristo, aqui Carvalho. Entendido. Aqui, morteiro inicia fogo, escuto.

— Cristo, aqui Oliveira. Entendido, escuto.

Os alferes Cordeiro e o Henriques reportaram de igual modo. Ouviram-se rebentamentos atrás das posições dos guerrilheiros que ficaram surpreendidos e abrandaram o fogo. Tinham sido apanhados de surpresa. Não contavam com a tropa tão próxima e já infiltrada. Ao sentirem-se ameaçados começaram a retirar.

— Cristo, aqui Cordeiro. Parece que já retiram. Eu tenho feridos e vou avançar agora mais rapidamente para a orla da mata. Os meus primeiros homens estão a cinquenta metros. Escuto.

— Cordeiro, aqui Cristo. Avance rapidamente. Deixe alguém com os feridos. Vou mandar-lhe o sargento enfermeiro.

— Henriques, o que se passa consigo? Escuto.

— Cristo, aqui Henriques, Estou a chegar à mata. Tenho dois feridos. Os gajos retiraram, escuto.

— Carvalho, Oliveira, aqui Cristo. Os guerrilheiros estão em retirada e podem passar por aí. Fiquem atentos, escuto.

— Cristo, aqui Carvalho. Eu vi-os a fugir. Passaram perto de mim. Abri fogo e aceleraram o passo. Corriam que se fartavam. Acho que levaram para tabaco, escuto.

— Cristo, aqui Oliveira. Estamos atentos. Aqui ainda não vimos ninguém. Por aqui eles não passaram, escuto.

— Carvalho e Oliveira, aqui Cristo. Temos feridos. Avancem para a retaguarda da povoação e montem segurança na orla da mata para lá da povoação. Vamos para isso aproveitar a clareira para as evacuações. Vou dar ordem para destruir a povoação. Aguentem e quando ocuparem as novas posições passem a comunicar. Terminado.

— Cordeiro, Henriques, aqui Cristo. Quero que aguentem à entrada da povoação. Destruição só à minha ordem. Vamos esperar que o Carvalho e o Oliveira ocupem as novas posições. Digam se entendido, escuto.

— Cristo, aqui Cordeiro. Entendido. Um dos meus feridos é grave e preciso de o evacuar. Já estão na estrada, escuto.

— Cristo, aqui Henriques. Entendido. Os meus feridos também já estão na estrada, escuto.

— Cordeiro, Henriques, aqui Cristo. Já estive com os vossos feridos. Está tudo controlado. Vou pedir a evacuação através da companhia pois não consigo ligação com o PCA nem com o helicóptero. Terminado.

— Bedanda, aqui Cristo. Tenho seis feridos. Dois graves. Preciso de evacuação urgente. Solicite-a ao Comando de Batalhão porque eu não consigo ligação, escuto.

— Cristo, aqui Bedanda. Vou falar para Catió e depois volto a falar consigo. Terminado.

— Cristo, aqui Carvalho. Estou na posição.

— Cristo, aqui Oliveira. Estou na posição, escuto.

— Carvalho, Oliveira, estabeleçam ligação um com o outro na estrada para o cruzamento de Empada. Vou dar ordem para iniciar a busca e destruição.

— Cordeiro, Henriques, podem agora iniciar a busca e destruição da povoação. A estrada é o vosso limite. Assim que acabarem digam para podermos montar a segurança para as evacuações. Digam se entendido, escuto.

— Entendido — reportaram o Cordeiro e o Henriques.

— Cristo, aqui Bedanda. O PCA vai levantar agora. Estará aí dentro de meia hora. Diga se entendido, escuto.

— Bedanda, aqui Cristo. Entendido. Diga se tem mais alguma coisa para mim, escuto.

— Cristo, aqui Bedanda. Negativo. Fique à escuta. Terminado.

Entretanto continuava a destruição da povoação. Os feridos foram todos tratados e nenhum se encontrava em perigo de vida. Podiam aguardar o helicóptero sem problemas. Entretanto a destruição acabou e o capitão voltou a falar pelo rádio.

— Cordeiro, aqui Cristo. Reúne o teu pelotão e instala-te frente a Pericuto junto da clareira onde vou mandar colocar os feridos. Monta segurança tanto para os feridos como para as evacuações. Diga se entendido, escuto.

— Cristo aqui Cordeiro. Entendido.

— Cordeiro, aqui Cristo. Tenta ligar-te com o Carvalho que está na mata à tua esquerda, frente ao cruzamento de Empada. Terminado.

— Henriques, aqui Cristo. Monta segurança na retaguarda. Passa parte dos teus homens para o outro lado da estrada e coloca-os frente à povoação para evitarmos surpresas. Diga se entendido, escuto.

— Cristo, aqui Henriques. Entendido, escuto.

— Oliveira, coloca o Tala frente a Cabolol para fecharmos o quadrado. Vou pôr os feridos e o posto de comando no centro da clareira. Diga se entendido.

— Cristo, aqui Oliveira. Entendido. Eu coloco os homens do Tala.

Entretanto começou a ouvir-se o barulho do avião. Era o PCA que se aproximava. Estabeleceu ligação de imediato.

— Cristo, aqui Pássaro. Escuto.

— Pássaro, aqui Cristo. Tenho seis feridos, dois parecem graves. Ainda tenho outro objectivo e só o posso alcançar depois das evacuações. Solicito helicóptero urgente.

— Cristo, aqui Pássaro, não há evacuações. O heli foi necessário noutra local. Pegue nos feridos e siga para o segundo objectivo. Escuto.

— Pássaro, tenho feridos. Não posso ir ao acampamento dos guerrilheiros e bater a mata com um pelotão fora de combate, porque tenho seis feridos e os outros têm que os transportar. O helicóptero estava previsto e ou ele vem ou eu retiro para Bedanda e esqueço o segundo objectivo. A decisão é vossa. Eu não combato com feridos às costas. Já levei uma sova e levarei outra se ficar muito tempo neste sítio. Dentro de uma hora se o helicóptero não tiver chegado, retiro. Não dou nem mais um minuto, escuto.

— Cristo, aqui Pássaro. Não se precipite. Eu vou enviar o helicóptero com urgência mas poderá demorar mais de uma hora. Terminado.

— Cristo, aqui Tala, escuto.

— Tala, aqui Cristo, escuto.

—Cristo, há movimento de guerrilheiros à minha frente. Não consigo ver quantos são mas estão aproximar-se vindos de Cabolol, escuto.

— Tala, aqui Cristo. Aguenta o barco aí. Eu vou ter contigo. Terminado.

O capitão deslocou-se com o seu grupo e com o canhão sem recuo cinco sete para junto do Tala. Ao chegar confirmou que estava em movimento um grupo da guerrilha que logo desencadeou o bombardeamento das posições da tropa, com especial incidência para onde estavam os feridos e o grupo do capitão. Foi visto um guerrilheiro em cima duma árvore, gesticulando a orientar o tiro dos guerrilheiros. O capitão ficou furioso com o que viu e mandou o homem do canhão sem recuo fazer uma granada para a árvore. O soldado estava tão nervoso que, apesar de bom apontador, a granada caiu muito longe. As granadas deles continuavam a cair e os feridos tiveram que ser deslocados para outro sítio.

O capitão disse para o Lassen:

— Lassen, chama o Tala e o Joãozinho, vocês os três vão atrás de mim.

— Sim senhor, meu capitão.

— Tala, vêes os guerrilheiros à nossa frente? Vamos correr com eles. Os teus homens arrancam atrás de mim e vamos correr com estes filhos da mãe ante que dêem cabo de nós. Dentro de cinco minutos eu arranco com o meu grupo e avanço contra eles abrindo fogo sobre tudo o que mexer. Os teus homens arrancam comigo. Os nossos alferes estão do outro lado. Entendeste o que eu te disse?

— Sim, nosso capitão.

— Vai avisar o teu pessoal.

Cinco minutos depois o capitão arrancou com o seu grupo de comando de cinco homens e mais os vinte da milícia do Tala. Avançavam e disparavam com uma intensidade de fogo terrível. Nem um metro de terreno era poupado. A correr e com as armas a cantar, duzentos metros foram percorridos num instante. Um guerrilheiro levantou-se a dois metros do capitão e tenta apontar a sua arma. O capitão abriu fogo e despejou-lhe uma rajada que consumiu quase um carregador. O homem caiu para o lado sem saber como tinha morrido. O tiroteio era tão intenso que o Cordeiro, sem ligação rádio, veio junto dos feridos e do enfermeiro para saber o que se passava, perguntando pelo capitão.

— Fomos atacados do lado de Cabolol — disse o sargento enfermeiro. — O nosso capitão mandou retirar os feridos do centro do quadrado e arrancou direito a eles com os seus guarda-costas e mais os outros homens. Os milícias também foram. Resolveram o problema porque deixaram de cair aqui granadas e o tiroteio é agora esporádico.

— Bolas! — disse o Cordeiro. — Esse gajo ainda é mais maluco do que eu. Vai buscar duas secções minhas que eu vou ter com nosso capitão e ajudá-lo a perseguir os guerrilheiros.

As duas secções da cantina, com o seu comandante à frente, começaram a correr na mata por onde tinha entrado o capitão momentos antes. Rapidamente o Cordeiro localizou o capitão.

— Cristo, você perdeu a cabeça? Enfia-se com os milícias, a correr atrás dos guerrilheiros, sem rádio nem nada, esquecendo que tem uma companhia para comandar! Deixe-nos agora sem dizer mais nada. Regresse à companhia que eu e o Tala vamos perseguir os gajos até ao rio e depois regressamos. Dentro de momentos chega o heli para as evacuações e você tem de estar lá.

— Está bem. Toma conta disto. Perdi a cabeça. Julgo que qualquer um a perdia. Estes sacanas até tinham homens para regular o tiro. Atacaram-nos pelo lado menos guarnecido. Estudaram bem o terreno. Bate bem a zona. Há armas abandonadas que eu não apanhei. Procura-as. Até logo.

Depois desta troca de impressões o capitão regressa ao local onde estavam os feridos e falou com os outros alferes.

— Aqui Cristo. Fomos atacados pelo lado da Cabolol onde tínhamos apenas a milícia. Pusemos os gajos em debandada mas deixaram alguns deles caídos no terreno. O Cordeiro e o Tala foram atrás deles até ao rio. Henrique e Carvalho, destaquem uma secção cada um para a posição do Cordeiro a fim de garantir a segurança do lado de Pericuto. Quando o Cordeiro recuperar a sua posição, vocês recolhem as vossas secções. Digam se entendido, escuto.

— Cristo, aqui Carvalho. — Cristo, aqui Oliveira. Entendido, escuto.

— Cristo, aqui Oliveira. Entendido.

Ouviu-se o barulho do helicóptero e o capitão mandou lançar uma granada de fumos para sinalizar o local para a aterragem.

— Cristo, aqui Mosquito. Já os localizei e vou aterrar, escuto.

O helicóptero aterrou e o capitão foi ter com o piloto.

— Tenho seis feridos, dois graves. Tem que fazer duas viagens.

— Levo os dois feridos graves e mais um. Deixo-os em Cufar e venho buscar os outros. Quer que lhe traga alguma coisa?

— Não. Faça-me a viagem rapidamente que eu já tenho duas valentes sovas no corpo e o que eu quero é sair daqui enquanto é tempo. O meu pessoal e eu próprio começamos a ficar nervosos.

— Vou levantar voo. Até já.

— Até já.

O helicóptero regressou um quarto de hora depois para levar os outros feridos. O capitão decidiu reiniciar o movimento para localizar o acampamento.

- Meus senhores. Vamos andar. Carvalho à frente e depois o Cordeiro, o Henriques e o Oliveira que leva consigo os homens do Tala. Vamos pela mata do lado esquerdo da estrada até ao cruzamento para Empada. Depois, dispersamos pelo outro lado da estrada, seguimos para o porto e depois para casa. Muita atenção. O acampamento deve estar abandonado. O Carvalho passa à frente e quem o destrói é o Cordeiro. Digam se entendido, escuto.

Todos compreenderam as ordens. O capitão seguiria com o Carvalho e o movimento iniciou-se. Passado cerca de uma hora o Carvalho disse ao capitão.

— Olhe, estamos a ver o acampamento, que parece abandonado.

— Sim, deve estar abandonado. Avança e passa por ele.

— Cordeiro, cá está o acampamento. Parece abandonado. Revista e destruição a teu cargo.

— Oliveira, Henriques, aqui Cristo. Vamos destruir o acampamento. Vocês montam segurança e só avançam à ordem. Manter contacto visual com o Cordeiro.

O acampamento foi revistado e todo destruído. Nada foi encontrado. Os guerrilheiros tiveram tempo de retirar tudo. Resolveram não esperar pela tropa porque já tinham apanhado porrada. Reiniciou-se depois o movimento e o capitão contactou os seus alferes.

— Não vale a pena pastar mais por esta mata, hoje. Vamos embora. Carvalho inicia o regresso. Quero estar no porto exterior às cinco da tarde.

— Bedanda, aqui Cristo. Vamos regressar. Estarei no porto às cinco da tarde. Quero lá os barcos. Sopa à chegada. O artilheiro que se prepare para fazer fogo, a pedido, durante a travessia. Procure saber como estão os nossos feridos, escuto.

— Cristo, os nossos feridos estão bem e já foram para Bissau. Terá sopa à chegada e o artilheiro está às suas ordens. Terminado.

O resto do patrulhamento correu sem novidades. A tropa de Bedanda não queria mais encontros. Os guerrilheiros, com mais baixas do que a tropa, também queriam que os deixássemos em paz. Às sete horas da tarde a tropa chegou a Bedanda com a satisfação do dever cumprido, lamentando as baixas sofridas. Os guerrilheiros começavam a sentir-se acoados pela tropa de Bedanda. Tinham encontrado pela frente adversários à altura que não recuavam perante qualquer tipo de perigo. O perigo era a profissão dos homens de Bedanda. Os horizontes, para a tropa de Bedanda, começavam a abrir-se, embora à custa de grandes sacrifícios, muito suor e algum sangue.

MATERIAL DE AQUARTELAMENTO

A vida em Bedanda desenrolava-se entre saídas para o mato, onde os combates eram uma certeza, e a vida normal duma guarnição isolada, onde tudo eram problemas e dificuldades mas onde se procurava tirar o melhor partido de tudo o que existia. Foi assim que, durante a licença do capitão, os subalternos resolveram comer os frangos que o capitão estava a criar no pelotão da cantina. Com as galinhas de Bobedê oferecidas ao capitão e os ovos que iam chegando, o capitão decidiu manter as galinhas e pôr uma a chocar, de tal modo que acabou por lhe dar uma ninhada de oito pintos. Quando foi de licença os pintos eram ainda pequenos mas já se podiam comer. Os subalternos já antes tinham querido sacrificar os pintos mas o capitão não permitiu. Dizia que estariam bons quando voltasse de licença e depois, então, comiam-se. Ora durante a sua licença, um dia, ao jantar, disse o Cordeiro:

— O nosso capitão está em Viseu, a comer do bom e do melhor, e nós aqui a comer conservas. Não há direito. Ou há moralidade ou comem todos. Vamos comer dois ou três frangos. Joãozinho, vais à cantina, agarras três frangos do nosso capitão e trá-los cá. Diz que fui eu que mandei.

Os camaradas ainda protestaram, que era aborrecido comer os frangos que o capitão andava a criar com tanto cuidado, mas nada o demoveu.

— Tenham paciência — disse o Cordeiro, — se vocês não quiserem comer fica mais para mim. Estou farto destas conversas. Estamos fartos de roubar galinhas na tabanca, também as podemos roubar ao capitão. Já que jantámos tão mal, vão ser a nossa ceia com meia dúzia de cervejas. Hoje nem o capitão, lá em Viseu, vai comer tão bem como nós.

Os frangos lá marcharam. Três nesse dia e os outros dois ou três dias depois. Logo que o capitão viesse o assunto havia de ser resolvido. Se ele se zangasse, o mal era dele porque teria de fazer as pazes, depois. Quando o capitão regressou logo perguntou pelos frangos ao Cordeiro. Ele respondeu que os frangos estavam muito crescidos e estavam bons. Ainda bem, disse o capitão. O almoço do próximo Domingo é da minha responsabilidade e eu vou mandar matar alguns frangos. Amanhã vou à cantina ver os

meus frangos. Aí, o Cordeiro começou a pensar na forma de se desenrascar. Só tinha duas hipóteses. Uma seria arranjar frangos na tabanca e dizer ao capitão que eram os seus. A outra era dizer a verdade sujeitando-se a que o capitão reagisse mal. Era preciso resolver o problema nessa noite enquanto estavam só os oficiais. Uma má reacção do capitão ficava em família, e mais discussão menos discussão tudo acabaria em bem. Foi o Carvalho o primeiro a dar o toque.

— Sabe, meu capitão, tenho a impressão que os frangos morreram. Tenho ido nestes últimos dias à cantina e não tenho vistos os frangos. Ou morreram ou fugiram. O Cordeiro, como homem grande da cantina é que deve saber.

— De facto, meu capitão, agora que o Carvalho falou nos frangos eu também os não tenho visto. Julgo que morreram. Em três ou quatro dias desapareceram. No primeiro dia desapareceram três, e os outros, passados mais três ou quatro dias, desapareceram também.

— Cordeiro, estás a brincar comigo! Os frangos desapareceram ou foste tu que os roubaste?

— Meu capitão, já que fala nisso, eles desapareceram, sim senhor, porque eu resolvi fazer uma petiscada com eles. No primeiro dia foram três. Estávamos tristes. Sabíamos que o meu capitão estava em Viseu a comer do bom e do melhor, e resolvemos festejar as suas férias fazendo umas férias para nós. A intenção, como vê, era boa.

— Está bem. Com boas intenções mamaste três frangos. Mas então os outros, que foi feito deles?

— Bem, meu capitão. Os frangos eram tão tenrinhos que passado uns dias não resistimos e comemos os outros. Sabíamos que não se ia zangar por isso. Sempre quis o melhor para nós e acredite que o melhor para nós, naquele momento, era a sua presença. Como não era possível estar connosco, resolvemos festejar mais uma vez as suas férias desejando que o nosso capitão se estivesse a divertir. Nada melhor do que festejar com os seus frangos. Queremos agradecer-lhe os frangos. Tenho a certeza de que se cá estivesse e visse o nosso baixo moral, mandava arranjar os frangos para nos levantar esse dito moral.

— Vocês mataram e comeram os frangos.

— Não, meu capitão. Nós mandámos matar os frangos e comemo-los. Sabendo como o meu capitão estimava os frangos nós não nos atrevemos a matá-los. Agora compreende, já que estavam mortos, para se não estragarem, comemo-los. Esta é a verdade e só a verdade. Se o meu capitão quiser eu faço averiguações na companhia para saber quem os matou.

— Vocês são uns sacanas. Eu ando a criar frangos para vocês comerem. Será que vocês não respeitam nada?

— Respeitamos sim meu capitão. Respeitamos aquilo que não é nosso e que não podemos alcançar. Os frangos, sem dúvida criados por si, eram material de aquartelamento. Sempre pensámos, que vivendo nós todos aqui metidos neste buraco, o que era de um era de todos.

— Eu vou tratar-vos da saúde. Se eu até domingo não arranjar nada para o almoço, dou-vos conservas a comer para vocês aprenderem.

— Nós até gostamos de conservas, meu capitão. Lembro-lhe, no entanto, que o combinado entre nós é arranjar géneros para o almoço que têm de ser diferentes dos que se comem no rancho. O meu capitão não vai ter dificuldade em arranjar mais umas galinhas para nós comermos. Quatro devem chegar, se forem grandes.

Para o almoço de domingo o capitão arranjou mais galinhas que voltaram a saber maravilhosamente, tanto mais que foram cozinhadas pela Inácia, a mulher do Zé Saldanha. A camaradagem, a amizade, a boa ligação entre o capitão e os seus alferes era tal que não seriam uns frangos que a iam estragar. No fundo, lá bem no fundo, o capitão até achou piada ao atrevimento dos seus subalternos.

UM PRÉMIO PARA O SOLDADO BALDÉ

Para os militares que mais se distinguiam em combate havia na Guiné um prémio especial. Era o prémio Governador da Guiné, independente de outros louvores ou condecorações, e constava de uma viagem a Lisboa paga pelo Governador. Poucos militares tinham acesso a esse prémio porque ele era em numero muito reduzido, e sendo muitos os que se distinguiam em combate a selecção era rigorosa.

Um dia chegou uma mensagem dizendo que o prémio tinha sido atribuído ao soldado Baldé, um militar nativo da secção da Casa Gouveia. Todos ficaram contentes por o prémio do mês ter vindo para alguém da companhia e ainda mais para um soldado nativo que não conhecia Lisboa. O capitão mandou chamar o soldado Baldé e o seu comandante de pelotão.

— Baldé, estás de parabéns, ganhaste um prémio. O Senhor Governador atribuiu-te o prémio Governador da Guiné. Embarcas em Bissau para Lisboa na próxima quinta-feira. É uma honra para ti e para todos nós este prémio. São poucos os soldados que o recebem, e tu até vais a Lisboa. Espero que te divirtas por lá e que quando voltares venhas tão bom soldado como tens sido. Amanhã chega o avião do correio e tu embarcas nele. Tens aqui dez mil pesos da Companhia que em Bissau trocas por escudos de Lisboa para te divertires por lá. Além disso, levas um mês de vencimento adiantado. O nosso alferes vai ajudar-te a tratar e a arranjar as coisas que deves levar. Podes ir embora. Bom dia.

— Bom dia, nosso capitão.

— Oliveira, vê a roupa que ele leva. O verão lá é sempre mais frio que aqui e eu não quero que o Balde ande a mendigar roupa. Se for preciso comprar alguma coisa compras no Zé Saldanha que a Companhia paga. Explicas no teu pelotão o que se passa, de forma a criar neles o desejo de também ganhar o prémio Governador da Guiné. Dizes aos outros comandantes de pelotão para fazerem a mesma coisa. Vai lá tratar disso. Até logo.

— Até logo, meu capitão.

No dia seguinte, com a companhia na pista, o soldado embarcou para Bissau onde ficaria uns dias antes de seguir para Lisboa. O avião do correio vinha de Bissau para Catió, onde deixava o correio e o recebia com destino às várias companhias, levantando depois voo para fazer o circuito tradicional — Catió, Cufar, Empada, Cabedú, Bedanda, Catió. Nas diversas companhias entregava e recebia o correio. Recebia também os doentes ou outros passageiros urgentes até ao limite da sua capacidade. Em Bedanda recebeu o soldado Baldé. Ao chegar a Catió o piloto verificou que havia dois passageiros para embarcar com destino a Bissau e apenas um lugar. Ao saber disto informou o oficial de reabastecimentos e pessoal que só podia embarcar um dos passageiros, pois um dos lugares, inicialmente disponível, fora ocupado por um soldado de Bedanda. A decisão do oficial não se fez esperar e transmitiu-a ao soldado Baldé.

— Tu aí, desce do avião para entrar o nosso furriel. Vais depois no próximo avião.

— Eu não desço — disse o soldado. — Capitão de Bedanda que é capitão do mato disse-me que eu ia neste avião para Bissau para ir para Lisboa como prémio do nosso Governador. Tu és capitão da CCS. Capitão da CCS não dá ordens a soldado de Bedanda diferente da do capitão do mato. Capitão do mato manda mais do que capitão da CCS. Eu vou para Bissau neste avião como disse capitão de Bedanda.

— Tens que descer. Quem manda no avião sou eu e não o nosso capitão de Bedanda, de quem sou muito amigo. Nosso capitão Cristo não me avisou da tua vinda e eu tenho que mandar o furriel que vai de licença.

— Não, nosso capitão. Eu não posso descer. Se nosso capitão da CCS é amigo do nosso capitão do mato não dá ordens diferentes dele. Nosso capitão manda no avião e nosso capitão manda em Bedanda, e o avião também é de Bedanda. Eu vou para Bissau porque nosso capitão de Bedanda disse para eu ir, e também tenho de apanhar avião grande para Lisboa. Em mim quem manda é capitão do mato e não capitão CCS.

Dada a situação que foi criada, e porque nada demovia o soldado porque ele não aceitava sequer a ideia de alguém contrariar o seu capitão do mato, o oficial de reabastecimentos e pessoal foi falar com o comandante de batalhão a quem expôs o problema. E falou então o comandante do batalhão.

— É bom ver um soldado nativo que acredita tanto no seu capitão que não admite que alguém possa contrariar uma ordem sua. O soldado vai para Bissau. Sai do avião o militar a quem não faça diferença embarcar no próximo, ou então só embarca um passageiro para Catió. Lembra-te de que o soldado que aí vai é um herói. Vai para Lisboa como prémio dos seus feitos em combate. Isto é tão raro que este é o primeiro soldado do batalhão a ganhar tal prémio. Isso devia ser razão suficiente para não ter havido este incidente.

Deste modo, o soldado Baldé conseguiu que uma ordem do seu capitão fosse respeitada no Comando do Batalhão, e ele continuou a considerar o seu capitão como o melhor do mundo. Mundo pequeno, mas era o seu mundo.

SURPRESA EM BISSAU — UM OBUS CONSOME GRANADAS

Como já foi dito, em Bedanda está colocado um pelotão de obus 8.8 em reforço da companhia da caçadores. Era a representação da artilharia em terras de Bedanda. O respectivo pelotão estava colocado na cantina, o ponto mais alto da Companhia e com campos de tiro mais desimpedidos, e era frequentemente utilizado em apoio de fogos da infantaria, quando a zona de acção estava dentro do alcance dos obuses, tanto para defesa do quartel quando era atacado como para flagelações nocturnas aos santuários dos guerrilheiros. Tudo isto implicava um consumo constante de munições que tinham de ser repostas nos reabastecimento mensais.

Por determinações superiores, sempre que eram consumidas munições de artilharia, era enviada uma mensagem informando os consumos havidos e o nível existente. Mensalmente era enviado um mapa de munições onde se indicavam as quantidades consumidas e as existentes. O stock de munições para Bedanda devia ser repostado de imediato, após a recepção do inventário. Só assim se poderia manter a capacidade de Bedanda de se defender eficazmente.

O capitão tinha dado ordem para que se dessem como consumidas munições 8.8 de forma a salvaguardar sempre uma carga particular entre 10 e 15 granadas. Ora durante cerca de três meses, com consumo constante de munições, não houve reabastecimento destas granadas. O stock era tão baixo que o capitão, ao segundo mês sem reabastecimento, enviou uma nota para o Comando do Batalhão e Comando Militar de Bissau, informando que os níveis de munições de artilharia continuavam tão baixos que a continuar a mesma situação as armas não poderiam ser utilizadas nas suas funções normais. No reabastecimento que se seguiu chegaram munições de todos os tipos menos 8.8. O capitão ficou aborrecido mas não reagiu. Passou a utilizar menos o apoio da artilharia e lá foi aguentando o barco até que a carga existente atingiu mesmo o nível zero. Então o capitão mandou fazer uma nota informando que deixava de poder utilizar o apoio de fogos de artilharia por falta de munições. Aguardou a chegada do reabastecimento para ver se chegavam munições de artilharia. O Carvalho, além de comandar um pelotão, era também o oficial responsável pelo material de guerra, e

quando os barcos chegaram informou o capitão que também tinham sido descarregadas algumas munições mas não as granadas 8.8.

— Carvalho, no momento oportuno, mandámos as requisições de munições e os mapas de consumo e existências?

— Mandámos, meu capitão.

— Quantas munições de artilharia temos?

— Não temos munições de artilharia na carga oficial. Depois da última operação a nossa carga ficou a zero. Particularmente temos dez granadas. Já houve dois reabastecimentos depois de termos atingido o nível zero.

— Muito bem. Alguém está a brincar comigo e eu não gosto. Manda uma mensagem para o Comando Militar de Bissau, com conhecimento ao Comando do Sector e Comando de Batalhão a solicitar o envio de granadas de obus 8.8, informando que o obus é pesado demais para arma de arremesso. Quero ler a mensagem antes de a enviáres.

— Sim senhor, meu capitão. Vou já tratar disso.

A mensagem foi enviada e recebida. Ora os responsáveis em Bissau ficaram furiosos. Não podiam esconder a situação ao brigadeiro comandante militar e ele, por certo, não iria gostar de saber. Logo que viu a mensagem pediu os mapas de consumo e existências da companhia de Bedanda dos últimos 4 meses. Ao verificar que o nível de munições era zero desde há dois meses e que no período tinha havido dois comboios de reabastecimento, zangou-se com os serviços e berrou por todos os lados. Um oficial do Estado-Maior ainda sugeriu que o capitão de Bedanda tinha de ser punido por uma mensagem onde utilizava uma linguagem imprópria, parecendo que estava a gozar com a coisa.

Respondeu o brigadeiro:

— Talvez tenhas razão. O capitão deve ser punido pela linguagem utilizada na mensagem. E eu, o que faço eu depois aos homens dos reabastecimentos? Devo louvá-los ou enviar um deles para Bedanda para aprender o que custa a vida? Vocês não

vêm que a culpa é só vossa? Há dois meses que temos uma companhia sem capacidade de utilização da sua artilharia em apoio de fogos à infantaria. Mandem-me já as granadas para Bedanda. Peçam o apoio da Marinha e da Força Aérea, mas enviem as munições já. Não quero mais ouvir falar disto.

— Sim senhor, meu comandante. Vamos enviar já as munições.

De avião primeiro e depois por comboio naval, chegaram a Bedanda 300 granadas de obus 8.8 no espaço de dez dias. A mensagem que tinha sido enviada, porque pôs a ridículo uma situação em si muito perigosa mas caricata, produziu os seus efeitos. Muitos oficiais, conhecedores da mensagem, acharam piada à ideia do capitão. Mas em Bedanda o capitão não achou piada.

Disse apenas:

— Estamos num Exército, em que muitos não querem fazer nenhum e não têm respeito pelos nossos combatentes. Parece que as coisas só ficam resolvidas quando se goza — em desespero de causa — com as situações criadas. Isto não dignifica os serviços nem os nossos superiores.

ADEUS ALFERES CORDEIRO

A companhia de Bedanda, a célebre 4 CC, era uma companhia de rendição individual. Chegou o momento do alferes Cordeiro regressar a Bolama onde terminaria a sua comissão. Fazia falta na companhia mas nada se podia fazer para impedir a sua partida. Ele dizia que estava a ficar muito cansado e que seria bom que outros por ali passassem para saberem como era a guerra.

Para substituir o Cordeiro vinha um transmontano. Era, pois, substituir um transmontano por outro. Andávamos todos um pouco tristes. O Cordeiro, no seu dia a dia, fazia muitas brincadeiras chegando mesmo a parecer indisciplinado. Mas era também um dos melhores oficiais da companhia, tanto no mato como na organização dos serviços no quartel. Ao lado dele toda gente se sentia mais segura. Parecia cheirar os guerrilheiros tal como os perdigueiros cheiram a caça. O capitão dizia que tinha muita pena de o perder, mas como ele estava há quinze meses em zona de porrada, tinha chegado a hora de ir descansar. Em Bolama, um centro de instrução de praças de guarnição normal, poderia descansar e recuperar um pouco. Mas além disso, com a sua experiência, poderia contribuir para a preparação individual dos novos soldados de infantaria.

Fernandes, o alferes que substituiu o Cordeiro, chegou a Bedanda uma semana após a notificação recebida. Oito dias depois o Cordeiro deixava a companhia onde combateu e onde prestigiou o exército e os seus oficiais. Oito dias tinham sido suficientes para se preparar uma despedida “à Cordeiro”. Farras pela tabanca, seguidas ou precedidas de umas petiscadas onde não faltaram galinhas e cabritos, tudo regado com vinho, cerveja e uísque para rematar. Teve a despedida à altura dos seus merecimentos. Compraram-se galinhas às mulheres do mato e logo ficou garantida uma galinha para a ceia, todos os dias. O Cordeiro mostrava-se triste por deixar a companhia embora o desejasse e merecesse.

A realidade da vida que se levava, no momento de partir, permitia criar em todos sentimentos diferentes, como o desejo de partir e a amargura de deixar amigos e companheiros de muitas horas, boas e más, mas sempre vividas com amizade, lealdade,

sinceridade e desejo de bem cumprir a missão atribuída. Cordeiro ia deixar para trás 15 meses de combate com homens que o seguiam para todo o lado, no quartel ou no mato. Homens que no ardor do combate tiveram a oportunidade de lhe salvar a vida e a quem ele também livrou da morte muitas vezes. Havia também, para reforçar as amarguras da partida, o são convívio mantido durante muito tempo com a população da tabanca e da povoação comercial. Tudo isso pesava, e muito, neste jovem transmuntano que a guerra amadureceu rapidamente, na hora dum virar de página na sua vida. E neste momento todos recordavam coisas boas e coisas más passadas juntos. O Carvalho recordou um episódio que ficou célebre na companhia.

— Lembras-te Cordeiro do cabrito que mataste aqui no quartel e que ainda teve forças para se arrastar lá para fora, indo morrer a meio do caminho para a tabanca?

— Se lembro, pá! Tenho a impressão que vocês nunca souberam bem o que se passou. Eu quis comprar o cabrito ao dono, um homem muito chato da tabanca. Como ele não queria vender combinei com o André, o meu guarda-costas e companheiro de aventuras, para andar à volta do cabrito até o levar para o quartel, onde eu o esperaria com uma espingarda. Assim que o cabrito entrasse no quartel eu abatia-o porque tinha invadido território militar. Demorou alguns dias para o cabrito confiar no André o suficiente para o seguir. Finalmente o André disse-me que o cabrito já o seguia e que, disfarçadamente, já o poderia levar para o quartel. Não era tarde nem cedo. Fui para a Companhia, peguei numa espingarda e o André foi buscar o cabrito. Mal entrou dei-lhe um tiro. Azar porque o cabrito não morreu logo e fugiu em direcção à tabanca, morrendo acerca de 100 metros da porta de armas. O André correu para o ir buscar mas apareceu o dono a berrar. Eu bem lhe disse que o cabrito tinha entrado no quartel e tinha levado um tiro por engano. Não acreditou. Queria que eu pagasse o cabrito e eu disse que sim. Eu pagava o cabrito mas ficava com ele. O dono não estava pelos ajustes. Queria o cabrito para o comer e queria o dinheiro. Vocês estão a ver o gajo? Eu pagava para ele comer o cabrito! Eu disse que não. Ele teria de decidir entre cabrito e dinheiro. Depois de muita discussão lá aceitou o dinheiro mas foi fazer queixa ao capitão. Não consegui convencer o capitão de que o cabrito andava a pastar no quartel e levava um tiro fortuito de uma arma que se disparara. Nunca mais me esquece a cara do capitão, que eu lhe criava tantos problemas que só me aguentava porque eu, embora

agarotado, era um belíssimo oficial. Fizemos uma caldeirada que deu para todos. O capitão, embora chateado, também comeu. Custou mil escudos a brincadeira que foi quanto eu paguei. O mais engraçado era que o dono pensava que eu era Jesus Cristo porque queria de volta o cabrito vivo.

Era este homem que ia deixar a companhia. Amigo dos seus soldados a quem estava sempre a dar dinheiro para alguma necessidade. Os soldados adoravam-no, os guerrilheiros temiam-no, as bajudas desejavam-no. Constava na companhia, que logo nas primeiras operações, sentiu os seus soldados vacilar debaixo de fogo. Alguns queriam mesmo retirar. O Cordeiro apontou uma arma aos seus soldados e disse-lhes:

— Daqui ninguém sai sem eu dar ordem e eu só dou ordem de retirada quando a receber do nosso capitão. Se retirarmos deixamos este flanco desguarnecido e o resto da companhia pode ser atacada pelas costas. Se algum de vocês der um só passo à retaguarda eu mato-o. Não morrem dos tiros dos guerrilheiros mas morrem dos meus.

Em vez de recuar, avançaram e desalojaram os guerrilheiros que se puseram em debandada. Com a sua atitude o Cordeiro ganhou a batalha e os seus feitos foram compensados com uma cruz de guerra. Ao deixar a companhia e apesar das complicações que arranjava, deixou em cada soldado um amigo e na população respeito e consideração, porque tanto ele como os seus homens estavam sempre prontos a ajudar a todas as horas e em qualquer trabalho.

Hoje, licenciado em Veterinária, é um emigrante no Canadá depois de ter passado por Angola onde foi um homem dos sete ofícios. Deu aulas, foi funcionário da Diamang, além de exercer a sua função de veterinário. Regressou de Angola em 1975 como retornado, deixando nessa terra, que adora, tudo o que tinha. Quando tinha chegado a Lisboa, a seguir à Guiné, concorreu à Academia Militar que frequentou durante 6 meses. Se acabasse o curso seria hoje oficial superior do exército. Mas um dia, chateado com a vida de aluno, e depois de verificar que nem todos os oficiais eram como o seu antigo capitão, que ele adorava, resolveu deixar o Exército e abandonar de vez a vida militar. Procurou o capitão Cristo, então já regressado da Guiné, e abriu-se com ele.

— Meu capitão. Fui para a Academia Militar levado por um sonho e por ideais que me foram sendo transmitidos por si em Bedanda. Hoje verifico que não há no Exército muitos capitães Cristo, e se os há não estão na Academia Militar. Dá-me tristeza e desgosto ouvir os seus oficiais a falar de guerra. Não seria feliz se continuasse na tropa depois de ver por dentro a escola que forma os nossos oficiais. Vou sair, e se não arranjar emprego vou para Angola.

— Tu é que sabes Cordeiro. Ser militar ou civil é uma coisa que só cada um pode decidir. Julgo que darias um bom oficial, embora tenhas dificuldades em te habituares a uma vida de rotina como muitas vezes somos obrigados a viver. Tiveste azar com os oficiais que encontraste na Academia Militar, importantes para o Exército, sem dúvida, mas não são eles nem a Academia Militar, com tudo de bom e de mau, que o representam.

— Eu sei, meu capitão. Ser militar foi um sonho que tive e agora não quero que se transforme em pesadelo. É por isso que vou sair. Prefiro manter vivas as recordações dos bons e maus momentos que vivemos em Bedanda. Aí é que se vê quem é militar a sério.

— Felicidades Cordeiro. Se precisares de alguma coisa, diz. Aparece sempre que quiseres para recordarmos velhos tempos.

Estes dois homens, que muito se respeitavam e estimavam, mantiveram sempre boas relações. Ainda hoje, quando o Cordeiro chega a Lisboa de férias, ele se encontra com o seu antigo capitão para trocarem impressões sobre a vida presente, as perspectivas de futuro e recordar o passado através de relatos de factos ainda vivos na memória de ambos.

CHUGUÉ

Uma localidade da área de intervenção da companhia de Cufar era uma Zona de Livre Intervenção da Força Aérea. Uma ZLIFA, assim designada. Essa localidade era Chugué, situada a norte de Catió, muito perto da margem direita do rio Cumbijã e da margem esquerda do rio Tombali, não muito longe da nascente. Em termos militares significava que a Força Aérea aí poderia intervir, sem avisar o Comando Territorial, em bombardeamentos aéreos ou lançamento de tropas pára-quedistas. Normalmente, antes de uma intervenção aérea, era estabelecido um simples contacto com o Comando Militar. Tal contacto era suficiente, e o Exército, que para ir a essa zona teria que levar duas ou três companhias, passava a ter apoio aéreo automático para bombardeamentos, evacuações ou supervisão em PCA.

Um dia, por volta do meio-dia, 2 jactos Fiat sobrevoaram Bedanda, cumprimentaram-nos com as manobras do costume e rumaram a Chugué que começaram a bombardear. Quase todos os dias havia mulheres de Chugué em Bedanda que vinham vender os excedentes de arroz e comprar cana, tabaco e panos. Nesse dia havia cerca de vinte mulheres do Chugué. O capitão sabia que a população tinha muito medo dos jactos. Voavam a grande velocidade, não eram facilmente detectados a não ser quando já estavam sobre o objectivo. Eram diferentes dos T-6, muito lentos e que avisavam antes de chegarem porque faziam muito barulho.

O pessoal do mato dizia que quando jacto passava camarada estava morto. Esta afirmação define, com precisão, a eficiência destes aviões e o medo que os guerrilheiros tinham deles. Porque os bombardeamentos com estes aviões, mercê das tecnologias de que dispunham, eram bem visíveis do alto do pelotão da cantina, o capitão mandou o alferes Oliveira prender e levar para a cantina as mulheres do Chugué. Rapidamente os soldados da povoação, com cerca de 25 mulheres, apresentaram-se ao capitão, que tinha a seu lado o cabo Francisco. Ainda se viam os aviões a picar sobre Chugué, manobrando a seguir para novo ataque ou sobrevoando Bedanda numa volta mais larga. Já havia muito fumo para os lados do Chugué, sinal claro de que os bombardeamentos estavam a causar o seu efeito. Algumas casas já ardiam. Era um

apoio inesperado e não solicitado que a Força Aérea dava a Bedanda para levantar o moral dos seus soldados e baixar o moral dos guerrilheiros.

O capitão resolveu aproveitar, em termos psicológicos, esta oferta inesperada dos Fiat, e através do cabo Francisco disse às mulheres:

— Os aviões vieram para apoiar o nosso capitão. Foi nosso capitão que os pediu para bombardear Chugué, onde há muitos guerrilheiros. Lá, todos os homens são guerrilheiros e as mulheres também, senão não queriam viver lá. Vejam, já se vê muito fumo. Se calhar já morreu homem, ou até mulher e criança, porque bomba não tem olho. Elas estão aqui mas marido e filhos podem já estar mortos. Os aviões só voltam para Bissau quando nosso capitão mandar. Traduz isto e pergunta se perceberam bem.

O cabo Francisco traduziu bem porque algumas mulheres já choravam. E o cabo Francisco esclareceu.

— Nosso capitão, já traduzi tudo e elas perceberam muito bem. Têm muito medo dos jactos pois eles têm matado muita gente. Pedem para nosso capitão mandar aviões embora.

— Diz-lhes que eu não tenho pena das lágrimas delas. Estão na mata porque querem. São casadas com “bandidos do mato” porque querem. Eles têm que morrer para a guerra acabar. Homem que não quer morrer vem aqui para a tropa e entrega arma. Mulher que não quer morrer vem para Bedanda, traz marido e filhos, ou então casa com homem de Bedanda, se marido não quiser vir. Traduz e vê se elas perceberam.

O cabo continuou a traduzir, os aviões continuavam a bombardear Chugué. Cada vez mais fumo e cada vez as mulheres choravam mais. Depois de voltar a falar com as mulheres, o cabo Francisco traduziu.

— Nosso capitão tem razão. Mulheres de Chugué antes queriam estar em Bedanda com tropa. Mulheres de Chugué gostam da tropa mas os maridos não querem vir pois têm medo da tropa. Pedem mais uma vez nosso capitão mande parar fogo de avião que elas vão dizer maridos para virem para Bedanda. Se maridos vierem elas também vêm.

— Diz-lhes que daqui a pouco nosso capitão vai mandar parar os aviões porque elas pediram e durante dias não vêm outros. Se guerrilheiros continuarem no Chugué e não se apresentarem à tropa, nosso capitão manda vir aviões outra vez. Diz-lhes que podem ir embora agora.

As mulheres voltaram para a povoação comercial para conclusão dos seus negócios e regressaram ao Cugué. Os aviões abandonaram a zona. A sua autonomia não lhes permitia mais tempo sobre o alvo. Ao tempo, ainda não havia em terra os meios rádio para ligação com os aviões. A intervenção do capitão baseava-se na realidade existente em que tudo era válido para desmoralizar a guerrilha. Era a guerra total em que a parte psicológica era muito importante.

O capitão Cristo comentou depois o caso com os seus subalternos:

— A guerra é total e há muito boa gente que ainda não percebeu isso. A acção psicológica é muito importante, é mesmo fundamental nesta guerra. A guerra não é ganha ou perdida porque se morreu muito ou se mataram muitos adversários. Ganha-se quando se levar o adversário a perder a vontade de combater. Para isso é preciso combater, morrer e matar no mato, destruir o sistema logístico do inimigo, destruindo casas e colheitas, ao mesmo tempo que se procura melhorar a vida das populações que vivem junto da tropa. Nunca se pode menosprezar, em qualquer guerra, a componente psicológica, tanto sobre o inimigo como sobre a tropa e populações. Quanto a estas, porque o seu apoio é crucial, é preciso aproveitar tudo para desmoralizar as populações controladas pelos guerrilheiros e moralizar as que estão do nosso lado. É isso que eu tento fazer dentro das minhas possibilidades.

OS 800 DO NINO

Bedanda foi sempre um espinho cravado no coração dos guerrilheiros. A guerrilha sempre teve, desde o início da guerra, uma forte implantação no sul, nomeadamente na tão falada mata do Cantanhez, cuja orla norte já bordejava a área de Bedanda, considerada pelos guerrilheiros um objectivo permanente. Por outro lado, convém lembrar que Nino Vieira, o actual Presidente da República da Guiné-Bissau, da etnia papel, uma etnia, digamos, urbana, da região do Biombo e Bissau, teve no Cantanhez o seu Quartel-General. Nessa qualidade tinha a responsabilidade de todas as acções militares no sul da Guiné. Acontece ainda que Nino serviu no exército português e foi precisamente na companhia de Bedanda que ele iniciou a sua vida militar.

A maior parte da população era dominada pela guerrilha, onde recrutava pela força todos os homens válidos do mato para combater a tropa portuguesa. Começando pela sua integração nas milícias populares de auto-defesa, eram depois transferidos para os grupos de quadrícula, subindo depois até aos bi-grupos móveis, a sua tropa de elite. Neste ambiente, o homem do mato ou era guerrilheiro ou estava com a tropa como soldado da milícia ou como soldado do Exército, de pleno direito.

Os que estavam com a tropa viviam nos quartéis ou nas tabancas próximas e eram protegidos pelos militares. Na hora de passarem à disponibilidade e regressarem às suas terras, eram obrigados a passarem-se para a guerrilha e a combater os antigos camaradas. Daí ter-se constituído em Bedanda uma espécie de soldados profissionais. No final do serviço militar obrigatório muitos pediam para continuar na tropa. Arranjar emprego era difícil, a Guiné não tinha indústria e a lavoura estava parada. Chegados às suas aldeias eram presos pela guerrilha e obrigados a combater ao lado daqueles contra quem anteriormente tinham combatido. A alternativa era continuar com a tropa.

Ora foi o que aconteceu com um dos guarda-costas do capitão. Tinha vindo de Bissau por ter sido punido. Como era um soldado muito evoluído, o capitão escolheu-o para seu guarda-costas, função que desempenhou muito bem durante seis meses. Terminado o seu serviço militar obrigatório pediu autorização para continuar na tropa. O capitão deu uma boa informação, mas mesmo assim o Comando Militar não

autorizou porque ele tinha sido punido. Decisão correcta em termos de legislação militar. Decisão errada em termos de Bedanda. O soldado era um bom operacional, mas um pouco indisciplinado no dia a dia. O capitão tudo lhe perdoava, dada a sua eficiência e lealdade em campanha, e queria que ele continuasse.

Quando o soldado soube que não ia continuar em Bedanda, sentiu-se só, triste, abandonado e sem emprego. Como a sua aldeia estava ocupada pela guerrilha, logo se viu sem casa, sem dinheiro e sem possibilidade de ganhá-lo, e ao mesmo tempo desgostoso com a tropa. O capitão, para compensar toda esta situação, ainda tentou que fosse aceite na milícia auxiliar da tropa, mas não foi autorizado pelo mesmo motivo da punição sofrida. Triste e desiludido o soldado deixou Bedanda e foi para sua aldeia onde foi incorporado na guerrilha, no posto de alferes e com o comando de um grupo de guerrilheiros. Dado que tinha sido guarda-costas do capitão e estava na posse de muita informação, o chefe de guerrilha da área, por ordem de Nino, começou a preparar um ataque a Bedanda para acabar de vez com esta companhia e com o seu mito de invencível.

Fizeram-se reuniões no cruzamento de Salancaur com os chefes da guerrilha para preparação do ataque. Dispunham de 800 homens, na opinião deles suficientes para arrasar Bedanda. O antigo guarda-costas era um elemento importante porque conhecia o capitão que agora era preciso liquidar, mas também conhecia os efectivos e armamento da companhia de Bedanda, bem como os seus pontos fracos. Através das mulheres do mato e por outras vias, o capitão soube destas reuniões e ficou preocupado. Oitocentos homens bem armados, numa noite e um dia de combate poderiam destruir Bedanda, não deixando pedra sobre pedra. O capitão sabia que nenhuma tropa poderia acudir à companhia por terra, e a Força Aérea não poderia actuar sobre Bedanda com a possibilidade de atingir os próprios soldados.

O capitão chamou os seus subalternos e pô-los ao corrente da situação.

— O meu antigo guarda-costas apresentou-se aos guerrilheiros e é agora alferes da guerrilha com o comando de um grupo. O Nino concentra efectivos para um grande ataque a Bedanda para acabar connosco. Conhecem o nosso sistema defensivo, as entradas e saídas pelas redes de arame farpado. Estamos sujeitos a que nos caiam em

cima a qualquer momento. Vamos trabalhar noite e dia para rever e melhorar o nosso sistema defensivo. Melhorar os abrigos, reforçar a rede de arame farpado, capinar tudo à volta do quartel e da povoação, verificar os postos de fogo e os ângulos de tiro. Podem ir dar início aos trabalhos.

Os subalternos saíram apreensivos, sem dizerem nada. Era a pior notícia que podiam receber. Sabiam que nas condições descritas tinham poucas possibilidades de sucesso, mas far-se-iam pagar caro pelos sacrifícios esperados, incluindo a própria vida. Ao saírem, ainda o capitão pediu ao Oliveira e ao Melo, que era o novo artilheiro, para esperarem um pouco mais.

— Preciso de falar convosco. Melo, quero preparado tiro de artilharia por cima do quartel de forma a bater toda a orla da mata, 100 metros à frente do arame farpado. O tiro será executado amanhã por volta do meio-dia, antes do almoço. Oliveira, amanhã, às onze e meia, quero na cantina todas as mulheres do mato. Se houver alguma dificuldade na execução de fogo, o Melo tem de me avisar ainda hoje. Vão agora e ponham os homens a trabalhar.

Em seguida o capitão mandou chamar o comandante e o 2º comandante do pelotão de milícia, responsáveis pela segurança da tabanca.

— Amanhã à tarde vou ver a rede de arame farpado e os abrigos da tabanca. Quero a rede sem buracos e os abrigos em condições e limpos. Sentinelas sempre vigilantes e escala de cabos e sargentos para patrulharem as sentinelas durante a noite. Cortem o capim. Noutro dia pareceu-me que o capim estava alto demais em alguns sítios. Isso é descuido dos vossos milícias.

— O nosso capitão receia algum ataque dos guerrilheiros?

— Olha, Tala. Ataques a Bedanda podem acontecer todos os dias. Já te esqueceste de que quando aqui cheguei o quartel era atacado quase todos os dias? Portanto eu receio sempre um ataque em qualquer dia, a qualquer hora. Não quero ser surpreendido. Como eles há muito tempo não nos atacam, vocês ficaram muito moles. Quero toda a gente atenta. É precaução e mais nada. Lembra-te, e diz isso aos milícias, que não brinco aos soldadinhos nem às guerras. Eu faço guerra a sério. Para isso é preciso estar

informado e vigilante. Tu é que podias obter informações das mulheres do mato em vez de me fazeres perguntas. Podes ir embora.

No dia seguinte, às onze e meia da manhã, mais de 100 mulheres estavam concentradas no pelotão da cantina. O capitão tinha mandado recolher aos abrigos todos os soldados. Além disso, tinha avisado a tabanca, o administrador e todos os comandantes de pelotão de que a artilharia iria fazer fogo ao meio-dia. A deslocação dos homens para os abrigos era uma medida psicológica, porque nem o fogo atingiria os abrigos nem estes resistiriam se o fogo os atingisse. E pediu a todos os santinhos que os cálculos do artilheiro estivessem certos e que nenhuma granada caísse no quartel. Na guerra é preciso, por vezes, fazer ou mandar fazer coisas perigosas sem o controlo total dos resultados.

Utilizando o cabo Francisco o capitão dirigiu-se às mulheres.

— Soube que os vossos maridos e filhos se prepararam para atacar Bedanda para matar o nosso capitão. Mas nosso capitão não tem medo nem que venham mil guerrilheiros. Nosso capitão sabe que Nino só ainda tem 800 para o vir atacar. Digam-lhe que é pouco. Para entrar em Bedanda e matarem nosso capitão precisa de muito mais gente. Nosso capitão não foge suma galinha. Quem foge suma galinha são os vossos maridos, são os guerrilheiro do Nino. Traduz para elas.

A mensagem do capitão foi traduzida para as mulheres, que ficaram a olhar ora para o capitão ora para o Francisco, com os olhos muito abertos e talvez com medo que o capitão as prendesse.

O capitão continuou:

— Parecem que elas têm medo. Se calhar pensam que nosso capitão as prende para evitar ataque da guerrilha. Nosso capitão não prende mulheres nem faz mal a mulheres nem mesmo quando mulher pertence aos guerrilheiros ou é também guerrilheira. Podem regressar no mato, nosso capitão não lhes faz mal. Nosso capitão gosta de mulheres do mato. Traduz para elas.

A tradução prosseguiu e sentiu-se alívio na cara das mulheres à medida que o Francisco avançava com a tradução. Quando acabou, o capitão continuou.

— Nosso capitão fica à espera dos maridos e dos filhos delas. Digam-lhes que venham, de noite ou de dia serão sempre bem recebidos por nosso capitão e pelos soldados de Bedanda. Para elas dizerem aos maridos e aos filhos nosso capitão vai mostrar-lhes como irá receber os guerrilheiros se eles atacarem Bedanda. Traduz.

Enquanto o cabo Francisco traduzia e as mulheres se voltavam para olharem para a mata, o capitão deu ordem de fogo ao Melo. Em menos tempo do que demora a contar, vinte granadas de artilharia foram lançadas na orla da mata. Foi um barulho terrível. Quando o tiro acabou o capitão disse ao Francisco:

— Diz-lhes que será assim que nosso capitão irá receber os maridos e os filhos se eles tiverem coragem de vir atacar Bedanda. Eu gostaria que viessem, mas eles não vêm porque não são machos, não têm coragem, são suma galinha.

Logo a seguir o capitão mandou embora as mulheres que seguiram para a povoação concluir os seus negócios. Ao meio da tarde regressaram ao mato. O recado estava dado, as cartas estavam em cima da mesa. Agora só era preciso melhorar a defesa e esperar pelo ataque, se ele viesse.

Passado dois dias, o capitão recebeu a informação de que os grupos tinham dispersado e que tinha havido uma reunião para decidir que o ataque a Bedanda ficava adiado para melhor oportunidade. A guerra psicológica, fundamental em qualquer tipo de guerra quando alicerçada em dados reais, estava a produzir os seus efeitos, com resultados favoráveis à tropa de Bedanda. Quando o capitão soube que um dos comandantes da guerrilha era o seu antigo guarda-costas, que o conhecia muito bem, além de alterar o sistema defensivo resolveu mudar também o seu aspecto físico para ser mais dificilmente reconhecido nas operações. O capitão, que já usava um grande bigode, passou a deixar crescer a barba.

CAÇA EM SALANCAUR

O capitão chamou o seu condutor e guarda-costas a quem disse:

— Lassen, vai chamar os nossos alferes.

— Sim senhor, nosso capitão.

Passado algum tempo entraram no gabinete do capitão os comandantes dos pelotões de caçadores e o comandante do pelotão de artilharia. Sabiam que ia desenrolar-se mais uma saída difícil. Quando as saídas eram de rotina, ou pelo menos consideradas como tal pelo capitão, só eram chamados os comandantes dos pelotões que iam sair. Falou o capitão:

— Entre os vários problemas que temos de resolver existe um que me preocupa muito. Chama-se o acampamento do cruzamento de Salancaur. Sabemos que existe, que tem dois cubanos e que tem por finalidade proporcionar não só apoio logístico às colunas de reabastecimento do Cantanhez, mas também impedir a ligação da tropa de Bedanda com o Mejo. Tenho dúvidas sobre a área exacta onde esse acampamento estará localizado. Inclino-me para um local a sul da estrada Bedanda-Mejo, embora a norte também existam condições para a instalação de um acampamento. Onde quer que se situe, os guerrilheiros deste acampamento são os que mais problemas têm causado à companhia de Bedanda e que mais emboscadas nos têm montado. Temos que o localizar e atacá-lo. Quando formos a este acampamento quero ir lá direito e não andar às voltas para o encontrar. Quero começar a explorar a estrada pelo lado sul, mas para isso tenho de ter a certeza de que o acampamento não se encontra a norte. Amanhã, com três pelotões, vamos bater toda a área a norte dos rios Lama e Ungarinol e as estradas de Salancaur e para Mejo. É a última tentativa para sabermos se o acampamento se situa a norte ou a sul. Sairiam com três pelotões e acompanhariam o capitão o Carvalho, o Oliveira e o Manuel, que tinha chegado para substituir o Cordeiro. O Melo prepararia fogos para a área, para execução só a pedido.

—Melo, vais-me entregar um transparente com as localizações devidamente numeradas para que me baste solicitar um número se for necessário pedir apoio de

fogos. Sairemos do quartel às dez da noite e devemos estar todo o dia fora. Ração individual para um dia. Levamos uma secção de milícias, eu falo com o Tala. A ordem de saída será Carvalho, Manuel e Oliveira. Eu sigo com o Carvalho. Dúvidas?

— Não, meu capitão — disseram os alferes.

— Podem ir preparar os vossos pelotões. Até logo.

— Até logo, meu capitão.

O Lassen foi buscar o Tala, que se apresentou ao capitão e de quem recebeu as seguintes ordens:

— Tala, vamos bater toda a mata a norte da estrada Bedanda-Mejo, até à estrada para Salancaur. O nosso limite a norte será o Ungarinol. A mata vai ser passada a pente fino, tu levas uma secção. Os milícias que vão contigo têm de conhecer bem a zona. Se quiseres arranja um guia na tabanca. Pode ser o filho do régulo que costuma caçar naquelas bandas. Requisitas ração para um dia, levantas munições e um rádio. Está aqui na Companhia com os teus homens hoje à noite às nove e meia. Tens alguma dúvida?

— Não, nosso capitão.

— Então vai pensar nos homens que vais levar. Não quero que se saiba nada na tabanca antes das sete da tarde. Os homens só saberão para onde vão quando formarem. Podes ir embora. Até logo.

As ordens estão dadas. Até à hora da partida todos prepararam os seus homens no maior segredo. O Lassen preparou-se também e informou o Joãozinho que também se devia preparar para sair. Às 10 horas da noite o capitão saiu do gabinete e iniciou-se a marcha. Saíram logo a corta-mato, abandonando a estrada, por duas razões principais. Uma era o conjunto de sentinelas que a guerrilha tinha nas principais saídas de Bedanda com funções de vigia e escuta e com a missão de alertar os guerrilheiros sempre que a tropa saía e saber para onde se deslocava. O aviso era feito com dois tiros pouco espaçados depois do sentinela se deslocar para um sítio seguro. A outra razão era porque a estrada estava minada ou tinha abatizes. A princípio a tropa ainda procurou levantar as minas e as abatizes mas cedo desistiu. Sempre que se levantavam

umas e outras, os guerrilheiros voltavam a colocá-las. Como a estrada para Mejo não era utilizada por viaturas, o capitão fazia sempre o percurso a corta-mato e não estava para cansar os homens com coisas inúteis. Minas ou abatizes naquela estrada não afectavam em nada a operacionalidade da companhia. Ao raiar da aurora a companhia estava junto do rio Lama e tinha conseguido não ser ainda detectada. A mata era tão densa que obrigava a bicha de pirilau. O capitão quebrou então o silêncio rádio.

— Carvalho, aqui Cristo. Encosta-te o mais possível ao rio Ungarinol, explora a mata e procura indícios até à estrada para Salancaur. Quando chegarmos próximos da estrada voltamos atrás por uma zona mais a sul. Quando chegarmos à foz do rio Lama voltamos atrás até à estrada de novo. Quero toda a área batida, procura indícios do acampamento e de passagem de pessoas por mais pequenos que eles sejam. Diga se entendeu, escuto.

— Cristo, aqui Carvalho. Entendido. Vamos passar tudo a pente fino. A área não é grande, escuto.

— Oliveira, Manuel, aqui Cristo. Ouviram o que eu disse ao Carvalho? Prestem atenção a qualquer movimento e áreas suspeitas principalmente para os lados do Cantanhez. Oliveira, cuidado com a retaguarda. Ainda não localizámos os gajos mas de certeza que eles estão à espera dum descuido nosso. Não há paragem para almoçar, almoçamos em marcha e quando os homens quiserem. Diga se entendido, escuto.

Todos tinham entendido. A batida continuou durante a manhã e a tarde, sem localizarem ou encontrarem qualquer indício de acampamento, embora houvesse sinais de passagem de pessoas. Estavam numa área de ligação, no corredor de Guileje, entre Salancaur e o Cantanhez, quase todos os dias atravessada pela guerrilha num ou noutro sentido. A tropa de Bedanda sabia onde procurar os acampamentos. Os guerrilheiros procuravam locais perto das nascentes de água potável, densamente arborizados, e era aí que a procura tinha que ser feita. Nem toda a água dos rios era boa para beber. Zona de marés, muitos rios tinham água salgada. Cerca das cinco horas da tarde o capitão voltou ao rádio:

— Carvalho, aqui Cristo, bom trabalho mas não encontrámos nada parecido com um acampamento. Não os vimos mas eles andam por aí. Vamos regressar à bolanha

do Ungarinol e seguir por lá até Bedanda. Vamos chegar à bolanha à noite e temo que os guerrilheiros estejam à nossa espera para nos emboscarem. Durante a travessia da bolanha, se formos emboscados, só respondemos ao fogo à minha ordem. Se o fogo não for intenso nem certo só responderei com bazucas. Vou ficar para trás e incorporar-me no pelotão do Manuel. Mandem-me as bazucas e granadas que tiverem. Se houver tiroteio, só poderá vir da mata à nossa esquerda. Toda a gente se abriga nos ouriques da bolanha. Expliquem isso muito bem aos soldados. Não quero surpresas. Diga se entendeu, escuto.

— Cristo, aqui Carvalho. Entendido, escuto.

— Oliveira, Manuel, aqui Cristo. Digam se ouviram o que disse o Carvalho.

— Cristo, aqui Manuel, aqui Oliveira. Ouvimos sim, perfeitamente, escuto.

— Oliveira, Manuel, aqui Cristo. Bazucas para a 2ª secção do Manuel. Mas já, que é para onde eu vou. Dominem bem os vossos homens. Nós vamos atravessar a bolanha e há uma parte que está a 100 ou 200 metros da orla da mata. Se formos emboscados vai ser aí. De dia não nos causaria problema nenhum, mas de noite pode ser perigoso se houver resposta nossa. Eu só responderei com bazuca sobre qualquer chama à boca da arma que me apareça. Repito: não quero reacção nenhuma com armas ligeiras se formos emboscados. Minha ordem de fogo será apenas para bazucas. Digam se entenderam, escuto.

— Cristo, aqui Oliveira. Entendido. Fique descansado, eu vigio a retaguarda para eu ver se nos seguem. Já mandei seguir as bazucas, escuto.

— Cristo, aqui Manuel. Entendido. A minha bazuca está comigo e eu vou ter já consigo, escuto.

— A todos boa sorte e terminado.

Passado algum tempo entraram na bolanha e caminharam por cima dos ouriques. Esta progressão de dia é muito segura, mas de noite é perigosa. Não se vê nem o princípio nem o fim da coluna e se o tiro não for bem controlado os soldados podem começar a fazer fogo uns para os outros. Daí o capitão não querer resposta de armas automáticas e querer ser ele a dirigir o fogo. A técnica, nestes casos, é procurar ver as

chamas de boca e fazer fogo de bazuca para esse locais. A reacção mais segura preconizada pelo capitão era aceite por todos e prontamente acatada.

Tal como o capitão previra os guerrilheiros emboscaram a companhia quando atravessava a bolanha. Noite escura, toda a companhia ficou silenciosa. As armas dos guerrilheiros cantavam que se fartavam e tudo aquilo parecia o inferno. Os comandantes de pelotão e de secção estavam com dificuldade em controlar os seus homens para não responderem ao fogo. Mas a reacção do capitão não se fez esperar. Localizadas que foram as chamas à boca das armas dos guerrilheiros ordenou o fogo de bazuca para todo o lado onde as chamas surgiam. O combate não demorou mais de quinze minutos mas pareceu uma eternidade para aqueles homens. Como o capitão previra, as 3 bazucas e as 21 granadas foram suficientes para obrigar os guerrilheiros a retirar. Os homens das bazucas eram bons apontadores e viram-se as granadas a rebentar onde antes se viam as chamas à boca das armas. A companhia não sofreu baixas, o tiro deles não era certo porque as bazucas não produzem chama de boca, e não puderam localizar nem os apontadores de bazuca nem os pelotões. Os guerrilheiros retiraram com baixas prováveis. Após quinze minutos de silêncio, o capitão voltou à ligação rádio e falou com todos os comandantes de pelotão para saber se tinha havido baixas. Nenhum pelotão tinha sofrido baixas.

— Carvalho, aqui Cristo. Pode iniciar o movimento para Bedanda. Atenção, Oliveira e Manuel, vamos para casa. Não percam o contacto entre vós. Com eles já não haverá mais contacto. Oliveira, atenção à retaguarda, veja se alguém o segue. Terminado.

— Cristo, aqui Henriques. Ouvimos para esses lados um tiroteio intenso. Terá sido consigo? Escuto.

— Henriques, foi mesmo connosco. Fomos emboscados na bolanha, com eles instalados na mata. Não temos baixas e já reiniciámos o movimento. Não se esqueça da sopa quente para quando chegarmos. Estamos aí dentro de 3 horas. Terminado.

A marcha foi muito lenta, por cima dos ouriques, porque a bolanha era muito difícil. Quando alguém escorregava ficava enlameado e enterrado no arrozal porque a bolanha tinha muita água. Chegaram ao quartel sem novidades. Tanto o banho como a sopinha quente souberam como uma delícia. Só quem viveu a guerra de África pode dar o

verdadeiro valor a um banho e a uma sopa bem quente depois duma operação. O banho refresca e limpa não só o corpo mas também a alma.

Passado dois dias, através das mulheres do mato, o capitão soube que os guerrilheiros ficaram surpreendidos com a reacção da tropa, tendo sofrido vários mortos e feridos, chegando mesmo a retirar, deixando no terreno algumas armas que só no dia seguinte foram recuperar, dado que a tropa não as viu na escuridão da noite. O capitão reuniu depois com os alferes.

— Não me restam dúvidas de que o acampamento fica a sul da estrada de Mejo e não muito longe da estrada, numa zona onde haja água. Informe-me com o régulo e ele diz que naquela área, a sul da estrada, só há água todo ano na nascente do rio Lama. Esta noite quero uns tiros de artilharia para lá. Vou colher mais informações porque eu quero ir a este acampamento. Oliveira, tenta obter informações das mulheres que vêm a Bedanda. É ponto de honra da companhia ir a este acampamento. Quando o acampamento estiver referenciado, por uma questão de segurança, pedirei para a companhia de intervenção do batalhão ir connosco. Não se esqueçam dos abrigos e da estrada para o porto exterior de Bedanda. Esses trabalhos, com mais guerra ou menos guerra, não podem parar.

MORREU UM SARGENTO

Chegou um dia que foi muito triste para o capitão, para toda a Companhia e para Bedanda. Morreu em combate o sargento mecânico, um técnico excelente e um bom homem. Aconteceu muito próximo do quartel. Como tinha poucas condições para trabalhar, o sargento resolveu, com os meios à sua disposição, melhorar a oficina auto da Companhia. Disse ao capitão que iria à mata cortar umas árvores para construir uma plataforma com rampa para a lavagem das viaturas e para uma melhor observação das mesmas. O capitão deu autorização e disse-lhe para levar segurança. O sargento achou que não seria necessário destacar soldados operacionais, pois a segurança seria montada pelos próprios mecânicos e condutores auto. Assim, apetrechado com uma serra mecânica e vários machados, partiu para a mata chefiando uma equipa de dez homens da ferrugem. O local de corte das árvores era próximo do quartel, ficava a cerca de dois quilómetros, e dez homens seriam suficientes para garantir a execução dos trabalhos e a segurança.

Passado duas horas ouviu-se um pequeno tiroteio na mata, o que preocupou o capitão e os alferes. O Carvalho agarrou em alguns homens e correu para o local donde tinham sido ouvidos os tiros. No local, deparou com o sargento morto, com um tiro na cabeça e os soldados amedrontados. Nenhum dos outros soldados tinha sido morto ou ferido. O Carvalho virou-se para um dos soldados mecânicos e perguntou-lhe:

— O que se passou aqui?

—Fomos surpreendidos por uns guerrilheiros na estrada Mejo-Bedanda e logo aos primeiros disparos o nosso sargento foi morto. Nós reagimos aos tiros e eles retiraram.

— Viram quantos eram e para onde foram?

— Não, nosso alferes. Tudo se passou tão rapidamente que não tivemos tempo para ver direito o que se passou.

— Está bem. Levem o nosso sargento no unimog e vão para o quartel. Eu vou fazer uma pequena batida para tentar perceber o que se passou. Não entendo como é que

os guerrilheiros vieram até aqui e vos atacaram. É aqui que nós vimos buscar a madeira e a lenha, e nunca nos fizeram isto. O nosso furriel vai convosco.

Foi feita uma pequena batida enquanto a coluna da oficina auto regressava ao quartel. Quando chegaram o furriel foi falar com o capitão. O alferes Carvalho achava que o tiroteio estava muito mal explicado pelos soldados e não havia nenhum soldado branco no grupo. Ele acha que o sargento tinha sido morto por algum dos seus soldados mecânicos.

O capitão lembrou-se, então, de que o sargento era por vezes muito duro para com os seus mecânicos e condutores. Havia alguns que não gostavam muito dele, e no meio duma discussão ou dada a oportunidade, um deles pode ter dado o tiro que o matou. O resto do tiroteio foi fogo de vista para camuflar o assassinio. Mas por outro lado, um ataque dos guerrilheiros é uma possibilidade, bem como a ocorrência de um tiro accidental. Neste caso, por medo de represálias, os soldados combinaram entre si a história dos guerrilheiros. Várias hipóteses, portanto.

— Muito bem — disse o nosso capitão ao furriel. — Vais passar revista às armas de todos os soldados que foram com o nosso sargento para ver se todas dispararam ou não. Numa emboscada todos disparam. Se foi acidente ou morte premeditada pode ser que tenha havido alguém que não tenha disparado.

— Sim senhor, meu capitão.

O capitão estava preocupado. Conhecia os seus homens. A lealdade que existia entre oficiais, sargentos e soldados era uma realidade nos pelotões operacionais, mas não o era tanto entre os elementos administrativos onde a amizade não era uma realidade tão fortemente sedimentada nos perigos do combate. Entre os condutores e os mecânicos nativos havia alguns malandros e muito preguiçosos. O sargento, que era um homem muito dinâmico, obrigava-os a trabalhar. Isso poderia ter criado ressentimento em algum deles. Daí até ao assassinato a distância poderia ser muito pouca, tanto mais que alguns nativos poderiam estar influenciados pelos guerrilheiros. Sendo o sargento o único branco, seria bem plausível, *a posteriori*, camuflar o assassinato com a morte em combate pelos guerrilheiros.

Depois de ter passado revista às armas, o furriel voltou a falar com o capitão.

— Meu capitão, todas as armas dispararam. Se foi assassinato ou disparo fortuito está muito bem camuflado. Interroguei os soldados e todos contam a mesma história. Vai ser difícil descobrir o que se passou.

— Obrigado. Deixa isso agora de parte. Esperamos que venha agora o nosso alferes para sabermos o resultado da batida.

Quando o Carvalho chegou disse ao capitão:

— Não encontrei vestígios da presença de guerrilheiros. Nem invólucros nem vestígios recentes, mas são visíveis os carreiros das mulheres do mato e até os nossos próprios carreiros, pelo que é difícil concluir se a nossa tropa foi ou não emboscada. É uma zona onde vamos quase todos os dias pelo que é difícil distinguir a origem dos vestígios. As coisas podem ter acontecido como eles dizem ou de outra forma diferente, pelo que não pode ser excluído um acto de vingança de um soldado sobre o sargento.

— Muito bem. Vamos considerar oficialmente a morte do sargento mecânico como sendo morte em combate numa emboscada da guerrilha. No entanto, tu vais apertar o cerco aos homens da ferrugem para ver se descubres alguma coisa. Averigua se houve recentemente alguma discussão entre o sargento e algum soldado. Se houve, temos que apertar com esse soldado para ver se ele confessa ou se cai em contradições.

— Sim senhor, meu capitão. Pode confiar. Vou fazer tudo discretamente.

— Obrigado, Carvalho.

Depressa o Carvalho descobriu que tinha havido um caso a merecer atenção.

— Meu capitão. Não havia boas relações entre o sargento e os seus soldados. Um deles, o Fernandes, que chegou de Bissau e é todo espevitado e mal encarado, andava sempre a discutir as ordens do sargento. Ainda três ou quatro dias antes o soldado não quis cumprir uma ordem do sargento e o sargento deu-lhe duas valentes bofetadas. Consta que na altura o soldado terá dito que se ia vingar.

— E esse soldado estava presente quando o sargento foi morto?

— Estava, meu capitão. A esse respeito eu já me informei. Chamei o soldado à messe e tentei apertá-lo. Ele nega e mantém a história do ataque dos guerrilheiros. Insisti com os outros mas mantêm a mesma história. Nem o facto de eu lhes dizer que não encontrei vestígios dos guerrilheiros, os fez alterar a história.

— Muito bem. Manda-me cá o soldado.

O soldado chegou e o capitão abordou-o deste modo:

— Ouve, Fernandes. Eu não acredito na tua história da emboscada quando morreu o nosso sargento. Não houve qualquer emboscada e foi uma arma vossa que o matou e todos combinaram isso da emboscada para enganar nosso capitão. Eu vou descobrir a verdade. Se descobrir que vocês me queriam enganar eu dou cabo de vocês. Tu tiveste uma discussão com o nosso sargento dois ou três dias antes. Disseste que te havias de vingar e vingaste-te. És capaz de ter morto o nosso sargento e inventaste depois a emboscada. Se eu descobrir que foi assim, limpo-te o sarampo como tu limpaste o nosso sargento. Ficas em constante vigilância do nosso capitão.

— Nosso capitão, não fui eu que matei o sargento. Foram os guerrilheiros na emboscada. Se tivesse sido eu só a minha arma era utilizada e o nosso capitão sabe que todos os soldados fizeram fogo. Eu estava zangado com nosso sargento, é certo, porque ele me bateu, mas não seria por isso que eu o ia matar.

— Não acredito em ti. Mas como não tenho provas, de momento tenho que engolir a tua história. Queira Deus que não me tenhas mentido. Podes sair.

O soldado Fernandes saiu. Embora o capitão achasse que o sargento tinha sido morto por este soldado, tudo se processava como se tivesse sido morto em combate pelos guerrilheiros. Na Companhia, oficialmente, só o alferes Carvalho e o capitão duvidavam da versão dos soldados. Aliás, o capitão tinha a certeza de que o sargento tinha sido morto por um soldado, e pelo Fernandes com muita probabilidade. Para não agitar mais a companhia aceitou como boa a versão dos soldados. Informou, no entanto, o Comando em Bissau em nota pessoal e confidencial das suas desconfianças e das razões que justificavam a sua atitude. O soldado Fernandes, que estava no fim do seu serviço normal, pouco tempo depois passou à disponibilidade, e apesar de

querer continuar e de ser bom mecânico, tal não foi autorizado. As dúvidas que sobre ele existiam influenciou a decisão. O capitão considerava-o responsável pela morte do sargento e nunca lhe perdoou.

CABEDÚ OU CONACRI?

O acampamento do cruzamento de Cabedú continua a preocupar o capitão. Tinha de o localizar e atacar. Isso para ele era um ponto de honra. Por isso, mandou chamar o régulo Samba Baldé para falar com ele.

— Samba, eu preciso da tua ajuda. Como sabes, os guerrilheiros têm um acampamento na área do cruzamento para Cabedú. Tenho andado por lá e não o encontro. Deve ficar a sul da estrada para Mejo e antes do cruzamento para Salancaur. Preciso de lá ir. Ajuda-me a localizar o acampamento.

— Nosso capitão. Vem a Bedanda uma mulher do mato que sabe onde fica esse acampamento. O marido vive lá, é um dos chefes e tem um cubano como 2º comandante. Os guerrilheiros e as colunas de reabastecimento que chegam do corredor de Guileje param e pernoitam nesse acampamento. O caminho já foi feito depois do início da guerra. A estrada vai sempre através da mata, não é vista de avião nem vem nas cartas. Ela está cá hoje e eu vou falar com ela.

— Está bem, Samba. Podes oferecer-lhe cana e tabaco. Vai ao Zé Saldanha e pedes o que precisares que nosso capitão depois paga. Preciso de saber onde é o acampamento e como lá poderei ir sem eles darem conta.

— Logo eu venho falar com nosso capitão.

O capitão meteu-se no jeep e foi até à povoação. Falou com o Zé Saldanha.

— Estás cheio de sorte, Zé. Muitas mulheres do mato e muito arroz na estrada.

— É verdade, nosso capitão. Elas estão a vender muito arroz pois têm medo que a tropa vá lá e o destrua ou o queime.

— Podes dizer-lhe que se a tropa for à tabanca delas será para destruir tudo. Se elas quiserem trabalhar sossegadas vêm para Bedanda onde podem cultivar o arroz em paz. Elas já viram o que aconteceu a Incala, Cobumba, Cabolol, Salancaur, Bobedê ou Nhai. A tropa vai voltar a estas zonas, mas primeiro vamos deixar que elas reconstruam as suas casas que é para a tropa ter o prazer de as destruir novamente. A tropa não se

cansa de destruir as casas. As mulheres não-de cansar-se primeiro de construir as casas, de fazer a lavoura de arroz e de alojar e alimentar os guerrilheiros. Estou preocupado com Cabolol e com o cruzamento de Cabedú. Vê se sabes alguma coisa dessas áreas. O régulo Samba vem aqui buscar cana e tabaco para as mulheres. Dá-lhe o que ele pedir que eu depois pago-te.

— Bom dia nosso capitão, — disse a mulher do Zé Saldanha que entretanto tinha aparecido.

— Bom dia Inácia. Qualquer dia roubo-te ao Zé, estás a ouvir bem, Zé? Qualquer dia roubo-te a Inácia.

— Nosso capitão não rouba nada. Se quiser mulher não precisa de a roubar aos amigos. Inácia, como está o mata-bicho?

— Está pronto. São passarinhos fritos também para nosso capitão. Venha nosso capitão tomar mata-bicho com o Zé.

— Eu vou, Inácia. Tu és uma amiga. Que haveria eu de fazer em Bedanda sem os teus mata-bichos?

— Guerra, nosso capitão, guerra e amor devem ser as duas coisas que um guerreiro como nosso capitão deve fazer em Bedanda.

Depois desta conversa o capitão tomou o mata-bicho e era cerca do meio-dia quando voltou para a sede da companhia. Tinha o Samba à sua espera e o Samba falou.

— A mulher do mato diz que veio com o marido que ficou no mato à espera dela a cerca de trezentos metros daqui. O marido está armado com uma metralhadora. Ele disse-lhe que quando fossem embora faria duas rajadas para que a tropa soubesse que eles andavam por perto. Sobre o acampamento ela disse que na noite anterior caíram granadas no acampamento. Eram granadas de Bedanda e eles ficaram à espera, toda a manhã, do ataque da tropa. O acampamento tem cerca de 100 homens armados mas às vezes dormem lá mais.

Pelas informações obtidas o capitão concluiu que para chegar ao acampamento sem ser visto tem que se ir pela estrada de Mejo até Melinde. Deixa-se depois a estrada e

segue-se a corta-mato a sul da estrada até encontrar um caminho muito bom e muito utilizado. Nesse caminho vira-se à esquerda e vai-se directo ao acampamento. O acampamento tem abrigos e sentinelas na estrada Bedanda-Mejo. Do lado do Cantanhez tem apenas uma sentinela, uma única. Com frequência saem patrulhas, normalmente à noite, que regressam no dia seguinte pelo meio-dia.

— Samba, parece-me, portanto, que o caminho mais seguro é entrar pelo lado do Cantanhez.

— Ela diz que por aí, se tiverem sorte, podem chegar ao acampamento sem serem vistos. Sempre que há um alerta eles montam emboscadas perto da estrada Bedanda-Mejo ou num caminho próximo que leva ao acampamento, que mal se nota por estar bem dissimulado.

— Ouve, Samba. Sendo ela mulher dum guerrilheiro porque é que ela nos dá estas informações?

— Eu conheço esta mulher desde antes da guerra. Estava comigo no Cantanhez. Não conheço o marido actual. O anterior, do meu tempo, foi morto pela guerrilha. Agora está com este homem porque a obrigam e ela tem medo.

— Então porque não se apresenta em Bedanda e fica cá?

— O marido não lhe deixa trazer os filhos quando ela vem a Bedanda e tem medo que lhe matem os filhos, se não regressar. Alguns ainda são pequenos.

— Está bem, Samba. Nessa área onde é que há água para beber todo o ano? Tu deves saber.

— Só na nascente do rio Lama do lado direito da estrada, entre quinhentos a mil metros de distância. É uma mata muito densa. Pode-se capinar o chão entre as árvores e depois construir aí as casas que não serão vistas do ar.

— Obrigado Samba. Não te esqueças de lhe dar cana e tabaco.

— Ela não quer. Já fumou e bebeu cana mas não quer levar para o mato, porque depois perguntavam-lhe onde tinha arranjado as coisas, se ela não tinha dinheiro para as comprar. Ela diz que se aparecesse com cana e tabaco o marido a matava.

— Está bem, mas isso é contigo e com ela. Logo mando-te azeite, arroz, açúcar e conservas para ti e para a tua família.

— Obrigado nosso capitão. Até logo.

— Obrigado Samba e até logo.

Depois de o Samba sair o capitão mandou chamar o alferes Melo. Há dois dias tinha feito tiro nocturno de flagelação, por ordem do capitão, que queria agora saber, tanto quanto possível, o local onde tinham caído as granadas. De vez em quando, o capitão, durante a noite, mandava fazer fogo de artilharia para locais de presumíveis acampamentos. Dizia que era para desgastar os guerrilheiros e para os manter acordados. Era uma forma de os chatear.

O alferes Melo entrou no gabinete.

— Melo, há dois dias fizemos tiro nocturno aqui para os lados do cruzamento de Cabedú. Acertaste no acampamento segundo as informações que possuo. Quero agora, pelos elementos de tiro, que determines o local para onde fizeste tiro. Podes ir ao pelotão buscar os elementos.

— Não é preciso, meu capitão. Eu sei para onde fiz o tiro. Pode emprestar-me a carta? Foi exactamente para este local. Inicialmente tinha como referência esta ponte aqui, mas depois entrei mais para o interior da mata.

O capitão sorriu. O local referido pelo Melo era a nascente do rio Lama. As informações da mulher e do alferes Melo coincidiam. Agora, com o acampamento referenciado, era necessário preparar a operação, fixar o dia para entrar e destruir o acampamento que já se procurava referenciar há mais de um ano, sem êxito. Talvez este acampamento tivesse os dias contados. O capitão pediria uma companhia de reforço e pretendia que ela viesse já no próximo comboio de reabastecimentos. Enviou ao Comando do Batalhão a seguinte mensagem:

“Localizado acampamento da guerrilha no cruzamento da Cabedú com cerca de 100 elementos todos armados. É um local de pernoita para colunas de reabastecimento e grupos que vindos da Guiné-Conacri se destinam ao Cantanhez. Solicito próximo reabastecimento envio de companhia para em conjunto com a companhia de Bedanda

podemos ir ao referido acampamento. Requeiro posto de socorros com médico em Bedanda e estacionados aqui uma DO e um helicóptero.”

O comandante do batalhão enviou a seguinte resposta:

“Informo que vai ser planeada operação ao cruzamento de Cabedú que não pode ser executada na data prevista porque a companhia de Bedanda, a partir deste momento, fica proibida de sair para operações. Proximamente prevê-se seu emprego em outro local e Comando Militar quer companhia em boas condições físicas e folgada. Repito que até nova ordem não pode executar operações ou patrulhamentos.”

O capitão ficou preocupado. Devia ser a primeira vez, na história da guerra da Guiné, que uma companhia ficava proibida de sair para o mato. Devia estar em preparação uma operação algures, em que a companhia seria utilizada. Nesta altura, a companhia de Bedanda era uma das melhores companhias da Guiné e o seu capitão uma dos mais eficientes em termos operacionais.

O capitão mandou chamar os alferes.

— Localizei o acampamento do cruzamento da Cabedú. Era para lá irmos dentro de quinze dias mas recebi hoje uma mensagem que proíbe a companhia de sair para operações ou patrulhamentos. Não veio cá nenhum médico ver o estado físico da companhia. Por isso penso que vamos ser empregues fora da área, como tropa de intervenção. Como sabem, a nossa companhia está considerada uma das melhores companhias operacionais da Guiné. Fala-se em montar uma operação a Conacri. Espero que não seja esse bife que nos querem dar, porque eu não gostava de ir a Conacri. Vamos ver o que o destino nos reserva. Vamos aproveitar para dar mais um avanço nos abrigos. Quero os homens ocupados e nada melhor que a construção de abrigos e o arranjo das estradas. Vou continuar a enviar pequenas patrulhas até 3 km à volta do quartel. Nada do que aqui foi dito pode ser falado em nenhum lado nem dito aos vossos homens.

— A brincadeira é bonita, meu capitão — disse o Carvalho. Desde quando os nossos chefes se preocupam com o nosso físico e com o nosso descanso? Espero que a minha substituição, que estará para breve, chegue antes dessa operação.

— Carvalho, disse o capitão. — Dispensó comentários dessa natureza. Não me façam arreperder de ter sido franco convosco. Podem sair. Ocupem bem os vossos homens e avancem com os trabalhos que têm em mão. Até logo.

— Até logo, nosso capitão.

A proibição de saídas manteve-se durante duas semanas. Nunca foi explicada por ninguém. Mais tarde, ao saber da operação Mar Verde à Guiné Conacri, várias vezes pensámos se não esteve para ser esse o nosso destino, alterado entretanto por qualquer motivo imprevisto. Passado três semanas, sem quaisquer explicações, chega uma mensagem informando que a companhia podia reiniciar a sua actividade operacional normal.

VIOLAÇÃO DE CORRESPONDÊNCIA

Nos matos da Guiné nem tudo são tristezas, aborrecimentos, tiros e mortes. Por vezes as alegrias também aparecem e a amizade e a camaradagem destes homens também acontecem. Foi assim que o 1º sargento da companhia chega ao gabinete do capitão e comunica:

— Meu capitão. Chegou uma encomenda para o nosso alferes Cordeiro que já foi embora. O que faço com a encomenda?

— Traga-a para o meu gabinete e mande chamar os alferes Carvalho e Oliveira.

A encomenda foi depositada no gabinete do capitão, era um volume razoável e o capitão sabia o que continha. Desde presunto a chouriço, de rojões em pingo de porco, a orelheira e banda de barriga fumada à moda de Trás-os-Montes, tudo acompanhado de um ou dois queijos, era o normal destas encomendas. Não era a primeira vez que a mãe do Cordeiro lhe mandava encomendas, mas o que ela não sabia nem desconfiava, era que mal uma encomenda entrava na Companhia passava a ser propriedade colectiva. Aquela que agora chegava, apesar do alferes Cordeiro já não estar na Companhia, também tinha de ser propriedade colectiva. Ia fazer-se, à ordem do capitão, uma violação de correspondência.

Entraram no gabinete os alferes Carvalho e Oliveira, a quem o capitão disse:

— Tenho aqui à minha frente uma encomenda para o Cordeiro mandada pela mãe. Como sabem, o Cordeiro está em Bolama e nós temos que lhe enviar a encomenda. Estou no entanto muito preocupado com a conservação dos géneros pois a encomenda já cheira mal. A mãe do Cordeiro não acondicionou bem as coisas que enviou ao filho pelo que nós temos que abrir a encomenda e retirar o que está estragado. Para não termos problemas com os correios vamos fazer um auto de recepção e ruína prematura do que estiver estragado, e depois enviamos numa nova encomenda o que estiver bom e também os autos elaborados. A nova encomenda será enviada ao Cordeiro para Bolama. Vocês os dois são os oficiais nomeados para realizar este trabalho. A comissão para os autos é constituída por mim e por vocês. Eu sou o

presidente da comissão. Pelo cheiro tenho a certeza de que metade dos géneros já se encontram estragados e vão ficar connosco para não contaminarem a outra metade. A metade sobranete e em bom estado é que seguirá para o Cordeiro. Há dúvidas a este respeito?

— Não, meu capitão — disse o Carvalho. — Parece-me, no entanto, que os géneros estragados são mais de metade. Nós somos cinco e só um quinto é que deveria estar em condições de seguir para o Cordeiro.

— Talvez tenhas razão. Mas não te esqueças de que o Cordeiro é um mãos rotas e que também quer festejar a chegada desta encomenda com os novos amigos em Bolama.

— Tem razão.

— Quero isso feito com urgência. Já no próximo correio será enviada a encomenda ao Cordeiro. Mãos à obra. Quero os autos elaborados como mandam as directivas em vigor. Até logo.

— Até logo, meu capitão.

Os autos foram feitos e metade da encomenda ficou retida em Bedanda, onde fizeram com ela uma grande farra. O Cordeiro foi assim lembrado mais uma vez e louvada a sua querida mãe. Mais tarde soubemos que o Cordeiro, ao receber a encomenda e os autos, riu que se fartou e disse para os outros alferes:

— Isto é que é uma Companhia e isto é que é um capitão. Combatíamos que nos fartávamos mas tínhamos sempre oportunidade de aproveitar com entusiasmo as poucas coisas boas que apareciam. Tenho saudades destes malandros que lá deixei. Os alferes eram bestiais e o capitão era um de nós, sem deixar de nos apertar os calos de vez em quando. Criei a este capitão muitos problemas mas também o ajudei a sair de muitas alhadas. Apesar da guerra, foram bons tempos. Quem me dera estar com eles. Não fiquem zangados por isto. Eu sou vosso amigo e sei que vocês são meus amigos, mas em Bedanda tudo era diferente. Até os raspanetes do capitão eram mais de pai ou de irmão do que de um superior. Penso no que aqueles malandros andarão a fazer neste momento. Se calhar, a caminhar e a combater pelas matas e bolanhas dos

arredores. Vamos festejar comendo o que eles nos deixaram. Bebo e como à nossa saúde e dos meus amigos de Bedanda. Que Deus nos dê a nós alegria e a eles sempre paz e algum descanso e umas belas bajudas sempre que regressam das operações. Vocês não sabem nada disso, são uns anjinhos sem asas. Pinguinhas, traz mais umas cervejas.

ASSALTO À HORTA

Em Bedanda havia um terreno nos arredores dum poço onde íamos buscar água para o quartel, que era um terreno bom e adequado mesmo a qualquer cultura da metrópole. Havia alguns soldados que aí tinham a sua horta servindo-se do poço para as regas. Era uma maneira de estarem entretidos durante as horas mortas do dia e ao mesmo tempo melhorar, em verduras, a deficiente dieta alimentar. Um dos soldados que possuía a sua horta privada era o Mestre, um robusto alentejano que dizia sempre que preferia ir trabalhar para a horta nas horas vagas do que jogar às cartas ou ir para a tabanca ver as gajas.

A horta do Mestre era uma horta muito linda. Ocupava uns 150 m² com tomates, pimentos, alfaces, cebolas, pepinos e melancias, além de uma ou outra couve. Era o regalo do Mestre e uma tentação para os outros soldados que gostariam de lá ir roubar alguns mimos que o proprietário nunca dava aos colegas.

— Quando comecei a trabalhar na minha horta em vez de jogar cartas ou ir ver as gajas na tabanca, vocês riam-se de mim e chamavam-me maluco. Aguentei as vossas piadas e o vosso gozo e lá fiz a minha horta. Quem quiser comer frescos de Bedanda que vá cultivá-los porque terreno e água não faltam.

Nada demovia o Mestre. Até mesmo os soldados mais seus amigos estavam a ver os frescos por um canudo. E as coisas lá iam correndo bem enquanto havia alfaces, tomates e pepinos. Ora um dia o Mestre gabou-se no rancho de ter na horta umas belas melancias. E algumas já estavam a ficar maduras. Já tinha comido uma e era boa que se fartava. Era uma boa melancia portuguesa. O Mestre teve a pouca sorte de dizer isto na frente do Fialho e do Balsinhas, dois dos seus grandes amigos, que logo lhe pediram para lhes dar uma melancia. O Mestre era um homem de aço e nem os pedidos dos seus melhores amigos o demoveram.

O Balsinhas e o Fialho eram dois bons camaradas, e tanto os soldados como os oficiais gostavam muito deles, mesmo sabendo que eram dois mariolas, sempre prontos a qualquer partida. O Balsinhas era o encarregado da cantina, e tinha sempre, por isso, acesso ao capitão que gostava muito dele. O Fialho tinha vindo para Bedanda

com uma secção de europeus de modo a aumentar o número de brancos na Companhia e dado o seu aprumo, educação e desembaraço, foi nomeado para controlar a cozinha e a sala de oficiais. Era constante o contacto com os oficiais e sempre que os alferes pediam alguma coisa fora do normal estes dois homens, dentro do possível, procuravam satisfazer o pretendido. Havia uma certa cumplicidade entre estes dois homens e os alferes da Companhia que só quem viveu a guerra de África poderá compreender.

Foram este dois soldados que resolveram provar as melancias do Mestre. Como oferecidas estava fora de questão, teriam que ser roubadas e de noite, porque de dia era impossível. Se bem o pensaram melhor o fizeram. Uma noite combinaram com os sentinelas, saíram do quartel e foram à horta do Mestre buscar umas melancias. Aproveitaram e trouxeram alguns tomates e pepinos e com tudo isso fizeram à noite uma grande patuscada. Nas rondas que o capitão costumava fazer em noites de insónia, passou pela cantina e viu o Balsinhas e o Fialho mais outros soldados a petiscarem.

— Com que então a petiscarem! Onde é que foram roubar o que estão a comer? Não me digam que foi o cozinheiro que vos deu os petiscos?

— Não, meu capitão — disse o Balsinhas. — Estes géneros não saíram do rancho, arranjámo-los por fora. O meu capitão é servido?

— Não, Balsinhas, agradeço o convite como se tivesse comido. Bom apetite e bom proveito para vós todos. Boa noite.

— Obrigado, meu capitão, boa noite.

O capitão continuou a sua ronda e foi deitar-se. No outro dia de manhã apercebeu-se de um berreiro no quartel. Era o Mestre que se queixava de lhe terem roubado melancias, tomates e pimentos durante a noite. Dizia em voz alta que se as coisas da sua horta não aparecessem, ia fazer queixa ao capitão e só descansaria quando o ladrão fosse punido. Como o berreiro continuasse, o capitão que estava na messe mandou chamar o Mestre.

— Ouve Mestre. Estou farto de dizer que não quero berreiros como o que tens estado a fazer. Ou arranjas uma boa explicação ou trato-te da saúde.

— Meu capitão. Esta noite foram à minha horta e roubaram-me duas melancias mais meia dúzia de tomates e pepinos. Se eu sei quem foi o ladrão eu mato-o.

— Não matas nada porque tu não fazes mal a uma mosca quanto mais aos teus camaradas. Não faças mais barulho que havemos de resolver o assunto.

Logo que o Mestre saiu o capitão começou a rir.

— Coitado do Mestre. Tanto carinho com a sua horta e vão lá roubar-lhe coisas. Só podia ser o Balsinhas porque o vi ontem com outros à noite a petiscar. Se ele me mentir dou-lhe uns puxões de orelha valentes que ele vai arrepender-se de tudo o que fez. Fialho, vai chamar o Balsinhas mas não lhe contes nada ainda.

— Sim senhor, meu capitão.

O Fialho foi chamar o Balsinhas à cantina mas descaiu-se.

— Balsinhas, o Mestre disse ao capitão que esta noite alguém foi à horta dele roubar melancias e mais coisas. Ora o capitão disse que só podias ter sido tu porque ontem te viu a petiscar na cozinha. Se não foste tu de certeza que sabes quem foi, é o que diz o nosso capitão. Não mintas ao capitão, ele dá cabo de ti.

— Obrigado Fialho, obrigado por me teres avisado.

Dirigiram-se depois os dois para a messe de oficiais onde se encontrava o capitão.

— Dá licença, meu capitão. Mandou-me chamar?

— Mandei sim, Balsinhas. O Mestre disse-me que lhe roubaram melancias na horta dele, na noite passada. Quero saber quem foi pois desconfio que tu sabes quem foi o malandro que roubou as melancias.

— Fui eu, meu capitão. Foi uma partida que eu quis pregar ao Mestre. Ele andava sempre a falar da horta, comia do que lá tinha, sozinho, sem nos dar nada. É um egoísta e eu quis fazer-lhe uma partida.

— Olha meu malandro. Tu só me crias problemas apesar de seres um gajo fixe. Até aqui, tem sido com as mulheres da tabanca e na cantina com os petiscos. Como se isso não chegasse resolveste ir às melancias do Mestre. Não sei porque te não meto já na

prisão. Vou dar-te uma oportunidade. Vais falar com o Mestre e resolver o problema. Se o Mestre continuar a falar das melancias que lhe roubaste, eu dou cabo de ti. Vai-te embora antes que eu me arrependa.

O Balsinhas saiu da messe e o capitão disse ao Fialho para ir chamar o Mestre.

— Mestre, andaste por aí a fazer um barulho enorme por causa de duas melancias e meia dúzia de tomates e pepinos. Não te admito isso. A horta está na área do quartel, e só porque tu gostas muito de ver crescer os produtos da terra te deixei cultivar uma horta particular. Não estou para ter problemas por causa da tua horta. Chegam-me os problemas que os guerrilheiros me criam. Tens que meter na tua dura cabeça de alentejano que não estamos aqui para criarmos problemas uns aos outros mas para nos ajudarmos mutuamente, sejamos nós oficiais, sargentos ou praças. Quem te roubou as melancias foi o teu amigo Balsinhas. Se dentro de meia hora tu e ele não me disserem que fizeram as pazes e que o caso das melancias está ultrapassado, meto o Balsinhas na prisão e digo ao vague Mestre que vá à tua horta e que apanhe tudo para o rancho. E a ti nunca mais te deixo ter uma horta particular, enquanto eu for o comandante da Companhia. Agora desaparece da minha frente antes que eu me arrependa e peça contas aos dois pelos problemas criados.

Passado um quarto de hora o Balsinhas e o Mestre informaram o capitão que tudo tinha sido já resolvido, não voltaria acontecer qualquer coisa semelhante e agradeceram ao capitão ter resolvido o problema sem chatices para eles. Quando saíram, o capitão sorriu. Ele compreendia os dois muito bem. Eram dois bons soldados que ele não gostaria de ver punidos. Amigos de brincadeiras que também era necessárias para fazer esquecer as chatices do dia a dia, no isolamento de Bedanda.

A GUERRA DO PETISCO

A alimentação no quartel era um problema, nomeadamente quanto à aquisição de carne fresca. Por isso, de vez em quando, o capitão permitia que se matasse uma ou duas vacas da manada da Companhia. Dado o reduzido número de cabeças de gado, estas só poderiam ser abatidas por ordem do capitão. Há muito tempo que não se comia carne fresca, mas quando o desejo começava a ser muito forte o capitão autorizava o abate de uma vaca e durante um dia ou dois tirava-se a barriga da miséria.

Ora foi o que um dia o capitão veio a fazer, chamando o sargento vague mestre para que abatesse uma das vacas. A vaca foi morta, a carne distribuída, e o Fialho, que trabalhava na messe de oficiais, logo sugeriu ao capitão que se podia fazer um bom petisco para os oficiais com grão e mãos de vaca. Ele sabia que habitualmente as mãos de vaca eram deitadas fora por não ser viável cozinhá-las no rancho geral. Não chegavam para todos os soldados. O capitão não apreciava as mãos de vaca, em Lisboa nunca as comeria. No entanto, em Bedanda, onde tudo era diferente e a alimentação regra geral deficiente, mão de vaca era capaz de ser uma óptima variante ao rancho habitual.

Com base nisso disse ao Fialho para ir falar com vague mestre e que a seu mando lhe entregasse as mãos da vaca abatida. Foi o que o Fialho quis ouvir. Saiu da Companhia e foi à cantina falar com o sargento. Encontrou-o muito atarefado a conferir e a arrumar os géneros.

— O que queres daqui, Fialho? Estou a trabalhar, não tenho tempo para te aturar. Já te dei os géneros para a messe, o que é que queres mais?

— Na messe de oficiais lembrámo-nos de aproveitar as mãos de vaca e fazer mão de vaca com grão. Falei disso ao nosso capitão, ele concordou tendo-me dado ordens para as vir buscar antes de o senhor as deitar fora. Queria também um pouco de grão para fazermos o petisco.

— O nosso capitão quer as mãos de vaca? Já as não tenho. Aquilo que vocês queriam fazer para os oficiais já nós fizemos para os sargentos e já as comemos. Como é que

eu vou resolver isto agora? Tens a certeza que foi o nosso capitão que te mandou vir buscar as mãos de vaca? Isso não será uma iniciativa tua para fazerem um petisco para vocês?

— Não, meu sargento, não é iniciativa minha e o petisco é para os oficiais. E foi o nosso capitão que me mandou vir falar consigo. Eu só lembrei ao nosso capitão que era bom nós fazermos um petisco na messe de oficiais com a mão de vaca. Ele concordou comigo e mandou-me vir buscar as mãos de vaca. Eu não sabia que o meu sargento já as tinha comido. Eu vou dizer ao nosso capitão que o senhor e os outros nossos sargentos já comeram a mão de vaca.

— Está bem, podes ir dizer porque eu não me posso transformar em mão de vaca.

O Fialho saiu da cantina e foi falar com o capitão.

— Meu capitão, falei com o nosso sargento vagemestre. Não arranjei a mão de vaca porque o nosso sargento já a tinha arranjado para ele e para os outros sargentos. Nem sequer pude trazer a prova do sucedido porque eles estavam com pressa e já tinham comido o petisco. Só não tinham ainda lavado a louça porque eu bem vi a panela e os pratos sujos lá na cantina.

— Está bem, Fialho. Diz ao nosso sargento vagemestre que venha falar comigo.

O Fialho saiu do gabinete e dirigiu-se logo à cantina com o recado do capitão que tinha ficado aborrecido por o sargento já ter comido a mão de vaca. Queria falar com ele. Foi depois falar também com o Balsinhas dizendo-lhe que já tinha lixado o vagemestre.

- Fialho, como é que tu fizeste isso ao Vagemestre?

— Eu sabia que os sargentos já tinham comido a mão de vaca, da vaca que matámos. Cozinharam-na com grão. Eu tinha dito antes ao capitão que se podia fazer um petisco com mão de vaca. A princípio o capitão não se mostrou muito interessado mas com o apoio dos nossos alferes consegui que o nosso capitão me mandasse ao nosso sargento vagemestre buscar a mão de vaca. Como já a tinham comido não pude levar e agora o nosso capitão quer falar com os sargentos que a comeram.

— Fialho! Tu és terrível. Arranjaste uma grande intriga. Coitado do nosso sargento vaguemestre.

— Coitado uma ova. Coitados é de nós porque ele sempre vai arrançando uns petiscos para os amigos.

Cumprindo as ordens o vaguemestre lá seguiu para o gabinete do capitão.

— O meu capitão mandou-me chamar?

— Mandei sim. Você não perdoa nada. Mal acabámos de matar a vaca já você a estava a cozinhar e a comer com os seus amigos. Eu tinha mandado o Fialho buscar a mão de vaca porque queria fazer um petisco para mim e para os nossos alferes, mas você antecipou-se. Nem se lembrou de perguntar ao seu comandante de companhia se queria as mãos de vaca para a messe de oficiais. Julgo que era o mínimo que deveria ter feito. Se eu dissesse que não queria você poderia então fazer o petisco para os seus amigos. O que tem a dizer sobre isto?

— Nada, meu capitão. De facto eu fiz o petisco e comi-o com os meus amigos. Não me lembrei de perguntar ao meu capitão e aos nossos alferes se queriam a mão de vaca para a messe de oficiais.

— Agora, menino, que o mal está feito, não há mais nada a fazer. Você é comandante duma secção de atiradores. Porque tinha confiança em si e porque já tem a sua idade, inadequada a um comandante de secção na Guiné, eu mandei-o para o rancho e nomeei um cabo para comandar a sua secção. Mas como afinal vejo que você é muito desembaraçado, mais do que eu pensava, amanhã vai comigo para a operação já planeada e volta a comandar a sua secção. Esteja equipado amanhã, às duas horas da manhã. Pode sair.

Pouco tempo depois entra no gabinete do capitão o alferes Carvalho.

— Meu capitão, o Lopes foi falar comigo e disse-me que amanhã é ele que vai connosco na operação? Isto é verdade?

— É sim, Carvalho. É verdade porque aquele sacana fez um petisco com a mão de vaca e nem se lembrou de nós. Assim, nunca mais vai esquecer que quando houver um petisco o capitão e os nossos alferes também são gente.

— Meu capitão, tenha dó de mim. O Lopes nunca foi a uma operação porque você o retirou logo para vaguemestre, e o cabo que comanda a secção sabe dar conta do recado. A operação vai ser difícil e eu não queria levar um maçarico a comandar a secção. Se o quiser levar connosco dê-lhe outra missão. No pelotão não tem lugar. Problemas já nós temos, não precisamos de mais outro. Veja lá se pode rever a sua decisão.

— Está bem, mas não digas nada ao Lopes. Ele vai preparar-se para a operação, mas na altura da saída eu dispenso-o e volta para o rancho onde ele é bom.

— Assim está bem. Até logo e desculpe o meu desabafo.

No noutro dia, antes da saída para a operação, o sargento Lopes apareceu de camuflado com espingarda, granadas e cantil. Parecia um guerreiro, mas com cara de grande aflição quando se apresentou ao capitão.

— O nosso sargento está pronto para comandar a sua secção?

— Estou pronto para cumprir as suas ordens, meu capitão. O nosso alferes disse que a operação era difícil e que eu ia ser mais um problema para ele. Preferia que eu não fosse.

— E você prefere ir ou não?

— Eu preferia não ir mas o meu capitão é que sabe.

— Bem, Lopes, vá lá tratar do rancho. Você não vai connosco porque eu preciso de alguém de confiança para tratar do rancho e da alimentação do quartel. Da próxima vez quando houver petisco lembre-se do seu capitão e dos nossos alferes.

— Esteja descansado, meu capitão. Não me voltarei a esquecer. Obrigado e boa sorte.

— Obrigado Lopes e porte-se bem.

Quando o sargento se afastou, o capitão, sorrindo, disse ao alferes Carvalho:

— Ainda bem que você não o quis a comandar a secção. Se o levássemos ia ser um grande problema para nós. É bom rapaz, muito bom vagemestre, mas velho de mais para comandar uma secção nos matos da Guiné. Se você não me tivesse dado a hipótese de o dispensar, não sei como me ia livrar desta enrascada em que me meti. Tínhamos que andar com ele às costas pois ele não iria aguentar o esforço que nos espera.

— Tudo acabou em bem, meu capitão. A próxima vez que matarmos uma vaca, as mãos serão para fazermos um petisco para os oficiais. E eu, ou muito me engano, ou o petisco vai aparecer na messe já preparado.

OBJECTIVO — INCALA

Vamos a Incala, anunciou um dia o capitão aos seus alferes. Irão sozinhos mas o capitão já solicitou a Bissau que os Fiat bombardeiam Incala às oito horas da manhã do dia aprazado para a operação.

— O comandante do batalhão vai montar um posto de comando avançado, um posto de socorros com um médico de Catió e um helicóptero vindo de Bissau. Gostava de ouvir a vossa opinião.

— Não é difícil, — disse o Carvalho — mas vamos levar muita pancada. Temos de ter muito cuidado e coordenar muito bem a acção.

— A guerrilha de Incala vai reagir — disse o Oliveira. — Temos-lhes dado muita pancada e eles vão reagir. Para manterem o controlo sobre a população têm de mostrar êxitos. Vamos preparados para dar e levar.

— Sou demasiado maçarico para dar a minha opinião, — disse o Henriques — mas concordo com o Oliveira.

— Eu faço o que me mandarem e fá-lo-ei da melhor maneira que souber e puder, — disse o Manuel — mas não posso dar uma opinião porque sou novo nesta guerra.

— Bem, — disse o capitão — vocês têm razão mas não temos alternativa. Espero que os Fiat destruam parte da área, liquidem alguns deles e ponham os outros em fuga. Vamos actuar de uma forma diferente da que usámos na outra vez que lá fomos.

A companhia iria sair nessa mesma noite e aguardaria o bombardeamento aéreo no braço do rio que liga o Ungarinol a Rossum Ole, e que separa a tabanca abandonada de Incala. Os primeiros a entrar na tabanca irão ser o Henriques e o Carvalho.

— O Henriques desce o Ungarinol comigo — disse o capitão. — Iremos em barcos de borracha, aproveitando a vazante da maré, praticamente sem motor e utilização esporádica dos remos. O Henriques instala-se frente a Incala, na margem do rio com o braço do rio à sua direita. Eu vou com o Henriques. O Carvalho atravessa o Ungarinol no porto interior de Bedanda, segue para Rossum Ole, atravessa o braço do

rio e aguarda no tarrafo ordem para avançar, que só surgirá, em princípio, depois do bombardeamento. O Oliveira e o Manuel atravessam o Ungarinol, também no porto interior, depois do Carvalho, e aguardam junto de Rossum Ole. Terão por missão principal a busca e destruição de Incala e do acampamento dos guerrilheiros. Se as coisas correrem mal, avançarão para reforçar o Henriques e o Carvalho. A artilharia tem que estar preparada para bater Incala, antes da entrada da companhia, e depois no apoio à retirada. O Tala vai com o Carvalho e leva duas secções. Dúvidas?

— Não há dúvidas, meu capitão — disseram os alferes. — O que vai haver é muita pancada.

— Sendo assim, partimos às três da manhã. O primeiro pelotão a sair é o do Henriques que leva dois guias do Tala. O Henriques e o Oliveira coordenam a questão dos barcos. Podem ir agora. Até logo.

O capitão mandou chamar o Tala, o 1º sargento, o sargento de transmissões, o vagemestre e o sargento enfermeiro.

— Vamos sair esta madrugada para Incala. Tala, não dizes a ninguém onde vamos. Manda apresentar dois milícias ao alferes Henriques. Levas duas secções com o alferes Carvalho e recibes as instruções dele. Tens de levar nas secções dois homens que conheçam bem Incala. O nosso 1º fica a comandar o quartel. Vem para cá um médico e um helicóptero. Trata bem essa gente. Preciso de boas ligações, tanto para a Companhia como para os pelotões e meios aéreos. Ração de combate para um dia, granadas de bazuca e morteiro 60. O sargento enfermeiro tem que estar preparado para receber feridos e para os evacuar se necessário. Dúvidas?

— Nenhumas.

— Então vão tratar dos assuntos e até logo.

Estavam dadas as ordens gerais para a operação. O resto seria conduta e só o evoluir da situação poderá, em cada momento, ditar o que se deve e pode ou não fazer. Ao Lassen, o capitão disse para preparar as suas coisas e ficar pronto para sair. E que falasse ao Joãozinho.

A partir deste momento cada um sabia o que tinha a fazer. Os maçaricos aprendiam com os veteranos e tudo o que era necessário aparecia feito. O capitão apenas teria que pensar nas várias hipóteses que poderiam acontecer e encontrar soluções teóricas para elas, que depois teria que aplicar na prática em função da conduta.

À hora marcada saíram. Em quatro barcos de borracha embarcou o pelotão do Henrique com os guias e ainda o capitão. Lentamente começaram a descer o rio Ungarinol. Todos silenciosos. Dentro dos barcos eram alvos fáceis para os guerrilheiros que se instalassem no tarrafo. Tiveram sorte, não encontraram ninguém. Rio deserto, até de mulheres de Incala que frequentemente o cruzavam a caminho de Bedanda.

Por volta das seis da manhã, sem novidades, o pelotão chegou ao primeiro objectivo. Desembarcou e ficou no tarrafo a aguardar que o dia clareasse. Aguardaram a chegada dos Fiat. Também o pelotão do Carvalho e a milícia do Tala atravessaram o rio e chegaram ao seu objectivo sem novidades. Tinham os pelotões de assalto em posição de iniciar a conquista de Incala. Os outros dois pelotões, um pouco mais à retaguarda, também estavam em posição. A primeira fase da operação tinha corrido muito bem.

O tempo de espera era terrível. Estavam a escassas centenas de metros da povoação e do acampamento da guerrilha, mas não podiam avançar. Ainda não era dia claro e avançar antes de os Fiat chegarem seria muito perigoso. Com o clarear do dia o nervosismo aumentou. Ouviam-se as conversas da população e dos guerrilheiros, estavam próximos deles e prontos para tudo. Havia preocupação nos militares. O Carvalho interrompeu o silêncio rádio.

— Cristo, aqui Carvalho. Há movimento na tabanca e nós não avançamos porquê? Escuto.

— Carvalho, aqui Cristo. Primeiro os Fiat têm que fazer o seu trabalho. Não temos ligação rádio com eles. E se eles chegarem bombardeiam mesmo connosco dentro do acampamento. É chato e pode acontecer. Chama-se fogo amigo, imagina. Triste e muito desagradável. Vamos esperar mais meia hora. Terminado.

— Bedanda aqui Cristo, escuto.

— Cristo aqui Bedanda, escuto.

— Os Fiat já deviam estar em cima de nós a fazer o seu trabalho. Não sabemos nada deles. Se ficamos aqui mais tempo levamos uma sova que nunca mais vamos esquecer. Perguntem para Catió se sabem alguma coisa, escuto.

— Cristo, não sabemos nada dos Fiat. Vamos tentar saber e depois falamos. Terminado.

Entretanto começou a ouvir-se, ao longe, o barulho do motor de aviões. Se já se ouviam, sem serem vistos, não eram Fiat. Eram apenas dois T-6 que à distância já avisavam que iam chegar. Os Fiat não se anunciavam e os guerrilheiros tinham muito medo deles. Chegavam silenciosos e largavam a sua carga mortífera. O capitão entrou em contacto com os T-6.

— Passarões, aqui Cristo, onde estão os Fiat que nos prometeram? Escuto.

—Cristo, não puderam vir e nós viemos substituí-los. Vamos ficar no ar e faremos bombardeamentos a pedido, escuto.

— Passarão, aqui Cristo. Precisava dos Fiat, não de vocês. Podem regressar a Bissau que eu vou entrar em acção sozinho. A Força Aérea será responsável pelo que acontecer. A voar em cima de mim denunciam a minha posição. Boa viagem até Bissau. Lamento o que me fizeram, escuto.

— Cristo, trago ordens para você retirar se for necessário, adiando a operação para data oportuna. Foi impossível trazer-lhe o apoio dos Fiat, escuto.

— Passarão, eu não retiro. Vou avançar sozinho. Não posso perder mais tempo. Terminado.

No quartel seguiam com atenção a conversa com os T-6. Estavam preocupados. Era difícil para o capitão aceitar voltar para trás, mas podia ser um desastre entrar em Incala sem apoio aéreo. A artilharia estava a postos para apoio de fogos, a pedido. Ao ouvir o capitão dizer que ia avançar sozinho o médico explodiu:

— Este capitão é maluco. Ele tinha era que retirar e ir lá outro dia. Vais ser uma desgraça com mortos e feridos, e depois eu é que tenho que me desenrascar.

— Tenha calma doutor — disse o sargento enfermeiro. — Se o nosso capitão retirasse, era mau para o moral dos soldados e ninguém garante que não tivesse ainda mais baixas na retirada do que no ataque. Nunca ouviu dizer que a melhor defesa é o ataque? O capitão vai atacar porque não tem outra solução para se defender. Vamos ter fé em Deus e naqueles valentes. Nunca os viu atacar como eu já os vi, em operações que fiz com eles. Vão safar-se e as baixas não serão tantas como imagina.

— Deus o ouça — disse o médico.

Entretanto, no mato, o capitão dava as suas ordens.

— Carvalho, Oliveira e Manuel, vamos avançar. Dentro de cinco minutos arranca o Carvalho, atravessa a povoação e o acampamento, e se eles deixarem, o Carvalho só vai parar na orla da mata frente a Nhai. Eu e o Henriques avançamos também e só paramos frente à bolanha de Incala. Oliveira e Manuel, avancem até às primeiras casas. Aguardam aí as minhas ordens para iniciar a destruição ou para reforçar algum dos outros pelotões. Henriques, Oliveira, tudo o que mexer é para abater desde que seja adulto, homem e não traga as mãos no ar. Apenas se poupam mulheres e crianças. Vejam se o tiro deles é apenas para nos localizarem. Dedo no gatilho, olho vivo e vamos a eles, escuto.

Com os alferes bem coordenados, a companhia arrancou. Os guerrilheiros não tinham detectado ainda as posições dos soldados, mas estariam preparados para os receber. Agora viam-se negros a correr por todos os lados para tentarem deter a tropa. Missão impossível. Com o dedo no gatilho e fazendo fogo em movimento, os pelotões do Henriques e do Carvalho avançaram sem parar. A raiva contida naqueles homens, por tanto tempo de espera deitados no tarrafo, era agora transformada em movimento rápido e fogo, mais acelerados que o normal. Os guerrilheiros alargaram a frente, pensando que teriam contra eles efectivos mais numerosos e não apenas cerca de três pelotões. Isso ajudou a tropa de Bedanda. Falou o capitão.

— Carvalho, aqui Cristo. Como vai a festa por aí? Aguenta ou quer reforço?

— Cristo, aguento, não preciso de reforço. A certa altura julguei que ia ficar detido, mas a malta é fixe e continuou a avançar de árvore em árvore, limpando tudo o que mexia. Agora já só ouvimos tiros isolados para nos retardarem, escuto.

— Carvalho, aqui Cristo. Por aqui estamos em igual situação. Estamos a chegar à bolanha e depois vamos parar. Avise-nos quando chegar à bolanha e vir o que vai por lá. Mandarei avançar já o Oliveira e o Manuel com você instalado no objectivo.

— Cristo, tenho a bolanha à vista. Isto está ganho. Fazemos agora pequenas limpezas. Por mim pode mandar avançar o Oliveira e o Manuel, escuto.

— Carvalho, entendido e terminado.

— Oliveira, Manuel, aqui Cristo. Agora podem avançar e destruir tudo o que encontrarem. Estamos em posições defensivas e garantimos segurança. O Oliveira vai pela esquerda e o Manuel pela direita. As barracas são vossas. Digam se entenderam, escuto.

Tinham entendido perfeitamente. Em cerca de duas horas, dois pelotões da companhia de Bedanda e um pelotão de milícias tinham posto em fuga os guerrilheiros de Incala. Havia alguns feridos sem gravidade que o capitão decidiu não evacuar para não se perder tempo. Quando se procedia à destruição da tabanca e do acampamento, surgiu no ar uma DO que entrou em comunicação.

— Cristo, aqui pássaro. Passarões mandaram-me vir aqui para apoiar ligação entre ambos. Estão em Bissau dois T-6 prontos a descolar a vosso pedido.

— Pássaro, aqui Cristo, obrigado pela sua vinda. É bom saber que se houver qualquer coisa podemos contar convosco. Já conquistámos o objectivo. Estamos a proceder a buscas e destruição. Dêem um volta sobre Nhai e digam se há por lá movimentos estranhos. Se formos atacadas será por reforços vindos de lá, escuto.

— Cristo vou satisfazer o seu pedido. Até já. Terminado.

— Bedanda, aqui Cristo. Objectivo conquistado. Estamos agora na busca e destruição, conclusão dentro de duas horas, escuto.

— Cristo, aqui Bedanda. Entendido. Recebemos frescos vindos na DO. O piloto disse que era oferta da Força Aérea aos bravos de Incala para compensar os Fiat que não vieram, escuto.

— Bedanda, aqui Cristo. Espero que tenham agradecido à Força Aérea. O vagemestre que tome conta. Avise Catió que o objectivo foi alcançado com baixas ligeiras. Terminado.

— Cristo, aqui pássaro. Em Nhai nenhuns movimentos suspeitos. Fico mais meia hora e depois regresso. Diga se entendeu, escuto.

— Pássaro, aqui Cristo. Entendido. Obrigado pelo frescos. Nós regressamos logo que terminem as buscas e as destruições. Pode regressar a Bissau quando quiser. Obrigado por tudo. Terminado.

Já passava das duas da tarde quando o capitão deu por terminada a acção e ordenou a retirada.

— Bedanda, aqui Cristo. Dentro de uma hora estará livre a zona de Incala, vamos retirar. Quero duas salvas de artilharia, a quatro mais quatro granadas, sobre Incala. No meu relógio são duas da tarde. Primeira salva às três horas, a segunda às três e meia. Digam se entendido, escuto.

— Cristo, entendido, Terminado.

— Oliveira e Manuel, iniciem a retirada directos a Rossum Ole e daí para o porto interior. O Oliveira à frente, segue-o o Manuel, depois o Henriques e o Carvalho. Eu continuo com o Henriques. Em Rossum Ole espero pelo Carvalho. Não quero mais que um pelotão no porto interior. Atravessem rápido e sigam para o quartel. O Oliveira, assim que chegar, monta os morteiros 81 e prepara fogo sobre Rossum Ole, à minha ordem. Digam se entendido, escuto.

Todos os comandantes de pelotão tinham entendido. O capitão insistiu que dentro de uma hora não queria ninguém em Incala. A artilharia bateria então a tabanca de Incala ou o que restasse dela, às três horas e às três e meia. A essa hora toda a gente estará, no mínimo, em Rossum Ole.

— Bedanda, aqui Cristo. Quero um barco no porto interior a partir das quatro horas. O pelotão da povoação que tenha os 81 prontos para fazer fogo logo que chegue o comandante de pelotão. Diga se entendeu, escuto.

— Cristo, entendido, escuto

— Bedanda, terminado.

A companhia retirou e atravessou o rio sem mais problemas. Os soldados vinham contentes. Poucos feridos ligeiros. Os guerrilheiros de Incala, um dos santuários da guerrilha no sul, tiveram que retirar frente a uma companhia que conduziu a operação sem apoios doutras forças terrestres. Era a desmitificação de Incala como ponto forte da guerrilha. No entanto, tanto os homens que ficaram em Bedanda como os que seguiram na operação, recearam que as coisas não corressem tão bem. A tropa de Bedanda é muito aguerrida, muito experiente e muito bem comandada. Os guerrilheiros de Incala também não são principiantes e sabem combater. Mais uma vez a sorte esteve com a tropa de Bedanda.

Foi a última operação com o alferes Carvalho. Transferido para Bissau, foi mais tarde substituído pelo alferes Cristóvão. Carvalho, hoje oficial superior do exército, é um belíssimo oficial e foi um excelente combatente. Era um ótimo auxiliar do seu comandante de companhia e além de comandante de pelotão era também o oficial da material de guerra da Companhia, missão nunca fácil mesmo em tempo de paz e extremamente complexa em tempo de guerra. Foi condecorado por serviços relevantes e excepcionais ao País. O capitão teve muita pena de o ver partir. Libertava o capitão de muitos problemas administrativos e estava sempre na primeira linha de combate. A vida é mesmo assim numa unidade de guarnição normal. Como a rendição é individual, uns partem e outros chegam, mas a amizade, a camaradagem e a lealdade permanecem.

O Carvalho veio a tomar parte no movimento de 16 de Março de 1974, conhecido como o levantamento das Caldas. Esteve preso até ser depois libertado pelos camaradas que fizeram o 25 de Abril. Foi um dos primeiros comandantes do forte de Peniche, célebre prisão política até Abril de 74, logo que o movimento dos capitães, como ficou conhecida a revolta militar, foi considerado vitorioso. Leva hoje uma vida pacata dedicada à sua profissão de militar e à sua família. Vive triste. Considera-se

injustamente tratado pois, apesar de diversos requerimentos, nunca viu alterada a sua antiguidade como oficial do exército com o curso da Academia Militar. De acordo com a Lei do Serviço Militar então em vigor, devia ser-lhe considerado, para efeitos de antiguidade, o tempo de oficial miliciano em zona de combate, acrescido da mais seis meses por ter sido condecorado com uma cruz de guerra. Se a lei tivesse sido aplicada, teria mais dois anos de antiguidade, o que permitiria garantir o acesso ao posto de coronel ou, quem sabe, atingir este posto mais rapidamente. Dadas as dificuldades das promoções, ele já tem oficiais milicianos mais modernos à sua frente, só porque optaram pelo Quadro Especial de Oficiais, um quadro criado durante a guerra para oficiais milicianos que quisessem continuar na tropa mas não desejassem frequentar a Academia Militar para entrarem, depois, no quadro permanente.

CHEGOU A VEZ DE CABEDÚ

— Meus senhores, — anunciou um dia o capitão — chegou a altura de irmos ao acampamento do cruzamento da Cabedú. Há muito tempo que todos nós estamos com vontade de lá ir. Mas, como sabemos, tem sido muito difícil localizar este acampamento. Temos informações seguras de que dispõe de cerca de 100 guerrilheiros e que tem um cubano como 2º comandante. Dispõe de abrigos que permitem o entrenchamento de todos os seus elementos.

Este acampamento fica na nascente do rio Lama, a sul da estrada para Mejo e a cerca de 1 km dessa estrada. Segundo informações recolhidas, para lá chegar pode-se ir pela estrada Bedanda-Mejo até Melinde, e depois a corta-mato a sul da estrada. Depois de duas horas de marcha chega-se à estrada para o Cantanhez. Virando então para norte, atinge-se o acampamento dos guerrilheiros que tem sempre sentinelas de vigia, uma delas sobre a estrada na frente sul. Todas as noites sai do acampamento uma patrulha de 20 elementos que só regressa por volta do meio-dia. A patrulha vai até Bobedê, Nhai e por vezes até Salancaur.

— A guerrilha, — continuou o capitão — encontra-se bem armada, é aguerrida, nunca foi atacada no seu acampamento e tem tido diversos contactos com os militares, com mais êxitos que fracassos. Solicitei ao Comando do Batalhão uma companhia para nos apoiar. Chega amanhã por volta do meio-dia, sairemos às dez horas da noite. Vamos juntos até Melinde, nós à frente e a seguir a companhia do capitão Amorim, mas em Melinde separamo-nos. Eles seguem pelo lado norte da estrada e nós pelo sul. Nós assaltamos o acampamento, a outra companhia montará emboscadas para evitar reforços, incluindo algum grupo que tenha saído em patrulhamento. Ficará próxima de nós a ponto de poder acorrer em nosso auxílio. Sai o Oliveira à frente, logo seguido do Henriques, depois o Manuel e o Cristóvão. Ao chegarmos ao acampamento o Oliveira ultrapassa-o e monta segurança do lado norte. O Henriques e o Manuel assaltam o acampamento. O Cristóvão, logo que avistarmos o acampamento, instala-se a sul, monta guarda e fica atento a reforços que poderão vir do Cantanhez. Atenção, razões para um dia. O Oliveira recebe duas secções do Tala. Dúvidas?

— Nenhumas. Como sabe, vai ser uma operação difícil. Eu e o meu pessoal gostamos de ir a este acampamento, temos levado muita porrada deles, é uma coisa cá nossa.

— Sendo assim, podem retirar-se. Pensem na operação mas só amanhã poderão falar com o vosso pessoal. A conduta será na base de busca e destruição, de forma rápida, pois sabemos que eles têm um posto de fogos na periferia para bater o próprio acampamento se necessário. Até logo.

Assim se iniciou a preparação da companhia para mais uma operação, desta vez a um acampamento da guerrilha localizado num ponto chave, na zona sul da Guiné, incumbido de várias e importantes missões. Uma das missões, talvez a mais importante, era impedir a utilização da estrada Melinde-Mejo-Guileje, tanto pela tropa de Bedanda como a de Guileje. Esta missão, que vinha sendo cumprida com absoluto sucesso, desmoralizava as nossas duas companhias e moralizava os guerrilheiros. Eles sentiam-se em posição vantajosa para controlarem todo o itinerário. Outra missão era a de sentinela avançada para toda a mata do Cantanhez, onde a guerrilha se posiciona em força, dada a dificuldade de acesso, bem como a missão de garantia da segurança da sua linha de reabastecimento pelo corredor de Guileje. Estas missões justificam a existência de um acampamento com 100 elementos, bem armados, abrigos à prova de bazuca, ligações por trincheira entre os abrigos e com uma localização tal que torna difícil a sua detecção. E isto, tanto por patrulhas apeadas como por reconhecimento aéreo. A importância deste acampamento fica sublinhada pelo facto de ter um cubano como 2º comandante. Sabedores de tudo isto, os oficiais estavam animados, mas, por outro lado, sentiam receio por saberem que a progressão seria difícil e que à chegada poderiam contar com um duro, prolongado e violento combate. Fiéis, no entanto, ao hino que tão orgulhosamente eles cantam, irão para a mata porque ali quem manda é Portugal.

No dia seguinte, bem pela manhã, o capitão mandou chamar o Tala e todos os sargentos, com quem falou.

— Tala, vamos ao Cantanhez ou lá perto. Prepara duas secções para irem com o alferes Oliveira, com elementos que conheçam bem a área. Se não os tiveres contrata

dois civis que sejam caçadores. Ração para um dia. Outras instruções vais recebê-las do alferes Oliveira. Dúvidas?

— Não senhor, nosso capitão.

— Podes sair e bico calado. A tua milícia depois de formada é que vai saber para onde vai. Se não cumprires as minhas ordens eu trato-te da saúde.

— Agora nós. Amanhã ao meio-dia, chega a companhia do nosso capitão Amorim. Vamos sair à noite. Preparar almoço e jantar quente para a companhia. Eu levo todos os nossos alferes. O nosso primeiro fica a comandar a Companhia, embora tenha o nosso alferes de artilharia para todo o apoio que precise. Preciso de boas comunicações. Levaremos o melhor que tivermos em operadores e equipamento. Aqui vai ser montado um posto de socorros e vem um médico do batalhão. Quero tudo preparado para receber o posto de socorros do batalhão. Levo enfermeiros aptos a preparar feridos para evacuação e aplicação de soro. Dúvidas?

— Nenhumas — disse o 1º sargento. — Apenas pretendo saber a que horas saímos.

— Saímos às dez da noite. Tudo tratado discretamente e sem atrasos. Podem sair.

O Joãozinho e o Lassem seguirão com o capitão, seus fiéis guarda-costas. Na mata nunca largavam o capitão, zelavam pela sua segurança enquanto o capitão zelava pela segurança dos seus homens, muitas vezes descurando a sua. A companhia, quando ia para o mato, era uma máquina afinada onde cada homem tinha uma tarefa para executar e sabia que a segurança de todos dependia da boa execução das missões individuais e de conjunto. Todos se sentiam importantes e eram importantes.

Ao meio-dia, vindos em lanchas de desembarque, chegou a companhia de Catió. Eram cavaleiros com experiência de combate e já tinham dado provas do seu valor. Reuniram-se os dois capitães para uma troca de impressões.

— Amorim, és mais antigo, por isso comandas a operação. Tens o planeamento tal como eu pelo que não vamos entrar em pormenores. Vamos em fila indiana até Melinde. Não deve haver perigo até aí. Depois separamo-nos. Ao longo da estrada eu sigo pelo lado sul e tu pelo norte. Vamos procurar abordar os objectivos cerca das sete da manhã. Eu vou ao acampamento sozinho. Se ficar entalado peço-te para me

socorreres. Ouças o que ouvires, aconteça o que acontecer, enquanto não receberes um pedido meu não atravessas a estrada Bedanda-Guileje para sul. Se vires guerrilheiros, faz-lhe frente evitando que entrem no acampamento. Tens algo a acrescentar?

— Não — disse o capitão Amorim. — Vou procurar reter a norte todos os elementos que me aparecerem, e estarei às sete horas da manhã num local a partir do qual te possa socorrer se tiveres azar. Quanto à antiguidade, vamos deixar isso de parte. Estamos na tua zona, conheces bem a área, tu darás as ordens. Quando achares que devo abandonar a bicha de pirilau, dizes, que depois eu sigo por minha conta. Até lá limito-me a ir trás de ti. Acho que assim é melhor.

— Como queiras. Vamos proceder como dizes. Vamos agora descansar um pouco. Utiliza a minha cama. Sairemos às dez da noite. O teu primeiro pelotão segue depois do meu último. Durante a noite, para não nos perdermos, cada homem agarra com a sua mão esquerda o cinturão do homem que vai à sua frente. Se perder a ligação pára onde estiver. Quando eu der conta mando os guias atrás repescar o resto da coluna. Vou enviar-te dois milícias meus para teus guias.

— Está bem — disse o capitão Amorim. — Agora vou descansar.

— Se quiseres cerveja vai à messe que temos lá um frigorífico com cerveja fresca. Até já.

Agora restava descansar um pouco, acompanhar a preparação da saída para que a mesma não sofresse atrasos. A marcha ia ser difícil porque grande parte do percurso seria feito através da mata e de noite. Só quem executou em África deslocamentos desta natureza, sabe quão difíceis e perigosos eles são e quão necessários eles se tornam para garantir a surpresa sobre a guerrilha.

Jantaram juntos os oficiais das duas companhias. Às dez horas da noite iniciaram a marcha, o capitão Cristo seguia com o Oliveira. Silêncio absoluto. As escutas da guerrilha procuravam sempre saber quando a tropa saía do quartel. Apenas o silêncio, a marcha cuidada e o corta-mato permitiriam garantir a surpresa.

Ao fim de quatro horas de marcha, já perto de Melinde, ouviu-se um forte rebentamento na retaguarda do capitão e do Oliveira, motivado pelo accionamento de uma armadilha. A coluna parou e o capitão falou pelo rádio.

— Henriques, aqui Cristo, diga se o rebentamento foi no teu pelotão ou mais à retaguarda.

— Cristo, isto foi no meu pelotão, uma armadilha. Ainda não sei como isto aconteceu. Tenho sete feridos, um deles comandante de secção, escuto.

— Henriques, aguenta o barco. Vou já para aí com os enfermeiros. Terminado.

O Capitão seguiu para o local tendo encontrado um pelotão destroçado e desmoralizado. Nada menos que uma secção inteira, todos feridos dum momento para o outro. Um soldado tinha saído da coluna para uma necessidade e accionou o arame de tropeçar, provocando ferimentos em seis elementos da secção e em si próprio.

O capitão disse ao enfermeiro:

— Vê lá isso. Trata-os como puderes e diz-me depois o seu estado. Tens uma hora, depois tenho que sair daqui. Alertámos os guerrilheiros e em breve estarão nas redondezas. Se não procurarmos outro local eles dão cabo de nós.

Enquanto os enfermeiros tratavam dos feridos, o capitão mandou chamar o capitão Amorim. Entretanto disse aos pelotões:

— A todos os comandantes de pelotão, aqui Cristo. Um palerma saiu da coluna para mijar e accionou um armadilha. Resultado da brincadeira sete feridos, um deles o João Lourenço. Temos uma secção no estaleiro. Penso que não há feridos graves e ninguém em perigo de vida. Montem segurança para não sermos surpreendidos. Dentro de uma hora ou duas horas reiniciamos a marcha. Terminado.

Entretanto chegou o capitão Amorim.

— Amorim, tenho sete feridos. Um filho da mãe saiu da coluna para mijar e arrumou-me uma secção. Temos que tomar decisões. A surpresa foi apenas um sonho. O rebentamento foi ouvido e os guerrilheiros estão alertados. Se não ultrapassarmos isto, eles dão cabo de nós. Tu és o mais antigo, tens que decidir o que fazer. Há três

soluções possíveis. Retirar para a bolanha e fazer a evacuação que só poderá ser feita de dia, são duas da manhã, o heli demoraria oito horas a chegar e já não vamos ao objectivo; a segunda é esquecer o objectivo e regressarmos a Bedanda, não há riscos mas os nossos feridos foram em vão; a terceira solução é eu perder um grupo de combate e fazê-lo regressar a Bedanda com os feridos às costas, o que nos permite cumprir a missão. Esta solução significa que vou com menos efectivos ao acampamento, mas sem problemas desde que tu respondas a qualquer solicitação minha. O maior risco é poder perder um pelotão no regresso a Bedanda, pois serão duas secções com uma secção de feridos às costas. Se forem localizados pelos guerrilheiros, pouco restará deles. Das três soluções escolhe uma com urgência.

— Ouve, Cristo, já te disse que sou mais antigo, mas tu conheces melhor a zona. Faremos o que tu achares melhor.

— Está bem. Então vamos continuar. A partir daqui, segues tu pelo norte eu pelo sul. Os guerrilheiros estão à nossa espera. Deus nos ajude. Vou ver se os feridos estão tratados e mandá-los para Bedanda com o Henriques. Se tudo correr bem, chegarão à Companhia de madrugada. Volta para a tua companhia, eu vou tratar da minha. Manda para aqui um militar para eu te transmitir quando iniciamos o movimento. Até logo e boa sorte.

— Também para ti que ficas com o pior bocado.

— Aos comandantes de pelotão. Quero falar pessoalmente com todos. Estou com o Henriques, junto de uma abatiz caída na estrada. É urgente.

Entretanto os alferes chegaram.

— Meus senhores, vamos evacuar os feridos por terra para Bedanda. O Henriques regressa ao quartel e leva os feridos com as secções que sobram. É arriscado mas não há alternativas. Os feridos não são graves. Uma secção vai ajudando, a outra garante a segurança. Assim que chegares mandas o rádio da Companhia informar-me. Com a perda de um pelotão temos que fazer alterações. O Oliveira mantém a missão mas perde as duas secções do Tala. O Manuel vai sozinho ao acampamento mas leva agora as duas secções do Tala. Oliveira, quando regressares manda o Tala apresentar-se ao

Manuel. Eu entro no acampamento com o Manuel. Busca e destruição rápidas. Inicias a destruição depois de cessar uma eventual resistência. Mantemos a missão inicial. Segura-me bem o pelotão. Dúvidas?

— Não, meu capitão.

— Então sigam com os vossos pelotões. A partir daqui vamos a corta-mato. Cuidado que eles estão á nossa espera, pois ouviram o rebentamento. Eu avisarei para reiniciarmos a marcha. O Henriques leva um enfermeiro com ele e um guia do Tala. Assim que o Henriques arrancar, arrancaremos nós a seguir para o nosso objectivo. Podem seguir e boa sorte. Lassen, vai ver se os feridos estão tratados e diz depois ao nosso sargento enfermeiro que venha falar comigo.

Passado algum tempo chegou o enfermeiro.

— Os feridos estão tratados, meu capitão. O João Lourenço é que está pior, não pode caminhar. Ninguém está em perigo de vida e fizemos tudo o que era possível neste local para reduzir o sofrimento e estancar o sangue.

— Está bem, bom trabalho, obrigado. Nomeia um enfermeiro para acompanhar os feridos e os restantes retomam o seu lugar na coluna.

— Já nomeei um cabo enfermeiro que é muito bom e muito cuidadoso. Por esse lado não vamos ter problemas.

— Obrigado. Diz ao nosso alferes Henriques que venha falar comigo.

— Mandou-me chamar, meu capitão?

— Mandei sim, Henriques. Tens os feridos tratados. Regressa já ao quartel. Tem cuidado e boa sorte.

— Boa sorte também para si. Até logo à noite.

O pelotão iniciou o seu regresso a Bedanda. Fazendo das tripas coração, seguiu o seu caminho sob o olhar atento dos camaradas. Todos estavam preocupados. Sabiam que o capitão Cristo tinha tomado decisões difíceis e perigosas. Se algo falhasse, o capitão estava frito porque Lisboa queria continuar a fazer a guerra sem mortos e sem estropiados, e na Guiné isso era difícil.

— Lassen, vai dizer aos nossos alferes Manuel e Cristóvão que unam a frente e ocupem o lugar deixado pelo Henriques. Feito isso, reiniciamos o movimento. E você, que é o estafeta da outra companhia, vá dizer aos seu capitão que pode reiniciar o seu movimento.

Assim que o pelotão do Manuel chegou à frente, o capitão deu ordem de marcha numa progressão lenta e penosa através da mata virgem e densa, abrindo caminho com as catanas. De início, afastaram-se para sul e depois inverteram para oeste num percurso que fica paralelo à estrada Bedanda-Guileje. Procuravam um caminho que lhes proporcionasse o acesso ao acampamento. Estavam muito atrasados em relação ao horário planeado. Pretendiam estar no acampamento ao raiar da aurora e o dia já começara a aclarar. Tantas horas de marcha tão lenta, alguns já pensavam que se tinham enganado no caminho. Oliveira interrompeu o silêncio rádio.

— Cristo, aqui Oliveira. Já localizei o caminho, escuto.

— Oliveira, aqui Cristo. Correcto. Vou-me aproximar de ti, estou a caminhar para aí com o meu guarda-costas. O resto do grupo continua na mesma posição. Terminado.

O capitão juntou-se ao alferes Oliveira e juntos inspeccionaram o caminho durante algum tempo. Tinha sinais de ter sido muito utilizado mas não se via ninguém.

— Oliveira, manda avançar agora. Todo o cuidado é pouco. Sabemos onde está o acampamento e embora os guerrilheiros não saibam onde nós estamos, sabem que estamos na área e esperam por nós.

— Eu vou no meio da 1ª secção para melhor observar o que se passa, meu capitão.

— Eu vou entre a 2ª e a 3ª.

Lentamente avançaram então mais de duas horas. Às dez da manhã o Oliveira avistou o acampamento.

— Meu capitão, já estou a ver o acampamento. Está à nossa direita encostado ao caminho. Vejo as casas e os abrigos. Têm uma sentinela voltada para este lado que nós vamos tentar eliminar.

— Correcto. Tem muito cuidado Manuel. Olha, Cristóvão, parece que temos o acampamento 200 metros à nossa frente. A qualquer momento pode começar o tiroteio. Se tal acontecer, o Cristóvão instala-se defensivamente voltado para o Cantanhez. Aguenta o pessoal e esquece a retaguarda. O Manuel só entra no acampamento depois de o Oliveira o ultrapassar. Eu estarei no acampamento no início da busca. Terminado.

Mal tinha terminado estas instruções, começou o tiroteio à frente da tropa. Uma bazuca tinha sido o sinal. O capitão correu para o Oliveira e este para o acampamento, mas houve tempo para trocarem impressões breves.

— Capitão, tome-me conta do António. Levou com um estilhaço e tem um buraco enorme na barriga. Tenho que andar porque acabei de perder mais um comandante de secção.

— Segue que eu vou já ter contigo. Joãozinho, ajuda-me aqui a levar o António para trás daquela árvore. Lassen vai buscar o enfermeiro.

O enfermeiro chegou.

— Toma conta do António. Há mais feridos mas este é o mais grave. Soro imediato. Quando acabar o tiroteio venho buscar-te.

Dito isto, o capitão arrancou direito ao acampamento. O tiroteio era intenso. O Oliveira ultrapassava o acampamento e o Manuel e o Tala entraram nele varrendo tudo a tiro e a granadas de mão. Era um festival enorme. Dentro do acampamento o tiroteio não acabava. O Oliveira andava para norte e tinha mais dificuldades. Tinha caído numa emboscada pelo que era mais difícil montar aí a segurança. A coisa estava feia. O capitão deixou o acampamento e foi ter com o Oliveira?

— Oliveira, o que se passa?

— Não sei. Penso que alertados pelo rebentamento da armadilha nos montaram uma emboscada entre o acampamento e a estrada para Guileje. Caímos nessa emboscada. Eles estão por todo o lado. No chão, em cima das árvores, e as costureirinhas não se calam. Vou avançar a ver se me safo desta.

— Avança enquanto puderes. Eu vou pedir reforços. Manuel, aqui Cristo. Caímos numa emboscada e a coisa está feia. Fica aí sozinho e manda-me o Tala. Ele que saia daí e que siga até à estrada para Guileje que logo me encontra. É urgente.

— Cristo, aqui Manuel. Entendido. Se quiser posso ir eu e deixar aqui o Tala para acabar o trabalho. O tiroteio aqui terminou. Alguns deles ficaram estendidos, entre os quais um cubano que parece ser o 2º comandante, escuto.

— Não, manda-me o Tala. Continua o teu trabalho. Terminado.

Pouco depois chega o Tala.

— Tala, o Oliveira está lá para a frente. O tiroteio não pára. Vamos agora a cortamato tentando envolver ou empurrar os guerrilheiros. Dedo no gatilho, abrir o leque, vamos a eles. Lassen, segue junto da estrada para ligação com o nosso alferes.

Uma coluna de cerca de vinte homens seguiu a passo acelerado através da mata até ao Oliveira. Os guerrilheiros foram obrigados a retirar. A sorte do Oliveira e da companhia foi terem entrado pela retaguarda da emboscada sem darem tempo aos guerrilheiros de reposicionarem o dispositivo. Estavam dispostos a não deixarem entrar a companhia no acampamento, convencidos de que o conseguiam. O comandante e 2º comandante do acampamento foram mortos pelo nosso ataque do lado do Cantanhez, um flanco que eles consideravam seguro. No conjunto, quando o tiroteio acabou e se fizeram as contas, nós tínhamos mais cinco feridos, um dos quais grave, que era o comandante da 1ª secção do Oliveira, que se tinha lançado ao assalto logo que viu o acampamento. Foi uma vitória muito cara. Doze feridos, dois dos quais sargentos, era o balanço negativo até ao momento. O capitão reuniu a companhia para retirar para a bolanha e pedir evacuações. O pelotão do Cristóvão não respondia. O capitão preocupado disse ao Lassen que arranjasse dois ou três soldados e fosse buscar o pelotão onde ele tinha ficado emboscado. O Lassen regressou dizendo que não vira o nosso alferes mas que o pelotão estava com o alferes Manuel no acampamento.

— Lassen, vai dizer ao nosso alferes Oliveira que tome conta da companhia até eu vir. Arranja aí três soldados para irem comigo procurar o nosso alferes. O operador do

rádio que peça o helicóptero para evacuar cinco feridos um dos quais grave. O pessoal improvisa macas para os feridos. Assim que chegar o heli nós arrancamos.

Dito isto o capitão voltou atrás, atravessou o acampamento e andou cerca de 300 metros. Era ao local onde tinha visto o alferes Cristóvão pela última vez. Lá estava o alferes, sozinho, escondido atrás duma árvore. Quando o tiroteio tinha começado, os soldados, sem comando, tinham avançado para o acampamento e ajudado os outros no combate, na busca e na destruição do acampamento.

— Cristóvão, você é um homem muito corajoso. Tem mais coragem que eu.

O alferes, que tinha pelo capitão um misto de respeito e medo, respondeu com uma cara sem pinga de sangue mas feliz:

— Não me diga, meu capitão! Obrigado.

— Ouça, meu grande filho da puta. Você fez o que eu não era capaz de fazer. Ficou aqui sozinho e teve muita sorte em não ser agarrado à mão. O seu pelotão, porque você não foi capaz de o comandar, foi ter com o Manuel à zona de combate e você, borradinho de medo, nem deu conta. Levante-se e siga à minha frente antes que eu perca a cabeça e faça alguma asneira.

Assim foi recuperado um alferes que no meio da violência do combate não foi capaz de se levantar do chão, nem dar quaisquer ordens ao seu pelotão. Este, constituído por valentes, ao ouvir o tiroteio e sentindo o cheiro a pólvora, avançou para o acampamento comandado pelo cabo Francisco.

Ao chegarem à testa da companhia, a evacuação já tinha sido pedida indicando como lugar bom de aterragem do helicóptero a bolanha entre o rio Lama e o rio Bachacolnhére. Eram três difíceis quilómetros a percorrer, com os feridos às costas ou em macas improvisadas com camuflados e ramos de árvore. Marcha muito penosa para os feridos que se queixavam com dores. António era o que mais sofria. O capitão recebeu pedidos dos oficiais e dos sargentos para a marcha ser mais lenta e fazerem paragens mais frequentes para descanso dos feridos. Não atendeu nenhum.

— Só temos uma hipótese de salvar o António. Fazê-lo chegar rapidamente a Bissau para ser operado. O estilhaço deve ter-lhe rebentado parte dos intestinos e há perigo

de infectar. Sei que lhe dói e que ele consciente ou não, se queixa muito, mas se não andarmos depressa ele morre-nos no caminho e já não se queixa mais.

— Meu capitão, — disse o Oliveira — o senhor parece que tem uma pedra no lugar do coração. Se o António morrer devido à falta de cuidado eu nunca lhe perdorei.

— Ouve Oliveira, faz o que te digo, pensa o que quiseres mas não me chateies porque eu estou tão chateado como tu, no mínimo.

Não ouvindo ninguém, insensível aos apelos, os feridos a gemer, o capitão levou a sua avante, caminhando sempre ao lado do António e do sargento enfermeiro.

O capitão ia tão preocupado com a segurança e com os feridos, que solicitou ao rádio telefonista que avisasse a outra companhia do local para a evacuação para irem ter com eles. A evacuação realizou-se em menos de duas horas e todos os feridos se salvaram incluindo o António, que no hospital de Bissau foi operado e passou um dia inteiro na sala de operações. O cirurgião afirmou que ele tinha sido salvo porque a evacuação tinha sido rápida e o rapaz era forte e saudável, tendo aguentado tudo muito bem. No regresso, os militares apresentavam um misto de alegria e tristeza. Alegria porque tinham ido ao acampamento e tristeza porque a operação tinha tido mais baixas do que qualquer outra.

Ao chegarem, o capitão Amorim falou com o capitão Cristo.

— Antes de começar o tiroteio vimos um grupo de vinte homens que também nos viram e depois afastaram-se. Em determinada altura, no meio do capim, nem nós os víamos nem eles a nós. Estávamos, no entanto, muito perto. Até os ouvimos dizer que nós fôramos muito rápidos a chegar ao acampamento. Pensavam que era a minha companhia que estava a fazer o assalto. O tiroteio no acampamento foi tão violento que pensei que seria impossível sair de lá com vida. Já tenho um ano de Guiné e nunca assisti a nada parecido. Vocês são de facto formidáveis.

— Sabes, Amorim, agora vamos beber uma cerveja para esquecer, porque acções como esta endurecem-nos o coração e desgastam o físico.

Entretanto chega o médico que tinha montado o posto de socorros avançado no quartel.

— Então doutor, muito trabalho?

— Não, meu capitão. Você tem uma equipa de enfermeiros formidável. Foram muito bem assistidos no mato, quase me limitei a evacuá-los para Bissau o mais rapidamente possível. Se a equipa de enfermeiros não fosse tão boa, teria tido mais trabalho e as coisas não correriam tão bem. O soro salvou a vida ao António. Nem sabia que tinham levado soro nem que o sabiam aplicar com os meios artesanais que usaram.

— É a vida, doutor. Para que a vida continue temos que aplicar tudo o que sabemos e saber muito. Os meus enfermeiros são homens do mato que sabem o valor de uma vida. Pedi em tempos, ao seu antecessor em Catió, que preparasse os meus enfermeiros. É muito importante para nós, combatentes. Dê os parabéns aos enfermeiros que levei, porque eles vão gostar de ouvir de si o que agora me disse a mim.

Ao chegarem, tinham um novo alferes. Era o Antero. Vinha substituir o Oliveira que ia acabar a comissão em Bissau. Partiria dentro de dois dias. Era mais uma grande, uma enorme perda para a companhia. Excelente camarada, óptimo combatente, sabia muito bem conduzir os seus homens, tanto em combate como no quartel. Actualmente o Oliveira é oficial da Guarda Fiscal. Foi o último da equipa inicial a deixar Bedanda e a despedir-se do capitão Cristo. Ao capitão Cristo custou muito deixar partir o alferes Oliveira. São as leis da vida militar e nada há a fazer.

Depois de vir da Guiné ainda tentou trabalhar com o pai que era construtor civil. Sem vontade de continuar a estudar, pensou encontrar aí uma saída profissional. Não foi possível. Depois de viver o que viveu, a vida civil não o motivava. Como não tinha já idade para concorrer à Academia Militar, concorreu à Guarda-Fiscal onde foi admitido como subalterno. Perdeu a antiguidade em relação aos seus camaradas de armas de Bedanda. Hoje continua a ser militar, tem o posto de capitão do quadro privativo da Guarda-Fiscal. Também ele foi condecorado com uma Cruz de Guerra e foi-lhe atribuída uma pensão por serviços distintos e relevantes à Pátria.

LADRÕES DE ARROZ

Chegou a altura do capitão ir segunda vez de licença. Quanto partiu ia muito preocupado porque a companhia, de momento, não tinha bons subalternos. Os novos alferes pareciam e eram muito novos e agarotados. Ia longe o tempo em que os subalternos davam segurança ao capitão. Era o tempo do Ribeiro, do Cordeiro, Carvalho e Oliveira. Qualquer um deles, na ausência do capitão, era capaz de comandar a companhia com eficiência, tanto em operações como no dia a dia no quartel. Todos os soldados tinham confiança nesses oficiais como comandantes de pelotão. Alguns dos actuais oficiais não inspiram muita confiança aos soldados que comandam. No que diz respeito à actividade administrativa o capitão não estava muito preocupado. A Companhia tinha bons sargentos do quadro permanente com muita experiência. Eram normalmente sargentos de idade avançada para comandar secções, através das bolanhas e matas na Guiné, mas eram óptimos para encontrar soluções para os problemas logísticos e administrativos. A licença era de um mês, um mês de descanso, óptimo para matar saudades da família dos amigos e da comida caseira.

No regresso à Guiné, o capitão chegou a Bissau. Eram sete horas da manhã e, por isso, o Quartel - General, onde tinha de se apresentar, ainda não estava aberto. Para ganhar tempo foi ao café Bento, mais conhecido por 5ª repartição, por ser um local onde tudo se sabia e onde tudo era discutido. Foi para beber uma Coca-Cola e para ver se encontrava alguns amigos que lhe falassem das últimas novidades. Apareceram logo alguns oficiais que também vinham saber das últimas.

Disse um deles:

— Já vieste? Que tal foram as férias? Vens com força e moral para ir ao Cantanhez?

— Porque hei-de ir eu ao Cantanhez? Não sou tropa de intervenção mas sim de quadrícula. O Cantanhez não é área da minha responsabilidade. É uma zona de intervenção livre e de quadriculada de Cabedú.

— Podes ter razão, mas acredita que está planeada uma operação e contam contigo e com a tua companhia. Vais para a cabeça do touro. Houve fuga de informações e as

transmissões dos guerrilheiros já interceptadas têm pedido reforços em pessoal, material e medicamentos para fazer frente à grande operação que a tropa portuguesa lá irá fazer.

— Não sei de nada. Como sabes, vim hoje de Lisboa e lá não chegam notícias destas. Vou ainda hoje para Bedanda. O Quartel-General já deve estar aberto, vou até lá. Até à próxima. Saúde da boa.

— Sorte e saúde para ti.

O capitão dirigiu-se para o Quartel-General e onde se apresentou ao Chefe do Estado-Maior.

— Dá-me licença meu tenente-coronel? Apresenta-se o capitão Cristo vindo de licença e pronto para seguir para Bedanda.

— Ainda bem que chegou. Estávamos à sua espera e vamos mandá-lo hoje à tarde de avião. Temos qualquer coisa para a sua companhia, mas como queríamos você a comandá-la, aguardávamos o seu regresso.

— Eu sei. Vamos ao Cantanhez e querem que a minha companhia vá para a cabeça do touro.

— Não é nada disso. A sua companhia é uma das melhores da Guiné mas só confiamos nela comandada pr si. Queremos mesmo que tome parte da operação ao Cantanhez. Como foi que você soube disso?

— No Café Bento, mais conhecido por 5ª Repartição, por ser o local onde tudo se diz e tudo se sabe. Os informadores deles só precisam de se sentar na esplanada, beber uma Coca-Cola e ficar atento às conversas dos militares para ficar a saber as intenções e os planos do Quartel-General. Eu não vou ao Cantanhez. Por aquilo que soube os guerrilheiros estão a reforçar a área porque já sabem que nós lá vamos. Recuso-me a que a minha companhia tome parte numa operação desta envergadura em que o segredo não existe e com o plano de operações já nas mãos da guerrilha. Se é assim que vocês trabalham vão lá vocês que eu sou muito novo para morrer estupidamente.

— Venha daí comigo, Vamos ao brigadeiro.

Lá foram ao brigadeiro, comandante militar.

— Meu brigadeiro, o capitão Cristo já veio de licença. Está aqui e já soube no Café Bento da operação ao Cantanhez. Ele não quer ir.

— Não quer ir capitão Cristo? O facto de eles já saberem da operação e estarem preparados para vos receber não pode nem deve ser um obstáculo.

— O meu brigadeiro decidiu há tempos a abertura de um itinerário terrestre para reabastecimento de Bedanda a partir de Catió. Operação planeada e preparada pelo seu Estado-Maior, mas os guerrilheiros tiveram conhecimento dela. O resultado disso foram as emboscadas que nos montaram e que obrigaram a nossa tropa a retirar sem cumprir a missão. Se o meu brigadeiro insistir no Cantanhez, depois de saber que os guerrilheiros já têm conhecimento da operação porque foi discutida na praça pública, a tropa virá de lá com o rabinho entre as pernas. Não conte comigo para isso. Vou ao Cantanhez quando quiser mas a operação tem que ficar secreta até à execução, nem que para isso deixe de ser planeada no seu Estado-Maior.

— Está bem, vamos então adiar a ida ao Cantanhez. Vamos fornecer mais informações sobre essa operação, mas logo em seguida iremos a outro lado. Estou a pensar em Cansalá. O que pensa disso?

— Concordo. É uma das soluções para o problema. Penso que o meu brigadeiro deve acabar com a fuga de informações no seu Quartel-General. Se eles não tiverem juízo mande-os para uma operação e vai ver como logo aprendem.

— Obrigado, Cristo. Quando vai para Bedanda?

— Hoje à tarde. O nosso tenente-coronel vai arranjar o avião.

— Boa viagem e sorte por lá.

— Obrigado meu brigadeiro.

Às três horas da tarde o capitão embarcava para Bedanda e juntou-se à sua unidade. Ao chegar, pressentia que havia problemas mas nada lhe foi dito. Ainda perguntou ao alferes mais antigo o que se tinha passado na sua ausência mas não obteve resposta satisfatória. No dia seguinte foi visitar o Zé Saldanha e achou-o triste.

— Zé, quem morreu? Chego de licença e tu recebes-me com essa cara? Que é feito das mulheres do mato? Tens hoje pouco arroz para comprar, pelo que vejo.

— É verdade. Há três dias que praticamente não chegam mulheres do mato.

— O que há Zé? Não me digas que vão atacar Bedanda e ficaram à minha espera para o arraial?

— Não, nosso capitão. Eu não lhe devia dizer mas o senhor tem que saber tudo. Militares e civis estão chateados com o que se passou na sua ausência. O alferes do pelotão da povoação, feito com o Dino, roubou o arroz às mulheres do mato e vendeu-lho. Era para mo venderem a mim, como as mulheres sempre fazem, e vieram-me dizer. Eu disse ao nosso alferes que não estava correcto o que ele fez porque deixava a tropa mal colocada, mas ele disse que guerra é guerra. Por aquilo que sei os soldados não estão contentes com o procedimento do nosso alferes. As mulheres não têm cá vindo com medo de serem roubadas outra vez.

— Obrigado Zé. Manda recado às mulheres, que venham que ninguém lhe rouba o arroz. Palavra de capitão. Quero saber quantas toneladas e de quem era o arroz.

— Tenho aqui a relação das mulheres e a quantidade de cada uma. Pode confirmar os números com o Dino.

— Manda vir as mulheres para receberem o dinheiro do seu arroz.

O capitão seguiu depois para o Dino.

— Dino, o nosso alferes veio aqui vender arroz roubado às mulheres?

— Veio sim, nosso capitão.

— Quero uma relação das quantidades de arroz e quanto pagaste ao nosso alferes. Tens isso pronto para me entregares já?

— Tenho. Está aqui o que me pede.

— Muito obrigado Dino. Não devias ter comprado o arroz. Sabes que os militares não o cultivam. Pelo que vejo da relação, comprou o arroz mais barato do que o normal. Foi também um bom negócio para ti. Não gostei nada disso.

De seguida o capitão passou pelo pelotão e deu meia hora ao alferes para se apresentar na Companhia e que levasse com ele o sargento mais antigo. À hora marcada apareceram os dois no gabinete do capitão. Presente também o alferes mais antigo que comandara a Companhia na ausência do capitão.

— O nosso sargento que espere lá fora que eu já o mando chamar. Agora nós, meu ilustre alferes. A partir de agora deixa de comandar o seu pelotão. O sargento que está lá fora passa a comandá-lo, seguirei já para a povoação para lhe entregar o comando. Você roubou o arroz às mulheres do mato. Militares não roubam. Fartei-me de dizer que para cá do Cumbijã e do Ungarinol as mulheres estavam sob a protecção da Companhia. Elas acreditaram nisso e você desacreditou a tropa além de desobedecer a directivas minhas. Vou levantar-lhe um auto. Vou eu próprio elaborá-lo e dou-lhe o máximo da minha competência e pedirei ao Comando do Batalhão para agravar. Vou pedir a sua transferência imediata para o batalhão. Em Catió você aguardará nova colocação. Devia fazer o mesmo ao nosso alferes que ficou a comandar a Companhia por não ter actuado de imediato quando soube do facto. Considero que vocês, como oficiais, são uma grande merda, mas como preciso de subalternos tenho de aguentar. Não vai mais ao pelotão. Quero aqui no meu gabinete o dinheiro que você recebeu, para eu o entregar às mulheres. Já as mandei vir. Pode retirar-se e mandar entrar o sargento.

O sargento tinha boa pinta e era considerado um bom sargento.

— O nosso alferes roubou arroz às mulheres do mato. Vai levar uma porrada e perde o comando do pelotão. Fica aqui até seguir para Catió. Você fica a comandar o pelotão e mande cá para cima as coisas pessoais do nosso alferes. Vou consigo para baixo. Forme o pelotão que eu quero falar-lhes. Tem alguma coisa a dizer?

— Considero é que é difícil comandar o pelotão e não sei se estarei à altura dos outros comandantes que já passaram por cá.

— Se eu achasse que não estava á altura não lhe entregava o pelotão e mandava um dos outros alferes. Vamos embora.

O sargento formou o pelotão e o capitão falou então aos homens:

— Por ordem de nosso capitão, nosso sargento vai comandar o pelotão. Quero que todos os ajudem. Nosso alferes não vem mais para o pelotão. Roubou arroz às mulheres do mato e eu não quero mais ladrões na Companhia. Vou pedir outro alferes para vos comandar. Assim que ele vier passará a ser o vosso comandante. Actuem sob o comando do nosso sargento como actuavam com os nossos alferes Ribeiro e Oliveira. Nosso alferes vai embora mas antes vai ser castigado e tem que pagar o arroz que roubou. O dinheiro vai ser entregue às mulheres do mato que eram as donas do arroz. Soldados de Bedanda não são ladrões e respeitam mulheres e crianças. A nossa guerra é com os homens que têm arma, que são os guerrilheiros. Espero que se portem bem sob o comando do nosso sargento.

Dito isto o capitão subiu para o jeep e regressou à Companhia. O alferes foi punido com três dias de prisão simples e dois dias depois embarcava para Catió.

Foi a segunda vez que o capitão teve conhecimento de roubos às mulheres do mato. A primeira vez foi o Amadeu, alferes de segunda linha, ao tempo comandante do pelotão de milícias. Este nativo, distinguido com o posto de alferes, teve a ousadia de assaltar várias vezes as mulheres do mato quando regressavam depois de venderem o arroz. Roubava-lhes a cana, o tabaco e o dinheiro, e ainda as violava. Depois mandava-as seguir para o mato. Logo que o capitão soube disto, tirou-lhe o comando e entregou-o ao Tala, que estava graduado em aspirante. O capitão exigia que as mulheres do mato fossem respeitadas quando vinham à povoação e não admitia nenhum abuso por parte dos militares ou dos milícias, pois têm todos e em todos os momentos de servir de exemplo para a população civil.

LIÇÃO DE ESTRATÉGIA

Desde o início da sua estada em Bedanda o capitão Cristo teve por objectivo desenvolver uma série de acções de combate e de acção psicológica que, por um lado, enfraquecessem a vontade dos guerrilheiros para combater e, por outro, elevassem o moral dos militares e das populações civis sob a protecção da tropa. No início da sua comissão a guerrilha sentia-se tão moralizada que quase todas as noites atacava ou flagelava o quartel. Era preciso afastar de Bedanda essa cortina de aço e, para isso, foram desenvolvidas uma série de operações em que o êxito das nossas acções se mostrou evidente e o fracasso dos guerrilheiros era uma realidade.

Havia um lema na Companhia que sempre foi cumprido e que a levou a cumprir nas suas acções operacionais. Sem a conquista do objectivo não há regresso a quartéis. Ora isto moralizou mesmo os soldados e a população, desmoralizou muito os guerrilheiros e também as suas populações, através da exploração psicológica de todas acções operacionais.

Por outro lado, era preciso melhorar as condições de vida das populações amigas e dificultar a vida das populações sob controlo dos guerrilheiros. Neste âmbito insere-se a construção de novas casas, a retoma da cultura do arroz, a plantação de mandioca e de mancarra e a pesca nos rios, ao mesmo tempo que nas operações se destruíam casas, animais e culturas nas aldeias e acampamentos controlados pela guerrilha. Frequentemente era feita acção psicológica sobre as mulheres do mato que vinham a Bedanda, levando-as a pressionar os maridos e os filhos para deixarem o PAIGC e virem para o lado da tropa onde seriam incorporados em milícias com ordenado, armamento e fardamento, e com ajuda na construção de casas e no levantamento das bolanhas que iriam cultivar. As acções foram conduzidas com tanta eficácia que um dia, já quase no fim da comissão, o capitão foi informado de que um grupo de guerrilheiros estacionado em Cobumba se queria apresentar. Logo que o capitão soube disso mandou recado ao chefe do grupo, ex-soldado em Bedanda, para indicar um local do encontro e combinarem pormenores. As mulheres do mato diziam que os guerrilheiros se queriam apresentar mas tinham medo do capitão. Ele podia matá-los

logo que os visse, dado que tinham passado muito tempo a combater-se. Na opinião das mulheres do mato os guerrilheiros estavam cansados da guerra mas o medo do capitão impedia-os de se apresentar. Ora o capitão viu logo uma oportunidade de dar um forte golpe na guerrilha da sua área. Mandou reunir as mulheres que serviam de intermediárias e falou com elas.

— Nosso capitão não faz mal nenhum a homens e mulheres do mato que se apresentam. Se forem combatentes e trouxerem a arma nosso capitão paga a arma. Se forem novos e quiserem ir para a milícia nosso capitão incorpora-os na milícia de Bedanda. Nosso capitão ajuda nas casas e nas bolanhas para cultivar arroz. Como milícias, os guerrilheiros que se apresentem recebem farda e ordenado por mês, igual aos outros milícias de Bedanda. Logo que se apresentem até à próxima colheita de arroz, nosso capitão promete fornecer arroz para todos os combatentes que se apresentarem e para as suas famílias. Quanto mais depressa vierem melhor. Enquanto não se apresentarem nosso capitão continua a combatê-los no mato e a matar alguns. Digam isso aos homens.

— Nosso capitão, — disse uma das mulheres — nós bem sabemos que a tropa de Bedanda não vai fazer mal aos homens e mulheres que se apresentam, mas os guerrilheiros têm muito medo da tropa de Bedanda. Têm medo que nosso capitão monte emboscada e os mate. É por isso que não vêm apesar de estarem cansados da guerra.

— Vocês e eles têm de acreditar no nosso capitão. Um ou dois homens que venham vender arroz convosco um dia e vejam como as mulheres são tratadas. Nem falam com nosso capitão. Podem até, se quiserem, dormir uma ou duas noites em Bedanda.

— Nós vamos falar com eles e se eles quiserem vêm alguns connosco para nos ajudarem a carregar o arroz.

— Concordo — disse o capitão. — Depois gostaria de falar com eles antes de regressarem ao mato.

Assim se iniciaram contactos mais profundos que tinham, por finalidade, levar um grupo de combate a apresentar-se. Passado três dias o capitão deslocava-se de jeep na

estrada para o porto exterior, quando encontrou um grupo de mulheres com três homens ainda jovens. Verificou que traziam grande quantidade de arroz. O capitão falou-lhes.

— Então donde são vocês?

— Somos de Cobumba.

— Trazem muito arroz. Assim, às costas, nunca mais lá chegam. Aonde vão vender o arroz?

— Vamos ao Zé Saldanha.

— Então juntem aqui todo o arroz que eu vou até ao porto de Cobumba e quando vier para cima mando uma camioneta para transportar o arroz, desde que vocês queiram.

— Queremos, nosso capitão.

Com esta conversa nasceu mais um contacto com os guerrilheiros. Estes, de acordo com o sugerido pelo capitão, tinham enviado um homem para estudar no local a reacção da tropa de Bedanda aos homens do mato. Estes homens permaneceram em Bedanda dois dias sem que alguém interrompesse as suas visitas e observações, e sem que a tropa lhes dissesse ou fizesse fosse o que fosse. Devem ter chegado à conclusão de que era verdade o que o capitão dizia. Na mata o capitão combatia, na povoação tratava todas as pessoas bem e era amável e delicado para as mulheres do mato e para os homens que as acompanhavam. Com base nessa observação, passado oito dias o capitão recebe a visita das mesmas mulheres que lhe disseram:

— O grupo de Cobumba quer apresentar-se. O comandante do grupo gostaria de falar com nosso capitão num sítio fora de Bedanda para combinarem pormenores e confirmar as regalias prometidas.

— Está bem. Nosso capitão encontra-se com os guerrilheiros na passagem do Ungarinol para Incala. Nosso capitão vai lá estar no dia e na hora que eles disserem. Digam isso aos guerrilheiros.

Passado alguns dias, as mulheres voltam a Bedanda e informam que os guerrilheiros aceitam as propostas do nosso capitão e que estariam no local combinado passado dois dias às dez da manhã. O capitão aceitou o repto e no dia e hora combinados, no seu jeep, acompanhado apenas pelo Lassen, seu condutor e guarda-costas, compareceu no local. Levava a G3 enrolada numa manta no jeep e na bolsa duas granadas de mão.

Ao chegar ao local pela margem esquerda do rio verificou que na margem direita se encontravam vários guerrilheiros com as armas bem visíveis. O capitão saiu do jeep e disse-lhes:

— Vimos ao vosso encontro de mãos limpas como prometi. Vim sozinho mais o meu condutor. Vejo que vocês tiveram medo de mim pois estão muito armados. Para conversarmos é preciso que vocês atravessem o rio, pois a esta distância, eu aqui e vocês aí, não se pode falar. Passem para esta margem para falarmos.

Começaram a olhar uns para os outros e não sabiam como reagir à provocação do capitão que insistiu:

— Será que vocês têm tanto medo de mim que não são capazes de atravessar o rio? Se fosse para os prender eu não estaria sozinho nem desarmado. Não sejam meducas e atravessem o rio.

Depois de algumas hesitações atravessaram o rio e vieram ter com o capitão. Sentaram-se todos no chão e começaram a falar.

— Quem é o comandante? — perguntou o capitão.

— Sou eu. Fui soldado na sua companhia antes do nosso capitão a comandar. Foi no tempo do capitão Passos. Passei à disponibilidade e fui para o PAIGC. Não tinha outra hipótese pois a minha aldeia estava controlada pelo PAIGC.

— Não importa isso. Nós temos de acabar com a guerra e uma das formas é você apresentarem-se. Se tu te apresentares com o teu grupo eu pago as armas que trouxerem, dou-vos G3, farda, e pago-vos por mês o que pago aos milícias. Tu serás o comandante de pelotão.

Entretanto o capitão estava tão crente na boa fé dos guerrilheiros que deu ordens ao Lassen para ir ao vagemestre buscar um garrafão de vinho, pão e sardinhas, e atum de conserva para petiscarem. A princípio, o Lassen não queria ir e deixar o capitão sozinho. À insistência do capitão, arrancou com o jeep para Bedanda. Então o capitão virou-se para o comandante do grupo:

— Vamos festejar este encontro. Mandei o meu soldado buscar umas coisas e vamos todos almoçar. Deve ser a primeira vez na Guiné que um comandante das tropas portuguesas se encontra a conversar com um comandante do PAIGC. Isso vai provar a nossa boa fé e que é possível o entendimento em vez de combatermos.

— Nosso capitão, — disse o comandante do grupo — diziam-me que você era um homem corajoso, bom e leal. Está a prová-lo. Eu e os meus homens temos muito prazer em comer aqui hoje consigo. Estou convencido de que nos vamos entender.

— Olhe, você foi soldado da companhia de Bedanda. Fartou-se de ver e ouvir oficiais portugueses e sabe que eles são homens de palavra. Eu gostaria que vocês se apresentassem. Já disse as condições. Julgo que era bom para vocês e para as vossas mulheres e filhos. Mas que fique bem claro que eu continuo a ir a Cobumba quando me apetecer e vou para combater. Se vocês me aparecerem em Cobumba eu abro fogo. Enquanto vocês não se apresentarem eu continuo a combater e a chegar até onde quiser. Era bom que vocês se apresentassem com urgência.

— Nosso capitão, homem da Guiné não tem a mesma pressa de homem de Lisboa. Este é o nosso primeiro encontro. Nós apresentamo-nos mas temos que escolher o momento oportuno e este será depois de apanharmos o arroz, vai demorar dois ou três meses. É natural que entretanto não nos voltemos a encontrar. Para ver que estamos de boa fé dei ordem aos meus homens para deixarem as armas junto ao rio. Agora também nós estamos de mãos limpas como nosso capitão. A princípio deixei ficar alguns homens do lado de lá porque temia um emboscada. Como verificou, esses homens já atravessaram e estão aqui connosco.

— Eu já tinha reparado nisso. Eu sei que vocês, tal como os soldados de Bedanda, são homens de palavra e combatem e matam porque receberam ordens para isso, mas

eram incapazes de fazer fogo contra homens desarmados. Soldados disciplinados são assim mesmo.

Entretanto chega o Lassen com os comes e bebes.

— Nosso capitão — aqui tem o que pediu. Há aqui comida e bebida para mais de trinta homens.

— Põe tudo aí no centro. Senta-te aqui e vamos comer e beber.

E virando-se para o comandante do grupo:

— Chegou o momento de comer. Diz aos teus homens para se servirem à vontade. É boa comida e boa bebida. É o que comemos e bebemos quando vamos para operações e às vezes também no quartel.

Os guerrilheiros comeram e beberam que se fartaram. Eram quinze elementos e beberam três garrações de vinho de cinco litros, comeram muitos pães e mais de duas dúzias de latas de sardinha e de atum de conserva. Comiam e bebiam com um prazer que dava gosto vê-los. Durante o petisco, foram trocadas impressões entre o capitão e o comandante dos guerrilheiros, a alegria era tão grande que mais parecia um grupo de amigos que se encontrou depois de um longo período de afastamento, do que combatentes que já se enfrentaram de armas na mão e se voltarão com certeza a defrontar. Separaram-se cerca das duas horas da tarde com promessas de novos encontros. Os guerrilheiros atravessaram o rio na presença do capitão que ficou imóvel a vê-los afastar-se. Era o dono da terra e tinha de o mostrar até ao último momento. Assim que os guerrilheiros desapareceram no mato, subiu para o jeep e regressou ao quartel. Estava convencido de que tinha realizado uma grande acção que poderia, mais tarde, dar os seus frutos.

UM DIA DIFERENTE

A alimentação em Bedanda era deficiente, tanto para os militares como para a população civil. Para atenuar tais deficiências o capitão incentivou a cultura do arroz, a plantação da mandioca e da mancarra, essenciais para a alimentação da população nativa. Para acompanhar o arroz, o capitão entendeu que era preciso peixe á refeições, e que isso seria resolvido se as mulheres fossem pescar. Após uma conversa com a Tia e outras mulheres grandes, ficou decidido que as mulheres de Bedanda iriam pescar quando quisessem e que o capitão daria uma secção de escolta sempre que a solicitassem. Esta decisão caiu tão bem entre as mulheres que elas passaram a ir pescar todas as semanas pelo menos uma vez. Juntamente com o peixe vulgar também pescavam camarão. Por decisão das mulheres o camarão seria oferecido ao capitão como agradecimento por tudo o que ele estava a fazer em prol da população.

Uma vez, logo nos primeiros dias de pesca, compareceu no quartel a Tia com meia dúzia de mulheres e informaram o Lassen que queriam partir mantanhas ao capitão. E o Lassen informou o capitão. O capitão mandou entrar a Tia e as outras mulheres.

— Nosso capitão, as mulheres da tabanca estão muito contentes com nosso capitão. Tudo que nosso capitão quiser das mulheres elas fazem.

— Obrigado Tia. O que eu quero é que mulheres da tabanca ajudem nosso capitão pescando e trabalhando na bolanha, para haver muito peixe e muito arroz para alimentarem marido e filhos. Vocês têm pescado muito.

— Temos, nosso capitão. Quando vamos à pesca trazemos muito peixe para comer e mulheres muito contentes por nosso capitão dar protecção com soldados quando elas vão pescar. Elas decidiram que quando vão pescar também trazem camarão que é para nosso capitão. Não é muito mas foi o camarão pescado hoje de manhã.

— Tia, muito obrigado pelo camarão. Nosso capitão está muito contente com Tia, com mulheres grandes e com todas as mulheres da tabanca por me oferecerem camarão. Nosso capitão gosta muito de camarão e isso vai matar-lhe saudades de

Lisboa. Logo nosso capitão vai a tua casa falar contigo e agradecer o camarão que trouxeste.

— Fico muito contente por nosso capitão ir na minha casa. Nosso capitão não tem que agradecer à Tia ou mulheres da tabanca. A Tia e mulheres da tabanca é que agradecem muito nosso capitão. Nosso capitão pode contar sempre com mulheres da tabanca.

— Obrigado, Tia. Agradece por mim às mulheres da tabanca. Até logo.

— Até logo, nosso capitão.

Assim se estabeleceu uma norma em Bedanda. Todas as vezes que as mulheres iam à pesca, traziam camarão para nosso capitão. Camarão muito pequenino, diferente do que se comia em Lisboa mas a que os oficiais da Companhia chamavam um figo. Como nestas coisas não havia propriedade privada, o capitão levava sempre o camarão para a messe, mandava-o cozer e todos petiscavam acompanhando o petisco com cerveja.

Tinha sido de facto um dia diferente. Surgira algo que justificava uma paragem na rotina de todos os dias e que permitia que os oficiais, com um copo de cerveja na mão e um prato de camarões, conversassem amenamente sobre as suas recordações. Um elo que os unia a todos, eles que quase todos os dias jogavam a sua vida em combate e a que tudo se agarravam para se sentirem vivos tanto física como psicologicamente.

Procedendo com a delicadeza tradicional da Guiné que exige que nada se ofereça na hora a uma oferta acabada de receber, porque isso seria ofensivo, o capitão mandou preparar uma encomenda para à noite a levar à Tia, e que seria a retribuição da delicadeza e nobreza de alma que a Tia e as mulheres da tabanca demonstraram. Nessa noite o capitão foi a casa da Tia para partir mantanhas e levou-lhe azeite, arroz, açúcar, conservas e pão. Eram as coisas que os homens e as mulheres da tabanca mais apreciavam. A Tia ficou muito contente por receber o capitão em sua casa com as lembranças que lhe levou.

— Obrigado, nosso capitão. É uma honra para a Tia receber em sua casa nosso capitão, principalmente quando vem de propósito partir mantanhas. Nosso capitão pode sempre dispor casa da Tia como se fosse sua.

— Obrigado, Tia. Se me deres licença gostaria de me sentar contigo na varanda um pouco, para conversar, descansar e apanhar o fresco da noite,

— Fico contente nosso capitão querer ficar sentado comigo na varanda. Vamos nosso capitão, vamos sentar.

Aí ficaram, capitão e Tia, a conversar como dois bons e grandes amigos, mais de duas horas. Em dado momento, porque a noite já ia avançada, o capitão despediu-se da Tia.

— Agora vou-me embora, Tia. Vou até ao quartel e vou dormir. Obrigado por me receberes em tua casa e por me fazeres companhia. Até amanhã.

— Até amanhã, nosso capitão. Venha sempre pois tenho muito gosto em o receber.

MNF

Um dia a Companhia foi surpreendida pela visita de uma delegação do Movimento Nacional Feminino que se encontrava em missão na Guiné. Não sei o que terá levado as duas senhoras do MNF e a delegação do Quartel-General em Bissau, a planearem um visita a Bedanda. Mas tal visita acabou por não dignificar em nada o MNF. De facto, apresentaram-se em Bedanda duas senhoras acompanhadas por um alferes. Hipotecaram um avião e os resultados da visita foram menos que nulos porque foram negativos. Depois da visita ficaram convencidos de que as senhoras quiseram ver, com os seus próprios olhos, uns macacos que levavam vida de cão, algures no sul da Guiné, sem as mínimas condições e péssima alimentação. Quanto a frescos, muito raramente os comiam. Combatiam os guerrilheiros, dia e noite, sendo mais os dias de contacto com a guerrilha do que o contrário. Não por acaso dizia-se que Bedanda era uma ilha cercada pela guerrilha. Na opinião dos oficiais da Companhia de Bedanda as senhoras queriam levar no seu palmarés, para contarem às amigas durante os chás-canastas, que tinham estado no sul da Guiné, numa Companhia onde o perigo era constante. Para elas isso era bom, para a tropa era um frete. O capitão recebeu-as o melhor que podia e era possível, oferecendo-lhes o que tinham: cerveja, uísque e conservas. Nem a água de Bedanda era boa para beber. Nem era bebida que se oferecesse com agrado.

A visita tinha sido mal planeada. Uma visita deste tipo deve ser acompanhada de algumas lembranças, bolas de futebol, por exemplo, ou rádios, jogos de damas, isqueiros, cartas, algo que possa servir para atenuar o isolamento destes homens. Nada disso foi oferecido à Companhia pela delegação do MNF. As ofertas foram exclusivamente bate-estradas, que divididos pelo efectivo, dava três exemplares a cada militar. Era muito pouco para uma visita que se supunha ter por finalidade dar alguma alegria e apoio aos militares. O capitão pediu outros materiais ao MNF que nunca foram recebidos. Durante a visita, puderam verificar que uma das senhoras era mais extrovertida do que a outra. Falava muito com toda a gente, e na sala de oficiais sentou-se em cima duma mesa com as pernas a baloiçar e a saía um pouco subida, parte das coxas à mostra. Esta senhora interpelou o capitão:

— Senhor capitão, há quanto tempo está aqui?

— Onze meses, minha senhora.

— Já foi à metrópole depois de ter chegado à Guiné?

— Ainda não. Quando cheguei vim logo para Bedanda e daqui só tenho saído para o mato. Nem a Bissau fui.

— Então hoje está cheio de sorte.

— Não sei porquê. Só se for por ter visitas. Para quem está isolado da civilização como nós estamos, as visitas são sempre bem-vindas e dão-nos muito prazer e alegria.

— Era disso que eu estava a falar. E as de hoje são visitas especiais. Desde há onze meses que não via uma branca e hoje teve oportunidade de ver duas.

— É verdade minha senhora. Nesse ponto tem razão. Já não via uma mulher branca há onze meses e daqui a pouco nem sei como elas são. Hoje vejo duas brancas e duma delas vejo as pernas até às coxas. Mas como deve calcular, isso é muito pouco. Quem está aqui no mato, na situação em que nós estamos, precisa e merecia mais do que ver brancas. E a esse respeito, como sabe, estamos a zero.

— O senhor capitão é muito exigente.

— Não, minha senhora. Primeiro não exijo nada, nem sequer a vossa visita. Segundo, tenho trinta anos e sempre ouvi dizer que um homem é um homem e um bicho um bicho. Além disso não sou de pau. Tenho as minhas necessidades como todos os homens e o instinto mais apurado pelas dificuldades por que tenho passado no que a nossa conversa subentende.

— Compreendo a sua situação mas mais nada posso fazer.

— De qualquer maneira muito obrigado pela intenção e pela boa vontade.

— Senhor capitão, está na hora de me ir embora e acredite que deixo Bedanda com pena, e também sofro com a vida de isolamento que vocês aqui levam. Tudo o que puder fazer por vocês, farei. Gostaria, se me permitisse, de me despedir dos seus soldados à moda do MNF.

— Não tenho nada a objectar. Diga-me o que posso fazer para a ajudar nessa tarefa.

— Mandé formar a companhia para eu me despedir.

— Muito bem. Nosso alferes forme a companhia para a senhora se despedir.

A companhia formou enquanto o capitão chegava acompanhado pelas duas senhoras. Uma das senhoras dirigiu-se à formatura.

— Pedi ao vosso capitão para me despedir de vocês. Gostei de estar aqui convosco, estas horas, tenho pena de não poder estar mais tempo. Daqui a pouco é noite e o avião não pode levantar voo. Tenho que estar hoje em Bissau. Sei que são uma boa tropa, valentes combatentes. Estou contente por isso e deixo-vos a minha solidariedade, amizade e respeito, bem como a de todas as mulheres portuguesas que se sentem felizes por saberem, que mesmo em más condições, os soldados portugueses cumprem com eficiência as suas missões. Se me permitirem vou-me despedir “à MNF”.

Ao dizer isto, a senhora leva dois dedos à boca e solta um assobio que faria inveja a muitos pastores. Toda a companhia ficou sem saber com reagir. Esperavam tudo menos os assobio. Conseguiu surpreender. O mais surpreendido parecia ser o capitão que olhou para a senhora com uma cara de basbaque que metia aflição. A seguir, o capitão acompanhou as senhoras até à pista e despediu-se delas. Ele e os alferes ficaram na pista até o avião desaparecer no horizonte.

Disse um dos alferes:

— Meu capitão. Tenho que reconhecer que sou um ignorante. Nunca pensei que o MNF se despedisse com um assobios. Para mim, o Movimento Nacional Feminino, o movimento que todas as mulheres bem conhecem e melhor praticam com frequência, não é nada disto. Ando sempre a aprender.

— Não sejas má-língua. Vamo-nos embora porque ainda não ganhámos o dia, mas as senhoras do MNF já o ganharam.

UM RÉGULO EM BISSAU

Um dia o régulo Samba Baldé foi pedir autorização para ir a Bissau. O capitão perguntou-lhe porque queria ele ir a Bissau mas Samba apenas respondeu que queria ir tratar de assuntos particulares. Mesmo assim lá foi perguntando ao capitão:

— Nosso capitão quando vai embora para Lisboa?

— Ainda não sei. Já aqui estou há vinte e dois meses, a comissão é de dois anos, julgo que dentro de dois meses me vou embora.

— Nosso capitão não gostaria de ficar aqui connosco? A gente da tabanca gostava que nosso capitão ficasse.

— Eu gosto muito de ficar aqui convosco. Nosso capitão não manda. Quem manda é homem grande de Bissau, como tu sabes. Além disso eu tenho mulher e filhos em Lisboa e tenho muitas saudades deles.

Com esta conversa terminou o diálogo de ocasião entre o capitão e o régulo para quem o capitão pediu um lugar no avião do correio. Tendo sido concedido o régulo embarcou para Bissau. Passado oito dias regressa de Bissau e vai logo falar com o capitão a quem entrega uma carta.

— Nosso capitão, eu fui a Bissau falar com o senhor Governador a quem pedi para nosso capitão continuar em Bedanda. Eu disse ao senhor Governador que se não fosse nosso capitão as pessoas da tabanca já tinham morrido de fome ou fugido para o pé dos guerrilheiros. Nosso capitão deu bolanha para arroz, fez cultura de mandioca e de mancarra, deu segurança às mulheres para pescar e ajudou a construir casa. Antes de nosso capitão vir de Lisboa a tabanca tinha fome. Agora comem bem e vendem arroz. A gente tem medo que se nosso capitão for embora a fome volte à tabanca. O senhor Governador manda esta carta para si e eu peço a nosso capitão que fique mais tempo connosco.

O capitão leu a carta do Governador da Guiné que rezava assim:

“O régulo Samba esteve a falar comigo. Pediu-me para você continuar a comandar Bedanda. Ele diz maravilhas de si e repete constantemente que você foi mais do que um pai para eles. O capitão Cristo é um dos melhores capitães que eu tenho na Guiné. Gostaria que você ficasse. Era muito bom para o desenvolvimento do trabalho que tem em curso, quer na actividade operacional, quer no bem-estar dos soldados e da população. Como sabe, eu não posso obrigá-lo a ficar. Se quiser ficar, eu terei muito gosto em continuar a tê-lo sob as minhas ordens. Mas compreendo que não queira ficar pois deve estar cheio de saudades da sua mulher e dos seus filhos. Eu disse ao régulo que só você pode decidir. Obrigado por todo o trabalho realizado.”

Depois de ler a carta o capitão disse ao régulo:

— Samba, eu gosto muito de vocês. Gostaria de ficar mais tempo mas não posso. Como sabes, os outros capitães só aqui estiveram seis meses. Eu estive dois anos porque gosto muito de vocês. Apesar disso tenho que me ir embora pois tenho mulher e filhos em Lisboa que também precisam de mim. Os meus filhos ainda são pequenos. Tu também és pai pelo que também sabes quanto custa estar longe dos filhos. Se um dia voltar à Guiné venho para Bedanda, mas agora tenho de me ir embora. O outro capitão que me vier substituir vai ser tão vosso amigo como eu fui. O novo capitão vai continuar a dar todo o apoio à tabanca. Tenta pôr-te no meu lugar. Se estivesses no meu lugar também ias para Lisboa.

— Eu sei, nosso capitão. Custa muito às pessoas ver partir um homem que foi mais que um pai para eles durante dois anos. É por isso que nós pedimos a nosso capitão para ficar. Nosso capitão ainda não decide hoje. Vai pensar em ficar.

— Não posso ficar, Samba, mas estou muito contente por serem muito meus amigos. Logo passarei por tua casa. Agora vai descansar que deves estar muito cansado da viagem.

— Até logo, nosso capitão. Eu vou descansar. Nosso capitão pensa no pedido das pessoas da tabanca.

Depois desta conversa o régulo Samba foi para casa descansar e o capitão ficou a pensar em tudo o que ouviu. Era bom verificar que o seu trabalho fora compreendido

pelas populações nativas e era muitíssimo bom saber que o pessoal da tabanca era amigo até ao ponto de mandar o régulo a Bissau pedir para o capitão continuar. Era para o capitão a satisfação do dever cumprido e das missões realizadas depois de quase dois anos de comissão. Para ele, era tão importante combater os guerrilheiros como dar condições de vida às populações na área controlada pela tropa. A guerra, se algum dia se ganhar, terá que ser conduzida com um esforço muito equilibrado nos dois vectores fundamentais: combate sem descanso no mato; trabalho permanente para melhorar as condições de vida das populações que vivem sob controlo dos militares. Quando chegou à Companhia essas condições eram muito más. Constava na Companhia que um dia, um oficial francês visitou Bedanda e pediu para ver as instalações do pessoal. O capitão, que na altura comandava a Companhia, levou-o primeiro ao seu quarto que era também o seu gabinete.

— É aqui que vive, dorme e trabalha o comandante da Companhia?

— É sim.

— Muito obrigado mas não preciso de ver mais nada. Se o capitão vive assim eu imagino como vivem os outros oficiais, sargentos e praças.

MORTO EM COMBATE

O dia começou com o capitão reunido no seu gabinete com os seus subalternos.

— Tenho informações que me dizem que depois da nossa acção no cruzamento do Cantanhez, a guerrilha construiu um acampamento na mata junto à nascente do Ungarinol. Vamos sair esta noite para lá. Vamos apenas três pelotões mais o pelotão do Tala. Sai à frente o Henriques, a seguir o Cristóvão e o Tala, e por último o Manuel. Penso sair do quartel à meia-noite para chegarmos ao raiar da aurora, não sei o local exacto do acampamento. Batemos a mata e seguiremos qualquer pista que encontrarmos até chegar ao acampamento. Não levamos um objectivo concreto, pretendo apenas explorar uma notícia e, mediante isso, impedir que os guerrilheiros fortifiquem o acampamento. Não pretendo deixar os tipos sossegados nesta área. Alguém tem alguma coisa a dizer?

— Não, meu capitão. De qualquer modo gostaríamos de ir lá com um objectivo concreto em vez de bater a zona — disse um dos alferes.

— Também eu gostava de ter um objectivo concreto, mas não temos. Não se preocupem porque a área está cheia de guerrilheiros e iremos encontrá-los de certeza. Saímos à meia-noite em ponto, ração de combate para um dia. Teremos um helicóptero em Catió para evacuações. Até logo.

— Até logo, meu capitão.

O capitão estava preocupado. Estava desfalcado em oficiais e os que havia tinham pouca experiência ou eram fracos em termos operacionais. O capitão terá que ir mais atento a todos os pormenores. Queria falar com o Tala.

— Tala, vamos fazer uma batida na mata entre o Ungarinol, o Lama e a estrada para Guileje. Vai à frente o nosso alferes Henriques. Tu vais entre o alferes Fernandes e o alferes Manuel. Quero que mandes falar comigo, hoje às dez horas da noite, dois guias que conheçam a zona. Não dizes nada aos guias. Quero falar com eles na presença do alferes Henriques. Levas ração de combate para um dia. Percebeste bem o que eu quero?

— Percebi, nosso capitão.

— Então podes ir embora. Quero o teu pelotão à meia-noite pronto para sair. Até logo.

A seguir o capitão falou com o alferes Henriques.

— Tu vais na frente da coluna. Embora não tenhas experiência de mato és o subalterno com mais operações feitas. O teu pelotão é bom. Vou dar instruções aos guias que pedi ao Tala e entrego-te depois esses guias. São dois bons guias. Confio em ti. Sabes bem a importância que eu dou ao pelotão que vai à frente. Da sua visão e da sua actuação depende o êxito da operação. Temos que ir muito atentos, os guerrilheiros estão lá de certeza. Eu irei sempre contigo entre a primeira secção e a segunda. Tu deverás ir no meio da primeira. Estarei perto de ti para qualquer apoio que precises. Elucida bem os homens sobre o que terão de fazer. Se encontrarmos pistas vamos explorá-las com cuidado. Olhos bem abertos para não sermos surpreendidos. Se vires que não estás em condições de ir à frente, dou essa missão a outro.

— Não, meu capitão. Agradeço a sua confiança em mim.

— Prepara o teu pelotão. A mata que vamos bater é muito densa e vamos ter dificuldades se formos surpreendidos. Até logo.

— Até logo, meu capitão.

O capitão mandou depois chamar o Lassen para preparar as coisas e avisar o Joãozinho. Deu as instruções normais aos sargentos. Sobrou-lhe ainda tempo para meditar em todas as hipóteses que poderiam acontecer e na forma de ultrapassar dificuldades inesperadas. Tinha pensado profundamente a operação e ficava convencido de ter dado todas as instruções. Só faltava esperar que a sorte não o abandonasse. Em tudo na vida é preciso ter sorte, e na guerra é fundamental. Há militares que têm boa sombra no mato e outros não.

À hora combinada a companhia saiu para o mato. O capitão decidiu ir através da bolanha direito a Fabrique, passar depois por Melinde e atravessar depois o rio Lama para começar a bater a mata. A marcha era lenta e difícil. As bolanhas ainda tinham água e eram atravessadas por pequenas ravinas e fios de água difíceis de transpor de

noite. A certa altura a coluna partiu-se. O capitão mandou parar o Henriques e ordenou aos guias que fossem recuperar a coluna.

— Como te sentes, Henriques?

— Mal, meu capitão. Sinto-me triste. Nunca me senti assim numa operação. Não sei o que se passa comigo.

— Não é nada. É a primeira vez que tens a responsabilidade de abrires a coluna e estás a sentir esse peso. Só prova que és um oficial responsável. No entanto, se vires que não te sentes bem, passa o Manuel para frente. Vê lá se estás bem de saúde.

— De saúde estou bem, fisicamente não tenho nada. Sinto-me é muito triste. É como se uma desgraça estivesse para me acontecer.

— Tens a certeza de que queres continuar à frente?

— Tenho, meu capitão. Não podia perder a oportunidade de abrir a coluna da companhia.

— Então segue lá. Continuamos porque a coluna já está unida. Devagar que o terreno é difícil.

Assim se reiniciou a marcha. O rio Lama foi atravessado sem novidades. Com o raiar da aurora iriam dar início à batida. O capitão mandou seguir a corta-mato até encontrarem um caminho que desse indícios de uso recente.

Passado algum tempo o Henriques falou.

— Cristo, aqui Henriques. Tenho aqui um caminho que parece ter sido utilizado, escuto.

— Henriques, vou já para aí, depois falamos.

Rapidamente o capitão juntou-se ao Henriques e observou o caminho. Vinha do Cantanhez e seguia para noroeste, para a nascente do Ungarinol. O capitão nem hesitou.

— Vamos seguir este caminho até à nascente do rio. Temos de ir com muito cuidado para não sermos emboscados. Podem começar a andar.

Dadas estas instruções o capitão chamou os seus comandantes de pelotão.

— Fernandes, Tala, Manuel, aqui Cristo. Encontrámos um caminho utilizado recentemente. Vem do Cantanhez e segue para noroeste. Vamos seguir por aí. Manuel, cuidado com a retaguarda. Se houver tiroteio o Tala e o Fernandes aguardam ordens. Cuidado e muita atenção. Já estamos no meio deles. Digam se entenderam, escuto.

Todos tinham entendido e o capitão reportou terminado.

A progressão da companhia continuou muito lenta. Os soldados, olhos bem abertos, procuravam detectar no terreno e em cima das árvores algo de anormal, um sinal dos guerrilheiros. Silêncio total. Nem a bicharada se fazia ouvir. O capitão avançou um pouco e aproximou-se do Henriques. Sabia que, se houvesse emboscada, a sorte dependeria da reacção dos homens da frente.

Apesar de todo o cuidado na progressão, ouviu-se nitidamente um tiro isolado seguindo de um tiroteio enorme. A situação foi tão inesperada que todo o pelotão se deitou imediatamente no chão. O alferes Henriques estava caído uns três a quatro metros à frente do capitão. O capitão correu para ele para lhe dar instruções e verificou que o Henriques estava ferido com um tiro na barriga. De imediato tomou conta do pelotão, dando ordens directas aos soldados. O Lassen foi buscar o enfermeiro que rápido chegou ao local.

— Eu já trouxe o alferes Henriques aqui para trás deste monte de baba baba²¹ — disse o capitão. — Tome conta dele e veja o que pode fazer. Eu tomo conta do pelotão e vou sair daqui ou ainda cá ficamos todos. Arrancamos directos a eles. Passo rápido e fogo sobre eles.

Os soldados levantaram-se e meteram-se pela mata dentro com o capitão. Os guerrilheiros pararam o fogo e retiraram. Na perseguição foi localizado um acampamento improvisado.

— Fernandes, Tala, Manuel, — aqui Cristo — sofremos uma emboscada. O Henriques parece que está gravemente ferido. Localizei um acampamento que vou

²¹ formiga comum na Guiné; o monte de baba e pó da terra feito por estas térmitas

ultrapassar. O Fernandes deixa alguns homens recolher o Henriques e os outros feridos, traz o Tala e vem ter comigo. O acampamento fica por vossa conta. Destruam-no. O pelotão do Henriques garante a segurança frontal. Manuel, segurança à retaguarda. Depois do acampamento destruído retiramos para a bolanha e fazemos as evacuações. Digam se entenderam, escuto.

— Cristo, aqui Fernandes. Entendido. Agora vou seguir para aí com o Tala. O Henriques morreu, informou o enfermeiro. Há mais três feridos, escuto.

— Cristo, aqui Manuel. Entendido. Segurança à retaguarda garantida. Escuto.

— Aqui Cristo, terminado para todos.

— Bedanda, aqui Cristo. Fui emboscado. Tenho quatro feridos um dos quais oficial. Solicito presença helicóptero para evacuações. É urgente. Estou na mata a oeste do rio Lama e vou agora para a bolanha onde assinalarei a minha presença. Diga se entendido, escuto.

— Cristo, aqui Bedanda. Entendido. Terminado por agora.

Rapidamente o acampamento foi revistado e destruído. Acampamento recente, estava localizado numa zona de difícil acesso onde os guerrilheiros se sentiam seguros. O capitão estava triste. Tinha morrido um oficial que era para ele como um filho. Gostava de ir com o capitão para todo o lado e tinha grande admiração pelo seu comandante de companhia. Depois de destruído o acampamento e assegurada na bolanha a segurança para se fazerem as evacuações, o capitão disse ao Fernandes:

— Sou o responsável pela morte do Henriques. Quando a coluna se partiu eu estive a falar com ele e o rapaz parecia que adivinhava a morte. Estava muito triste. Devia tê-lo mandado para a retaguarda e passar o teu pelotão para a frente. Nunca me perdoarei.

— O meu capitão não tem culpa. Cada um de nós morre quando tem de morrer. Tinha chegado a hora do Henriques. Se me passasse a mim para a frente e o Henriques para a retaguarda, a emboscada seria à retaguarda e o Henriques morria na mesma.

— Talvez tenhas razão. Mas nunca mais esquecerei a cara de angústia quando foi ferido e a conversa que tive com ele.

— Não pense mais nisso, meu capitão. Está aí o heli. Vamos fazer as evacuações.

— Eu vou falar com o piloto. Trata de trazer o Henriques e os feridos.

O capitão, acompanhado do Lassen, do Joãozinho e do rádio telegrafista, dirigiu-se para o helicóptero onde falou com o piloto.

— Um dos feridos já morreu. Foi o alferes Henriques. Peço-lhe para o levar para Bissau juntamente com os feridos.

— Eu vou fazer isso embora o senhor capitão saiba que não nos é permitido levar mortos para Bissau.

— O senhor pode dizer que ele morreu na viagem. Queremos evacuá-lo para Lisboa, e se estiver em Bissau é mais fácil para nós.

— Esteja descansado, senhor capitão, que eu levo tudo para Bissau.

Quando o corpo do Henriques e os feridos estavam dentro do helicóptero, o Lassen perguntou ao capitão se também podia ir.

— Não, não podes. Tu podes é levar já duas lamparinas no focinho. No helicóptero só vão os feridos. Eu fico cá e tu também ficas.

— Nosso capitão, olhe, eu também estou ferido.

Só nessa altura o capitão deu conta de que o seu guarda-costas estava a perder sangue. Para estar sempre ao lado do seu capitão durante a emboscada, o Lassen não disse a ninguém que também estava ferido e nem sequer tinha sido visto pelo enfermeiro. O capitão viu então a amizade e o respeito que aquele soldado tinha pelo seu capitão.

— Desculpa, Lassen. Agora devias levar duas bofetadas por não me dizeres que estavas ferido. Vais embarcar depois de o enfermeiro te fazer um penso.

Penso concluído, o Lassen entrou no helicóptero. De dentro do helicóptero falou para o Joãozinho:

— Joãozinho, eu vou para Bissau. Toma conta do nosso capitão.

O capitão ficou emocionado. Como era possível tanto amor, lealdade e ternura dum soldado para um capitão de Lisboa. Coisa que só a vida dura de combate na Guiné pode explicar.

Depois da evacuação dos feridos, o capitão deu ordem para regressar ao quartel onde chegaram por volta das cinco horas. Um avião sobrevoou o quartel e o capitão deu ordens ao 1º sargento para ir à pista ver quem tinha chegado.

Quem chegava era o coronel comandante do sector. O capitão já estava de tronco nu e calças desapertadas, preparava-se para tomar banho.

O comandante do sector disse ao capitão.

— Parabéns Cristo. Foi uma operação em cheio. Você não deixa os guerrilheiros descansar nem um pouco.

— Meu comandante, não aceito os parabéns. Tive quatro feridos e um morto. O morto é um oficial que era como um filho para mim. Por favor, tenha dó de mim e compreenda a minha tristeza.

— É certo que teve um morto e quatro feridos, mas isso não pode ofuscar o êxito da operação. Dou-lhe os parabéns e quero falar aos seus soldados. Mande formar a companhia.

— Talvez o senhor não saiba como está a companhia neste momento. As ordens que dei foram que quem quisesse comer ia comer, quem quisesse tomar banho ia tomar banho e quem preferisse ir dormir ia dormir. Isto significa que tenho homens a dormir, a tomar banho e a comer. A companhia não está em condições de formar.

— Olhe Cristo, eu já estou farto de ver homens nus e posso vê-los mais uma vez. Mande formar a companhia como estiver.

— Ouviu, nosso primeiro? — perguntou o capitão. — Não está aqui nenhum oficial. O senhor vai formar a companhia e tem dois minutos para o fazer. Os homens podem formar nus. Formam como estão. Ninguém perde tempo a vestir umas cuecas ou umas calças. Dê ordem para formar a companhia e acompanhe o nosso comandante. Se me dá licença, meu comandante, eu vou tomar banho que era o que eu estava a pensar

fazer. O nosso primeiro forma a companhia porque os nossos alferes, tal como eu, não estamos em condições de receber parabéns quando nos morreu um alferes. Isso é mais que suficiente para eu considerar a operação um fracasso.

Dito isto, o capitão que segurava as calças com as mãos, deixou-as cair e ficou em cuecas em frente do comandante e do 1º sargento, que deitou as mãos à cara. O capitão, imperturbável, começou a descalçar-se, tirou as calças e as cuecas e foi tomar banho sem dizer nada ao comandante. Quando saiu do banho mandou chamar o 1º sargento para saber o que se tinha passado. A companhia tinha formado, e a maior parte dos homens estavam de cuecas ou de calções. Mesmo assim, o nosso comandante tinha falado com eles e dito que não deviam estar tristes por terem feridos e por ter morrido um alferes, porque os guerrilheiros tinham tido mais baixas. A operação tinha sido um êxito.

O capitão foi para a messe, pediu uma cerveja e falou com os alferes.

— Os sacanas hoje agiram com inteligência. Aquele tiro contra o primeiro branco da coluna foi o sinal para a emboscada. Sabiam que com esse tiro feriam ou matavam um oficial ou um sargento. O Henriques era o primeiro branco da coluna e eu o segundo. O Lassen levou um tiro numa perna que era dirigido a mim. Não fui ferido ou morto por muita sorte. Hoje renasci. O nosso coronel deve estar chateado comigo. Eu não podia fazer nada. É de muito mau gosto vir dar os parabéns a um capitão por uma operação com quatro feridos e um oficial morto. Há indivíduos que nunca serão capazes de compreender a mentalidade dos combatentes. Que se lixem.

— Olhe, meu capitão, — disse o Manuel — eu não fui à formatura mas espreitei. Cumpriram-se integralmente as ordens. Formou rapidamente mas em cuecas. Alguns de tronco molhado, pois tinham acabado de sair do banho. O nosso comandante não viu os homens completamente nus mas fartou-se de ver corpos de homens quase nus. Talvez tenha aprendido a lição e na próxima já não nos chateie. Vamos beber mais uma cerveja para esquecer as tristezas.

O REINO DO NINO

Cabolol é uma das áreas onde a guerrilha está em força. Pertence à zona de intervenção da companhia de Cufar, que aí foi colocada para uma operação que se queria bem sucedida. Ao chegar a Cufar a companhia encontrou uma tabuleta onde estava inscrita a seguinte frase:

REINO DO NINO

Reino do Nino Vieira, bem entendido, o comandante da guerrilha no sul da Guiné. Esta provocação, mais a proximidade das matas do Cantanhez e de Cansalá, ambas com bases fortes dos guerrilheiros, fizeram de Cabolol uma zona apetecida pelas chefias militares. Apetecida mas muito perigosa e difícil. Um dia de manhã, Bedanda foi acordada por um intenso tiroteio de armas ligeiras e rebentamentos de armas pesadas. Analisada a proveniência do tiroteio, concluiu-se que os combates se processavam na área de Cabolol onde decorria uma operação a três companhias. Nessa altura deram graças a Deus por não se terem lembrado de Bedanda. Soube-se depois que a operação estava a ser muito difícil. Os guerrilheiros instalados na orla da mata de Cabolol impediram a progressão das nossas tropas, que tinham desembarcado nas margens do Cumbijã e estavam agora no meio da bolanha. Entre o rio e a orla da mata são cerca de dois quilómetros de bolanha sem nenhuma vegetação. Não há tropa que resista à permanência no meio duma bolanha entre as dez e as duas da tarde. As baixas que os guerrilheiros não fizeram fá-las-á o sol por insolação prolongada. Ao ser informado da situação o capitão lançou o alerta:

— Se não entrarem na mata até ao meio-dia, já não entram. A partir dessa hora, as baixas por insolação vão ser tantas que a tropa tem de esquecer o objectivo e retirar.

Embora com menos intensidade, o tiroteio continuou. Tal como o capitão tinha avisado, ao meio-dia surgiram os pedidos de evacuação por insolação. Dada a situação, o comandante do batalhão mandou retirar a tropa. Os guerrilheiros tinham vencido com a ajuda do sol, seu aliado, impedindo a tropa de entrar na mata. Oito dias depois volta Bedanda a ser alertada por novo tiroteio para o mesmo lado. Via rádio, soube-se que se procedia a nova operação em Cabolol. E o resultado parecia estar a ser o

mesmo. A tropa tinha desembarcado na margem do Cumbijã e voltou a ser detida no meio da bolanha pelos guerrilheiros instalados na orla da mata. Por mais que a tropa manobrasse não conseguia avançar, pois os guerrilheiros, com tiros certos e ajustados, alvejavam os soldados que tentavam movimentar-se e avançar para a mata. Cerca do meio-dia a operação foi suspensa devido às baixas por insolação e à incapacidade de alcançarem a mata. A nossa tropa estava a sofrer um grande revés que os chefes militares não podiam aceitar.

Em conversas posteriores para recolha de impressões e sugestões com vista a ultrapassar a situação, alguém se lembrou do óbvio.

— Neste momento, se alguma tropa existe capaz de entrar em Cabolol é a tropa de Bedanda do capitão Cristo. E a operação tem que ser realizada rapidamente porque o Cristo está no fim da comissão e vai regressar a Lisboa. Aliás, já foi nomeado o substituto.

— Tenham juízo. Planeámos duas operações com todo o pormenor, ambas fracassaram com três companhias, e agora vocês dizem-me que mandamos lá o Cristo com a sua companhia que ele resolve o problema. Não acredito.

— Pense o que quiser. Eu estou absolutamente convencido de que só o Cristo nos pode salvar do fracasso que tivemos.

— Não estou muito convencido disso, mas como não temos alternativas podem realizar a operação com o capitão Cristo.

Foi assim que no dia seguinte uma DO sobrevoou o quartel e desceu na pista. Trazia o comandante do batalhão que começou por fazer uma grande festa ao capitão. Reunidos no gabinete do capitão, o tenente-coronel disse ao que vinha.

— Cristo, sabe das operações a Cabolol?

— Sei por ouvir o tiroteio e por algo que me chegou via rádio.

— O que pensou da operação?

— Nunca penso nada das operações conduzidas pelos outros. Não estava lá, não me posso pronunciar.

— Sabe, foi um fracasso. Utilizámos três companhias, as de Cufar e Catió, a de João Bafar, e não conseguimos entrar. Os guerrilheiros, instalados na orla da mata, obrigaram a nossa tropa a permanecer na bolanha até serem evacuados por insolação. Foi mesmo um desastre.

— Pois é, meu comandante. Todos os que combatemos no sul da Guiné sabemos que a partir das dez da manhã é impossível ficar parado ao sol. Ou se fica dentro da mata ou se está em movimento.

— Bem, Cristo. Dizem-me que, neste momento, só você pode realizar esta operação com êxito.

— Não esteja tão certo disso, meu comandante. A área é difícil, a guerrilha está moralizada, com dois êxitos seguidos, e tenho os quadros desfalcados. Os que tenho não são nada de especial a começar pelos comandantes de pelotão.

— Nós não queremos que vocês se cansem muito. A operação está preparada. A Marinha vem buscá-lo daqui a dois dias, durante a noite. Você desembarca das LDM na bolanha de Cabolol. Depois da operação embarca no mesmo sítio e trazemo-lo a Bedanda. O que diz?

— Meu comandante. O senhor e o seu Estado-Maior, ou Bissau, estão a brincar comigo e com a vida dos meus soldados. Não viram ainda que uma das razões do insucesso das duas operações foi que, utilizando a Marinha, o barulho das LDM alertou os guerrilheiros. Desembarcando em frente de Cabolol, assinaram a vossa sentença de morte. Com a guerrilha avisada, ninguém consegue chegar até à mata. São mais de 2 kms em bolanha aberta e avanço a peito descoberto. Qualquer pequeno efectivo instalado na orla da mata pode deter a progressão. Depois, é só esperar que o sol faça o resto. Os guerrilheiros sabem isso, basta aguardar que o sol desempenhe o seu papel. Assim, eu não vou fazer a operação. Mandem outra vez as mesmas companhias para novo fracasso.

— Olhe, Cristo. Você pode ter razão, mas isto não é só criticar. Diga-me você como faria.

— Ouça, meu comandante. O primeiro factor para o êxito é a surpresa. Para isso vamos pôr de parte a Marinha na aproximação, faz muito barulho e denuncia a nossa presença. Depois, é preciso estar na mata, dentro da mata, ao raiar da aurora. Se quisermos utilizar a Marinha, eu não me oponho a isso, será apenas na recolha, no fim da operação. Deixamos mais depressa a área e isso vai-nos dar um pouco mais de segurança.

— Então como é que você iria para Cabolol?

— Como sempre fui. Atravesso o Cumbijã em Cobumba, sigo depois entre a povoação e o rio Camaquebom e atravesso o rio a vau. Depois sigo para a mata de Cabolol entrando por norte que é o lado mais pequeno do rectângulo. Depois de estar na mata ou lá perto, não há guerrilheiros que me impeçam de entrar e destruir tudo.

— Não podemos executar a operação desta maneira. O vau de Camaquebom que você quer utilizar, também pode ser utilizado pela guerrilha para reforço da zona. Para impedir isso, temos prevista a execução de fogos de flagelação de artilharia na zona a partir da meia-noite. Como vê, você não pode passar por aí.

— Não diga isso, meu comandante. Primeiro o planeamento da operação pode ser alterado. Em segundo lugar eu passo o vau antes da meia-noite. Se quiserem utilizar a Marinha, vão-me depois buscar em frente da Cabolol porque depois da operação, em vez de voltar a pé para Cobumba, seguirei para aí.

— Você acha que tem hipóteses de entrar em Cabolol assim?

— Tenho hipóteses e muitas. Eu disse que será quase impossível deterem-me. Mas a entrada ou não em Cabolol vai ser um problema de conduta. Eu e eles vamos travar um diálogo com as armas, depois veremos quem tem mais e melhores argumentos.

— Fica como você disse. Sai de Bedanda, atravessa o Cumbijã e passa o vau em Cabaquebom antes da meia-noite. A partir da meia-noite a artilharia fará fogo de interdição sobre o rio, no vau. A Marinha vai buscá-lo à bolanha em frente a Cabolol, à hora que você quiser, a partir do raiar da aurora. Sorte para a operação.

— Obrigado, meu comandante.

Logo depois, o comandante do batalhão regressou á pista, acompanhado do capitão e de alguns alferes. A DO levantou voo e a segurança da pista foi também levantada. O capitão regressou ao quartel onde continuou a pensar na operação e na melhor forma de a realizar. Um dos problemas era não ter nenhum subalterno que conhecesse a zona e haver um pelotão sem oficial. O Tala conhecia bem a zona, mas até que ponto seria de confiar nele para a cabeça do touro? Não iria ser fácil esta operação e o capitão iria para ela com muitas preocupações de segurança.

Na véspera da operação, pelas onze da manhã, o capitão mandou chamar os comandantes de pelotão, incluindo o Tala, para lhes falar.

— Esta noite vamos sair para Cabolol. Em duas operações anteriores não conseguiram entrar na mata. Mas nós vamos entrar porque a operação será conduzida de forma diferente. Sairemos às oito da noite e atravessamos o Cumbijã em Cobumba. Em marcha acelerada, seguiremos para o vau de Camaquebom, onde temos que chegar antes da meia-noite. À meia-noite quero a companhia toda do lado de lá do rio, pois a artilharia vai fazer fogo bem centrado no vau a partir da meia-noite. No objectivo, dois pelotões entram na mata com as casas à sua esquerda. Aí instalam-se e montam segurança. Outros dois entram na povoação e no acampamento, avançam por ela dentro até à outra extremidade, abatendo tudo que mexa, desde que não tenha as mãos no ar e não seja mulher ou criança. O último pelotão monta segurança à retaguarda e instala-se a norte, voltado para Cobumba, para suster qualquer reforço vindo dessa área. À ordem, sairemos para a bolanha até ao Cumbijã, para embarcarmos nas LDM que nos deixarão no porto exterior. Daí seguiremos a pé para o quartel. Alguém tem dúvidas?

— Não, meu capitão. Só falta saber a ordem de marcha.

—Tala, és o único comandante de pelotão que já estiveste comigo na área. Conheces bem a zona. Posso confiar em ti e nos teus homens para irem à frente?

— Pode, meu capitão. O meu pelotão fica contente por ir à frente.

—Muito bem, o Tala vai abrir a coluna. A seguir vai o pelotão da povoação comandado pelo sargento Conceição. A secção a seguir ao Tala é a da Casa Gouveia.

Depois do segundo pelotão vai do Fernandes, seguido do Ambrósio e por último o Manuel. No objectivo, o Tala e o Conceição infiltram-se entre a mata e a povoação, o Tala fica do lado sul e o Fernandes mais a norte. O Fernandes e o Ambrósio ficam com a responsabilidade de entrar na povoação e percorrê-la toda, antes de iniciarem a destruição que será feita à minha ordem. O Manuel aguenta a retaguarda. Dúvidas?

— Nenhumas, meu capitão.

— Então, rações de combate para um dia, bazucas com 8 granadas, morteiros 60 com 6. Os morteiros vão com o Conceição, com Ambrósio e com o Manuel. Comigo vai o canhão sem recuo 5.7, com 4 granadas e irá no pelotão da Cantina. Podem retirar-se e tratar da vossa vida. Saímos às oito.

Às oito saíram, atravessaram o Cumbijã sem problemas, seguiram rápidos para o Camaquebom, que foi atravessado às onze da noite, todos admirados por ainda não ter havido reacção do grupo de Cobumba que já os teria detectado. A travessia acarreta sempre algum ruído. Até porque os cães de Cobumba já tinham dado sinal. Continuaram para Cabolol. O capim era alto e a progressão dolorosa. Uma emboscada agora seria uma situação difícil de solucionar pela dificuldade em controlar os soldados no meio de capim. Felizmente aproximava-se o raiar da aurora e já se via a mata de Cabolol. Estavam tão perto que já não poderiam deixar de entrar na povoação. Ao longe, ouviam-se as LDM a subir o Cumbijã. O bombardeamento da artilharia há muito que se ouvia, lá longe, na retaguarda. Os guerrilheiros, que também ouviam as lanchas, deveriam estar á espera da tropa vinda do Cumbijã, preparados para lhe infligir mais uma derrota. Perto do objectivo, o capitão acercou-se do Tala aconselhando-o a manter os olhos bem abertos e a acelerar a marcha logo que chegasse à mata. Quando tudo parecia estar resolvido, começou um tiroteio infernal à frente do pelotão de milícias. O capitão correu para o local e verificou que o pelotão recuava sob fogo intenso dos guerrilheiros. Em corrida foi chamar o pelotão da Cantina e a secção da Casa Gouveia.

— Secção da Casa Gouveia, atrás de mim. Abrir mais e fogo sobre tudo o que mexer.

Fazendo rajadas curtas, sem cessar, carregando sobre os guerrilheiros, aqueles homens, com o capitão à frente, pareciam ter o diabo no corpo. Corriam, saltavam,

abrigavam-se, avançavam ainda mais, não dando qualquer oportunidade aos guerrilheiros que tiveram de retirar deixando alguns mortos no campo de batalha. Foi assim que a companhia entrou pela tabanca dentro até ao meio, e aí o capitão procurou o sargento.

— Agora o problema é teu. Instala a secção junto daquelas árvores e do morro de baga baga. Eu vou lá atrás buscar o resto do pelotão.

O capitão foi à retaguarda, passou sem dizer nada pelo pelotão de milícias e abordou o Conceição.

— Onde está a tua secção da Casa Gouveia?

— Aqui... desapareceu, meu capitão.

— Roubei-ta eu sem dares conta. Segue por este carreiro. Quando vires as primeiras casas, encosta à direita e avanças até ao morro de baga baga. Aí encontras a secção que eu coloquei em posição de defesa e segurança para resolver o problema criado pelo pelotão de milícias. Leva o Tala e instala-o mais à frente. Não quero vê-lo mais à minha frente, enquanto me lembrar do que os homens fizeram.

— Sim senhor, meu capitão.

— Fernandes, Ambrósio, Manuel, aqui Cristo. Já temos homens dentro da tabanca. O Conceição e o Tala vão a caminho para montarem a segurança da operação. O Fernandes e o Ambrósio avançam pelo carreiro até me encontrarem. O Manuel segue atrás. Digam se entendido, escuto.

Entendido, reportaram todos os subalternos.

— Conceição, Tala, vocês já estão em posição? Escuto.

— Cristo, aqui Tala. Afirmativo. Ainda vi guerrilheiros a fugir, escuto.

— Cristo, aqui Conceição, estou em posição. Eles continuam a rondar-nos. Sinto movimento no interior da mata, escuto.

— Tala e Conceição, aqui Cristo. A ordem é para aguentar as posições conquistadas. Dentro de quinze minutos o Fernandes e o Ambrósio estarão na povoação. Eu estarei com eles. Ninguém abandona as posições sem a minha ordem. Terminado.

Entretanto, em passo acelerado, o Fernandes chega junto do capitão para receber a missão de avançar para a povoação.

— Ficas com toda a área junto do bolanha. Na tua direita vai o Ambrósio. Dúvidas?

— Nenhumas.

— Continuas a destruição mesmo que haja tiroteio com os outros pelotões.

A seguir chegou o Ambrósio.

— Tu actuas do lado da mata. Cuidado com os pelotões já instalados, coordena a acção com o Fernandes. Continua a acção mesmo que haja tiroteio com o Tala ou com os outros pelotões. Segue rapidamente para o teu objectivo.

— Manuel, vamos avançar para a entrada da povoação que está a 500 metros daqui. Ficas aí instalado. Liga-te ao Conceição. Prepara-te para o reforçar e também ao Tala se for necessário. Eu vou ter com o Ambrósio. Até já.

— Até já, meu capitão.

O capitão entrou na povoação e juntou-se ao Ambrósio.

— Tala, Conceição, aqui Cristo. Todo o dispositivo está instalado. Como vai isso por aí?

— Cristo, aqui Tala, tudo bem por aqui. Não vejo nem ouço nada no interior da bolanha.

— Cristo, aqui Conceição. Há barulho no interior da mata na minha direcção, escuto.

— Tala e Conceição. Cada um de vocês vai enviar uma secção para o interior da mata até 1 km para ver o que se passa. O Manuel fica pronto a socorrer-vos. Qualquer coisa que haja aguentem o barco porque eu não quero parar a acção do Fernandes nem do Ambrósio enquanto não estiver tudo destruído. Digam se entendido, escuto.

— Cristo, aqui Tala, eu vou com a patrulha, escuto.

— Cristo, aqui Conceição. Vou mandar uma secção e eu sigo com a patrulha, escuto.

— Tala, Conceição, terminado.

Durante mais de meia hora os únicos rebentamentos que se ouviram eram os relativos à destruição da tabanca. Mas de repente ouviu-se tiroteio no pelotão do Conceição.

— Conceição, aqui Cristo. Ouço tiros e rebentamentos. Que se passa? Escuto.

— Cristo, aqui Conceição. Encontrámos três curiosos que vinham ver o que se passava na povoação. Eles viram-nos, nós também, abrimos fogo ao mesmo tempo. Tenho um ferido ligeiro. Para eles os três acabou a curiosidade, escuto.

— Conceição, aqui Cristo, manda o ferido para trás e avança mais um bocado. Vou mandar o resto do pelotão juntar-se a ti, escuto.

— Cristo, aqui Conceição. Não precisa. Eu vou já mandá-lo avançar para aqui. Aquele flanco fica desguarnecido, escuto.

— Conceição, aqui Cristo. Mando avançar uma secção do Manuel para aí. Não vás além da estrada para Cantumane. Diz se entendido, escuto.

Tinham entendido perfeitamente as ordens. Todos eles.

A busca e destruição nunca mais acabavam. Havia quase três horas que dois pelotões estavam empenhados nessa tarefa quando se ouviu o Conceição.

— Cristo, aqui Conceição, escuto.

— Conceição, aqui Cristo.

— Cristo, cheguei ao objectivo. Nada mais aconteceu, escuto.

— Conceição, aqui Cristo. Pode regressar. Procure-me na tabanca porque vai reforçar o Fernandes e o Ambrósio na destruição do arroz da bolanha, escuto.

— Entendido.

— Conceição, terminado.

Agora ouvia-se o motor da DO. Era o PCA que chegava.

— Cristo, aqui pássaro. Como têm corrido as coisas?

—Pássaro, aqui Cristo. Tudo a correr bem. Estamos a destruir a povoação e tenho dois pelotões dentro da mata que vão agora regressar à povoação. Houve contactos iniciais de forte intensidade que resolvemos. Um pelotão do mato ainda teve contacto com três elementos, que liquidou. Temos três feridos ligeiros que não vou evacuar. Estamos quase a acabar na tabanca, depois descemos à bolanha para destruir os montes de arroz. Devemos estar prontos a embarcar na LDM às três horas da tarde, escuto.

— Cristo, aqui pássaro. Entendido. Parabéns. Embarque quando quiser. Vou almoçar e por volta das duas estarei por aqui. Terminado.

— Tala, aqui Cristo. Podes regressar à posição anterior e aguardar aí, escuto.

— Fernandes, Ambrósio, aqui Cristo. Informem situação. Quanto tempo falta para destruir tudo?

— Cristo, aqui Fernandes. Mais meia hora, escuto.

— Fernandes, Ambrósio, aqui Cristo. Vou-me aproximar da orla da bolanha. Quando acabarmos na tabanca, vamos para a bolanha para destruir o arroz e só paramos no rio para embarcar. O Conceição vai reforçar-nos. Quero o arroz todo queimado. Tala e Manuel ficam na mata para dar protecção. Digam se entendido, escuto.

Todos tinham entendido e o capitão aguardou a chegada do Conceição.

— O Fernandes e o Ambrósio estão a acabar a destruição da tabanca. Seguem depois para a bolanha para destruir o arroz e terminam no rio junto das LDM. Sigam em linha ocupando toda a frente. Eu, o Tala e o Manuel vamos permanecer por aqui até que vocês cheguem ao rio. Aí, instalam os morteiros voltados para Cabolol. Só embarcam à ordem. Entendido.

— Sim, meu capitão.

— Transmites estas instruções aos nossos alferes durante a destruição do arroz.

Em seguida o capitão falou para o Manuel e para o Tala.

— Tala, Manuel, aqui Cristo. Vamos iniciar a destruição dos montes de arroz. Fiquem onde estão, na segurança à retaguarda. À ordem, abandonam o local e seguem para a orla da bolanha. Depois receberão ordens para seguirem para as LDM. Digam se entendido, escuto.

Entendido, ambos responderam.

— Tala, Manuel, cada um de vós manda uma secção ter comigo à orla da bolanha. Terminado.

As ordens foram entendidas e cumpridas. Com o seu grupo de comando e as duas secções do Tala e do Manuel, criava um grupo de intervenção que, em caso de novo ataque da guerrilha, lhe permitiria manobrar e repelir o ataque. Era já a preparação da retirada com o menor risco possível e sem ter necessidade de utilizar os outros pelotões que já iam a caminho do rio.

Eram duas da tarde quando a DO apareceu novamente lá em cima. As instruções dadas anteriormente pelo capitão Cristo aos seus homens estavam a ser executadas. A bolanha era um braseiro. O fumo e o calor eram intensos, a que se juntava o calor do sol. Era tudo uma grande cortina de fumo.

Falou então o PCA.

— Cristo, aqui pássaro. Aqui de cima Cabolol é um espectáculo. Nunca vi nada disto na Guiné. Mais uma vez parabéns. Diga se precisa alguma coisa, escuto.

— Pássaro, aqui Cristo. Embarcamos dentro de uma hora. Convinha que as lanchas encostassem, mas como o tarrafo as encobre, convinha que um ou dois marinheiros saíssem para fora do tarrafo para nós os vermos. Diga se entendido, escuto.

— Cristo, aqui pássaro. Entendido e terminado.

—Tala, Manuel, aqui Cristo. Os outros pelotões estão quase no rio. Vamos abandonar as posições e seguir para lá de modo a estarmos perto quando o embarque começar. Diga se entendido, escuto.

Todos tinham entendido perfeitamente. Aos outros comandantes de pelotão comunicou que tinha entrado na bolanha. Eles tinham as LDM à frente deles, deveriam embarcar logo que chegassem.

Sem mais problemas, a companhia embarcou e chegou a Bedanda. O capitão, ao chegar ao seu gabinete, tinha uma mensagem de parabéns do comandante do batalhão pelos resultados da operação e pela eficiência demonstrada. Já na Companhia todos estavam satisfeitos excepto o capitão. Mandou chamar o Tala.

— Tala, em combate e frente aos guerrilheiros, tu e os teus homens avançaram para a retaguarda. Para resolver o problema tive eu de ir buscar a secção da Casa Gouveia. Nunca mais volta a acontecer porque tu e o teu pelotão nunca mais sairão à frente da coluna. Não confio em vocês. Podes retirar-te e dizer aos teus homens que soldados suma galinhas não os quero comigo.

— Nosso capitão tem que me ouvir. Eu também fiquei surpreendido com a atitude dos meus homens. Mas o que aconteceu foi que fomos surpreendidos por um grupo de guerrilheiros que estavam ali à espera de reforço dos lados de Cobumba. Ao verem os nossos milícias perguntaram se eles eram o reforço que esperavam. Os nossos homens, em vez de responderem que sim e avançar sem medo, poderiam até apanhar alguns à mão, não souberam o que dizer, recuaram um pouco, e aí os guerrilheiros descobriram que não era o reforço que chegava mas sim a companhia de Bedanda. Eles também recuaram, abriram fogo e daí o tiroteio que ouviu.

— Repara, Tala, como eu tenho razão. Se em vez de um pelotão de milícias eu levasse um pelotão de soldados à frente, tínhamos agarrado os gajos à mão. Bastava que dissessem sim, somos o reforço. Quando eles dessem conta já tinham levado a maior surra da vida deles. Continuo a pensar que os milícias nunca mais vão à frente da coluna. Podes ir, até logo.

ALMOÇO DE DOMINGO

A vida em Bedanda, como em quase todas as guarnições do mato, era sempre muito dura. Havia um grande isolamento porque a tropa estava cercada, mais perto ou mais longe, pelos acampamentos da guerrilha, e não era possível sair do quartel sem as armas na mão prontas a disparar. Mas não se tratava apenas dos guerrilheiros espreitando de fora. Dentro do quartel, a grande maioria dos militares eram negros. Brancos eram os oficiais, alguns sargentos e algumas praças especialistas.

Isto fazia com que as conversas fossem sempre com as mesmas pessoas e muito repetitivas, pois viviam todos juntos vinte e quatro horas por dia e doze meses por ano. Numa situação destas o stress é a pior doença que pode atingir as guarnições e tudo deve ser feito para evitar roturas. Por esse motivo, os oficiais da Companhia, em conjunto, decidiram que tinham de arranjar um sistema que quebrasse a monotonia. Não havia buates, cafés ou outros locais públicos onde se pudessem reunir e conviver, fora do quartel. Falaram então com o Zé Saldanha e com a Inácia a quem propuseram um escape, uma descarga de tensões.

Foi assim:

— Zé, nós estamos aqui isolados e se não tomarmos providências acabamos todos chalupas. Pensamos que todos os domingos, não havendo saídas planeadas, poderíamos passar a almoçar em tua casa, desde que tu deixasses e a Inácia quisesse cozinhar para nós. Somos poucos, seria só para oficiais.

— Nosso capitão. Eu gostava de fazer isso mas não me posso responsabilizar. Sabe que as dificuldades que eu tenho para arranjar géneros é tanta que às vezes não temos nada para cozinhar. Por isso não me posso comprometer a cozinhar para os oficiais aos domingos.

— Nós isso podemos ultrapassar. Tua mulher cozinha e vocês comem connosco. Nós entregamos aqui os géneros à Inácia todos os sábados. Apenas tens que autorizar que a Inácia possa cozinhar e também que, aos sábados, os oficiais invadam a tua casa e a tua privacidade e se sentem à tua mesa, na tua sala de jantar.

— Por mim não há problema desde que não tenha eu que arranjar os géneros. E tu Inácia, importas-te?

— Não. Eu até gosto de cozinhar para nosso capitão e nossos alferes.

— Bem, — disse o capitão — começamos no próximo domingo. Às sextas ou ao sábado um dos oficiais vem aqui entregar tudo, desde carne, batatas ou arroz, vinho, azeite, cebolas e alhos. Quem diz o que é preciso de cada coisa é a Inácia.

Aceite este princípio o capitão falou então com os alferes.

— Para não darmos em doidos, passamos a almoçar na casa do Zé Saldanha todos os Domingos. Faremos uma escala para entregarmos à Inácia, às sextas ou sábados, os géneros necessários. A comida tem que ser diferente da do quartel. Quer dizer que todas as semanas temos que arranjar galinhas, cabritos ou carne de porco ou de vaca. Não é permitido outro qualquer tipo de comida. Onde cada um vai arranjar a carne, eu não sei. Para o dia ser diferente vamos todos à paisana para o almoço. Concordam?

— Concordamos sim, senhor capitão. Já devíamos ter feito isso já mais tempo.

— Então está combinado. No próximo domingo sou eu a tratar dos géneros. Vocês fazem depois um sorteio para ver quem se segue. Vão rodando em escala de serviço. Não se aceitarão desculpas para eventual escassez de géneros para os almoços.

E foi assim, desta forma, que se estabeleceu na Companhia de Bedanda uma norma operacional de acção psicológica que veio a ser cumprida, mesmo depois da substituição frequente de alguns oficiais. Passavam uns aos outros esta NEP, Norma de Execução Permanente, que todos tinham prazer em cumprir, não obstante alguma dificuldade em arranjar géneros, uma vez ou outra.

Dava gosto aos domingos ver os oficiais a saírem dos seus quartos. Todos à civil, calças e camisas bem passadas, passeando-se por Bedanda como se estivessem numa praia da metrópole. Ao meio-dia seguiam para casa do Zé Saldanha, onde tomavam um aperitivo e ouviam música no gira-discos da casa até à hora do almoço. À uma hora da tarde sentavam-se à mesa e almoçavam.

Como a Inácia eram uma excelente cozinheira, estes almoços eram sempre verdadeiros pitéus. No fim do almoço os mais folgazões dançavam com a Inácia. A meio da tarde ela ainda arranjava uns petiscos deliciosos como só a Inácia sabia arranjar. Os oficiais quebravam a rotina do dia a dia e esqueciam as durezas da guerra. Recarregavam as baterias para mais uma semana de trabalho e de isolamento, preparados para voltarem às realidades quotidianas da vida em Bedanda.

Géneros diferentes do dia a dia, as conservas estavam banidas. Compravam-se galinhas às mulheres do mato ou na tabanca cabritos, quando os havia. De Bissau mandava-se vir a carne de vaca ou de porco no avião do correio, às quintas-feiras. Os oficiais tudo faziam para que os Domingos fossem dias especiais. Isto permitia que, apesar da dureza de todos os dias e dos combates que travavam, o moral deste homens se mantivesse sempre elevado.

ADEUS BEDANDA

Sair de Bedanda, depois de 2 anos de comissão não é fácil. São dois anos de vida em comum, de êxitos e fracassos, de alegrias e tristezas que marcaram um homem sensível como o capitão Cristo. Depois da tentativa falhada do régulo Samba Baldé para que o capitão continuasse em Bedanda, a população nativa, através dos homens grandes, resolveu despedir-se do capitão. Um dia, nas vésperas da partida, o régulo e mais uma dúzia de homens grandes foram ao quartel ter com o capitão que os recebeu no seu gabinete. Acabados os cumprimentos normais à chegada, o régulo falou:

— Nosso capitão. Amanhã vai embora e deixa Bedanda. Se a população da tabanca mandasse nosso capitão não ia porque nós não deixávamos. Nosso capitão, durante os dois anos que esteve em Bedanda, foi mais do que nosso pai. Quando chegou, a população da tabanca passava fome. Não havia nada para comer porque a população nada produzia. Os homens eram guias da tropa e as mulheres eram lavadeiras. Com o que ganhavam assim, tinham que comer e vestir-se. Dinheiro era pouco e pouca era a comida. A população da tabanca pensou muitas vezes em fugir para o mato. Lá, sabia que havia comida. Nosso capitão vem e dá bolanha para cultivar, dá arroz para semente e manda plantar mandioca e mancarra. Hoje a tabanca cultiva arroz para a família que dá para todo o ano e ainda sobra para vender e para comprar roupa e tabaco. Hoje a população não tem fome e tem arroz, mandioca e mancarra. Nossas mulheres não podiam ir pescar porque os guerrilheiros as raptavam. Nosso capitão mandou as mulheres pescar no rio e deu soldados para as proteger. Hoje nossas mulheres vão pescar ao rio, trazem peixe para comer. Nosso capitão matou a fome à população da tabanca e nós estamos muito contentes com nosso capitão. As nossas casas não prestavam. A maior parte de nós, antes da guerra, tinha boas casas na nossa aldeia. Veio a guerrilha e ficámos sem nada. Nosso capitão ajudou a construir novas casas. Hoje todo o pessoal da tabanca tem boas casas e está muito contente. Antes de nosso capitão vir comandar a companhia os guerrilheiros atacavam quase todos os dias o quartel e a povoação. A população tinha medo, nem conseguia dormir de noite. Nosso capitão vem comandar Companhia e vai no mato e dá porrada nos guerrilheiros. Eles hoje têm medo da tropa de Bedanda e já não vêm atacar o quartel nem a população. A

população da tabanca, com nosso capitão em Bedanda, estava segura e sem medo. Foi por isso que eu fui pedir a nosso Governador para nosso capitão não ir para Lisboa e ficar aqui connosco. Nosso capitão não quer ficar e deixa-nos, nós que também somos seus filhos, e vai para os seus filhos que tem em Lisboa. Já que nosso capitão vai embora, nós viemos aqui para nos despedirmos e dizer-lhe que fica para sempre nos nossos corações como um grande pai e amigo que nos matou a fome e nos deu segurança. Para se lembrar de nós em Lisboa trazemos esta lembrança que foi feita por nós, homens e mulheres da tabanca.

O régulo ofereceu então ao capitão três suportes para pratos ou travessas quentes, feitos com palha e todos revestidos com linha de várias cores formando desenhos muito bonitos e agradáveis.

O capitão ficou muito sensibilizado com a oferta e disse:

— Samba, estou muito contente por tu e os homens grandes da tabanca virem aqui despedir-se de mim e me oferecerem esta maravilhosa lembrança feita pelas vossas mãos. Ficarão em minha casa, num cantinho muito especial para vos recordar a todos quando estiver em Lisboa. Foi muito bom estar aqui convosco durante dois anos. Vocês foram sempre meus amigos e muito me ajudaram a resolver os meus problemas, principalmente os que se relacionavam com os contactos dos meus soldados com a população da tabanca, em especial com as mulheres. Foi fácil comandar os meus soldados e resolver os problemas, porque eles são guinéus como vocês, são bons homens e bons soldados. Para mim foi muito fácil ajudar-vos nos vossos problemas da alimentação e das casas porque vocês colaboraram muito bem comigo e acreditaram que com o vosso trabalho e a ajuda dos meus soldados poderíamos resolver todos os problemas. São vocês e não eu que estão de parabéns, Acreditem que levo a Guiné, Bedanda e vocês no meu coração. Não devem estar preocupados com a minha partida. O novo capitão continuará a trabalhar como eu e ajudar-vos a resolver os problemas que possam surgir. Ajudem o nosso capitão novo como me ajudaram a mim. É o que vos peço. Agora despeço-me dando um grande abraço a cada um de vocês, para transmitirem a toda a população da tabanca.

Dito isto, o capitão deu um grande e sentido abraço aos homens grandes da tabanca, deixando o régulo para o fim. A este deu um abraço mais forte e disse:

- Samba. Logo à noite vou a tua casa partir mantanhas. Obrigado por tudo.
- Obrigado, nosso capitão e que Deus o acompanhe e lhe dê muita sorte.

DESPEDIDA

Os oficiais da Companhia de Bedanda pediram ao Zé Saldanha para se juntarem em sua casa para almoçarem todos com o capitão, formalizando assim a festa de despedida. A Inácia cozinhava, os oficiais levavam os géneros. Como era o mais antigo comerciante de Bedanda e o que melhor conhecia a vida da população, antes da chegada do Capitão Cristo, ficou encarregado de dizer umas palavras durante o almoço.

E assim aconteceu.

— Nosso capitão. Já passaram dois anos desde o dia em que entrou em minha casa pela primeira vez. Estou contente por os nossos alferes se terem lembrado de fazerem o almoço de despedida, aqui, em minha casa. O nosso capitão foi sempre um grande amigo. Estou em Bedanda há muito tempo e nunca por aqui passou um capitão que tenha feito tanta coisa de bom. Eu resumia o seu trabalho em duas partes principais. Numa delas, meteria todas as iniciativas para termos mais segurança. Antes de o senhor capitão chegar, Bedanda era atacada quase todas as noites. Hoje passam meses e meses sem sermos atacados. A tropa de Bedanda é que vai aos quartéis deles no mato dar-lhes porrada e muita. Mandou construir abrigos-caserna na povoação e na cantina, onde os soldados dormem e aí se defendem, o que acabou com as correrias dos soldados de caserna em caserna, de abrigo em abrigo quando havia algum ataque. Foi uma obra maravilhosa. Podem cair morteadas, granadas de canhão nos novos abrigos que nada os destrói. Foi uma coisa muito boa. E tudo isso foi construído pelos seus soldados nos intervalos das operações e sem redução da operacionalidade, o que representou um grande sacrifício para todos os militares de Bedanda. A segunda parte situa-se no âmbito moral e também no bem-estar dos militares e da população. Quanto à população, incentivou a cultura da mandioca e da mancarra. Juntando a cultura intensa do arroz que também apoiou, tudo isso transformou uma população faminta numa população que passou a vender arroz, mandioca e mancarra. Eu vi esta população a morrer de fome e sei bem da transformação operada. Além disso, arranjou a estrada para o porto exterior que tinha chegado a um ponto tal que não dava

passagem a viaturas. Na área dos seus militares conseguiu o impossível, como diziam os outros capitães que por aqui passaram. Deu fardas novas aos soldados. Eu vi-os saírem esfarrapados para as operações. Deu-lhes espingardas automáticas, pratos e talheres para comer, lençóis e mosqueteiros. Tudo feito dentro do princípio de que no Exército não havia brancos nem negros, eram todos soldados. Exigiu o mesmo quer fossem brancos ou negros. Até o pré melhorou. Os negros ganhavam menos que os brancos. Hoje ganham todos o mesmo. Se juntarmos ainda a cedência de viaturas e de homens para a carga e a descarga dos barcos que vinham de Bissau, talvez se possa avaliar o muito que Bedanda lhe deve e como todos sentem a sua partida. Eu terminava, nosso capitão, desejando-lhe muitas felicidades para si, para os seus filhos e para sua mulher e que Deus o ajude como você nos ajudou. Agora só me resta dar-lhe um grande abraço.

Zé Saldanha abraçou o capitão. Eram dois amigos que muito viveram em comum ao longo de dois anos e que agora vão terminar uma relação de convívio e amizade vivido dia a dia nas boas e nas más horas.

O capitão agradeceu.

— Obrigado Zé pelas tuas palavras de amizade. Obrigado Inácia por este maravilhoso almoço. Obrigado camaradas de armas por quererem oferecer-me este almoço de despedida. Foi um lauto almoço e eu adivinho as dificuldades quanto aos cabritos. O Zé Saldanha, como grande amigo que é, lembrou aqui muitas coisas que foram feitas. Eu fui apenas o motor de arranque para se iniciarem os trabalhos. Foram os meus oficiais, os meus sargentos e os meus soldados que trabalharam muito. Sem eles e sem a sua capacidade de trabalho, coragem física e moral, eu nada poderia fazer. Comandei de facto um grupo de eficientes e corajosos militares. Permitam-me que, nesta hora, recorde os alferes Ribeiro, Cordeiro, Carvalho, Oliveira e Henriques, obreiros de tudo isto e que deram alma e vida à Companhia. Amigos dos seus amigos, tudo fizeram para prestigiar a Companhia de Bedanda e ajudar a população civil que aqui vive. Para os que ficam, apenas quero dizer que estarei sempre convosco de todo o coração e afirmar-vos que, se forem a Portugal e passarem por Viseu, façam-me uma visita, terei muito prazer em recebê-los em minha casa. Obrigado a todos.

O capitão estava emocionado porque não contava com este almoço de despedida. Quando falou no alferes Henriques, um dos mortos em combate, as lágrimas vieram-lhe aos olhos, pois a morte do Henriques estava muito viva no seu coração.

QUASE EPÍLOGO EM QUATRO ANDAMENTOS

PRIMEIRO ANDAMENTO — INGRATIDÃO

Ao chegar a Lisboa, o capitão Cristo foi colocado no Instituto de Altos Estudos Militares para frequentar o Curso de Estado-Maior porque estava farto de andar na guerra. Os combatentes faziam uma comissão de dois anos findos os quais ficavam um ano na Metrópole, numa unidade onde fossem necessários e muitas vezes longe da família. Depois desse período eram novamente mobilizados por mais dois anos. Foi a necessidade de apoiar a família que levou o capitão Cristo a oferecer-se para o Curso de Estado-Maior.

Tendo sido escolhido, iniciou o Curso Geral findo o qual poderia ingressar directamente no Curso Complementar por mais dois anos, ou iria, em alternativa, fazer um estágio de dois anos. Os militares com o Curso de Estado-Maior apenas seriam mobilizados para os Quartéis-Generais e poderiam ter a família consigo. A juntar a isso, o intervalo entre comissões era de quatro a seis anos. Se fossem fazer o estágio poderiam ou não ser escolhidos para o Curso Complementar.

O capitão Cristo transitou directamente para o Curso Complementar. Mas um dia, quase no final do 1º ano do curso, foi chamado ao director que lhe disse:

— Lamento não poder contar com a sua colaboração, mas situações que não vale a pena especificar levam-me a dispensar a sua colaboração.

O capitão Cristo, que era um ingénuo, ainda julgou que iam pedir a sua colaboração para um qualquer estudo referente à guerra do ultramar, onde ele tinha dado provas não só de exímio executante mas também como óptimo coordenador.

— Meu coronel, não sei o que está por trás das suas palavras mas quero afirmar-lhe que eu estou disposto a colaborar consigo em tudo que julgar conveniente, mesmo que seja com prejuízo do meu descanso.

— Não é isso — disse o coronel. — Você não percebeu o que eu queria dizer. Nós achámos que você não pode continuar no curso pois apresenta deficiências que nós não podemos esquecer e gostaríamos que pedisse a sua exoneração.

O capitão ficou completamente chocado com o que ouvia, e sem compreender o motivo de tal atitude pediu explicações. Foram-lhe dadas nos seguintes termos:

— Você é um homem com invulgares qualidades e gostaríamos de o ter entre nós. Soubemos há dias que vai ser promovido a major por distinção, o que demonstra as suas invulgares qualidades, O Conselho Escolar, no entanto, acha que você não tem qualidades para o Estado-Maior e propõe o seu afastamento do curso. Gostaríamos que você desistisse e pedisse a exoneração.

— Tenha paciência, meu coronel, mas eu não compreendo a sua posição ou a posição do Conselho Escolar. Estamos quase no fim do 1º ano do Curso Complementar e não é normal, nesta altura, mandarem embora um oficial. Eu preciso e quero saber o que se passou.

— Cristo, eu não lhe posso dizer mais nada. Você sabe que existe um Conselho Escolar que numa reunião o indicou como um elemento que não serve para integrar o Estado-Maior.

— Muito bem, meu coronel. Posso saber se há mais oficiais no meu curso que não servem para funções de Estado -Maior ou eu sou o único?

— Você é o único que o Conselho Escolar indica como não tendo as qualidades requeridas.

— Se o meu coronel autorizar eu queria ser mais bem informado antes de tomar uma decisão. Em que é que eu não tive aproveitamento no curso? Acabei de prestar prova oral de geografia. O professor disse-me que o meu trabalho era oportuno, estava bem feito e cumpria todas as especificações determinadas. Não posso ter negativa nessa prova, tanto mais que houve camaradas meus que apresentaram provas muito criticadas e não estão incluídos no grupo de oficiais que não servem para o Estado-Maior.

— Você teve boa nota a geografia.

— A economia ainda não sei a nota. A prova era simples e interesse-me muito pelo assunto. Julgo ter feito uma boa prova. Não acredito que tenha má nota porque sei e escrevi mais do que o programa exigia.

— A economia você teve boa nota.

— Fizemos uma prova de tática, o professor não disse as notas. No entanto, disse que havia dois oficiais com prova imprópria de oficiais do Estado-Maior. Para outros dois, embora com prova muito fraca, admitiu-se que o resultado era suficiente para um oficial do Estado-Maior. O professor disse o nome dos quatro oficiais e nenhum deles era eu. Como não os mandaram embora não vejo razão para me mandarem a mim.

— De facto a tática você teve boa nota.

— Uma outra prova foi de direito internacional. Apresentei um tema que mereceu os maiores elogios do professor, pelo que não poderia ter recebido uma informação desfavorável.

— Tem razão, capitão Cristo. Também teve boa nota.

— Então desculpe, meu coronel. Sendo assim, não percebo porque não posso continuar no curso. Julgo que estão a ser injustos comigo, mas eu não vou desistir do curso. Toda a matéria está dentro das capacidades normais dum oficial com o curso da Academia Militar. Eu vou continuar ou terão de me mandar embora e dizer-me o motivo.

— É pena capitão Cristo. Nós vamos reunir novamente o Conselho Escolar. Posteriormente você saberá o resultado. Pode sair. Bom dia senhor capitão.

— Bom dia meu coronel.

Dez dias depois vem a ser passada guia de marcha ao capitão Cristo para o Estado-Maior do Exército. Foi colocado no Governo Militar de Lisboa para um estágio de que tinha sido dispensado, e requereu para o Ministério do Exército para ser informado das razões que levaram ao seu afastamento do curso. No último requerimento, o capitão Cristo dizia que queria saber as deficiências encontradas para as poder corrigir e não vir a ser de novo prejudicado noutros cursos ou noutras missões que viesse a receber. Nada demoveu o Ministério do Exército. A única resposta que deu foi que a exclusão do capitão Cristo tinha sido aprovada por unanimidade do Conselho Escolar, mas nunca apresentou nenhuma razão concreta que pudesse suportar tal decisão.

O capitão Cristo desistiu, confessando a um amigo:

— Um regime político que permite que tratem tão mal os seus oficiais, não tem razão de ser porque não respeita os direitos humanos. Um regime decente não permitiria que um oficial com tantas provas dadas em combate fosse tratado desta maneira. Não contem comigo para o defender. Se eu pudesse derrubava-o e era já, embora eu nunca tenha pensado em política. Como não posso fazer isso sozinho, ficarei à espera do momento e já sei de que lado vou ficar.

— Olha lá, Cristo. Os políticos não têm culpa do que fazem os militares. Não te podes revoltar só porque os militares são do género quero, posso e mando.

— Talvez tu tenhas razão, mas estás a esquecer-te duma coisa. Eu requeri ao Ministro do Exército e não ao Chefe do Estado-Maior. Pessoalmente estou convencido de que o motivo fundamental foi a minha promoção por distinção, porque dessa forma eu iria passar à frente de alguns dos meus professores no curso. E isso eles não aceitavam. Pensaram que eu me calava. É sempre melhor um oficial desistir dum curso do que chumbar. Jogaram nisso mas perderam porque eu não me importo de chumbar, desde que não mereça passar. Quando o ministro deu a cobertura que deu, pôs em causa a justiça do poder político. A partir daí só poderá contar comigo para agora eu correr com o poder político da mesma forma que correram comigo.

Assim se criou o espírito de revolta entre os capitães que vieram depois a pôr em risco a sua liberdade e a dos seus familiares, o seu sustento e as suas carreiras, para instituir um regime mais humano e justo, onde o respeito pelos direitos humanos fosse uma constante.

Mais tarde, o capitão Cristo embarcou para Angola já como major. A sua primeira iniciativa foi pedir para passar à reserva no final da comissão. Porque iria pedir a passagem à reserva no fim de mais uma comissão, e não a tinha pedido antes do embarque? Alguém terá perguntado.

— Tenho um nome a defender. Não sou covarde. Não receio a guerra, embora medo tenha sentido muitas vezes. Soube sempre vencer o medo. Não quero que ninguém pense que é por medo que eu quero passar à reserva.

O capitão Cristo não foi autorizado a passar à reserva porque não havia nenhuma lei que o permitisse, segundo as chefias. No seu regresso de Angola, em 1973, ainda se encontrava ao serviço. Acompanhara, com uma tristeza na alma, o levantamento de 16 de Março de 1974 dos militares do Regimento de Infantaria das Caldas. E chorou de raiva quando os viu seguir para a prisão. Lágrimas sentidas por duas razões fundamentais. Por nada poder fazer para impedir a prisão dos camaradas, quando a unidade foi cercada por tropas fiéis ao governo, e por não fazer pagar a conta do insucesso aos responsáveis pela saída intempestiva, sem preparação, sem planeamento, todos eles associados do sistema “meia bola e força”.

O major Cristo veio depois a envolver-se, e bem, no golpe de 25 de Abril e experimentou depois alguma desilusão com o rumo que as coisas acabaram por tomar durante o Período Revolucionário em Curso, o famoso PREC. Militar bem formado, a indisciplina que logo invadiu todas as unidades e a abdicação de responsabilidades mostrada pelas chefias militares, fê-lo arrepender-se, durante algum tempo, de se ter envolvido no golpe. Nesse período, lutou sempre com a dignidade que era seu timbre, pela disciplina, pela liberdade do Povo. No 25 de Novembro esteve na 1ª linha para conter a anarquia do PREC, cujo único e indisfarçado objectivo era impor em Portugal uma nova ditadura, esquecendo as promessas de liberdade feitas ao Povo português.

SEGUNDO ANDAMENTO — BLINDADOS EM BEDANDA

Muitos anos depois do regresso a Portugal e já depois do 25 de Abril, surgiu a oportunidade para o “capitão Cristo” se encontrar com alguns oficiais do exército da Guiné-Bissau que em Lisboa frequentavam cursos de Estado-Maior no Instituto de Altos Estudos Militares. Um desses oficiais, com o posto de capitão, ao saber que o agora General Cristo tinha estado em Bedanda como capitão, quis falar com ele. Durante a guerra, ele próprio tinha sido comandante de um grupo de guerrilha no sul da Guiné, tendo também comandado um esquadrão de auto-metralhadoras que atacou Bedanda, deitou abaixo o arame farpado e entrou no aquartelamento. Cristo tinha sabido desse ataque, que durou toda a noite, por informações recebidas da Guiné. Pela madrugada os guerrilheiros tiveram que retirar sem conquistar um único abrigo, onde os soldados, fazendo fogo através das várias seteiras, tinham impedido que os assaltantes consolidassem quaisquer posições. Apenas espingardas G3 contra auto-metralhadoras. O tiro certo dos soldados portugueses sobre as torres dos blindados impediu o desembarque dos guerrilheiros, e o fogo dos atacantes foi insuficiente para derrubar os abrigos construídos com tanto carinho e sabedoria no tempo do capitão Cristo. Com base nessa informação, o General Cristo perguntou:

— Sendo assim e tendo você entrado no aquartelamento da companhia de Bedanda, quer dizer que destruiu os abrigos e arrasou a povoação.

— Não, não foi isso que se passou. Combati durante toda a noite e nem um só abrigo se rendeu. Depois, pela manhã, retirei por ter verificado não ser possível a conquista e a conservação em nosso poder de Bedanda. Receámos também os aviões que durante o dia poderiam actuar livremente.

— Então o senhor não cumpriu a sua missão, dado que foi sempre uma aspiração do PAIGC a conquista de Bedanda.

— De facto assim foi. Quando organizámos o ataque pensávamos que íamos conseguir a rendição da guarnição. Verificámos depois que não. Os abrigos resistiram ao nosso fogo e os soldados estavam moralizados e não se renderam, apesar dos blindados se passearem livremente pelo aquartelamento.

— Por que caminho vocês chegaram a Bedanda?

— Viemos pela estrada de Guileje sem resistência ou obstáculos.

— Sim senhor. Sabe quem construiu os abrigos que você não conquistou? Fui eu quando comandi a companhia de Bedanda durante dois anos. Nesse tempo você estava do outro lado e fomos capazes de nos termos encontrado na mata de armas na mão.

— É possível que nos tenhamos encontrado porque eu fiz toda a luta no sul.

Os dois militares conversaram acaloradamente sobre a Guiné. Ambos amavam aquela terra. Um era natural da Guiné e oficial do seu exército. O outro tinha comandado uma companhia de nativos, conheceu bem a terra e as gentes. Gostou de recordar os dois anos de combate permanente nas bolanhas de Bedanda, apesar das enormes dificuldades sentidas na altura.

TERCEIRO ANDAMENTO – TRAIÇÃO

O vinte e cinco de Abril encontrou os militares de Bedanda impreparados para os acontecimentos que se seguiram. Quando a paz foi estabelecida na Guiné, foi decidido desarmar os militares da companhia de Bedanda, naturais da Guiné, porque o PAIGC não os admitia no seu exército. Dois caminhos se perfilaram no horizonte para o governo português, governo de perfil militar, na altura. Ou eram desarmados e passavam à disponibilidade no território e tentavam a sua reintegração na vida civil, ou eram deslocados para Lisboa na mesma situação dos soldados brancos. Foi decidido, mas não se sabe na base de que estudos, desarmá-los e passá-los à disponibilidade.

Quando a companhia recebeu ordens para entregar as armas, os soldados nativos recusaram fazê-lo. Ao serem questionados quanto à sua atitude, responderam:

— Durante vários anos passaram pela companhia muitos capitães e alferes que nos disseram que os brancos e os portugueses eram bons e os do PAIGC não passavam duns guerrilheiros, uns tipos maus. Porque acreditámos nos oficiais do Exército Português combatemos o PAIGC e os seus homens armados, e eles combateram-nos a nós. Hoje aparecem aqui outros oficiais que pensam diferente dos nossos antigos comandantes e dizem-nos que afinal o PAIGC é que é bom e que os brancos que nos comandaram eram uns malandros e andaram a enganar-nos. Não acreditamos nestes homens pois não os vimos no mato a combater. São homens de gabinete. Só acreditamos nos homens do mato, como nós.

— Se vocês não entregarem as armas é aborrecido porque os portugueses vão-se embora e vocês sozinhos não podem fazer nada.

— Deixá-lo. Não acreditamos em vocês nem no PAIGC. Se entregarmos as armas, eles matam-nos. Se não entregarmos as armas, eles vêm combater-nos. Estamos fartos de os combater e eles raramente levam a melhor. Preferimos morrer em combate de arma na mão do que ser fuzilados, encostados a um muro, por termos combatido ao lado dos portugueses.

— O que é preciso para vocês entregarem as armas?

— Que venha falar connosco um oficial do mato que a gente tenha conhecido na guerra. Só nesses acreditamos.

— E se cá viesse o Governador que foi capitão do mato e vocês conhecem, fez três comissões e foi comandante das milícias?

— Se vier o nosso Governador que foi capitão do mato nós acreditamos se prometer que garante a nossa segurança depois de desarmados.

Posto o problema, o Governador foi a Bedanda e convenceu os soldados da companhia a entregarem as armas, a aceitarem a passagem à disponibilidade e o regresso à vida civil. A rendição não foi ao PAIGC mas a oficiais do Exército Português em quem acreditaram.

Passado pouco tempo, ainda sob governação portuguesa, começou a caça aos combatentes negros leais a Portugal que tinham combatido o PAIGC. Os soldados da companhia de Bedanda, abandonados por Portugal, começaram a ser caçados pelo PAIGC e fuzilados sumariamente. Alguns, poucos, conseguiram fugir e através do Senegal chegar a Portugal. Temos entre nós muitos destes “exilados”, ex-comandos africanos, soldados de várias companhias de caçadores e soldados das milícias africanas. Tanto o Exército como o governo português deveriam ter trazido estes militares e promover a sua integração, ou na vida militar ou na vida civil. Quando Portugal os deixou por lá, abandonados, assinou a sua sentença de morte e tornou-se responsável pela chacina que veio a acontecer. Alguns deles, depois de grandes dissabores, conseguiram chegar a Lisboa. Destes, destacam-se dois homens pelo contacto que tinham tido com o seu ex-comandante de companhia, o capitão Cristo.

Um deles foi o Lassen, soldado condutor-auto e guarda-costas do capitão. Acompanhava o seu capitão em todas as operações. Foi ferido em combate, numa perna, e condecorado com uma cruz de guerra. Depois da descolonização foi preso pelo PAIGC, pelo “crime” de ter combatido contra o PAIGC, sendo português e em território português, ao tempo. O Lassen não foi fuzilado porque tinha um irmão no PAIGC com funções no governo provisório, e que intercedeu a seu favor. Durante a sua prisão falava muito do capitão Cristo. Tanto falou do seu capitão que um guarda um dia lhe disse:

— Falas tanto do capitão Cristo, devias ir ter com ele a Lisboa.

— Mas estou aqui preso e vocês não me deixam sair.

— Tu queres ir a Lisboa ter com o capitão Cristo?

— Quero.

— Então amanhã parte um avião para Lisboa e nós vamos levar-te ao aeroporto. Não te despedes da família e só levas a roupa que tens vestida.

Foi assim que o Lassen, na situação de deficiente das forças armadas e um dos militares condecorados por feitos em campanha, veio para Portugal. Procurou o seu antigo comandante que o ajudou nos primeiros tempos com roupa, dinheiro e lhe conseguiu a nacionalidade portuguesa. A nacionalidade para este homem, que combateu e dignificou a farda do nosso Exército, foi muito difícil de obter. Hoje é português — como sempre tinha sido — tem emprego na Cruz Vermelha Portuguesa como condutor, mandou vir os filhos e a mulher. Está contente por ter deixado a Guiné, embora cheio de saudades da sua terra. Já lá voltou como cidadão português e nada lhe aconteceu.

O outro era o João Lourenço, com mais habilitações literárias do que o Lassen, tinha sido furriel da companhia de Bedanda. Ferido em combate, fora evacuado para Bissau. Após a independência e tendo sabido da caça ao homem, fugiu para Portugal. Chegou a Lisboa sem dinheiro, sem emprego e sem a nacionalidade portuguesa. Procurou o seu antigo comandante que o ajudou na obtenção da nacionalidade portuguesa e o ajudou financeiramente e a arranjar emprego. Hoje, bem empregado, vive em Portugal com a família que mandou vir.

QUARTO ANDAMENTO — INGRATIDÃO

Cristo ainda voltou a fazer outras comissões. Depois, o 25 de Abril apanhou-o na primeira linha da luta contra a ditadura e é um dos homens de Abril que ficaram conhecidos como “os homens sem sono”. Em 25 de Abril era major. Com o passar dos anos, as injustiças de que foi dando conta têm feito dele um homem revoltado. Arriscou a vida e o bem-estar familiar pela liberdade da sua Pátria e dos seus concidadãos, porque renegava a ditadura então existente, não porque se tratasse de um regime particularmente feroz, mas porque praticava e consentia injustiças que feriam os mais elementares direitos do homem, como o direito a ser feliz e a pensar livremente. Entrou no 25 de Abril e na grande e vitoriosa caminhada para a liberdade com o mesmo entusiasmo e espírito de missão com que, anos antes, tinha combatido em África na defesa da Pátria e dos seus ideais.

Hoje, o “capitão Cristo” é Oficial General das Forças Armadas, continua a defender as causas justas da liberdade e da dignidade do homem, apesar de mais velho, mais maduro e um tudo-nada menos idealista. Foi considerado pelo governo ter direito a uma pensão por serviços excepcionais e relevantes prestados ao País. Esta justa consideração não mereceu, no entanto, qualquer efeito prático, pelo que a recompensa pelos altos serviços prestados tem tido o valor zero por parte de todos os governos.

Considera que os políticos que o 25 de Abril “fabricou” estão a tratar mal os militares. No âmbito duma entrevista, o jornalista quis saber se o senhor General compreendia as injustiças que estavam a ser feitas contra os militares. Respondeu que não as compreendia mas as aceitava como tributo que tinham de pagar por terem sido os autores da alvorada de esperança que então prometera a liberdade ao Povo. Considera que os políticos que hoje nos governam ou desgovernam nasceram para a política com o 25 de Abril. Alguns deles são mesmo desertores. Porque um desertor é sempre um desertor, sem desculpas ou explicações, e tal ferrete há-de sempre acompanhá-los até ao fim dos seus dias. Estes desertores do Exército tentam camuflar o medo da guerra com ideais políticos de oposição ao regime. Lançam apenas poeira para os olhos de crédulos e ingénuos cidadãos. Combateram em África muitos homens

que se opunham ao regime, mas que puseram o patriotismo, o dever, a dignidade e a honra acima dos seus ideais políticos. Para alguns desertores, o seu fervor oposicionista só surgiu quando a morte os rondou de perto, em África, ou depois de receberem as ajudas de custos de embarque.

Há hoje dois tipos de políticos em Portugal. Um deles é constituído pelos homens afectos ao anterior regime e que nunca hão-de perdoar à ala militar de então, que tinha o dever de defender a chamada “situação”, de modo a evitar o derrube do “seu” querido regime. O segundo agrupa os militantes da oposição, os do chamado revirinho, que sempre quiseram derrubar a ditadura e que nunca tiveram coragem para tal. Mas também não perdoam aos militares de Abril por lhes terem roubado a oportunidade e a honra da deposição do regime ditatorial. Alguns destes, porque militavam em partidos da esquerda revolucionária, embora se percam, hoje em dia, pelos partidos democráticos, foram os responsáveis pela indisciplina que grassou pelas Forças Armadas entre o 25 de Abril e o 25 de Novembro.

Para toda a classe política, os militares em geral e os militares de Abril em particular, são um alvo a abater, a domesticar, a desprestigiar e a controlar. Fazendo isso, desprestigiam-se a si próprios enquanto produto desse feito dos militares, consumado em Abril de 74. Mas não há nada a fazer a não ser esperar que os tempos mudem e que a verdade venha ao de cima, e dessa verdade surja uma nova classe política, sem receio dos militares e que honre a memória daqueles que lutaram em África e que libertaram o Povo das amarras da ditadura.

O que mais terá desagradado ao capitão Cristo ao longo da sua vida militar? Duas coisas o terão chocado sobremaneira. Uma foi ouvir um político importante dizer que era preciso mais coragem para desertar do que para ir combater em África. Que seria até muito justo erigir uma estátua ao desertor. A outra foi ouvir dizer numa emissora portuguesa paga por todos, que o Henda fora assassinado pela tropa portuguesa em Angola. Este Henda, chefe de guerrilha em Angola, foi morto num ataque a um quartel das nossas tropas. Um país que elogia desertores, chama assassinos aos seus soldados e desprestigia os seus heróis, é um País em vias de extinção e já em perda da sua identidade nacional.

Um jornalista que entrevistou o General Cristo percebeu nele uma grande tristeza e amargura, porque os políticos estão a tratar mal os militares, eles que devem aos militares tudo o que são hoje: a liberdade e até as funções que exercem e os sustentam. Nenhum arrependimento me afecta, terá desabafado o General. O Povo tem o direito de pedir tudo aos seus militares, até o sacrifício da própria vida. Vergonha é esse sentimento negativo que nunca experimentei. No campo do arrependimento nada me afecta. Fiz o que fiz por amor à Pátria, ao Povo português e não aos seus dirigentes.

Da guerra de África e sobre comportamentos, apenas devem sentir vergonha os que desertaram para não combaterem, aqueles que procuraram todos os meios para passarem as suas comissões no conforto do ar condicionado, nos gabinetes dos Estados-Maiores. Vergonha, deverão sentir os incompetentes, aqueles que por ignorância ou falta de empenho, utilizaram de forma deficiente os meios humanos, financeiros e logísticos para fazer a guerra. Não me considero fazendo parte de qualquer um desses grupos, porque sempre combati com muita honra, e aos meus subordinados exigi todos os sacrifícios que exigia a mim próprio. Do 25 de Abril só devem ter vergonha aqueles, militares e civis, que não concordando com o golpe, não tiveram coragem para se lhe opor, ou aqueles que concordando, só a ele se associaram quando pressentiram que a vitória era certa. Vergonha, devem sentir os que nada fizeram contra a bagunçada vivida dentro dos quartéis, entre Abril de 74 e Novembro de 75. Não sou nem nunca fui um político. Sou e fui sempre pela disciplina militar, pelo regresso aos quartéis, por eleições livres. No dia 25 de Novembro estive na 1ª linha a combater os golpistas, tanto na preparação como depois na conduta das operações que fizeram abortar as manobras dos militares aventureiros e que tão mal compreenderam o que vem a ser a ligação do Exército com o Povo donde emana.

O General Cristo tem a consciência, e todos os militares a deveriam ter, de que o momento presente, em Portugal e em muitos outros países, não lhes é favorável em virtude da falsa onda pacifista que hoje varre todo o mundo. Esses esquecem que são justamente os verdadeiros militares que rejeitam a guerra e que mais sofrem em qualquer conflito. As condições de vida dos militares, no activo ou na reserva, hoje, em Portugal, estão particularmente muito agravadas. Os conservadores, os saudosistas, culpam os militares de todos os males, sendo que para eles o mal maior foi o 25 de

Abril. Para os saudosistas da bagunçada, os promotores da indisciplina, o mal maior foi o 25 de Novembro. Para a esquerda portuguesa, a traição que imputam aos militares tem esta leitura simples: os militares não foram capazes de lhes concretizar a realização do seu sonho de sempre, a ditadura do proletariado, a negação da democracia parlamentar.

Uma grande faixa da população atribui aos militares a responsabilidade de uma descolonização apressada. De facto, para alguns, o que aconteceu foi um abandono das Províncias Ultramarinas e a entrega do poder a cidadãos não legitimados pelo voto popular nem preparados para o exercício do poder. Esses, os que assim falam, os que atribuem às Forças Armadas todas as atribuições da descolonização, ainda teimam em confundir Forças Armadas com Conselho da Revolução. Mas não existe confusão possível, pelo menos para homens como o General Cristo. Hoje, anos passados sobre a descolonização efectuada, alguns dos novos países dão aos seus povos piores condições do que as que tinham sob administração portuguesa. O General considera que a descolonização tinha que ser feita. Talvez dez anos antes, ou então dez anos depois, de forma faseada, enquanto se criavam elites locais. Entre Abril de 1974 e Novembro de 1975 aconteceram muitas omissões, conivências, desistências, desleixos, principalmente por parte dos arautos da célebre proclamação que então se ouvia: “Nem mais um soldado para as colónias.”

No entanto, se quisermos ser justos, teremos que concluir que as condições tinham deixado de ser propícias a novos embarques de tropa para o ultramar. Eram umas forças armadas depauperadas por treze anos de guerra, eram oficiais e sargentos oriundos das universidades com novas ideias libertadoras, eram os soldados e os operários vindos dos locais de trabalho onde a política já vinha fazendo o seu percurso. O golpe foi dos militares, mas o prolongamento da guerra e as mudanças culturais ocorridas ao longo da década de sessenta, já tinham transformado as mentalidades. E nunca se poderá esquecer que do programa imediato do movimento libertador fazia parte acabar com a guerra colonial.

É este e sempre foi este o pensamento dum homem que combateu em África, na Guiné, Angola e Moçambique. Ele foi um dos responsáveis do movimento do 25 de Abril e que logo, no dia 26, se opôs ao caos e à indisciplina que se adivinhavam e que

se sentiram ao longo dum período nefasto, tanto para os militares como para o Povo português, no seu todo. No dia 25 de Novembro estive no Regimento de Comandos da Amadora — tropa de elite a quem o Povo muito deve — para ajudar a combater o golpe político-militar que queria instaurar em Portugal uma ditadura feroz, desumana e ultrapassada no tempo. É este o HOMEM que neste momento, tal como a maioria dos militares, se sente muito magoado pela forma como os políticos e uma certa comunicação social têm tratado e continuam a tratar a Instituição Militar, essa instituição a que um amigo e admirador continua a chamar “a Casa da Honra”.

AGRADECIMENTOS

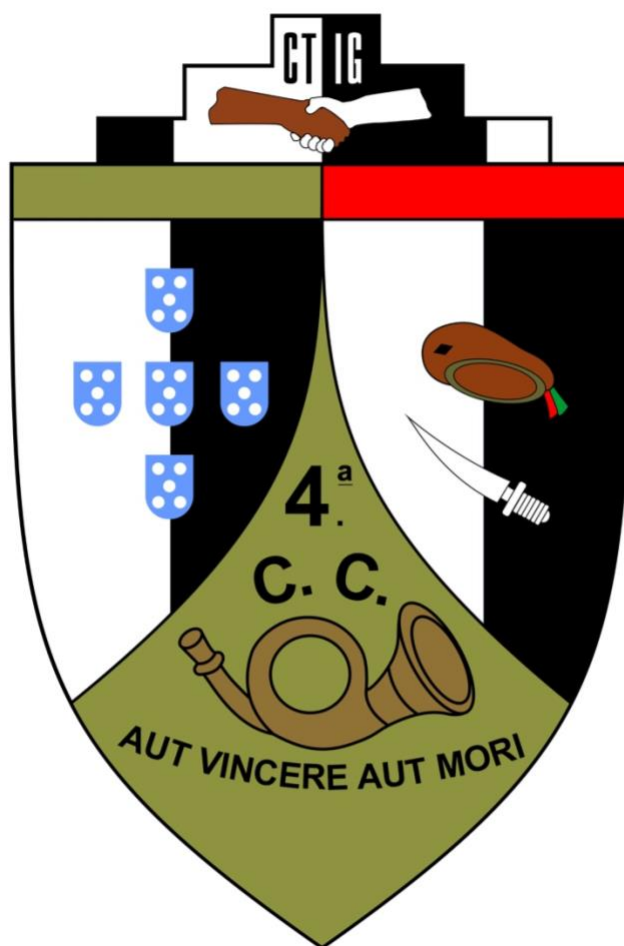
Não podíamos terminar “Panteras à Solta” sem lembrar e agradecer todos os que nos apoiaram nesta escrita.

Começando pela minha ex-scretária na IGFAR, Rita Fortuna que, no seu período de descanso, dactilografou e mais tarde o introduziu o livro no computador; passando pelo meu grande amigo Eng. António Coutinho e da sua filha Cristina que procederam à sua revisão de uma forma voluntária; continuando pelo meu filho Luís Aurélio e a minha filha Isabel Cristina que trataram e cuidaram de todo o processo de impressão; não esquecendo por fim o Eduardo Ferrão pelo trabalho desenvolvido a recuperar fotografias muito antigas, sem o qual o livro não poderia conter ilustrações tão elucidativas.

Uma última palavra para o Ribeiro, Cordeiro, Carvalho e Oliveira, protagonistas deste livro, que foram descobrir nos seus baús uma série de fotos da altura e as cederam para que aqui fossem incluídas.

ALGUMAS FOTOS DESSES TEMPOS

Algumas fotografias que foram tiradas durante este período em Bedanda e que estavam na posse do capitão e dos seus alferes.



O crachat da companhia, concebido e mandado fazer pelo capitão Cristo na Casa das Bandeiras em Lisboa.



*Capitão Cristo, sentado ao centro, na casa do Zé Saldanha.
Por trás em pé os alferes Carvalho e Ribeiro e ainda o Zé Saldanha.*



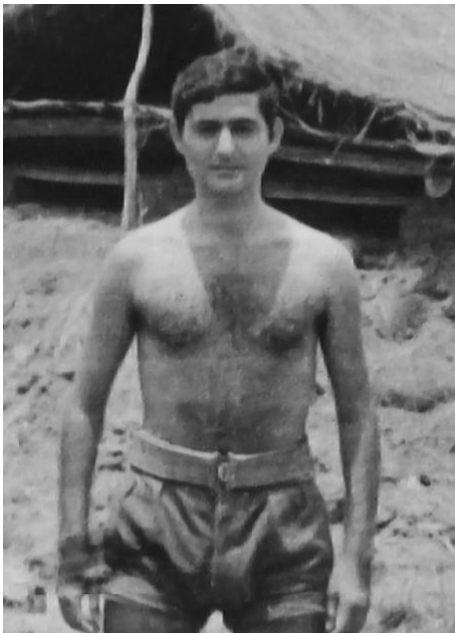
*Capitão Cristo no seu Jeep com o seu condutor e guarda-costas Lassen.
Atrás em pé estão os alferes Monteiro e Carvalho. O Zé Saldanha está sentado no para-choques.*



Ribeiro



Cordeiro



Carvalho



Oliveira



O pelotão de milícia.



À esquerda está o sargento mecânico que foi vítima de uma emboscada junto ao quartel, a poucos dias de se ir embora. Ao meio está o alferes Carvalho e à direita o sargento vagemestre.



Messe de oficiais.



Os almoços na casa do Zé Saldanha. Ao fundo vemos o capitão Cristo, do lado esquerdo os alferes Monteiro e Oliveira e do lado direito os alferes Oliveira e Américo.



Mulheres do mato. Ao centro está o alferes Oliveira.



Uma lavadeira.



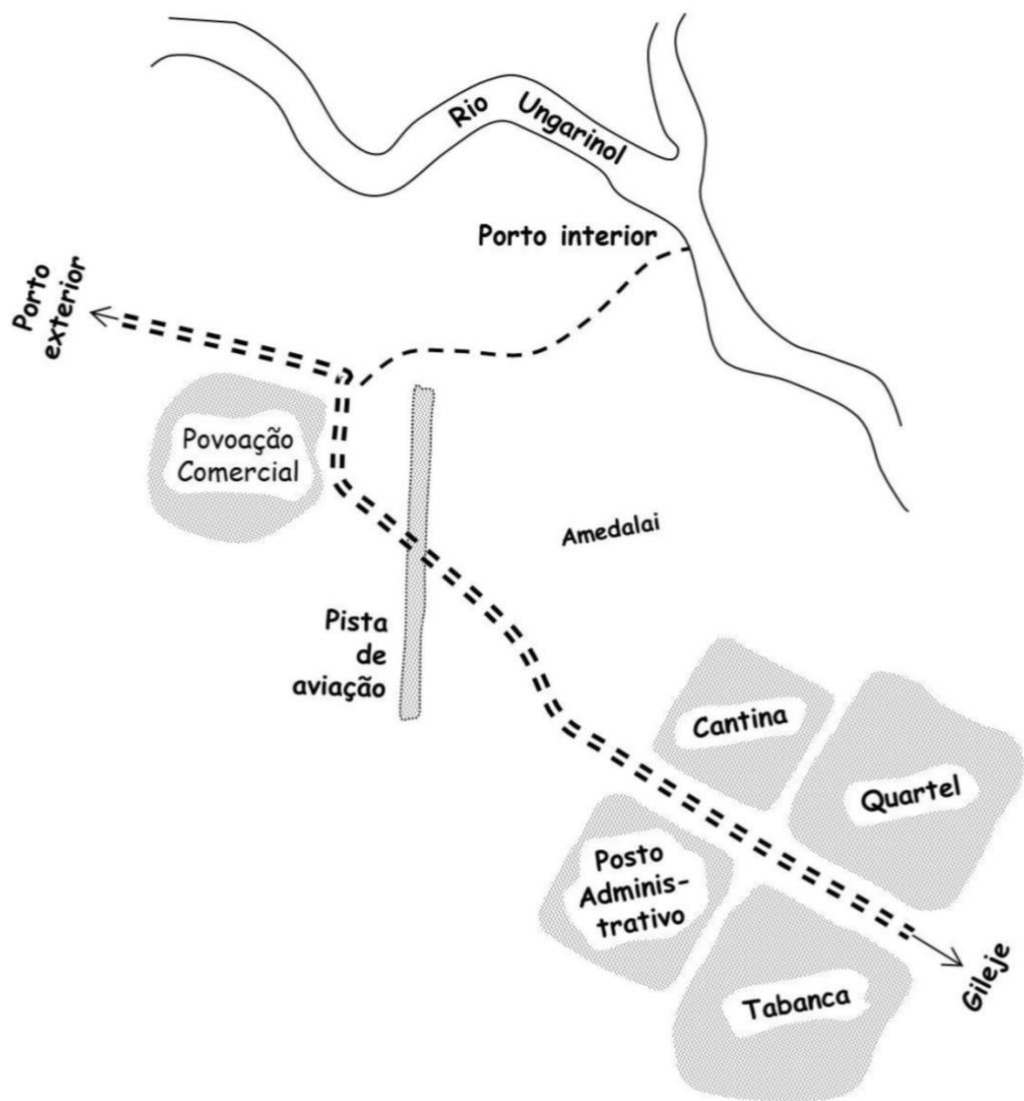
A manada de vacas da companhia.



Meninos da Tabanca com o alferes Oliveira.



Panorâmica do quartel.



No sul da Guiné uma companhia de tropas nativas defende a soberania de Portugal